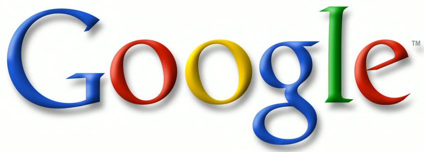




A FILHA DO ARCEDIAGO.

A FILHA DO ARCEDIAGO.

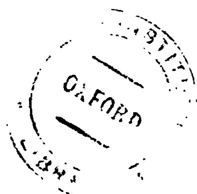
POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

SEGUNDA EDIÇÃO EMENDADA.

PORTO,
EM CASA DE CRUZ COUTINHO — EDITOR,
Rua dos Caldeireiros, n.os 14 e 15.

1858.



PORTO — NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n. 28 a 30.

Leitores! Se ha verdade sobre a terra, é o romance, que eu tenho a honra de offerecer ás vossas horas de desenfado.

Se sois como eu, em cousas de romances (que no resto, Deus vos livre a vós, ou Deus me livre a mim) gostareis de povoar a imaginação de scenas, que se viram, que se realisaram, e deixaram de si vestigios, que fazem chorar, e fazem rir. Esta dualidade, que caracterisa todas as cousas d'este globo, onde somos inquilinos por mercê de Deus, é de per si um infallivel symptoma de que o meu romance é o unico verdadeiro.

Eu sou um homem, que sabe tudo e muitas outras cousas. Não espreito a vida do meu proximo, nem ando pelos salões atraz d'uma idéa, que possa estender-se por um volume de trezentas paginas, que, depois, vil espião, venho vender-vos por 480 reis. Isso, nunca.

Tudo isto que eu sei, e muito mais que espero saber, é-me contado por uma respeitavel senhora, que não vai ao theatro, nem aos cavallinhos, e que tem necessidades organicas, mas todas honestas, e, entre muitas, é predominada pela necessidade de fallar onze horas em cada dez. Desde que tive a ventura de conhecêl-a, não invejo

a sorte de ninguem, porque vivo debaixo das mesmas telhas com esta boa senhora, e posso satisfazer a mais imperiosa necessidade da minha organisação, que é estar calado. É que não podemos fallar ambos ao mesmo tempo.

E, depois, a sua conversação, escassa d'arrebiques, e despretenciosa, abunda em riquezas naturaes, em thesouros impagaveis para o escriptor publico, em estudos sociaes adquiridos no testemunho de factos da vida, que não vieram ás locaes do jornalismo, porque a imprensa, ha poucos annos que denuncia os casamentos, os obitos, e os suicidios.

Ingrato seria eu, se não significasse aqui, com toda a cordialidade de que sou susceptivel, o meu reconhecimento á dita pessoa, que promette elevar-me á importancia de escriptor veridico, n'um genero em que todos os meus collegas mentem sempre.

No momento infausto em que os sêllos do tumulo me fecharem este livro do passado, obliterar-se-ha a fecunda veia de romancista, d'onde tenho havido uma barata immortalidade para mim, e para a minha collaboradora.

O publico, maravilhado da minha esterilidade, dirá então que os meus romances eram d'ella; e um nome, hoje obscuro, será exhumado do esquecimento para quintoar da gloria dos escriptores-fêmeas d'esta nossa terra tão escassa — ainda bem — d'esse contra-senso.

A FILHA DO ARCEDIAGO.

CAPITULO I.

Em 1815, um dos mais abastados mercadores de pannos da rua das Flores na cidade do Porto, era o senhor Antonio José da Silva. E a 23 d'Agosto, do mesmo anno, o negociante da rua das Flores que mais suava, e bufava afflicto com a calma, era o mesmo senhor Antonio José da Silva. O senhor Antonio, como os seus caixeiros o chamavam, tinha razão para suar. As bochechas balôfas e tremulas, dilatadas pelo calor do estio, ressumavam-lhe um succo oleoso, que descia em rêgos pelos tres rofêgos da barba, e vinha adherir a camisa ás duas grandes esponjas, que formavam os seios cabelludos do nosso amigo attribulado.

O senhor Silva inquieto, e resfolegando como um hyppopótamo, passeava no seu escriptorio. O seu traje era muito simples: andava de cuecas, e alpercatas de estôpa com sola de cortiça. Este vestido, com quanto singelissimo, e o primeiro talvez que se seguio ao que trajou Adão no Paraizo, dava-lhe ares d'um sátyro voluptuosamente gordo.

O negociante representava cincoenta e cinco annos, bem conservados. No olho direito tinha muita vida; o esquerdo, porém, n'esta occasião tinha um tersolho, e inflammado, de mais a mais, pelo calor.

Além do dito, o senhor Silva estava soffrendo um segundo tersolho no espirito. Era uma paixão, uma paixão d'alma, a mocidade na velhice, essa ancia impotente

d'um coração, que quer romper os tecidos atrophiados de cincoenta e cinco annos para dar quatro pulos em pleno ar.

Quem era a victima d'esta paixão impetuosa? Uma menina de quinze annos, que a leitora, enjoada das indecentes cuecas do senhor Silva, póde vêr, no segundo andar d'esta mesma casa, sentada a costurar na varanda, com uma gata malteza no regaço, e um papagaio ao lado, que lhe depenica os sapatos de cordovão.

E' uma bonita menina, para quem gosta d'um rosto oval, olhos azues, leite e rosas na face, labios acerejados e pequenos, dentes como perolas, olhar alegre e penetrante. Conversa com o papagaio, e o metal da sua voz tem aquelle timbre sonoro e puro, que nos faz jurar na belleza de quem falla, sem lhe vêrmos as feições. O papagaio salta-lhe á mão, e esta mão é pequena, dedos longos, rosados nas extremidades, transparentes como o collo de sua dona, onde o proprio Lucifer de Gautier choraria uma segunda lagrima, por se vêr impossibilitado de armar ás boas mulheres (quando é de suppôr que lhe não vão lá ter as peores...)

Concordemos em que Rosa Guilhermina era uma bonita moça, e desculparemos a paixão fatal do infeliz negociante, que, no andar de baixo, está fumegando por todos os orificios, e distillando por todos os póros.

Como veio esta menina para a casa do negociante?

Da seguinte maneira:

Quatro annos antes, o arcediago de Barroso, padre Leonardo Taveira, amigo velho do senhor Silva, em expansiva conversa com o seu amigo, n'um domingo de tarde, nas hortas de Campanhã (onde semanalmente saturavam as respectivas massas adiposas com o excellente vinho verde de Cabeceiras de Basto), quatro annos antes, vinha eu dizendo, fallava assim, com o seu amigo, o rubicundo arcediago:

— Sabes tu, Silva, que me está dando bastante cuidado o futuro de Rosa!

— Deixa-te d'isso. Não tens tu, em minha mão, um bom patrimonio que lhe dês?! Acho que vinte mil cruzados, afóra o juro de cinco por cento, ha dez annos, capitalisado no proprio, a vencer até que ella faça os vinte

e cinco, acho eu que é um dote de lhe tirar o chapeo.

—Bom dote é; mas isso não é o que me dá cuidado. O que eu queria para minha filha é um bom marido...

—O' homem, já tratas d'isso!? Que idade tem a tua filha?

—Tem onze annos; d'aqui a tres é mulher, e póde talhar futuros por sua conta e risco. E' o que eu não quero. A pequena está em mestra-de-dentro; mas isto de mestras ensinam a cozer e a bordar, mas não sabem adivinhar o coração d'uma rapariga, que... emfim, Silva, vou ser franco comtigo...

—Diz, padre Leonardo...

—Que é filha de tal pae e de tal mãe... Eu tenho sido o que tu sabes...

—Isso lá é verdade... tu tens sido levadinho da breca com o gado de contrabando...

—E a mãe, se queres que te diga a verdade, tinha uma perfeita embocadura...

—Diz-m'o a mim, Leonardo! Era uma namoradeira dos quatro costados... Mas, emfim, está casada, e já não é a mesma.

—Caro me custou o casamento...

—Isso custou! O que tu déste ao francez p'ra montar a loja de livros, ainda que não rendesse senão a sete por cento, podia hoje montar a reis... deixa vêr... quatro vezes sete vinte e oito, vão dous, com cinco cifras, faz... faz...

—Aguas passadas... não fallemos n'isso. Agora o que me importa é a rapariga, já que fiz a asneira de a procurar na roda... Tira-me o somno, Silva! Lembra-me ás vezes que esta pequena ha-de ser a disciplina com que hei-de ser castigado por muitas asneiras que fiz...

—Isso lá é verdade. Diz o dictado «Onde se fazem, ahi se pagam.» Já vem dos velhos a experiencia... Sabes tu que mais? Casa a rapariga assim que ella pozer as ventas no ar a contar os ventos. Não lhe dês tempo a namoricos. Janella fechada, e marido entre mãos, era o systema de minha mãe que Deus haja, e minhas irmãs não deram desgosto á sua familia.

—Tens razão, Antonio; mas quando o diabo está atraz da porta, não vale nada fechar a janella... Olha lá... Queres tu casar com a minha Rosa?

—Homem, essa!... tu serás o espirito ruim que me appareces em corpo d'homem? Não vês que tenho cincoénta feitos, e que nunca me deu na cabeça a asneira de me casar?

—Alguma vez ha-de ser a primeira...

—Isso lá é verdade; mas cada qual mede-se com as suas forças, e eu já não estou homem para tropelias. O que eu quero é comer bem, e beber-lhe melhor. Isto de creanças, casadas com velhos, não provam bem...

—Estás enganado com o máu exemplo da tua visinha Anna...

—Que pôz na cabeça do marido um chinó, porque elle era calvo... e eu não estou menos calvo que o pobre João Pereira, que deu com o negocio em pantana, por causa da mulher...

—Não meças tudo pela mesma rasa, Antonio. A pequena é docil, tem um genio de pomba, vai para onde a levam, e será uma boa esposa. Ponto é pilhal-a nos cueiros... Tu sabes melhor que eu o dote que ella tem...

—Não fallemos em dote, Leonardo... Eu, se casar com a tua filha, tanto se me dá que ella tenha um como dous... A cousa não é essa... O peor é o resto.

—Que resto?

—Eu te darei a resposta ámanhã.

Continuaram fallando largamente sobre o assumpto, em que o senhor Silva, tres vezes, citou o chinó do seu visinho João Pereira.

No dia seguinte, o arcediago de Barroso encontrou o seu amigo meditativo.

—Pensas ainda, Antonio?

—Estava pensando no nosso negocio. Isto de mulheres deve a gente suppôl-as sempre mercadoria avariada... Mas, diz-me cá, a tua filha só tem onze annos...

—Só, e d'aqui a dous tem treze...

—Se a cousa se arranjasse, não podia ser senão d'aqui a dous annos.

—De certo.

—Pois, então, fallaremos.

—Não que é preciso decidir-se a cousa já.

—Porque?

—Se disseres que sim, a pequena ha-de vir para tua casa já; quero que seja educada por tua irmã, e que se afaça comtigo, para te ganhar amizade, e o amor depois virá.

—Qual amor, nem qual carapuça! Ella póde lá ganhar-me amor!... Eu, cá de mim, se casar, o que quero é uma herdeira, porque tenho para ahi uns sobrinhos, que se penteam muito, e que não querem estar ao mostrador a medir covados de panno. Ha-de-me custar se elles vierem metter a mão no que me custou a ganhar com honra e trabalho. Um d'elles metteu-se-lhe na cabeça ir a Coimbra estudar para doutor!... Que tal está o catavento! Meus paes foram lavradores, eu sou negociante, e quem houver de ficar com a minha casa ha-de vir para aqui. Quando penso n'isto, Leonardo, parece-me que me fazia conta casar!... E, se eu tivesse um filho!... isso então, digo-te que era ouro sobre azul! Se não fosse o mêdo que tenho ás bôcas do mundo, não engeitava aquelle rapagão da Thereza...

—E' verdade, que fizestes á Thereza?

—Puz-lhe um estabelecimento de castanhas assadas na Ribeira. O diabo da moça piscava o olho ao caixeiro, e pul-a fóra de casa. Eu cá poucas vergonhas de portas a dentro não as quero.

—Tens razão; mas isso do filho é cousa muito natural...

—Ah! é verdade; isto do filho acho eu que é cousa muito natural; mas dizias tu que a Rosinha...

—Viria para a tua companhia, e aos treze annos, ou mais cêdo, com licença do bispo, casas com ella...

—Homem... isto é uma carta tirada da baralha... Está dito, se a cousa não dér de si, caso com a tua filha.

—Se a cousa não dér de si... dizes tu; que quer isto dizer?

—Sim, se não houver entrementes cousa que desarranje a minha saude ou a d'ella...

—Está visto, não é preciso tirar isso como condição.

Rosa Guilhermina veio para casa do senhor Antonio José da Silva.

O noivo predestinado affeiçoou-se á pequena com toda a effusão paterna. Prodigalisava-lhe carinhos, que a menina recebia com indifferente innocencia, mas com certo aborrecimento intimo, e até nojo da sua grande cara, cujas belfas eram vermelhas como duas folhas de parra de moscatel, no outono.

Feitos os treze annos de Rosa, o negociante sentiu abrirem-se-lhe as valvulas do coração para lhe verterem nas veias um sangue mais quente. Não era um fino amor o seu; mas era um amor que lhe afinava a voz melodiosa de meiguices, que a pequena recebia sempre com tregeitos de enfastiada.

A affeição não correspondida reagio.

O coração, atufado pelos tecidos cellulares, do obeso amante, esperneou nas cavidades do peito respectivo, e veio á superficie dos acontecimentos com o ideal d'um Antony, com os ciumes d'um Othello, e com a paixão escandecida d'um Mamfredo de cuecas, como tivemos o dissabor de vêl-o no principio d'este capitulo.

CAPITULO II.

Na tão indecente como attribulada situação, em que deixamos o senhor Antonio, veio encontral-o o padre Leonardo Taveira, que voltava de resar vesperas no côro da Cathedral.

O cálido negociante resfolegava como um tubarão, e improvisava uma ventoinha de meia fralda da camisa. Cada vez mais indecente! Valha-nos Deus, leitores, que muito amargo é o dizer a verdade inteira! Ha momentos em que o escriptor publico se vê forçado a córar. Se me visseis, n'este instante, julgar-me-hieis d'uma candura infantil.

O arcediago, porém, não se mostrou surprendido da attitude tragicamente afflictiva do seu amigo. Cálido tambem, despiu a loba, arremessou o cabeção, descalçou os sapatos de fivela, e refocilou os amplos pés vermelhos nos propicios chinelos do escarlate mercador de pannos.

—Foste a minha desgraça! — regougou o senhor Antonio, abanando o ventilador com a mão esquerda, e enxugando com a toalha de mãos os humidos torcicolos do pescoço.

—Fui a tua desgraça! Pois que é? — replicou o beneficiado, tapando com o indicador da mão direita uma das ventas, para chilrear na esquerda uma solemne pitada.

—Que é? ainda m'o perguntas? E' a tua filha que me faz de fel e vinagre! E' uma ingrata que se me ri nas barbas, quando eu lhe faço meiguices!

—Ora deixa estar, que o remedio não está em Roma.

Eu já te disse que sou pae, e tenho direitos sobre minha filha. Queres ou não queres casar com ella, Antonio?

—Perguntas-m'o agora que já não sei por onde me anda a cabeça!... Dava trinta mil cruzados, e queria que a tua filha gostasse de mim! Isto parece que foi inguiço, que me fizeram!...

—Eu te quebrarei o inguiço...

—Não sei como. A pequena, seja lá pelo que fôr, não me póde vêr, ha um anno para cá. Aqui anda dente de coelho... Não sei, mas desconfio que ella namora o filho do João Retrozeiro, que me está sempre a lêr por detraz dos vidros.

—Devéras?

—Parece-me que sim. A minha Angelica já o desconfiou, e ralhou-lhe. A senhora Rosinha levantou a cabeça, e disse que não dava satisfações a ninguem.

—Ah! ella disse isso? Ora deixa-me com ella...

—Ouviste, Leonardo? não quero que lhe ralhes. E' muito creança, e póde ser que minha irmã se enganasse. Serão escrupulos de Angelica, que me defumou com herva santa e trevo nove vezes para me quebrar o feitiço em que me tinha a creada Thereza. E' uma pateta mulher. Não lhe digas nada por ora a tal respeito. Aconselha-a que case comigo, e que me tenha amor, que eu prometto dar-lhe todo o ouro e vestidos que ella quizer. Hei-de até leval-a ás comedias italianas, e não haverá fidalga que lhe bote a barra adiante em aceios.

Já vêem, pela energia da expressão, que dôr tão sublime não devia ser a que assim se exprimia por jactos de calorosa eloquencia! O senhor Antonio José da Silva, superior á sua classe, sentia-se arrojadamente grande pela angustia d'uma repulsa. Trinta mil cruzados déra elle pelo amor de Rosa Guilhermina! Promettia leval-a ás comedias! Galardoava o seu amor com vestidos que fizessem morder de inveja as fidalgas do Porto! Eu quizera que Rosa lhe exigisse uma carruagem. Se o senhor Antonio accedesse ao extravagante pedido, então, leitores, seria eu o primeiro a pedir uma data gloriosa, um cantinho, na historia da civilisação da rua das Flores, para o senhor Antonio José.

A nada, porém, se movêra a esquiva donzella.

O arcediago, commovido pela exclamação do seu futuro genro, subiu ao segundo andar, e procurou, meio-colerico, a filha rebelde, que ensinava o papagaio a dizer: *é o rei que vae á caça.*

— Á caça andava eu de ti... — disse affavelmente o pae, chegando uma cadeira para junto de sua filha tambem risonha, que lhe beijava a mão.

— Ah! eu não sabia... Tenho estado aqui toda a tarde a trabalhar, sósinha.

— A senhora Angelica não tem estado ao pé de ti?

— Não, meu pae. Creio que foi visitar o SS. Sacramento.

— Mas ella ainda é tua amiga como sempre foi...

— Eu sei cá... parece-me que não.

— Algum motivo lhe déste, Rosa...

— Eu? nenhum.

— Que disseste hoje ao senhor Antonio?

— Não me lembro... A que respeito?

— A respeito do teu casamento.

— Não fallemos n'isso, meu pae... Sou muito nova, não quero casar.

— *Não quero!* isso é cousa que se diga a um pae?

— Vm.ce não ha-de querer a minha desgraça... Eu não posso ser feliz casando com o senhor Antonio... Antes quero ser creada de servir, ou trabalhar para viver...

— Rosa, não sejas creança. Olha que tu, casada com este homem, és muito rica, satisfazes todas as tuas vontades.

— Antes quero ser pobre... Tenho repugnancia em chamar meu marido a um homem que eu poderia estimar como avô... Não posso, é impossivel, meu pae. Mais facil me será morrer, que casar com elle.

— Visto isso, resistes á vontade de teu pae!

— Bem me custa; mas o pae ha-de ter pena de mim; não ha-de querer que eu seja desgraçada toda a minha vida.

— Não quero, não; e por isso mesmo é que te mando casar com o senhor Antonio José da Silva.

— Mate-me, se quizer; mas obrigar-me a casar, isso não.

—Das duas uma: ou casar, ou entrar já no recolhimento das orphãs em S. Lazaro.

—Entrarei no recolhimento, vou para onde o pae quizer que eu vá, até serei carmelita, se fôr da sua vontade.

Esta pertinaz resolução espantou o arcediago, e convenceu-o de que sua filha estava innocente das suspeitas de Angelica, beata crendeira em encantamentos, inguiços, e lobis-homens. Se a pequena tivesse namoro com o filho do João Retrozeiro, de certo não acceitaria com tanta presença de espirito a condicional do recolhimento. Assim o pensava o licenciado, que tinha muita experiencia do mundo, e essa muito cara, a julgar pelas cifras que accumulou o negociante, orçando as despezas do casamento da mãe de Rosa.

Teimoso, e esperançado nas boas maneiras, entrou em negociações amigaveis com a menina. Pintou-lhe o melhor que pôde a vantagem de ser brevemente uma viuva rica, e a liberdade que teria então de escolher um marido mais galhardo. Repetiu a seducção dos vestidos, e dos diamantes; encareceu as delicias do theatro; soprou-lhe a vaidade, imaginando-a invejada pelas mulheres de todos os negociantes do Porto; emfim, por não fechar o discurso sem uma immoralidade, com palavras equivocas, dissertou pouco christãmente ácerca dos deveres da mulher casada.

Rosa insistiu na recusa. O padre irou-se outra vez; deixou cahir a caixa, no excesso da indignação; verteu no peito da camisa quatro pingas de rapé; escumou pelos cantos da bôca; pizou uma perna ao papagaio; entalou o rabo da gata, que saltou, bufando, para o peitoril da varanda; e acabou por dizer, em voz cavernosa, que Rosa, no dia seguinte sem mais delongas, seria fechada no recolhimento de S. Lazaro, para não vêr sol nem lua.

O senhor Silva ouvira os ultimos berros, e zangou-se contra o padre. O seu amor não lhe consentia um ultraje a Rosa, apesar de ingrata. Em cuecas, e com a camisa em ventilador subiu a escada; mas, a meio caminho, olhou para si, e vio, na sua consciencia, que não estava decente. Tornou atraz a enfiar as pantalonas de

linho, quando o arcediago descia com a cara côr de lagosta, e os olhos turgidos e encarniçados como dois medronhos bravos.

— Não fazes senão asneiras, Leonardo — disse o negociante, impando com a difficuldade de enfiar a côxa roliça nas pantalonas, que queria vestir ás avessas, no auge da atrapalhação.

— Eu não faço asneiras. Sou pae, e quero ser obedecido.

— Que vaes tu fazer?

— A'manhã ha-de entrar no recolhimento por força.

— Deixa-te d'isso; não afflijas a rapariga por minha causa. Eu não consinto...

— Não preciso do teu consentimento. O caso agora é commigo, não é comtigo. Veremos quem vence.

— Então não ha outro remedio, Leonardo?

— Nenhum. Está de pedra e cal. Não quer casar por bem nem por mal. Diz que tem repugnancia em ser tua mulher.

— Sim?! — atalhou o senhor Silva atrozmente ferido na sua vaidade — pois, n'esse caso, faz o que quizeres, e tira-m'a quanto antes de casa.

— Olha cá, Antonio... Eu parece-me que a pequena, em se vendo fechada no recolhimento, onde não conhece ninguem, nem tem janella para a rua, mudará de vontade, e quererá casar...

— Commigo? Isso nunca! Deus me livre! *Má mez* para ella! Lembras-te do chinó do meu visinho?

— Ora deixa-te d'isso, meu amigo. Nem todos os maridos são calvos... nem todas as mulheres fazem marrafas. Dá tempo ao tempo. Quem lida com mulheres, lida com o diabo. E' preciso atural-as. Sabes lá o que eu tenho soffrido com ellas?

— Eu é que não estou para brincadeiras... Estava muito socegado, ha tres annos; para que vieste tu inquietar-me com o negocio, que me propozeste em Campanhã? Guarda a tua filha, que eu morrerei solteiro.

O senhor Antonio José da Silva, dizendo isto, melhor avisado, bebia uma limonada, e o arcediago de Barroso calçava os sapatos de fivella.

N'este momento entrava a senhora Angelica, de mantilha, e camandulas de páu preto pendentes nas mãos, que trazia sobre o seio em postura beatifica.

— D'onde vens, Angelica? — perguntou o irmão.

A beata resmungou, e subiu para o segundo andar.

Espionemos d'onde vinha a senhora Angelica.

CAPITULO III.

Que Rosa Guilhermina estava, mais ou menos, possessa de feitiços, era um evangelho para a senhora Angelica. Que a filha do peccado, como a beata lhe chamava, seduzida pelo demonio, namorasse o filho do retrozeiro, isso é que não era liquido.

Para os feitiços deixára Deus na terra pessoas virtuosas, mulheres sabias, que os desmanchavam; e para adivinhar o coração da pequena bem sabia a irmã do senhor Antonio que o remedio não estava longe.

A senhora Angelica ouvira a conversação do seu Antonio com Rosa Guilhermina, na manhã do dia em que se passaram as scenas ridiculamente funebres do capitulo anterior. Cousas ouviu ella que a obrigaram a benzer-se tres vezes, e queimar arruda no seu quarto, e no da pequena. Parece que a timida sexagenaria receava que o espirito mau, que vexava Rosa, viesse, por variar, entreter-se com o seu corpo immaculado.

Feitas as abluções, e comido o jantar, que benzeu tres vezes, e devorou com as pernas em cruz, receosa d'um ataque subterraneo do demonio, compoz a côca da mantilha, armou-se do rosario abençoado por Gregorio XVI, prendeu duas figas e um chispo de veado na alça do collête, e sahiu.

Da rua das Flores a Miragaia dava saltinhos como uma franga com as azas cortadas. Ao pé da antiga casa da Companhia, n'uma porta baixa de casa terrea, bateu a senhora Angelica. A porta foi aberta por uma velha inqualificavel, indefinivel, mistura de todos os animaes re-

pulsivos desde a santopéa até á cegonha. Era a senhora Escolastica, benzedeira, adivinha, mulher sabia, que praticava com o invisivel por meio da peneira e das cartas.

— Venha com Deus, devota de Nosso Senhor. Já sei ao que vem.

— Já? Louvado seja Deus!

— A Rosinha não quer casar.

— Nem á mão de Deus padre... Aqui anda feitiço. Queria que vm.^ce me dissesse se o filho do retrozeiro, que se chama José, será o manfarrico que faz doudejar a cabeça da rapariga.

— Vamos a isso — disse a senhora Escolastica carregando duas vezes de simonte a venta esquerda, que parecia um mexilhão aberto, e folheando um surrado baralho de cartas.

— A senhora Escolastica benzeu-se, e pronunciou a seguinte oração, pondo as cartas em quatro montes, benzidas tambem:

« *São Cypriano, bispo e arcebispo fostes, sete annos no mar andastes, na vossa divina graça vos sustentastes, sete sortes pela vossa divina esposa botastes, no fim vos declarastes. Declarai-me aqui se a Rosinha anda de namoro com o José, filho do retrozeiro.* »

E, depois, voltando-se, com ar sybillino e tragico, para Angelica:

— Rosa é a dama de ouros; o José é o rei de ouros. Aqui sahe Rosa com o sete de espadas que é uma paixão d'alma. Aqui está o José voltado para ella de corpo e pensamento, que é o valéte de ouros. Sahe-lhe aqui outro homem, que é seu irmão; mas ella vira-lhe as costas, e dá-lhe más palavras, que é o cinco de espadas. No meio d'isto sahe-lhe aqui lagrimas, que é o cinco de copas, e a espadilha o affirma. Seu irmão aqui está com o sete de copas, que quer dizer comidas e bebidas, e ella vira-se para o sete de paus que é um gosto grande, e o seis de paus pela porta da rua. Aqui está a dama de espadas, que é uma mulher de má lingua por causa d'uns dinheiros grandes, que é o dous d'ouros, vê? ella ámanhã sahe por caminhos; aqui está o dous de espadas, e aqui está o az d'ouros que é a igreja, e o quatro paus que é a tumba... valha-me Deus!...

A senhora Angelica, côr de cidra, benzeu-se. Dito isto, a senhora Escolastica repetiu a miraculosa operação, e descobriu uma *novidade*. Novidade é uma carreira de cartas sem figuras. A novidade era a confirmação do quatro paus, e um certo áz de copas, cuja significação a benzedeira disse ao ouvido de Angelica, que fez uma carêta, e persignou-se. Carêta aquella, discreta leitora, que eu tambem fiz quando me contarám esta pavorosa historia.

Feito isto, as cartas foram substituidas pela peneira.

A senhora Escolastica, versada nos dous ramos de sortilegio, pôz de perfil a peneira, e metteu-lhe um Senhor crucificado, umas contas, e tres vintens em prata. Depois cravou em um dos lados os bicos d'uma tesoura fechada, e outra tesoura do outro lado. Feito isto, com grandes tregeitos, e grave attenção da senhora Angelica, que murmurava o credo em cruz, disse a benzedeira:

« *Peneira, tu que peneiras? Pão para toda a christandade. Pelo poder de Deus peço-te que me digas se a Rosinha ha-de casar com o senhor Antonio; se tiver de casar, vira-te para a direita, e se não vira-te para a esquerda.* » — A peneira oscillou alguns segundos, e ficou voltada para a esquerda.

A pobre Angelica deixou pender o beiço inferior, que, ha quatro annos, lhe tocava na ponta do nariz! Estava profundamente triste e aterrada! O seu olho esquerdo fallou da abundancia do coração. Uma lagrima, côr de agua-pé, rolou-lhe preguiçosa nas verrugas da face.

— Sabe o que mais, senhora Angelica? — disse Escolastica, commovida, e atufando a pitada na fossa anfractuosa da venta direita — sabe que mais?... vamos *prender* a rapariga.

— Isso será cousa de escrupulo, e eu tenho mêdo que Deus me castigue.

— A'gora castiga... Ha-de ensinar ao seu irmão esta oração: « *São Marcos te marque, São Manso te amanse, os quatro Evangelistas te batam á porta do teu coração, Santissima Trindade te confirme na minha vontade, para que nem na cama, nem na mesa, nem no lar, sem mim;*

não possas estar, rir e fallar, e já, e já, e já com todo o pacto.» — Esta oração ha-de seu irmão dizêl-a, e quando disser *com todo o pacto* ha-de dar tres vezes com o pé direito no chão. Passados nove dias, em que eu hei-de rezar a novena das almas, e ouvir as vozes, appareça vm.ce por cá, e veremos se é preciso trazer roupa d'ella para a defumarmos nos quatro cantos com o fogareiro de São Cypriano.

A senhora Angelica deu por bem empregados os seus dous patacões, e passou o resto da tarde a rezar os versos de S. Gregorio, e a novena de Santa Apolinaria, em *São João*, onde estava, n'esse dia, que era sexta feira, exposto o Santissimo.

Ora aqui está d'onde vinha a irmã do senhor Antonio José da Silva.

Dobrada a mantilha, e a saia de durante, a senhora Angelica desceu a procurar seu irmão, e, farejando os cantos da sala, viu que ninguem lhe testemunhava a tremenda revelação, que ia fazer-lhe.

— Então já sabes o que acontece? — perguntou elle, emborcando o segundo pucaro de limonada.

— Que foi, meu Antoninho?

— A Rosa vae-se, ámanhã, embora.

— Vae! Louvado seja Deus!... bem m'o disse a Escolastica!...

— Quem é a Escolastica?!

— E' cá uma mulher, muito temente a Deus, que vê o que se passa na alma...

— Deixa-te de crendices... não creias em maranhões...

— Credo! não digas tal, Antonio, que não vá Deus castigar-te, e ella sabêl-o... Se tu soubesses o que ella me disse...

— Não sei, nem quero saber... Has-de sempre ter essa mania! Pergunta ao padre Leonardo por isso, e verás a rizada que elle te dá...

— Bem me importa a mim a rizada do padre Leonardo!... Não... aquelle não é cá dos meus!... Padres com filhas... não quero ir com elles nem para o ceo... Sabes tu que o tal arcediago me parece jacobino!... Deus me valha, se pecco... Cala-te, bôca...

A devota mulher, incapaz de infamar, dava uma sonora palmada nos labios, quando apostrophou a bôca falladora, e lhe impoz silencio, que mais eloquente que a bôca, segundo diz o poeta latino, fallou assim:

— Tenho cá minhas aquellas com este padre!... Elle não diz missa, nem prega a quaresma, nem vai ás via-sacras, como o padre Aniceto, meu confessor, e o padre Benedicto dos Carmelitas que reza os exorcismos. Deus me acuda — continuou ella em voz alta — mas não tenho fé com padres que tem filhas, e casam as mães com outros, de mais a mais com um pelitrão da França, que é herege, e jacobino na alma e no corpo...

— Cala-te lá, que estás ahi a dizer parvoices. O padre Leonardo é um homem honrado, que não vai ás via-sacras, mas tem temor de Deus. Lá, se deu a sua escorregadela, em bom panno cahe uma nodoa. E, se elle não fosse um bom pae, não obrigava a filha a entrar, ámanhã, no recolhimento de S. Lazaro.

— Que me dizes, Antonio da minha alma? Pois a Rosa vai para o recolhimento?

— Vai, podéra não!...

— Bem o disse a serva de Deus! Ai! que tudo nos vai sahindo como a benzedeira o disse... O az d'ouros, lá estava o az d'ouros, Antonio! Não tornes a fazer pouco dos adivinhamentos. Tudo m'o disse ella, e muitas cousas mais... Abençoados dous patacões!

— O' mulher, tu pareces-me tôla! A impostora da velha podia lá saber isto! Botou-se a adivinhar!

— O' Antonio, tu não me pareces catholico!... Santo nome de Jesus! Pois, sem aquella de Deus, sabe lá ninguem futurar o que te ha-de acontecer? Não sejas assim, meu bom irmão. Lembra-te dos inguiços que te fez Thereza (Deus lhe perdôe, se já morreu) aquella desavergonhada que tinha levado as tuas cuecas da roupa suja para as benzer uma feiticeira da rua Chã, e se não fosse a devotinha Escolastica ainda hoje terias o demonio á perna, Deus me perdôe!...

— Vai-te d'ahi, que a Thereza não tinha demonio nenhum...

— Não tinha não... Pois não lhe viste a abstrucção de ventre, que ella trouxe, e só com as rezas da Escolas-

tica é que o berzabum a deixou a ella, e a ti? Valha-te o Senhor!... Diz-me com quem andas, dir-te-hei às manhas, que tens.

—Está bom... Vamos tratar de cear, que são nove horas.

—Está a Anna a segar o caldo... Antes d'isso quero dizer-te duas palavras.

—Diz lá.

—Mas não has-de fazer modos de incredulo. Tu queres que a Rosinha case comtigo?

—Eu não.

—Não!... Minha mãe Maria Santissima!... Se eu te entendo...

—Quero que ella tenha por mim affeição de dentro... Contra vontade, não quero ninguem.

—Pois se eu te ensinar o modo de fazeres com que ella te tenha affeição de dentro?

—Vai bugiar! Tu cada vez estás mais tonta!

—Estou! pois olha que não é de velha.

—Isso não; mas já podias saber mais do mundo com sessenta e nove annos... És mais velha que eu quatorze.

—Então? achas que estou tonta como a velhinha tia Brizida, que já fez noventa e dous?

—Não sei... Sabes que mais? Mette um salpicão no pucaro, e leve berzabum as paixões, e quem com ellas engorda.

—Olha cá, Antonio... Não te quero assim... Pareces-me mesmo nos modos com os chichisbeos que vão ao theatro, e á missa das dez a S. Bento, por causa das freiras, que, Deus me perdôe, podem bem com a santidade que teem!... Andam sempre alli pelas grades aquellas namoradeiras, que nem me parecem religiosas, e esposas do Cordeiro immaculado, e fallam da vida do proximo!... Valham-me as cinco chagas, e a benta cruz.

—Vai pôr a mesa, mulher, e olha lá o que essa rapariga está a fazer, que eu vejo d'aqui o filho do retrozeiro á janella...

—Ah! vês? Não que ella faz-lhe amor de cá...

—Tu viste?

—Disse-m'o a Escolastica.

— Que leve a breca a tua Escolastica, que o meu gosto era dar-lhe com o covado no costado...

— Santo nome! Tu que dizes, homem? Aqui cahe raio. Pede perdão á servinha de Deus, senão as palavras não te aproveitam...

— Que palavras?

— As palavras que hão-de fazer com que a Rosa ande atraz de ti como a linha atraz da agulha. O caso é ter fé. Se as disseres, tu verás, Antonio!...

— São palavras para lhe dizer a ella?

— Não... Assim que a vires, has-de dizer no teu coração...

— Cala-te ahi...

— Não me calo... tenho até escrupulo de me calar... Hei-de dizer-t'as. Ouve lá: « *S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, os quatro Evangelistas te batam á porta do teu coração, a Santissima Trindade te confirme na minha vontade... e...* espera lá... deixa vêr se me lembra... ah! já sei... *para que nem na cama, nem no lar; sem mim, não possas estar, rir e fallar, e já, e já, e já com todo o pacto.* » Quando disseres isto, deves assim bater com o pé no chão uma, duas, e tres vezes...

A' terceira, a senhora Angelica pilhou debaixo do pé o rabo desgraçado da gata, que soltou um doloroso grito, e vingou a affronta enterrando a unha no joanete esquerdo de sua ama. Angelica soltou um brado fremente de angustia. A gata rosnava, com o pello hirto, n'um canto da sala, e o senhor Antonio bascolejava com as nedias mandibulas uma gargalhada sincera.

CAPITULO IV.

O salpicão fumegava na mesa, rodeado de ervilhas ensopadas. Ao lado, as tigelas do bem adubado caldo, opulento de gorda ôlha, ressumavam um cheiro appetitoso, que ludibriava o paladar dos rapazes da loja, aos quaes era só permittido o cheiro.

Angelica fôra chamar Rosinha para a mesa, em quanto seu irmão espostejava as talhadas pingues do paio de Lamego. A arrufada menina não quiz cear, e, para esquivar-se ás instancias da velha pertinaz, declarou-se incommodada da cabeça, cobrindo-a com o lençol.

O negociante engatilhava a cara em ar de despeito, e ensaiava as palpebras roliças n'uma postura sombria, que désse da sua dôr a alta idéa, que os queixos desmentiam, cevando-se na carne de porco, e nas ervilhas aromaticas.

Certo de que a ingrata filha do arcediago não vinha á mesa, o senhor Silva inutilisou a cara funebre, deu largas á testa franzida tyrannamente, e mascou, rugindo como os deuses d'Homero, a cêa substanciosa.

Angelica, da sua parte, comeu bem, e revesou no caldo, que, segundo ella, podiam comêl-o os anjos. Deu graças a Deus, e a todos os santos do seu conhecimento, que eram todos, e alguns duvidosos, em quanto seu irmão, a cada *padre-nosso*, desafogava um arrôto, que podéra, sem hyperbole, chamar-se um urro.

O ultimo, e mais estridolo, soltou-o no seu quarto, onde, emfim, aquella alma atormentada, e o estomago revolto deviam dar-se *rendez-vous* em grato somno de sete horas.

A senhora Angelica, reservando para o dia seguinte um novo ataque á incredulidade de seu irmão, entrou, no seu quarto, a rezar a novena das almas, que lhe fôra imposta pela devota Escolastica, e que não acabou conscienciosamente porque adormeceu no meio da reza, enxotando, com palavras de esconjuro, o demonio do somno, seu tentador implacavel. A ultima apostrophe confundiu-se com o ressonar profundo de seu irmão. O ressonar de ambos, dueto horrivel, acordava os eccos funebres da casa. Dormiam todos, excepto Rosa.

Rosa não dormia, porque apurava o ouvido a cada quarto, que badalava o relogio de S. Domingos.

Faltava o ultimo para as dez, quando a promettida esposa do negociante enfiou o vestido, saltou fóra da cama, abriu cautelosamente a janella, em que batia o luar, traiçoeiro confidente dos amantes nocturnos, que apenas podem sorrir de dia, e, só nas trevas, deixam voar o coração-morcego.

Na janella fronteira estava um vulto, e na rua solitaria não se viam os malditos grupos, innovação inutil da *guarda municipal*, que nos dá a entender que os ladrões augmentaram com a civilisação, posto que os jornaes diariamente nos aturdam com o catálogo dos roubos.

Em 1815 podia-se namorar honestamente d'uma janella para a outra, na rua das Flores, sem que uma patrulha insolente parasse debaixo para testemunhar a vida intima dos que lhe pagam. Podia cochichar delicias á donzella recatada da trapeira para a rua, sem que o amador extatico ao som maviosissimo d'aquella voz, receasse o *retire-se!* brutal do janizaro. Podia, finalmente, segurar-se o gancho d'uma escada de corda no terceiro andar, subir impavidamente, conversar duas horas sobre varios assumptos honestos, e descer, sem o receio de encontrar cortada a retaguarda por um selvagem armado á nossa custa, o que nos conduz ao corpo da guarda a digerir a substancia da deliciosa entrevista.

Bemaventurados, pois, os que namoraram em 1815.

Mas não tenham a impiedade, leitoras honestas, de suppôr que a mencionada escada de corda engatou o

gancho na reputação de Rosa. Não, senhoras. A filha do beneficiado ignorava esse invento da intelligencia humana, essa corrente electrica, que aproxima dous corações, a escada de corda, emfim, que nunca ninguem imaginou tivesse electricidade, mas que eu, amante da minha patria e das glorias d'esta terra, declaro á academia real das sciencias, que a tem, e lhe offereço a descoberta como digna das suas ponderosas lucubrações.

Mais ponderosos ainda eram os motivos porque a virtuosa Rosinha déra signal ao José Bento, filho do retrozeiro, para fallar-lhe áquella hora, acto que, publicado, faria jejuar a senhora Angelica dous annos, a pão e agua, e faria crescer a agua, sem o pão, na bôca de muitos caixeiros das lojas visinhas, que a essas horas ressonavam como conegos em matinas.

Era a segunda vez que a predestinada mulher do senhor Silva se abalançava ao crime infando de tagarellar da janella, a horas mortas, para a janella fronteira.

José Bento era um moço de quinze annos, muito envergonhado, e tão inutil, na opinião publica, que sua familia resolveu fazêl-o frade loio. Tinha dezeseis annos, e estudava latim, com grande pasmo do mestre, que durante quatro annos, não podéra conseguir ensinar-lhe os rudimentos da arte, sem que elle discipulo lhe désse quatro asneiras em troca de cada regra. No seu genero, era um prodigio! Não obstante, para loio o que lhe faltava era a idade, que sciencia tinha elle de sobejo para repartir na communidade.

O que elle tinha, além da sciencia, era uma melancolia sympathica, contemplativa, e romanesca. José Bento, se fosse dos nossos amigos de botequim, passaria hoje por um espirito atormentado, um mancebo devorado por illusões, um sceptico de coração crivado de angustias, e conseguiria, não fallando, pertencer á seita dos Szafis da feira da ladra.

Não lhe faltava a testa espaçosa da tarifa. Um todonada de navalha nas raizes capilares da fronte seria bastante para nos dar uma testa artistica, em que os sectarios de Spurzen, veriam o genio, e o respeitavel publico a toleima.

Ora aqui está quem era o namoro da senhora Rosa Guilhermina, que vai fallar com a voz commovida, vibrante, e melodiosa.

—Senhor José...

—Aqui estou, senhora Rosinha... Não me vê?

—Vejo... agora vejo...

—Como passou?

—Bem; e vm.^{ce} passou bem?

—Tenho estado hoje muito doente.

—Sim? de que, senhor José?

—Tem-me doído muito a barriga.

—Será do calor...

—Acho que sim; veio cá o cirurgião, e mandou-me tomar banhos *semicuplos*...

—Deus queira que lhe façam bem. Então já sabe que me vou embora d'esta casa?

—Vai? para onde vai, senhora Rosinha?

—Para o recolhimento de S. Lazaro.

—Pr'amor de que?

—Porque meu pae teima em querer casar-me com o senhor Antonio, e eu...

—Valha-o a maleita! Pois elle quer casal-a á força com um velho assim?

—Ora ahi está; e eu não quero...

—Faz vm.^{ce} muito bem. Eu tambem, ainda que a filha d'um rei quizesse casar comigo, em quanto vm.^{ce} me lembrasse, mais facil seria atirar-me d'esta janella para baixo á rua, que casar com ella.

—Forte teima de homem! Ainda hoje lhe disse que era capaz de metter o fuso da senhora Angelica por um ouvido, se me quizessem obrigar a tal casamento...

—Então vm.^{ce} de certo vai para o recolhimento?

—Antes quero isso, antes quero ser freira.

—Então, sempre lhe digo, que vou para os Loios, se a menina se mette freira...

—Eu não sei o que acontecerá... Póde ser que meu pae, em vendo que eu não mudo de vontade, me tire do recolhimento.

—Isso é verdade, e, se assim fôr, n'esse caso não quero ser frade, nem que meu pae me desherde.

—O peór é que nos não tornamos a vêr...

— Não? E é verdade que não. Lá nas orphãs diz que não ha janellas.

— Não ha, não; mas, se podéssemos escrever-nos...

— Isso sim; se podéssemos escrever-nos era bem bom; mas vm.ce, em se pilhando lá a brincar com as outras raparigas, esquece-se de mim.

— Não esqueço, não. Estou affeita a vêl-o ha mais d'um anno, e tarde me esquecerá...

— Se vm.ce soubesse o amor que lhe tenho!... Ha quatro noites a fio, que sonho comsigo, e nem posso estudar a lição, nem tenho vontade de comer. Já minha mãe hoje disse: este rapaz teve alguma olhadella má. Mal diria eu que vm.ce sahia d'essa casa!... Pois olhe... a senhora Rosinha a sahir, e eu tambem.

— Para onde vai?

— Vou para o Passos estudar latim. Meu pae quer que eu esteja dentro do collegio para aprender mais depressa, e eu até aqui dizia que não, porque tinha saudades de si, mas agora não se me importa de deixar esta casa.

— E onde mora o mestre?

— Na viella da Cancella Velha.

— Pois se eu arranjar por quem lhe escreva, lá mando.

— Então não se esqueça.

— Adeusinho.

— Adeusinho, estimarei que tenha saude.

. . . .

As janellas fecharam-se, e a lua no céo velou o rosto de negro, como contristada da agonia lacerante d'estes dous infelizes! Essas phrases plangentes traziam o quilate d'uma lucta atormentada que lá ia dentro nos dous corações! A leitora sensivel, com as lagrimas nos olhos, e a palpitação accelerada, espera, anciosa, o desfecho d'este lance, que ficará aqui insculpido para modélo eterno das paixões impetuosas.

José Bento prostrou-se no leito do soffrimento, gemendo... com dôres de barriga, e variam as opiniões ácerca de uma lagrima que lhe tremia n'um olho, em quanto o outro conjugava o verbo *Laudo, as, are*, que lhe custára, no dia anterior, um elastico puxão d'orelhas.

A minha opinião é que a lagrima era de pura sau-

dade. Sériamente fallando, não sejamos injustos, expondo á irrisão a phrase singela do pobre rapaz. O que elle sentia então, se eu podésse sentil-o agora, escreveria tres volumes em quarto, que o leitor me compraria, e a minha reputação de piegas amoroso estava feita.

O filho do senhor João Retrozeiro, que Deus haja, era grosso de casca, mas tinha dentro de si bellas cousas, exceptuando a dôr de barriga, que o incommodou a ponto de levantar-se, e pedir á mãe que lhe mandasse dar o *semicuplo*, receitado pelo cirurgião.

A extremosa mãe saltou em fralda do leito conjugal, rezando o responso de Santo Antonio, applicado aos banhos, accendeu o lume, aqueceu a agua, e agasalhou seu filho na bacia, que, á parte, a posição que não era bonita, lamentou ahi de cócoras profundamente a sua sorte.

E Rosa?

Rosa, coitadinha, perguntava á sua consciencia se o amor era aquillo que José Bento lhe dissera. Parecida com a mãe, segundo o pae dizia, o instincto segredava-lhe cousas novas, que o visinho não sabia decifrar-lhe. A seu pesar, porém, a pequena chorava com saudades do rapaz.

Felizmente adormeceu, pedindo a Santa Barbara, sua advogada, que a livrasse do velho, assim como, pela sua muita virtude, se podéra livrar do impio Diocleciano: (reminiscencias do ultimo sermão, que prégara fr. Miguel dos Antoninhos, na Misericordia, dias antes).

Em virtude do que, dormiu pacificamente, viu em sonhos o José Bento, queixando-se da barriga, e acordou de madrugada, quando a magra mão de Angelica a chamava para o oratorio, em que se rezava tudo que havia escripto sobre a materia.

Ao almoço, o senhor Antonio José da Silva aproveitava a edição de cara que não pôde dar á luz na cêa, por falta de concorrencia da parte interessada no espectaculo hediondo. Estava, portanto, mais feio que nunca o senhor Antonio. Durante o almoço de café com leite, e biscoutos de Avintes, nem uma palavra trovejou das belfas tumidas o desditoso amante. Rosa comia sem vontade, e Angelica sopeteava deliciosamente as suas sôpas,

aboboradas em leite quente, porque os seus quatro dentes não eram para graças.

Findo o almoço, appareceu o arcediago Leonardo Taveira, que comeu tres biscoutos, indispensavel lastro para um copo de vinho, e pequena refeição para quem vinha de rezar quatro psalmos, em lingua barbara, no côro da Sé.

Reanimado de eloquencia propria do pae e do levita, o arcediago chamou sua filha á parte, e recapitulou, á ultima hora, as admoestações do dia anterior. Recalcitrou a desobediente rapariga. Fumegaram as pandas ventas do sacerdote. Volitaram-lhe das ditas caroços de rapé, como as frechas dos thracios contra Jupiter, e sacudiu-da profana lingua um feixe de raios de maldição: *Vibrata jaculatur fulmine lingua*, como depois dizia o guardião dos gracianos, fr. Antonio do Menino Deus, a quem elle contava o accesso.

O seu discurso, que não vale a pena de especial menção, terminou por intimar a Rosa a immediata sahida d'aquella casa. Entretanto, o padre Leonardo foi buscar a ordem de entrada no recolhimento. Quando veio, Angelica pendurou-se-lhe ao pescoço, em risco de lhe enterrar o fio cortante da barba no queixo d'elle. Supplicava-lhe a piedosa mulher que lhe deixasse a filha mais nove dias, e, ao cabo d'elles, promettia dar-lh'a alliviada.

—Alliviada! — exclamou o pae, arfando as azas do nariz — minha filha alliviada!....

—Pois então...? quer que lhe diga uma cousa ao ouvido?... venha cá...

O padre media Rosa da cabeça aos pés, mas o ponto fixo d'esse olhar não era de certo nos pés nem na cabeça... Angelica acenava-lhe, e elle não podia attendêl-a, porque parece que a cara da filha denunciava um crime inaudito... Era precisa coragem. O arcediago deu o ouvido direito á velha:

—O senhor reverendo arcediago não sabe o que aconteceu a sua filha?

—Não!... diga, depressa, que arrebento...

—Tenha paciencia... Todo o mal que Deus permitte é para desconto de nossos peccados...

—Diga, senhora Angelica, que me faz doudo...

—Não se afflija, senhor arcediago... o mal é do demonio, e o bem de Deus...

—Oh mulher, por quem é não me demore n'esta horrivel suspeita...

—Pois ainda não adivinhou?

—Não, com mil pragas...

—Credo! vossa reverendissima está atrigado!...

—Santo nome de Deus, que mulher!... Que tem minha filha?... responda, senão vou arrebental-a...

—Arrebental-a! Deus nos acuda... Sua filha não tem culpa... a culpa é d'aquelle seductor do inferno, Deus me perdôe...

—Seductor!... um seductor!... quem foi o infame?.. que é o que me diz, senhora Angelica?!

—Que é o que lhe digo? E' que sua filha tem o *esprito* ruim no corpo! O seductor é o demonio.

Padre Leonardo Taveira, com quanto pacifico, sentiu vontade de partir d'um murro o craneo, quasi nú, da senhora Angelica. Depois, soltou um frouxo de riso que borrifou a face da velha. A gargalhada foi tão longa e estridorosa, que Angelica julgou o arcediago possesso d'outro demonio.

CAPITULO V.

O senhor Antonio, em quanto Rosa se vestia, sumiu-se para esconder a commoção da despedida aos olhos insensiveis da ingrata. Angelica procurou-o para convencêl-o de pronunciar á ultima hora, o esconjuro de Escolastica. Não o viu, e teve de acompanhar lagrimosa a menina ao recolhimento, onde seu pae fôra adiante lêr o programma, que devia executar-se na reclusão da pensionista D. Rosa Guilhermina Taveira. Onde se tinha sumido o noivo despresado? Estava defronte, na loja de João retrozeiro, que tivera mêdo do aspecto, raivosamente opilado, do seu visinho, quando entrára.

— Senhor João — disse elle, arquejando, e revirando nas orbitas os olhos, que o ciume arrancára á sua estupida immobilidade — senhor João! eu gosto de viver bem com os meus visinhos; moro, ha cincoenta annos, n'esta rua, sou um honrado homem, que nunca deu desgosto aos seus visinhos...

— Diga-m'o a mim, senhor Antonio! pois que é que lhe aconteceu? — disse o pavido retrozeiro, tirando as cangalhas, e depondo uma borla de torçal em que o imaginoso artista phantasiava uns berloques, que deviam distinguil-o na especialidade das borlas — Acaso, senhor Antonio, se desaveio com alguem?

— Eu nunca fiz tagatés ás filhas, nem ás irmãs dos meus visinhos. Ninguem dirá que me viu espetar os olhos nas familias alheias. Sou um homem honrado.

— Quem nega tudo isso, senhor Antonio?

— Tanto se me dá que vm.ce tenha cá uma mulher como duas...

—Isso não é verdade, e perdoará, visinho. Eu não tenho cá em casa senão a minha mulher... Quem lhe disse que eu tinha cá duas mulheres?

—Não sei se tem duas, nem quatro. O que sei é que vm.ce tem um filho muito mariola.

—Vm.ce está enganado! O meu filho é um rapaz muito accommodado que estuda para loio, e não tem nada que lhe digam.

—O seu filho é um mariola, já lh'o disse.

—Pois o meu José que lhe fez?

—O seu José anda-me cá a fazer gatimanhos á filha do senhor arcediago, que por amor d'elle vae ser posta fóra da minha casa. Não quero poucas vergonhas de portas a dentro, é o meu systema.

—Que me diz, senhor Antonio? Pois o meu José...

—E' o que lhe digo, senhor João. Eu sou um homem honrado, e dos annos que tenho ninguem me viu desinquietar as minhas visinhas. Vm.ce não é bom pae. Um logista que tem filhos, fál-os ir trabalhar na loja.

—O meu José estuda para frade, por isso é que não vem para aqui...

—Qual frade, nem meio frade!... Deixemo-nos de frades. Ponha-o a sapateiro, ou alfaiate, que é o mais proprio. Eu tenho sobrinhos, e não os mando aprender latim; e vm.ce, que tem aqui dous arrateis de retroz, e quatro varas de nastro, já quer ordenar um filho...

—Que lhe importa a vm.ce a minha vida?

—E o seu filho que lhe importa as pessoas de minha casa? Se eu fosse outro homem, mandava-lhe estender as orelhas por um caixeiro...

—Isso lá mais de vagar, senhor Antonio! Quem castiga o meu rapaz sou eu.. Se o seu caixeiro lhe puxasse as orelhas, não havia de ter frio nas d'elle. E' o que lhe digo! Eu sou pacifico, e cortez com quem é cortez. Eu chamo o meu filho, e veremos como é essa pendencia, que vm.ce traz.

O senhor João, já com a mostarda no nariz, chamou José, que vinha descendo, e resmungando: *imperativo do verbo laudo, as, are, laudabundum, ou laudatote. Præsente do indicativo, Laudaturus.*

*

Contentissimo das suás reminiscencias, e livre da dôr de barriga, José Bento ficou surprezo na presença do rival, e enfiou de susto. A edição da cara paterna não era mais nitida que a do negociante.

— Vem cá, José. O senhor Antonio queixa-se de que tu fazes tregeitos para a menina do senhor arcediago, isto é verdade?

José, chofrado pelo improviso, gaguejou a resposta, que mais tarde sahiu energica, e eloquente.

— E' verdade, ou não? — replicou o pae.

— A'gora é...

— E' sim senhor. Não me desminta, seu estudante de borra! — trovejou o negociante, formando instinctivamente com as mãos dous gordos murros.

— Não é preciso berrar tanto, senhor Antonio!... A minha casa não é páteo de convento. Se quer que fallemos, vamos lá para dentro.

— Faz favor de entrar.

Antonio José acceitou o convite, e proseguiu na apostrophe:

— Eu que lh'o digo, é porque o sei. Vossê esteve esta noite fallando com Rosa! Esteve ou não esteve?

— Estiveste, rapaz?

— Eu não, senhor.

— Como é isso? — continuou o pae — se o meu filho esteve toda a noite a gritar com dôres de barriga, e por signal que a minha Anna andou toda a noite na cosinha a aquecer agua para banhos? Quer que eu chame a minha Anna, senhor Antonio?

— Não me importa o que diz a sua Anna.

— Isso... mais de vagar! A minha Anna é tão honrada e verdadeira como a senhora Angelica, e póde pedir messas ás mais honradas.

— Que tens tu, Joãosinho? — grasniu de cima a senhora Anna, mettendo a cabeça pelo alçapão.

— Olha lá, mulher... O nosso rapaz que teve a noite passada?

— Dôres de barriga.

— Vê, senhor Antonio!... Tudo, que me veio dizer é mentira...

— Não se diz isso a um homem honrado, como eu!...

O seu filho esteve ás dez horas a conversar com Rosa; eu que lh'o digo, é porque o sei de bom canal...

—Quem lh'o disse? onde está esse canal?

—Quer sabêl-o? Foi certa pessoa que á mesma hora estava para conversar com essa indigna mulher do João Pereira.

—De qual João Pereira? Aqui ha dous na visinhança.

—Do João Pereira, calvo, que traz chinó.

—Que dizes tu a isto, José?

—Digo que estive com dôres de barriga, e por signal que tomei chá d'herva cidreira.

—Vê, senhor Antonio? Vm.ce é um homem honrado, mas enganaram-n'o.

—Não me enganaram. Eu de portas a dentro não quero poucas vergonhas: é o meu systema.

—Enganaram, sim, senhor—chiou de cima a senhora Anna.

—Quer apostar uma moeda contra dez?

—Aposto o que vm.ce quizer! O meu filho é um exemplo dos bons rapazes. E' filho d'um bom pae.

—E d'uma boa mãe—accrescentou a senhora Anna.

—Não tem a quem sahir mau—confirmou o retrozeiro.

—Pois eu digo-lhe—exclamou o mercador de pannos com grande chuveiro de perdigotos—digo-lhe eu que seu filho é um tratante, e que vm.ce é outro, se o não castigar.

—Olhe lá como falla, ouviu?—disse a mãe do futuro loio, já perfilada, em baixo, ao lado de seu marido, que era a carne da sua carne, e o osso do seu osso.

—E' isto que lhe digo. Pela arvore se conhece o fructo. Se vm.ce fosse um homem de conhecimentos, e não viesse aqui para esta rua de tamancos e barrete vermelho daria outra educação aos seus filhos.

—E vm.ce d'onde veio?—interpellou a senhora Anna, fechando os punhos na cintura, e dando-se, pelo vermelhão da cólera, a figura d'uma bilha de barro—Não me dirá a sua linhagem, senhor Antonio da tia Catharina, que eu conheci na Ponte-Nova fazendo camizas de estôpa para os embarcadiços! Olhe o fidalgo, que

nos vem fallar em tamancos! Que me dizem a isto? Lembre-se que sua avó vendeu tripas na viella da Madeira...

— Calc-se ahi que vossê é uma regateira; eu não fallo comsigo.

— A minha mulher, regateira?

— Eu, regateira?

— Ponha côbro na lingua.

— Se não, topa com a fôrma do seu pé...

— Sáe a racha ao pau — interrompeu o rival de José Bento que não dizia palavra — vm.ce ha-de sempre mostrar que vendeu hortaliça no largo das Freiras. E' a filha da Canastreira, e basta.

— E sua irmã, a beata que traz cilicios depois de velha, quem é, não me dirá?

— Não falle em minha irmã, ouviu?

— E vm.ce para que falla em minha mãe?

— Porque, se você tivesse vergonha não estava aqui a crear este mandrião...

— Faço eu muito bem, que é meu filho, e filho do meu marido, com quem sou casada á face de Deus e do altar, na igreja da Victoria... E sua irmã porque não cria os d'ella?

— Qual minha irmã?

— Sua irmã Angelica.

— Você está bebeda logo de manhã?

— Bebedo será elle, e mais quem o veste. Pois que cuida? Acha que a gente se calava por não ter tanto? Se tem muito, coma duas vezes, nós comeremos uma, porque não desfructamos os rendimentos da legitima das filhas dos padres.

— Cale-se ahi, sua desbocada! Vossê tem alguma cousa a dizer a minha irmã? Encontrou-a lá por casa dos Amorins da Praça-Nova, onde vossê arranjou com boas bullas o dote do seu casamento?

— Vm.ce é um patife — atalhou o retrozeiro, sériamente envinagrado — e se não sahe de minha casa...

— Deixa-me responder-lhe, João... com que então eu ganhei o meu dote em casa dos Amorins, heim! E sua irmã? e a sua irmã que reza a via-sacra, e anda por casa das benzedeiras? Que fez ella tres mezes mettida na cella do congregado?

— Que congregado diz vossê? sua regateirona?

— E' aquelle filho do conego Silvestre, que caminho levou?

— Desavergonhada que vossê é!...

— Sou? e a sua irmã que é? uma *hypolita*... uma benzedeira, que dá pelo amor de Deus o que não póde dar ao diabo! E' uma bebeda que nunca ha-de chegar aos meus calcanhares.

Palavras não eram ditas, a senhora Anna Canastreira levava um grande murro no alto da cabeça; murro não era dado, e o senhor Antonio sentia, nas almofadas carnosas do cachaço, o pêzo d'uma tranqueta, que o fez ir de chofre sobre a mulher do retrozeiro, que, atordoada do murro, resvalou por debaixo do globoso negociante, que soltou um bramido de rhinoceronte na quéda desamparada.

A detractora da senhora Angelica sentiu-se escorchar debaixo do monstro, e cravou-lhe as unhas nas forçuras tremulas do pescoço. O retrozeiro, para salvar a mulher asphixiada, puxava a perna homerica do negociante; o negociante distribuia couces tão a proposito que uma canella do senhor João recuou mal ferida da empreza arriscada. Indignado pela dôr fina do canellão, o marido da pobre mulher atufada, com a perna disponivel, imprimiu tres valentes ponta-pés na orbita mais a geito e provocante do senhor Antonio, que esperneava, grunhindo como um cevado. José Bento, como bom filho, tentava alliviar o fardo, que ameaçava o arcaboiço descarnado de sua mãe, puxando, em vão, o despresado amante de Rosa pelas portinholas da jaqueta de linho crú.

A salvação, porém, da senhora Anna Canastreira deve-se ás suas unhas. O papo balôfo do senhor Antonio soffrêra graves arranhaduras. Em compensação, o olho direito da infamadora de sua irmã inutilisara-lh'o elle com o cotovello perfurante.

Este conflicto durou quatro minutos, e ao quinto a senhora Anna não tinha fôlego. A pressão que soffrêra na cavidade intestinal, e na thoracica tambem, podia ter mui funestas consequencias, se o nosso presado amigo, o senhor Antonio José da Silva se não levantasse, lazarado do pescoço para cima, supposto que, no vermelhão na-

tural da sua cara veneranda, o sangue das arranhaduras não se destacava.

A senhora Anna, continuando a infiada de epithetos, consagrados á senhora Angelica, estava ainda sentada compondo as rêpas da desalinhada cabeça, quando o offegante mercador de pannos, impellido pelo derradeiro empurrão do retrozeiro, se achou na rua, onde o povo principiava a juntar-se, chamado pelos gritos confusos dos gladiadores.

O senhor Antonio entrou no seu quarto a lavar a cara com agua e vinagre. Perguntou por sua irmã, e o caixeiro respondeu-lhe que fôra acompanhar Rosinha. Pensados os ferimentos, o infeliz rival de José Bento mediu em toda a profundidade a extensão da sua dôr, e comeu dous pasteis de Santa Clara, que eram a vanguarda d'um copo de vinho.

CAPITULO VI.

Rosa Guilhermina foi recebida com carinho pela regente, senhora de boa educação, e incapaz de satisfazer as rigorosas recommendações do arcediago. A pensionista era tão meiga, tão sympathica, e tão linda, que prendeu o interesse das suas companheiras, e a amizade da regente.

Padre Leonardo recommendára que a deixassem sósinha, e a não recreassem de modo que ella saboreasse a vida nova, que lhe era dada como castigo. Ainda assim, as commodidades do quarto não lh'as negára elle. Rosa encontrou aceio, suppondo que acharia um escuro cubiculo, e uma enxerga por cama. Encontrou raparigas folgazans, onde esperava achar velhas rabugentas. Achou comida bem feita e abundante, onde lhe tinha dito D. Eugenia que se jejuava todos os dias, e o melhor manjar eram papas de farinha milha. Se não via a rua; que tinha, n'esse tempo, pouco que vêr, a cêrca era espaçosa para brincar, e, a certas horas, as garrulas meninas saltavam como cabras, e rasgavam os sapatos e os vestidos á sua vontade.

Basta dizer-vos, leitoras compadecidas da namorada de José Bento, basta dizer-vos que a reclusa não tinha tempo para pensar sériamente no aprendiz de loio, nem ainda no senhor Antonio José, nem na senhora Angelica. E' verdade que uma saudade dolorosa lhe assomára aos olhos em lagrimas, que as pensionistas trataram de enxugar-lhe com brinquedos. Era uma saudade, que lhe aguava os prazeres inesperados do recolhimento: era, em fim, a saudade pungentissima da sua gata malteza.

Entre todas as meninas, havia uma sua predilecta, inseparavel, visinha de quarto, e da sua idade. Esta não era pensionista. Orphã de pae e mãe, fôra adoptada pela Misericordia. Galhofeira por indole, tinha momentos de entristecer-se da sua condição parasita, e custava-lhe soffrer encargos que as pensionadas não tinham. Lembrava-se de ter sido, até aos oito annos, educada com mimo, revoltava-se contra a religião, que mandava rezar de madrugada, e muitas vezes disse ás mestras que sua mãe sahiria da sepultura, se soubesse que creava uma filha para viver sujeita ás migalhas da Santa Casa da Misericordia, que não tinha muita. Felizmente para o senhor Diogo Leite, provedor da Santa Casa, a mãe de Maria Elisa, por ignorancia talvez do mau humor de sua filha, não consta que sahisse da sepultura. E a prova é que a orphã resignou-se á sua sorte, e parecia mais feliz desde que Rosa a preferiu como amiga ás ricas pensionistas, que desdenhavam da preferencia pouco nobre e desairosa para éllas.

Maria Elisa entrára para o recolhimento aos oito annos. Aos quatorze estava mulher, e não sei por que phenomeno do instincto sabia, pouco mais ou menos, qual era a vida cá de fóra! Se não é phenomeno, devemos aceitar a explicação natural do facto, como nol-a dão hoje as sinceras mães de familia, que alli foram educadas. D'antes (e agora é o mesmo) um pae que receiava os resultados da indiscreta inclinação de sua filha já adulta, e emancipada, pegava da filha desobediente, e fazia o que fez o arcediago á sua. Acontecia, porém, que nem todas eram innocentes como a filha do arcediago. As que entravam apaixonadas, o desafogo que tinham era fallar da sua paixão em geral, e das particularidades a alguma amiga intima, que se entretinha a scismar nos pesares da sua amiga, e achava que os homens, se fossem cousa má, não eram chorados pelas pobres meninas, victimas d'um deshumano pae, ou d'um barbaro tutor, como ellas diziam em estilo da tragedia velha. N'aquella casa correu occulto o desenvolvimento de dramas atrozes. Presenciaram-se alli despotismos, cuja historia espanta o coração. Os que hoje encaram aquellas paredes de branco, com persianas verdes, não imaginam que alli

dentro, ha menos de trinta annos, se bebeu um calix de fel, cujo segredo uma sepultura lacrou. E quantos calices! quantos segredos! que revoltantes infamias á sombra da misericordia dos homens, que se diz a expressão da misericordia divina!......

E essas scenas presenciavam-nas meninas, que não recebiam o exemplo como admoestação, mas arrefeciam de terror quando ouviam os gritos inuteis, as supplicas escarnecidas, e os gemidos suffocados na garganta das que alli morreram abafadas.

Olhai, leitores: quando assim se falla, quando não ha receio de formular d'este modo as affirmativas, crêde que o escriptor tem as provas debaixo dos olhos. Hei-de contar-vos um segredo, que vos ha-de merecer lagrimas... Ha-de ser um dia, quando um homem vivo acabar de cerrar os olhos, que já vêem pouco n'este mundo. Escuso dizer-vos que eu poderei cerrar primeiro os meus. N'esse caso, desde já me desobrigo da minha promessa.

Vinha eu fallando da innocencia das meninas, e especialmente de Maria Elisa, amiga intima de Rosa Guilhermina. Sinto dizer-vos que não era, espiritualmente fallando, mais innocente que eu e tu, leitor desempoado, que frequentas o theatro italiano, e bebes o teu punch, e fumas o teu charuto, e consomes a tua resma de papel, mensalmente, fallando da tua innocencia á visinha.

O que ella tinha mais que eu, e tu, leitor, era uma galante cara.

O cabello negro, em ondas, cerceado pelas pequeninas orelhas, era d'um effeito satanico. Olhos rasgados, e negros, como as espessas pestanas; trigueira; com todo aquelle fogo vertiginoso das mulheres trigueiras; labios sedentos de beijos, sorrindo para o amor e para a zombaria com o mesmo sorriso; e, mais que tudo isto, um buço, tão igual, tão caprichosamente graduado até aos cantos dos labios, em que o maldito seductor parecia colher um beijo para atormentar os Tantalos d'esta iguaria....

Creio que não fazem idéa nenhuma da pequena pelo retrato que lhes dei. Eu tambem não. Quando me pintaram a physionomia d'ella, não fiz idéa nenhuma, e prometti desde logo communical-a ao publico tão fielmente como eu a concebêra.

Se tendes senso-commum, basta dizer-vos que Maria Elisa era trigueira para m'a receberdes como linda, porque as não ha lindas se não são amoldadas por aquella outra trigueirinha que o santo rei de Jerusalem celebrisou nos seus cantares. Olhai lá se elle, entre mil queridas que lhe rodeavam a existencia de portas a dentro, cantou alguma outra! Pela trigueira, mas formosa, *nigra sum sed formosa*, o sabio elanguescia d'amor, *amore langueo*. Em nenhuma outra viu olhos de pomba, *oculi tui columbarum;* só a ella concedeu nos seios mais limpidez que no vinho, *pulchriora sunt ubera tua vino*, e o patchouli da trigueirinha era superior a todos os aromas, *et odor unguentorum tuorum super omnia aromata*.

E como creio que nenhum de nós tenha a ridicula vaidade de ser mais sabio que Salomão, concordemos em que o typo, que mereceu a especial sympathia do sabio por excellencia, deve ser o eterno typo do bello.

Toda esta erudição vem confirmar que Maria Elisa era bella, porque era trigueira. A julgal-as exteriormente, as duas meninas deviam ser dous temperamentos oppostos. Rosa denunciava uma d'estas mulheres eternamente cançadas, apparentemente somnambulas, arfando a cada palavra de tres syllabas que dizem, olhando para si com ar de piedade e para os outros com aborrecimento, rindo-se com a bôca toda, e mastigando pausadamente uma resposta dependente d'um *sim* ou *não*. Elisa colleava-se, requebrava-se, desconjunctava-se, trepava ás arvores, fazia discursos sobre a inconveniencia das mulheres velhas, sobre o despotismo da regente, tudo em linguagem muito caracteristica, e acabava por entristecer-se, dizendo que se sua mãe soubesse o que ella penava, partiria a pedra do tumulo para galardoar a regente e a sub-regente cada uma com dous sopapos.

Parece impossivel que estas duas organisações sympathisassem! Pois eram amicissimas, viviam juntas de dia, illudiam as vigilancias dos guardas para pernoitarem juntas, e chegaram, por estranho milagre de infusão, a neutralisarem os temperamentos de modo que se pareciam muito uma com a outra.

Elisa arrancára á sua amiga a revelação do motivo por que a encarceravam. Ouviu-lhe, com seriedade co-

mica, à odienta impertinencia do senhor Antonio José da Silva, monstruoso amante, e n'essa noite improvisou, no seu quarto, com o travesseiro e chapéo e jaqueta do hortelão um Antonio José da Silva, e convidou Rosa para assistir a um castigo exemplar. O castigo era uma carga de vassoura no mono, até se despegar a aba esquerda do chapéo do hortelão: tudo isto com estridolas gargalhadas de ambas, que pozeram em alarma o dormitorio.

A respeito do senhor José Bento, cuja derradeira entrevista, Rosa fielmente contára, não nutria Elisa sentimentos mais sérios. Achava-o tolo, estupido, achavascado, e promettia pôr-lhe um rabo de papel, se algum dia tivesse a fortuna de encontral-o.

E a filha do arcediago achava que a sua amiga tinha razão, porque as historias de amores, que ella lhe contava, eram cousa mais sublime, mais deslumbrantes, que os seus miseraveis dialogos com o filho do retrozeiro, a quem Elisa denominava *patêgo*, *parrano*, *gêbo*, e outras amabilidades, como *lapardão*.

— Olha, Rosa, não contes a ninguem que foste namorada d'esse *pazbobis* — dizia Elisa, passeando na cerca com o braço botado por sobre o hombro da sua amiga. — Eu tenho ouvido contar muita historia ás raparigas que vem obrigadas para aqui. Umas são fidalgas que quizeram casar com homens ordinarios, e outras são raparigas como eu com quem os fidalgos não querem casar. Todas ellas contam á gente as conversas que tinham com os namoros, e dizem cousas muito bonitas, que fazem chorar, como as novellas da Maria Peixoto, que eu li.

— Quem é a Maria Peixoto?

— Era uma rapariga que já sahiu. Queres saber o que ella fez? Eu te digo. Um tio metteu-a cá, porque ella queria casar-se com um plebeu, sendo fidalga dos quatro costados, como diz a regente, que tem mais dous costados que as outras. A Maria Peixoto quando entrou, faz agora um anno, chorou muito, e esteve á morte. Quando se levantou da doença, estava alegre, e diziam as velhas que fôra milagre de Nossa Senhora do Rosario. Eu estava admirada de a vêr tão contente, quando me ella disse que queria fugir do recolhimento, e precisava fingir-se para a não vigiarem. Um dia entrou um carro

de lenha por aquella porta, e ella andava por aqui disfarçada, e quando pilhou a porta aberta, ó pernas, p'ra que vos quero!... A tôla, se havia de procurar o namoro, foi metter-se em casa d'uma tia, que era tão boa como o tio, e n'esse mesmo dia trouxeram-na cá outra vez.

— Coitadinha!... e depois? trataram-na muito mal?

— Isso sim!... Se a visses, fugias-lhe! Parecia o demonio! Com a faca da cosinha na mão, correu atraz da regente, que se alapou no quarto, e gritou por soccorro. Procurou todas as velhas, deu um pontapé na sacristã, atirou de cangalhas a Lima velha, foi á porteira, e disse que lhe cravava a faca no peito se ella lhe não abrisse a porta. A porteira gritava como uma perúa, em quanto a Maria Peixoto lhe tirava a chave, e abria a porta. Não te digo nada, Rosinha! Nunca mais lhe pozeram olho... Da segunda vez foi mais fina. Casou-se com o tal rapaz, e mandou cá buscar os bahús, e muitas recommendações á regente, que ainda se benze quando se falla em Maria Peixoto... Aquillo era levadinha! E esperta? Traduzia novellas francezas ás raparigas, e leu-me uma que fazia doer a barriga com riso... era o Cavalheiro de Faublás, já lêste?

— Eu não tenho lido nada... Em casa do tal amigo de meu pae não havia livro nenhum. O que me lá deram foram as *Horas Mariannas* e a *Alma Convertida*.

— Olha que brutos!... Deixa estar que te hei-de contar a historia do Cavalheiro Faublás, que é de morrer a gente com riso. A senhora regente pôz-se um dia á escuta, quando a Maria Peixoto lia uma passagem, e disse uma rapariga que ella estava a rir-se; mas, depois, entrou com as cangalhas espetadas no grande nariz, perguntando que livro era aquelle. A Peixoto disse-lhe que era a vida da Gloriosa Santa Maria Magdalena Virgem, e a regente disse que Santa Maria Magdalena não era virgem. «Então é martyr» — teimou a Peixoto — «nem martyr, nem confessora» replicou a regente, e levou-nos o livro, que, pelos modos, lhe traduz hoje o padre capellão, valha a verdade.

— Recolham-se, meninas, que é noite — resmungou fanhosa a regente de uma janella.

As meninas subiram, praguejando a superiora, especialmente Maria Elisa recitou uma ladainha de titulos em que os menores insolentes eram *camafeu*, *trôxa de ovos*, e *santopêa.*

Quando passavam no dormitorio, espreitaram pela fechadura de uma porta, e fungaram com riso.

— Deixa-me vêr a mim — disse Elisa.

— Agora eu.

— Um bocadinho a mim.

— Que vês?

— E' a Clemencia Lima que salta por cima d'uma fogueira de alecrim.

— E que diz ella?

— Não ouço: vê tu se ouves... Que diz ella?

— Dá um saltinho, e diz: *em louvor de Santo Antonio.* Agora é a outra que salta, e diz: *em louvor de Santo Athanazio*, e *da senhora regente.*

— Diacho das velhas estão doudas! — segredou Maria Elisa — Vamos nós assustal-as?

— Como?

— Assim...

O *assim* era um empurrão na sua companheira. A porta, mal fechada, não susteve o impeto, e Rosa foi de encontro á velha Clemencia, que dava um terceiro pulinho em louvor de Santa Quiteria, e do provedor da Santa Casa. O choque foi desastrado! Aterradas as duas irmãs, que não podiam sustentar-se sobre a esboroada peanha de oitenta annos cada uma, cambalearam e cahiram, guinchando de modo que a turba das raparigas alvoroçadas veio, por assim dizer, peorar a sua situação.

Entre as que vieram estava Maria Elisa, perguntando ás pobres velhas quem as atormentava.

— Era o demonio! — disse Clemencia.

— Em corpo e alma! — accrescentou Rita.

— Tragam agua benta, e a regra do patriarcha São Bento — disse a regente.

Em quanto as abluções demonifugas se faziam na cella endemoninhada, Maria Elisa contava a Rosa o primeiro capitulo do Cavalheiro de Faublás.

CAPITULO VII.

Os planos, que o arcediago incubára no seu profundo saber do coração humano, abortaram. Sahia-lhe tudo ao envez das suas esperanças. Previra a humildade de Rosa, depois das mortificações da reclusão; e Rosa, cada vez mais contente, agradecia ao pae, que a procurava todas as semanas, a lembrança de a castigar com o recolhimento.

No principio, a regente era instada para augmentar as privações da educanda; mas as privações não podiam ser dadas como supplicio a uma menina que vivia contente, e cumpria com regularidade e promptidão as poucas obrigações de pensionista.

O zêlo pharisaico do arcediago afrouxou, porém, com a frieza do senhor Antonio José da Silva. A catastrophe ridicula, de que fôra victima o esmurrado negociante em casa do João retrozeiro, modificou-lhe consideravelmente o coração, a respeito de Rosa Guilhermina, pomo de discordia, e causa desastrada de semelhante conflicto.

O senhor Antonio soffreu, pela primeira vez, uma decepção nas suas crenças senís. O pugilato com a senhora Anna Canastreira chamou-o á razão, e, se não é profanar a idéa, diremos que a poesia matrimonial do senhor Antonio fôra dilacerada pelas unhas felinas da visinha.

O pobre homem tinha vergonha do successo. Na rua das Flores não se fallava em outra cousa. O seu visinho João Pereira, o do chinó, ria-se á sucapa com o visinho da loja immediata, em quanto sua mulher contava á visinha, com grande hilaridade, os famosos murros, que

o ciumoso Antonio jogára com a mãe de José, por causa da Rosa. O que ella não dizia, por não escandalisar, e todos o sabiam, era que um seu amante fôra a forçada testemunha do apaixonado dialogo, que os leitores, sem serem os amantes da mulher do senhor João Pereira, (se é que alguns o não foram) tambem ouviram.

O rico negociante tinha inimigos, emulos de negocio, os peiores de todos, que espreitavam o primeiro ensejo de o apoquentarem. Não podia ser melhor o motivo. Algum mais odiento levou a sua vingança ao extremo de fazer quadras ao desventurado negociante. Algumas d'essas quadras, em verdade chistosas, chegaram á minha mão. Se não fosse o mêdo de aggravar a indigestão de versos em que imagino encruado o estomago do publico, podéra dar-lhe quatrocentos e tantos versos consagrados ao senhor Antonio José da Silva, debaixo do titulo: CUPIDO DESDENTADO. Sem embargo, porém, da christã generosidade que tenho com o leitor, não o poupo ao flagello de lêr um fragmento d'esse poema, que devia ser a causa principal do abandono a que o infeliz heroe votou a filha do arcediago.

O dito poema é de author incognito, e o fragmento não vol-o dou como primor de arte; é crivel, porém, que o author tivesse filhos, e os filhos do author, apurados em raça, serão talvez os genios que hoje prendem a nossa admiração, e engrandecem as letras patrias.

Elle ahi vai:

Dom Cupido desdentado,
Despresado em seus desvelos,
Jurou, sobre os seus chinellos,
Guerra etérna ao seu rival!

Fumegando pelas ventas
As tormentas do ciume,
Todo elle é fogo, é lume,
No solar do Retrozeiro.

Dom Cupido desdentado,
Desarmado, vai sem frecha,
Quer abrir, a murro, a brecha
Do rival no coração.

Torce os olhos, solta um urro,
Prega um murro na maçan
Da fanhosa castellan,
Que se atira a elle á unha.

Dom Cupido desdentado,
Não vingado, cáe de chofre,
E tal pêso a velha soffre,
Que estourou! ó vista horrivel!

Pobre Aonio, pobre Aonio,
Que demonio te tentou!?
Antes dentes ter, Antonio,
Que não ter, e ser Cupido!

Dom Cupido desdentado,
Quer o fado que eu te diga,
Que não pódes ter barriga
Mais mal feita para Rosa!

Come bem, morre a comer,
Que, a meu vêr, é grande asneira
Ter inveja, do João Pereira,
Teu visinho, ao tal chinó!

. . . .

Et cetera.

O chinó de João Pereira fôra sempre o pensamento negro da victima do poeta! Este sarcasmo ferira atrozmente o infeliz! A reacção devia ser dolorosa, mas, passada a crise, o senhor Antonio sentia-se bom, porque ao pino do meio-dia, horas de jantar, a sua paixão dominante era o melhor dos appetites. Não tinha havido poesia, que tão util fosse ao genero humano, até então, porque só depois vieram as poesias hygienicas, ás quaes a humanidade está muito agradecida, principalmente a humanidade atacada de vigilias. Afóra estas, foi aquella a poesia que melhor fructo colheu. O senhor Antonio, desde esse dia, comeu como sempre, e dormiu como nunca. Ao mesmo tempo que era açoutado em effigie no quarto de Maria Elisa, o rasoavel negociante apertava os vinculos, meio lassos, que o prendiam á Thereza, com barraca de fructa na Ribeira, e entendia de si para si que a mulher que lhe convinha era aquella.

E, tão de maus humores o encontrava o arcediago,

que nem ousava fallar-lhe em Rosa, nem, o que mais era, o convidou para o vinho verde de Campanhã nos domingos de tarde.

Data d'ahi, portanto, a tolerancia do padre com os divertimentos da filha. Visitava-a com melhores maneiras. Festejava Maria Elisa, que lhe chamava padrinho, presenteava-a com vestidos semelhantes aos de sua filha, e redobrava de contentamento, sabendo que o filho do retrozeiro era uma cousa sem importancia no voluvel coração da pequena.

Tudo corria maravilhosamente para todos, quando Rosa Guilhermina, dia de entrudo, atirava cantaros de agua, e recebia-os agradavelmente pela cabeça. O resultado, porém, foi uma constipação despresada, uma tosse continuada, febre, e, na primavera seguinte, foi julgada no principio d'uma phtysica.

O arcediago resolveu levar sua filha a ares para uma sua quinta de Ramalde, e alcançou licença a Maria Elisa para acompanhar a sua amiga. Sahiram, e desde esse dia, a regente, a sacristã, e todas as velhas, especialmente as Limas, agradeciam, todas as manhãs, á Providencia o favor de lhes afastar de casa semelhante flagello.

Rosa melhorou apenas se viu em boa harmonia com seu pae, livre do pavoroso negociante, senhora da sua vontade, rindo e brincando com a sua amiga, animada pelas duas creadas que o arcediago lhe dera, e decorando cada vez melhor o romance predilecto de Maria Elisa.

No inverno proximo, as meninas vieram para a cidade, e encontraram uma casa bem mobilada, apetrechada de tudo que mais lisongeava duas amigas inseparaveis. Esta casa, situada á entrada da viella do Cirne, com frente para a rua do Laranjal, ainda hoje conserva um ar campestre, que, ha quarenta annos, era muito mais agradavel, porque a não assombravam então os edificios do largo da Trindade.

O quintal d'esta casa communicava com o do defuncto Rodrigues Passos, professor de latim, e o leitor, se tem prestado alguma attenção ao que se lhe diz, deve lembrar-se que José Bento, no extremoso colloquio com

a sua visinha, annunciou a sua ida para o collegio de Passos.

Rosa nem de tal se lembrava já, quando encontrou os olhos piscos do esquecido amante espetados nos seus. Elisa, que reparou na surpreza da sua amiga, perguntou:

— Aquelle mono conhece-te?

— Conhece.... Aquelle é o filho do retrozeiro.... Agora me lembro que elle disse que vinha para a Cancella-Velha!...

— Vamos nós namoral-o?

— Deus me livre!... Tomára eu que elle me não dissesse nada... Olha o tôlo!...

— O que nós queremos é rir-nos... Pergunta-lhe se está melhor das dôres de barriga.

— Eu não... Deixa o pobre rapaz... Vamos embora.

O estudante, cada vez mais pasmado do silencio de Rosa, é natural que meditasse na razão d'aquelle inesperado encontro, quando Maria Elisa, com a maior naturalidade, lhe perguntou:

— Como está da sua barriga, senhor José?

O rapaz fez-se muito vermelho, e não respondeu palavra.

— Cala-te, Maria! — murmurou Rosa, puxando-a pelo vestido.

— Não quero calar-me. Pois eu não hei de saber como está a barriga do teu namoro? Então vm.ce não me responde? Olhe que eu sou sua amiga, e faço esta pergunta, porque a Rosinha tem vergonha, e pediu-me que lhe perguntasse se está melhor.

— E' mentira! — atalhou Rosa, córando — eu não disse tal... Não digas o que não é, Mariquinhas...

— Pois então, não dirias; mas eu quero que aquelle senhor me responda. Vm.ce é mudo?

— Não sou mudo — disse o estudante embezerrado.

— Então, falle á gente.

— E se eu não quizer?

— Se não quizer, não falle; mas é má creação tratar assim quem lhe pergunta se está melhor da sua barriga.

— A minha barriga, graças a Deus, está boa, e vm.ce que lhe quer?

— Não quero nada... eu já lh'a pedi?

— Pensei que lhe queria alguma cousa... Eu não sou boneco de palha para caçoadas.

— Vm.ce parece-me um mau rapaz! Quem é que o caçôa? Nem me parece um estudante! Valha-o Deus! eu, se fosse Rosinha, não lhe tinha amor...

— Cala-te, Maria!... Tu pareces-me tôla! Deixa o rapaz! — disse baixinho a Elisa, forçando-a a retirar-se d'alli.

— Deixa-me caçoar com elle... Eu não te disse que lhe havia de pôr um *rabo-leva* de papel? Já que não posso, deixa-me rir com este gêbo, e tu ri-te tambem.

José Bento, favorecido pelo dialogo, ia-se escapando surrateiramente, quando Elisa o chamou:

— Psiu!... psiu!... Olhe cá!...

— Que me quer?

— Vm.ce estuda para frade?

— Que lhe importa se estudo para frade?

— E' que se vm.ce fosse frade, eu queria ser frada, e haviamos de ter uma casinha ambos e um quintalinho, e as nossas gallinhinhas, que nos haviam de pôr os seus ovinhos, que nós haviamos de cosinhar ambinhos na nossa cosinhinha, e depois a gente dizia a sua missinha... e depois a gente vinha tomar o sol no seu quintalinho... e depois...

Rosa ria-se como uma perdida, quando o filho da senhora Anna Canastreira, alongando a tromba, e franzindo o nariz, resmungou:

— Sabem que mais? vão bugiar! O meu regalo era...

— Qual era o seu regalo, ó senhor José?

— Se não fosse estar em casa do mestre... eu lhe responderia...

— Ora diga lá baixinho a sua resposta, que eu não digo nada ao mestre.

— Vá...

— Que! vá, aonde? Não seja tão mausinho, senhor Josésinho do meu coração. Vm.ce ha-de ser um fradinho de pau de sabugo muito bonito... Já tem corôa?

— Tenho um dardo que a parta.

— Olha que mau!... Senhor José, não seja assim. Tome lá uma beijoca.

O corrido estudante tinha desapparecido, não só porque se via embaraçado em responder ás zombarias da importuna rapariga, mas porque o mestre, ouvindo-o fallar, vinha de manso espreitar com quem era. O zeloso professor appareceu no muro, e ainda viu as duas meninas, que se retiravam em grandes gargalhadas. Enfurecido com a audacia do lorpa, como elle generosamente o intitulava, foi ter com elle explicações ácerca de tal conversa.

— Que dizias tu áquellas meninas?

— Eu, nada... Eram ellas que...

— Que... o que? que te diziam ellas?

— Ellas diziam que...

— Acaba d'ahi, selvagem!

— Eu estava alli a estudar a selecta primeira, e ellas disseram-me que...

— Estás zombando comigo?

— Perguntaram-me se eu era...

— Um burro? e tu disseste-lhes que sim.

— Não foi isso... perguntaram-me se...

— És um asno quadrado! Ouviste, lorpa? Se te vir outra vez a fallar com as visinhas, escangalho-te as mãos! Não tens habilidade para traduzir *mundus á domino constitutus est*, e sabes dar tréla ás raparigas!? Ora deixa estar que eu te farei a cama!...

A crise passou, e José Bento n'esse dia apenas teve, como era de costume, um bofetão e um puxão de orelhas, por causa do imperativo *laudandum*.

No dia immediato, as meninas não o viram; mas, no outro, Rosinha viera adiante esperar a sua amiga para colherem rosas do Japão, quando ouviu o som roufenho da voz conhecida de José Bento:

— Senhora Rosinha, assim é que vm.ce se porta comigo?

— Ah!... estava ahi?!...

— Pois então! cuida que eu me esqueci de si? Ficou de me escrever, e foi como se nada!... Olhe lá como vm.ce é!

— Não pude, senhor José... e tenho a dizer-lhe que é melhor não me fallar, que meu pae ralha-me. Faça de conta que nunca nos vimos. Aquillo que nós dissemos

foi uma brincadeira de creanças. Trate do seu estudo, e não se embarace comigo, porque eu tenho muito mêdo a meu pae...

— Sempre vm.ce é... d'aquella casta! E eu a pensar em si todos os dias, e sempre a esperar noticias suas, ha quasi um anno!... Então eu já não sou o mesmo?

José Bento proseguia n'uma tirada eloquente contra a perfidia de Rosa, quando o vulto austero do mestre de latim surgiu de improviso ao lado do pallido estudante. Ao mesmo tempo, chegava Elisa, rindo muito da surpreza, e Rosa punha os olhos no chão, e cortava machinalmente uma rosa menos purpurina que ella.

— Chegue-se aqui! — disse o mestre ao rapaz approximando-o do muro, que dividia os dous quintaes — O' meninas!

— Que quer? — perguntou Elisa.

— Os meus discipulos ensinam-se assim. Dê cá a mão, seu lorpa!

José Bento, córado como um mólho de malaguetas, recuou diante da palmatoria, cuja cabeça o espreitava por debaixo do capote de saragoça.

— Dê cá a mão! Vossê não obedece? Olhe que o mando pendurar n'aquella figueira.

— Como Judas Iscariote — atalhou Elisa, fungando, e esfregando as mãos.

O infeliz déra a mão, e quatro sonoras palmatoadas lhe estouraram na epiderme. A dôr moral devia ser grande! Rosa estava pallida, e Elisa, de repente, séria, disse ao professor:

— Se eu fosse elle...

— Que diz lá a senhora?

— Digo que, se fosse elle...

— Que faria?

— Dava-lhe um murro no nariz.

— Em quem?

— Em vm.ce...

— Se é senhora, não o parece... — disse o professor, encarando-a com desprêso. — Eu tratarei de saber quem é seu pae, e, se seu pae lhe não der com umas disciplinas...

— Que me ha-de fazer? dá-me palmatoadas?

— Hei-de-lhe mandar dar com um chinello...

— Fóra casmurro!... Venha para cá, que lhe hei-de dar um docinho...

O infiado mestre foi cevar as iras impotentes no pobre moço, que levou a ponta-pés para o quarto.

José Bento recahiu n'uma profunda concentração. Durante o dia não comeu, nem bebeu, nem estudou. A' meia noite ergueu-se d'um impeto semelhante a um ataque repentino de demencia. Abriu uma gaveta, e tirou um garfo. Ás apalpadelas atravessou um corredor, e, na extremidade, abriu de mansinho uma porta. Aproximou-se do leito onde ressonava um homem, e cravou-lhe tres vezes o garfo no pescoço. O agonisante soltou um rugido, que só o assassino ouviu, e expirou.

Pela manhã encontraram morto o velho Manoel José d'Almeida, professor de latim, com um garfo tinto de sangue sobre a dobra do lençol.

José Bento desapparecêra. Foi procurado em casa do João Refrozeiro, e não o encontraram.

Horrivel acontecimento!

A lingua latina perdeu um dos seus melhores interpretes. O senhor Manoel José de Almeida poderia ser um temperamento colerico com os seus discipulos, mas a sciencia devia-lhe muito. Escreveu largamente sobre a genuina interpretação do *tam libet hirsutam tibi falci recidere barbam*, de Ovidio. Deixou ineditos tres volumes sobre a conjuncção copulativa, e preciosos manuscriptos sobre o adverbio *quotiesqumque*. Era um bom catholico, e amigo dos pobres, que lhe chamavam pae. Era bom esposo, bom pae e bom irmão; e, se não era bom cidadão, é porque os cidadãos inventaram-se depois.

A terra lhe seja leve!

CAPITULO VIII.

O tragico successo inquietou um pouco o espirito de Rosa; mas a sua amiga convenceu-a de que não devia dar-se por achada em semelhante cousa. O director do collegio ignorava a causa do inaudito crime, presenciára a sóva de ponta-pés com que José Bento se recolhêra ao quarto; mas suppoz que a justificada razão d'aquelle castigo fôra qualquer asneira do rapaz na impossivel conjugação do verbo *Laudo*, especialmente no imperativo *laudandum*.

Por conseguinte, as pequenas não tiveram de responder como causas involuntarias d'aquelle sinistro, e continuaram no goso da sua felicidade.

O arcediago, supposto não vivesse com ellas, almoçava, e jantava com sua filha, ceava com uma senhora viuva que lhe administrava a casa; e, depois de cêa....

Depois de cêa, ha muita cousa a dizer a este respeito.

E' sabido que Rosa Guilhermina era filha de uma tal Anna do Carmo, velha predilecção do padre Leonardo, e por elle dotada para o honesto fim de casar-se com um tal francez, com loja de livros na rua das Flôres.

O padre não andou com toda a generosidade n'este negocio. Dado o dinheiro, se quizesse ser honrado, devia renunciar inteiramente, a beneficio do livreiro, a mulher de que se descantára. Magôa-nos, porém, ter de annunciar que o arcediago era um agiota no seu genero, e pensamos que a senhora Anna do Carmo não era máu genero para agiotagem.

A verdade é que o pae de Rosa continuava a visitar

de dia o estabelecimento do livreiro, comprava algum livro que ajuntava, na estante, aos seus virgens irmãos, e predispunha favoravelmente com as visitas diurnas a confiança do marido, que tinha lido Moliére, e não queria incorrer no defeito do *Cocu imaginaire*, que o leitor póde lêr, se a consciencia o não incommoda.

A honesta esposa repellia as seducções do padre, esquivando-se encontros em que o usurario amante parecia convidal-a a pagar-lhe um juro avaro do capital recebido. Dissertava-lhe amplamente sobre a verdadeira virtude, pintava-lhe a ingratidão o mais feio dos crimes, dissuadia-a de temores piegas que não tinham nada com a verdadeira religião, e queria convencêl-a de peneira nos olhos a respeito do matrimonio e de muitas outras cousas.

O francez não sabia que fôra elle o amante de sua mulher.

Movido pelo interesse que as frequentes visitas do amador dos bons livros lhe dava, — e, de mais a mais, convencido da honestidade de sua mulher, se o padre, feio e velho, tentasse seduzil-a, — o senhor Hemerin Pierrote (Deus lhe falle n'alma) acolheu agradavelmente o seu bom amigo, e honrou-se muito, não só das suas visitas, mas do interesse que o generoso padre tomava em ser o padrinho do primeiro filho de tão feliz matrimonio.

Madama Anna Pierrote recebia com repugnancia as pontuaes visitas do arcediago, e esta repugnancia, que seu marido lhe censurava como inconveniente aos interesses de ambos, era uma nova razão para que o espirito do francez estivesse tranquillo, e as suas portas sempre francas para o generoso compadre.

Este parentesco fôra contrahido muito contra a vontade da senhora Anna. Seu marido, porém, que recebêra de antemão o enxoval do recem-nascido, perguntou cheio de colera a sua mulher, se queria algum *garçon de bonne mine* (rapaz esbelto) para compadre. Accrescentou que, se ella fosse fina, devia ameigar constantemente o arcediago, que era rico, e poderia fazer o afilhado seu herdeiro. Resumiu, em fim, o seu discurso, declarando, pelo *sacre nom de Dieu*, que o arcediago de Barroso seria seu compadre, e mandaria n'aquella casa como na sua.

A senhora Anna, como boa esposa, resignou-se; padre Leonardo, como bom compadre, vinha duas vezes ao dia fazer caretas e botar a lingua de fóra, com o pequeno nos braços; e o risonho marido, como habil e francezissimo lograder, deixava o padre em cima ensinando a creança a dizer *papá*, e vinha para a loja fazer negocio e trautear a *Marseillese*.

A creancinha, habituada com o arcediago, apenas o via, estrebuxava no collo da mãe, batendo as palmas, e articulando — *papá, papá*. O livreiro ria-se muito contente da esperteza do pequeno, e ensinava-o a dizer *padrinho*; e a creança, que não sabia ainda ajuntar tres syllabas, teimava em dizer *papá*.

Mr. Hemerin estava contentissimo do filho, e da mulher tambem, porque a repugnancia em receber o arcediago desapparecêra desde certo tempo, e sua mulher, em fim, sabia viver perfeitamente com o compadre, e já se lhe não dava de jogar com elle a *bisca de nove*, e o *trinta-e-um*.

Correram dous annos n'esta perfeita harmonia. Os visinhos riam-se do francez, mas a razão do riso devia ser elle o ultimo que a soubesse.

Eram notorios, na rua das Flores, os precedentes de Anna do Carmo; os maledicentes sabiam que ella fôra amante do arcediago; o livreiro visinho contava aos seus freguezes a immoralidade do jacobino (que vendia melhores obras, e sortira a sua loja de tudo que se procurava) e lamentava a queda da religião, se o senhor bispo não puzesse côbro áquelle grande escandalo.

O demonio da intriga viera perturbar a felicidade domestica d'aquella familia.

O pequeno Leonardo, já de dous annos, continuava a chamar papá ao padre, com grande aprazimento do pae matrimonial. A senhora Anna mostrava a seu marido as prendas que o compadre lhe dava. O marido mostrava a sua mulher o córte de velludo vermelho que o compadre lhe déra. Tudo isto ia *le mieux qu'il se peut*, como dizia o jubiloso livreiro, quando, abrindo de manhã a porta, encontrou uma carta em que um seu *amigo intimo*, como todos os amigos das cartas anonymas, lhe dizia o que se passava em sua casa, as antigas relações

de sua mulher com o padre, e o descredito geral em que a sua honra andava nas praças publicas. Como seu *amigo intimo*, e zeloso do seu bom nome, aconselhava o generoso espião que pozesse o padre fóra de casa, e que mettesse a mulher no Ferro, para assim dar uma plena satisfação ao publico escandalisado.

O discreto marido leu a carta, e vendeu com a maior presença de espirito um *Flos-Sanctorum* a um padre da aldêa, que se apeára d'uma égoa, no momento em que a porta se abrira.

— Estas obras de santidade — disse o padre — creio eu que se vendem pouco... A religião está por terra... Já lá vai o tempo em que os frades escreviam obras de substancia... Os de hoje criam muito cachaço, e os seculares são uns libertinos, que o mais que fazem é apanhar as prebendas, os canonicatos, e os beneficios para viverem á regalada. O exemplo devêmol-o dar nós, como diz o apostolo: *Ante eas vadit, et oves eum secuntur*... Já lá vai esse tempo. Os bons padres, e que sabem do seu officio, vivem obscuros na aldêa, e ninguem os chama para as dignidades da igreja; os que arruinam com a sua má vida e mau exemplo o edificio da religião, a casa de Deus, *ædes Domini*, esses são chamados a lamber as chagas do corpo putrido da humanidade; *canes veniebant, et lingebant ulcera*, como diz S. Lucas, no capitulo XVI.

— Então o senhor padre veio requerer algum beneficio, que lhe não deram?

— Vim, sim senhor, vim pedir ao senhor bispo uma igreja apresentada pela Mitra, e estou aqui ha um mez a gastar n'uma estalagem, e vou-me embora sem ella. O bispo é... o que Deus sabe... Dizem que é um santo, mas barata virtude é a sua... Quando o rebanho anda tresviado, o pastor não é lá grande cousa, como diz o livro santo: *Nam quod ab ovibus erratur, negligentiæ pastoris adscribitur*.

— Quer o senhor padre uma cousa?

— Nada, não senhor, não quero mais livro nenhum; precisava d'este para tirar uma duvida sobre se o apostolo Sant'Thiago veio ou não a Portugal, e se S. Martinho de Dume foi arcebispo primaz...

— Eu não lhe perguntei se queria mais livros; disse-lhe que me lembrava um meio de v. s.ª...

— Alto lá! Nada de *vossa senhoria*... Eu não sou d'esses modernos, que se esquecem da humildade do divino Mestre, e querem as honras que, ha trezentos annos, se davam ao rei... Trate-me por vm.ce

— Pois bem; se vm.ce quizesse, eu poderia arranjar-lhe um bom empenho para o bispo.

— Sim? então quem é elle?

— Isso agora é um segredo... Veja lá vm.ce quanto dá...

— Quanto dou? isso é symonia, reprovada e condemnada com graves penas pelo concilio tridentino. Se eu quizesse servir-me d'esse infernal recurso, bem sei a que porta devia bater. Conheço como as minhas mãos um vendilhão d'esses favores, que não tem vergonha nem temor de Deos, e ha muitos annos que trafica descaradamente com os objectos sagrados da santa religião de Nosso Senhor Jesus Christo. E' um symoniaco, um libertino, indigno de se sentar no cabido...

— Quem é elle?

— Quem ha-de ser? é o arcediago de Barroso, um homem sem religião, de péssimos costumes, que tem vivido amancebado toda sua vida, e que, de mais á mais, tem o desaforo de casar uma das suas concubinas ahi não sei com quem, e disseram-me que continua a viver adulterinamente com ella... Fóra o adultero! Não lhe faltava senão esta!...

— E vm.ce conhece-o?

— Conheço muito bem; oxalá que não. Fomos companheiros no seminario, e já lá prophetisei a rôlha que viria a ser o senhor Leonardo Taveira... Depois, vi-o pelo Porto, e fui jantar á casa d'elle, e sahi escandalisado porque teve o desavergonhamento de sentar comnosco á mesa uma rapariga que tinha em casa...

— Sabe como ella se chamava?

— Sei, sim senhor. Chamava-se Anna do Carmo...

— Anna do Carmo!...

— Vm.ce espanta-se? E' o que eu lhe digo...

— Que figura tinha ella?

— Era uma mocetona tirada das canellas, branca,

cheia do peito, com os olhos mesmo concupiscentes como os do proprio demonio, e fallava sem vergonha diante de mim.

—E sabe se foi essa a que elle casou?

—Dizem-me que sim, até o homem é estrangeiro, por signal, e tem não sei que officio. Se vm.ce quizer, eu volto cá qualquer dia, e posso saber-lhe tudo isso a preceito.

—Muito obrigado... eu não tenho interesse n'isso...

—Pois é como é. A religião está entregue a estes ministros. O arcediago de Barroso tem muito dinheiro em casa d'um negociante da rua das Flores, mas esse dinheiro é o preço por que elle comprou o inferno... ganhou-o nas symonias... La está em cima quem o ha-de julgar... E, com isto, adeusinho até outra vez. Fique na graça de Maria Santissima, e passe por cá muito bem até outra occasião, se Deus nos dér vida. Adeusinho, sem mais.

O padre abria o alforge para metter o *Flos-Sanctorum*, quando o arcediago lhe dava uma palmada no hombro.

—Tu por aqui, padre João Pires?

—E' verdade... Então que é feito, Leonardo?

—Vamos vivendo... Já te não vejo ha muito!...

—Não ha dinheiro para vir á cidade... Os padres de *requiem* não comem do cabido... Lá nas aldêas o mais que se pilha é a missinha de tostão que não dá para hostias. Isto cá é outra cousa. Os padres do Porto são cardeaes, menos na sabedoria, que no mais tem tudo...

—Não é tanto assim, padre João... Deus sabe como cada qual se arranja. Então vieste comprar o teu livrinho?

—E' verdade; comprei o *Flos-Sanctorum*, e sabe Deus o que me tem custado a arranjar os tres mil e duzentos.

—Se queres mais algum, e não tens dinheiro, eu fico por ti, e tu pagarás depois ao senhor Hemerin, que me faz o favor de ser meu amigo.

O arcediago piscou o olho para o livreiro, que estava encostado ao mostrador, e o livreiro sorriu-se d'um modo que era novo para o arcediago.

— Nada, muito obrigado — disse o padre João Pires — eu não gosto de fazer dividas, porque não tenho esperanças de ser conego para pagal-as depois... Com que sim, meu caro Leonardo... Os bons tempos que nós passamos no seminario... lembras-te?

— Se lembro!...

— Eras um bom tratante!... fugias de noite, e vinhas de madrugada pedir-me que te ensinasse o Larraga... Boas as fizeste!... Que é feito d'aquella rapariga do vendeiro de Campanhã que tu tiraste de casa?

— Não fallémos n'isso... Como tu te lembras d'essas rapaziadas... Esse tempo passou...

— Pois era uma rapariga perfeita!

— E aquell'outra das Fontainhas, que tinha um pae levadinho da breca, que te fez fugir em camisa para o seminario?

— Cala-te lá com essas cousas, João!... Isso foram bambochatas de estudante...

— Está feito, está feito... Tu tens pago um bom tributo á mocidade... Já tu eras padre ha muitos annos, e ainda fazias das tuas de estudante...

— Olha lá, meu caro João, se quizeres alguma cousa de mim...

— Obrigado... Eu gosto de fallar nos tempos da mocidade...

— Pois sim; mas eu tenho de estar nos Congregados ás oito horas... Estimarei que passes muito bem.

— Olha cá, padre Leonardo... ha ahi um sujeito que te quer fallar a respeito d'uma dispensa para casamento entre primos em segundo grau. O pretendente dá boas luvas a quem lh'a arranjar depressa.

— Sim!... pois eu conheço um banqueiro, que vence todas as difficuldades; mas... aqui entre nós... é preciso untar-lhe as unhas...

— Ah! maganão!... o banqueiro és tu em carne e osso!...

— Não sou, João... Acredita que não sou...

— *In verbo sacerdotis!*

— *In verbo sacerdotis*... N'essas materias melindrosas não escrupulisa a minha consciencia. Terei algumas

fraquezas, de que me accuse, do tempo de rapaz, mas em cousas de religião o caso é muito sério.

— Com que tu tens muitos escrupulos das tuas rapaziadas, heim?

— Alguns; mas em certas idades tudo se desculpa, e Deus bem sabe que a razão não tem a força necessaria para conter os impetos d'aquelle novissimo do homem...

— Que não é do mundo, nem do diabo! Ora pois, Deus te conserve no santo arrependimento...

— Então quem é o pretendente da dispensa?...

— Isso fallaremos outra vez... Ora olha, meu querido Leonardo, não sei se sabes que tenho cá na Sé requerimento para uma igreja.

— Nada, não sei.

— Poderás fazer com que o senhor bispo me despache?

— Homem, isso é um caso difficil... Se queres que te falle a verdade, no paço tudo se move por dinheiro...

— E tu dás á manivella nas rodas da machina, não é assim, meu Leonardo?

— Estás a rir, João...

— Pois eu podéra chorar!... Tudo isto leva-se a rir, senão endoudecia a gente... Ora anda lá que tu não deves só ter escrupulos das tuas rapaziadas... A proposito de rapaziadas, que é feito da Anna do Carmo?

— Da...?

— Sim... da Anna do Carmo... aquella mocetona que morava comtigo na rua Direita, aqui ha dez annos...

— Não sei... não me recordo... não sei de quem me fallas... adeus... até outro dia...

— Espera, homem, — disse o padre inexoravel ao confuso arcediago que suava em Janeiro como o seu amigo Silva no mez de Agosto, por vêr alli tão perto o francez, que não perdia uma palavra do dialogo. — Espera... não te confundas, que eu não quero confundir-te... Isto é conversar como amigos... Eu já sabia que foste honrado com a rapariga, e que a casaste com um bom dote... Uma fraqueza não desacredita ninguem... David tambem peccou, e S. Pedro negou o mestre.

— Dizes bem, João; adeus, até outra vez...

— Então... até outra vez.

Padre João não comprehendeu a afflicção do arcediago. A ultima despedida disse-lh'a, quando elle de repente lhe voltou as costas, por não poder conservar-se com a cara voltada para o francez que lhe não desviava os olhos d'ella.

Já escanchado commodamente sobre o albardão da égôa somnambula, o antigo conhecido de Anna do Carmo, voltando-se para o livreiro, disse sorrindo:

— Vê que tal é o amigo? Olhe como elle se atrapalhou quando eu lhe fallei na moça...! reparou?

— Reparei... reparei...

— O que ella merecia é que o marido d'ella lhe quebrasse o espinhaço com uma tranca... Mas os maridos, ás vezes, são tão bons como ellas... Adeusinho...

— Passe muito bem.

Mr. Hemerin leu, segunda vez, a carta anonyma, e sahiu.

Esperem asneira. Quando mal nos percatamos, temos pela prôa um marido brioso!

Safa!...

Rara avis in terris...

CAPITULO IX.

O arcediago, quando fugiu bruscamente ás impertinencias vingativas do padre João Pires, ia perdido, e não atinava com o refugio mais azado no embaraço em que se via.

Na rua das Hortas, quando voltava do campo de Santo Ovidio, até onde fôra machinalmente, encontrou o marido de Anna do Carmo, que o comprimentou com a graça costumada, e nem de leve lhe tocou nas escandalosas revelações do profundo investigador de Sant'Thiago, e S. Martinho de Dume.

Padre Leonardo, admirado da singeleza do francez, entendeu que as cousas estavam no pé em que as deixára na vespera, e tranquillisou o tumulto de vergonhas e receios que lhe traziam o coração em dolorosas piruetas.

Convencido do inesperado quão feliz resultado da extravagante scena, veio á rua das Flores, e encontrou Anna do Carmo, ao mostrador, espantada de que seu marido sahisse sem dar parte, nem chamal-a a ella para a loja.

Isto fez impressão no arcediago, que teve a prudencia de calar á mãe dos seus filhos o desgraçado encontro com o amaldiçoado padre de Ponte-Ferreira.

Todavia, a sahida rapida do francez alguma cousa queria dizer. O atilado arcediago reflectiu no que poderia resultar d'alli; lembrou-se, um momento, que a sua organisação physica poderia soffrer algum abalo menos agradavel, e, finalmente, appellando para o futuro com a intrepidez de philosopho, esperou as consequencias.

Acabava o velho amigo de padre João Pires de fazer os seus juizos, quando o livreiro entrou com a mesma affabilidade, com o inalteravel sorriso d'um esposo feliz.

— Sahiste sem dizer nada?! — disse a senhora Anna.

— Foi-me necessario sahir com tal precipitação, que nem me lembrou chamar-te.

— Pois que foi, Hemerin?

— Que havia de ser? Um engano... Vieram-me aqui dizer que o regedor das justiças me queria mandar prender, porque eu vendia clandestinamente na minha loja livros protestantes, e folhetos escriptos contra a religião. Corri immediatamente a casa do regedor, e tive a fortuna de encontrar, quando lá cheguei, o desmentido da calumnia que forjaram contra mim os meus inimigos.

— Inda bem!... — disse a mulher.

— E se não acontecesse assim — accrescentou o arcediago com o contentamento da boa fé — eu ainda tenho amigos para desmanchar as traições dos seus inimigos.

— Muito obrigado, senhor compadre. Tudo está arranjado, d'esta vez. Se elles continuarem, v. s.ª será o nosso protector, como tem sido sempre.

O arcediago almoçou com elles, e não podia deixar de felicitar-se por ter casado a mãe de Rosa com tão boa pessoa, alma tão singela, e genio tão estimavel a todos os respeitos. Fez muitas festas á creancinha, que dava biscoutos ao livreiro para que os désse ao *papá*, e que o livreiro, com paternal meiguice, cumpria, rindo-se muito da galanteria do pequeno.

Correu o dia regularmente. O arcediago despediu-se á meia noite, promettendo na noite seguinte pagar quatro partidas de bisca, que perdêra jogando com a senhora Anna, em quanto seu marido sahira a encommendar de Paris a nova edição de Bossuet e Bourdaloue.

Na madrugada do seguinte dia, Hemerin levantou-se mais cêdo que o costume, e disse a sua mulher que lhe désse a chave da commoda em que estava a sua roupa branca.

Anna quiz erguer-se para dar uma camisa a seu marido, e elle mandou-a ficar. A mulher instou, e o francez intimou-a imperiosamente que não sahisse.

Momentos depois, a mãe de Rosa sentiu fechar-se por fóra a porta da rua! Ergueu-se, foi á commoda, e achou-a vasia da roupa de seu marido. Desceu á loja, tudo estava fechado. Tornou ao seu quarto e viu um bilhete sobre o lavatorio, com estas poucas palavras: « *És uma boa mulher; mas não me serves. Eu não sou mau homem, mas não te sirvo. Sejamos francos, e bons amigos. Tu ficas, e eu vou. Regala-te com o padre, e faz-lhe visitas minhas. Se me quizeres alguma cousa e elle tambem, escrevam-me para Paris. Adeus.*

A senhora Anna do Carmo ficou aturdida. Queria fazer alguma cousa n'aquelle conflicto; mas que poderia ella fazer? A porta da rua, de mais a mais, estava fechada! Se o arcediago viesse... mas o arcediago não vinha antes das oito horas! Se arrombava as portas, o barulho dava que fallar aos visinhos, e o escandalo era certo! Mas, se o escandalo era inevitavel, a pobre mulher lembrou-se de arrombar a porta, e procurar seu marido; mas aonde?

N'esta irresolução, a senhora Anna ouviu as oito horas. Correu á janella, e viu á sua porta alguns homens, um dos quaes abria a porta. Desceu abaixo, e perguntou quem eram:

—Sou um escrivão, com os meus meirinhos.

—Que querem?

—Fazer penhora nos objectos conteúdos n'esta casa.

—Devo alguma cousa a alguem?

—Deve.

—O que?

—O conteúdo n'esta petição, a que está junto um titulo de divida authentico, assignado por seu marido o senhor Hemerin Pierrot.

—Mas eu não assignei.

—Vm.ce sabe escrever?

—Não, senhor.

—Por isso mesmo é que não assignou. Seu marido assignou por ambos.

—Isso é uma ladroeira! Eu grito aqui d'el-rei, se me levam alguma cousa de minha casa.

—Pois grite, que arranja com isso a ser levada tambem.

—Para onde?

—Para a cadêa, ou para o hospital de S. José.

—Que é dos louvados, senhor meirinho geral?

—Estão aqui os ensambladores.

—Pois que subam a avaliar os moveis, e chame ahi dous livreiros para louvarem os livros.

—E' um roubo que me fazem!—exclamou Anna, collocando-se adiante dos livreiros, que vieram d'um pulo.

—Retire-se, mulher, se não mando autual-a!

—Mas quero saber a quem é que devo...

—Ao vice-consul da França.

—Eu não conheço esse homem.

—Tambem não é preciso, nem deve ter muita pena d'isso. E' um homem como os outros, pouco mais ou menos.

Entrava o arcediago com os olhos espantados, e o queixo pavidamente descahido.

—Senhor compadre!—exclamou Anna—querem-me roubar!...

—Roubar!... Como se entende isto?!

—Deixe-a fallar—disse o escrivão—E' um mandado de penhora.

—A' ordem de quem?

—Do juiz de fóra.

—Mas quem é o credor?

—Senhor arcediago, não nos importune com as suas perguntas. Vá lá sabêl-o, se quizer. Nós cumprimos a lei, e não temos obrigação de dar explicações a quantos passarem na rua.

—Onde está seu marido?—perguntou o padre.

—Não sei... Olhe aqui.

A senhora Anna chamou-o de parte, e contou-lhe o succedido. O arcediago ficou tranzido.

—Que hei-de eu fazer, Leonardo? Não me dirás?

—Põe a tua mantilha, pega no pequeno, e vae com a criada para minha casa.

—E os meus arranjos?...

—Que arranjos?

—Os meus vestidos?

—Deixa os vestidos... Faz o que te digo. Não te

afflijas... Has-de ter sempre que comer. Nem mais uma palavra, que não quero escandalos.

Anna do Carmo sahiu com a criada e o pequeno, que grunhia por ter sido tirado a dormir do berço. O escrivão achou-se sósinho com os aguasis e louvados. A livraria foi logo comprada pelo livreiro da loja visinha. Os moveis arrematados, e ficou o escrivão com elles. As roupas comprou-as uma adeleira. E a chave da casa foi entregue ao senhorio. Foi um dia cheio para os visinhos!

A vingança do francez fôra uma vingança franceza; mas, de parte a parte, concordemos em que a honra orçava os mesmos quilates. Parece que eram dignos um do outro, e o arcediago digno de ambos, como vae vêr-se.

A mãe de Rosa vivia com o arcediago; mas tão cauta e escondida que se não deixava vêr. Era um cuidado inutil; porque ninguem duvidava que os braços do padre eram o refugio nato da esposa abandonada.

A immoralidade chegára aos ouvidos do bispo, que empregou os meios brandos para chamar ao caminho da bemaventurança aquelle Lovelace de murça e meias vermelhas. O arcediago defendia-se como podia, e citava os seus traiçoeiros denunciantes para que lhe provassem a calumnia infame. Se fosse hoje, o senhor padre Leonardo Taveira teria escripto quatro correspondencias para os jornaes, em que provocaria os maledicentes a tirarem a mascara, ou serem convencidos de infamadores da honra alheia, e vis calumniadores, como é do estylo.

N'aquelle tempo, porém, o infamado não tinha o respiradouro da gazeta, e não podia andar de casa em casa apregoando a sua innocencia. Razão porque a detracção se incorporava pouco e pouco, até ser recebida como facto consummado.

Os conegos, que não eram mais virtuosos que elle, mostravam-se escandalisados das torpezas do seu collega, e queriam que o prelado os desultrajasse do odioso que reflectia na corporação. O bispo via-se entalado entre certos compromissos que o prendiam ao arcediago, e as instancias reiteradas do chantre, e do deão, que eram mais discretos nas suas torpezas, porque nunca tinham cahido na immoralidade de dotar as mães dos seus filhos para casarem.

A indignação publica urrou no paço episcopal; e o principe da igreja receou que a mitra lhe cahisse com deshonra da cabeça, e metteu o arcediago em processo.

Estas deploraveis scenas passavam-se, mezes depois que Rosa Guilhermina e a sua amiga vieram de Ramalde para o Porto. Rosa observava a inquietação de seu pae nas poucas horas que se demorava em casa. Interrogaram-no ambas muitas vezes, e não poderam saber nunca a afflicção que o atormentava.

O processo corria, quando o bispo deu uma audiencia secreta ao arcediago. O fim d'essa practica d'amigo, e não de juiz, era aconselhal-o, que fugisse immediatamente de Portugal, e que esperasse lá fóra que a borrasca serenasse, e depois viria.

O arcediago annuiu.

Com as lagrimas nos olhos, e sua filha nos braços, revelou-lhe que uma grande desgraça o obrigava a sahir da patria. Mandou-a entrar outra vez no recolhimento. Estabeleceu uma pensão a Maria Elisa. Deixou outra a Anna do Carmo, e partiu para Hespanha com todos os seus cabedaes, excepto as quantias que o honrado negociante Antonio José da Silva mensalmente devia repartir pelas tres, se eram só tres as pensionadas da illustre victima de padre João Pires.

Anna do Carmo sabia que sua filha existia no convento; mas, por ordem expressa do pae, não a procurava. Vivia com honra, e recebia pontualmente a sua mesada.

Rosa ignorava a existencia de sua mãe, tinha de longe a longe saudades do pae; mas isso não era forte razão para que deixasse de comprar a melhor edição do Cavalheiro de Faublás, que traduzia perfeitamente com a sua amiga, graças aos cuidados do pae em mandal-a aprender o francez durante um anno que esteve na casa do Laranjal.

Mr. Hemerin vivia em Paris, e vivia perfeitamente da quantia que lhe fôra dada com a condição de cohonestar as relações da mulher com o padre: missão aliás christã que o maldito não quiz desempenhar christanmente, e encarou com a melhor philosophia do mundo.

O arcediago vivia em Madrid, e gastava o seu tempo

n'um convento de Therezinhas, onde lhe não faltava delicias para o espirito, e parece que as melhores esperanças para tudo que os philosophos teimam em dizer que não é espirito.

Padre João Pires, esse, contentissimo de ter resolvido o problema de Sant'Thiago, veio um dia procurar o livreiro para comprar-lhe — *El sabio instruido de la naturaleza*, — e soube, no livreiro visinho, a catastrophe do arcediago.

Citou quatro textos em latim ácerca da obscenidade, disse tudo o que sabia a tal respeito, confirmou minuciosamente todos os escandalos da vida de padre Leonardo, e foi dizer missa á Misericordia, e ouvir de confissão a senhora Angelica, que, por um triz, ia ficando sem absolvição, por ter murmurado da senhora Anna Canastreira, e da mulher do João Pereira, do chinó.

O senhor Antonio José da Silva, recobrado dos dissabores por que passára, restaurava as banhas perdidas do seu lustroso cachaço, e continuava a suar copiosamente.

E o senhor João Retrozeiro, finalmente, lia com o maior prazer a sua mulher as cartas de seu filho José Bento, que estava no Rio de Janeiro ganhando duzentos mil reis como segundo caixeiro de um armazem de molhados, onde o não forçavam a conjugar o atrocissimo verbo *laudo*.

CAPITULO X.

Corria tudo fastidiosamente regular e monotono, menos para o espirito das duas amigas, que progrediam d'um modo admiravel na sciencia das cousas, e na theoria do mundo estudada nos livros. Todas as suas economias de tempo e dinheiro, que lhe sobejavam á farta, empregavam-nas em novellas francezas, que uma criada, das que as serviam cá fóra, lhe introduzia no recolhimento, com pequena commissão.

Maria Elisa se dissermos que era uma litterata, não nos fica o remorso de ter mentido. A prova de que o era dá-se com bem pouco: basta dizer que duvidava da efficacia da reza, e dos preceitos mais fundamentaes da sua religião da infancia. Fallava na religião natural, e sabia de cór a *Voz da Razão*, e a *Pavorosa illusão da Eternidade*.

Rosa Guilhermina era litterata metade e mais um terço. Não acreditava na reza, nem nos sanctos da regente: mas tinha fé na existencia de Deus! Não era consummada como a sua amiga, que punha todo o desvelo em instruil-a e aperfeiçoal-a.

Era corrido um anno. As meninas entravam nos dezesete, e já não eram as creanças zombeteiras que traquinavam na cêrca, e irritavam as velhas da casa com travessuras.

Convencidas de que eram senhoras, revestiram-se da dignidade propria, deram-se um ar de pensadoras, mediam as suas palavras sentenciosas, olhavam com desdenhosa insolencia a ignorancia das companheiras, desdenhavam o beaterio de muitas que lhes não mereciam o

favor das suas reflexões, e, com algumas, dignaram-se descer até lhes confiarem o segredo da philosophia, o dogma sublime da razão. Se quereis em duas palavras comprehender a illustrada extravagancia das duas meninas, sabei que o seu quarto era intitulado por ellas: *hotel de Rembouillet* (*).

D. Rosa recebia regularmente estremosas cartas de seu pae, que não tinha expressões com que podésse encarecer o talento de sua filha, manifestado nas apparatosas cartas, que lhe enviava.

A ultima, que elle lhe escrevêra de Madrid, annunciava a sua proxima vinda para Portugal. Bem informado, o arcediago sabia que as linguas mordentes dos seus inimigos estavam cansadas, e que o processo, ao cabo d'um anno, estava esquecido.

Depois da carta, que promettia a sua vinda, que devia abrir outra vez as portas da clausura ás litteratas, as anciosas meninas receberam outra em que o padre lhes dizia que, em determinado dia, viria abraçal-as, e que fossem dispondo a sua immediata sahida para Lisboa, onde elle tencionava estabelecer casa.

De igual theor recebeu a mãe de Rosa a fausta noticia, e cada qual não tinha socego em preparar as suas cousas de modo que se não fizessem esperar.

Era chegado o festivo dia. D. Rosa com a sua amiga, para não perderem tempo, já tinham feito as suas despedidas; Anna do Carmo tinha fóra dos bahús o indispensavel para as poucas horas de existencia no Porto; umas e outras não sahiam da portaria ou da janella para felicitarem o amante e o pae e o carinhoso protector, quando o senhor Antonio José da Silva rolou a sua rotunda personagem no pateo do recolhimento.

(*) Foi assim chamada a assembléa de illustrações scientificas na França, em que avultavam a marqueza de Lafayette, Lacralpenede, Mme de Sevigné, Jullie de Angennes, e outras que se davam o titulo de *preciosas*, baptisando-se com nomenclaturas gregas, e praticando em linguagem privativa d'ellas. Moliére, o grande espirito, que espancou da França o *ridiculo* com o *ridiculo*, pôz esta gente em scena, nas comedias — *As Preciosas Ridiculas*, e *As Mulheres Sabias*. O hotel de Rembouillet não resistiu a Moliére.

Rosa, ao vêl-o pelo raro, recuou assustada da inesperada visita. O negociante perguntou pela filha do arcediago de Barroso, e a porteira, industriada pela menina, perguntou-lhe se o senhor arcediago tinha vindo.

— O senhor arcediago — respondeu o negociante com a commoção de que era susceptivel — o senhor arcediago... está na presença de Deus...

— Morreu?! — exclamaram as meninas!

— E' verdade... Faz favor de me chamar a menina.

— Estou aqui, senhor Silva... Pois é verdade que morreu meu pae?

— Desgraçadamente... Acabo de receber um portador de Madrid... As suas ultimas palavras, foram estas: « Eu morro... vão dizêl-o á rua das Flores, no Porto, a um negociante chamado Antonio José da Silva. » Morreu de uma apoplexia... Deus tenha a sua alma na bemaventurança...

— Isso é impossivel!... — atalhou Rosa, soluçando e chorando.

— Pois é tão certo como estarmos aqui, senhora D. Rosa... O peor é que o grosso dinheiro que seu pae levou, sabe Deus por que mãos andará a estas horas!...

— E eu fiquei pobre, não é assim? — atalhou a litterata, que considerava a riqueza como o primeiro dogma dos sublimes dogmas da razão.

— Pobre... não, senhora — respondeu o negociante, enxugando uma lagrima importuna — A menina está perfilhada. Eu tenho a perfilhação em meu poder. Ainda mesmo que não appareça o dinheiro, que elle levou, o seu patrimonio vale bem quarenta a cincoenta mil cruzados. E' a quinta de Ramalde, são dous predios na cidade, e as pratas de seu pae, que estão em minha casa, só essas valem bem seis mil cruzados, a olhos fechados. O que é necessario é fazer-se um conselho de familia, e bom será que a menina sáia do recolhimento para tomar conta da casa de seu pae.

Pergunta d'aqui, resposta d'acolá, convieram em que a menina sahisse, passados tres dias, durante os quaes recebeu visitas no seu quarto, e chorou alguns instantes sinceramente.

Maria Elisa, como philosopha e boa amiga, animou-a a resignar-se, convencendo-a de que a morte era a condição da vida, e que as lagrimas não resuscitavam ninguem. Rosa conveio n'isso em nome da illustração do seu elevado espirito, e assentou em mostrar-se intrepida na dôr.

Portador da infausta nova, o negociante foi dar o tremendo golpe na pobre esposa sem marido, e na amante sem amparo, que devia sentil-o mais profundo. Ahi, sim: havia uma verdadeira dôr, a consciencia de desamparo, a invalidez na quasi velhice sem refugio. Restava-lhe uma esperança: era sua filha; mas essa filha não lhe bebêra o leite, não lhe sentira os beijos, não lhe vira as lagrimas, nunca lhe chamára mãe.

Por encurtar razões, o franco negociante foi-lhe dizendo que em seu poder não estava dinheiro algum, e que tratasse ella de procurar o amparo de sua filha que era a herdeira do arcediago.

Ao quarto dia, D. Rosa Guilhermina com a sua amiga occupavam a casa do Laranjal, tomavam as antigas criadas, e consultavam-se no que deviam fazer, ou se acceitariam as condições que algum impertinente tutor lhes impozesse.

— Eu não posso dizer nada em tal assumpto — respondeu Elisa — Sou absolutamente estranha n'este objecto; não obstante, como tua amiga intima, entendo que não deves sujeitar o teu coração ás barbaras leis d'algum barbaro tutor.

Já veem como era o estilo de Elisa; agora admirem o de Rosa:

— Dizes bem, minha terna amiga. Se a parca me roubou o pae, não serei ludibrio da morte, porque vivo ainda. Não quero mais reclusão, nem o convento para mim foi feito. Quero a liberdade, porque o meu coração é livre. Eu e tu temos bastante philosophia para nos sabermos guiar na estrada tortuosa do mundo. Conhecemos a sociedade pela leitura; saberemos evitar os abysmos, renderemos os nossos corações aos ardentes votos d'algum amor digno de nós, e viveremos juntas pelo espirito, assim como temos vivido pela intelligencia.

Fallou bem. Tudo, que dissesse depois d'isto, seria

uma redundancia. Não ha nada a desejar aqui. Optima resolução, exemplar programma, e invejavel talento!

Nomeado conselho de familia, a orphã foi consultada pelo tutor, homem probo, escolhido pelo senhor Silva. A menina espivitada respondeu em alto estilo, e o tutor retirou-se maravilhado da pupila, e disse em plena reunião dos membros do conselho de familia que ella era muito *pronostica*, e que fallava com cabeça. Os outros membros não duvidaram acreditol-o, e consentiram em que a menina fosse entregue dos seus rendimentos, e vivesse fóra do recolhimento.

Contentes da sua sorte, as duas litteratas, cada vez mais ricas de sciencia, achavam já que o seu espirito não saboreava a simples nutrição dos romances, e queriam mergulhar no oceano da sabedoria. Talhavam o seu plano de instrucção; lastimavam a soledade em que viviam duas almas devorando-se no proprio fogo, e sentiam a falta de uma sociedade mais ampla que as admirasse, ou de espiritos illustrados que as conduzissem á luminosa região das sciencias ignoradas ao seu desherdado sexo.

Tudo isto era muito bonito; a tal respeito diziam-se cousas admiraveis, quando, no mais acalorado do projecto, D. Rosa Guilhermina Taveira recebeu a seguinte carta:

« *Minha filha. Ignoras talvez que a morte de teu pae*
« *deixou n'este mundo uma mulher desvalida. Esta mu-*
« *lher é tua mãe, e terá brevemente necessidade d'um bo-*
« *cado de pão. Quando esse momento vier, não o negues*
« *á infeliz Anna do Carmo, que irá mendigal-o á tua*
« *porta. Vivo na rua Direita n.° 25.* »

Esta carta, lida em sobresalto, produziu em Rosa uma sensação inqualificavel. Elisa, queria vêr esta carta, e a sua amiga não lh'a mostrava.

— Será namoro?! — perguntou Elisa com azedume e admiração — Diz, Rosa! tu não me respondes? Deixa-me vêr essa mysteriosa carta! E' epistola amorosa?

— Não, minha amiga... E' uma carta, que não te mostro!... Não devo mostrar-t'a...

— Oh céos! que estranha carta é esta! Não sou eu,

por ventura, a tua amiga, a confidente dos teus segredos?

—És... mas ha segredos que se não dizem...

—Pois bem: eu calarei a minha ancia, e não farei jámais de amiga para todos os teus cuidados, Rosa.

O portador esperava a resposta.

A filha de Anna do Carmo sahiu de ao pé da importuna confidente, tirou da gaveta do seu toucador quatro cruzados novos, embrulhou-os em um retalho de sêda preta, entregou-os ao portador, sem lhe dizer palavra, e rasgou a carta.

Quando voltou, chorava Elisa, em ar de arrufada amante. Rosa, mais tranquilla, se era possivel uma consciencia boa, depois de tão generosa acção, serenou a susceptibilidade da sua melindrosa amiga com esta revelação:

—Olha, querida amiga, faz comigo as pazes. Eu te digo o que se passa. A carta, que recebi e devolvi pelo portador, era uma supplica de uma pobre amante de meu pae, que me pedia uma esmola. Fez-me tanta pena, que me vestiu de lucto o coração! Como pensei que era aquelle um deshonroso segredo para meu pae, nem dizer-t'o a ti, cara amiga, eu julguei que me era nobre. Ora aqui tens...

—E mandaste-lhe o beneficio supplicado?

—Mandei...

—Fizeste bem... Pobre mulher, abandonada, não devia achar fechadas as portas da alma que sahiu do peito amante. Perdôa o meu ressentimento, querida Rosinha...

E com estas e outras finezas passaram uma hora, ao fim da qual voltava o portador, que levára o dinheiro, e entregava á senhora D. Rosa Guilhermina outra carta, acompanhando os quatro cruzados novos. A carta dizia assim:

« *Minha filha. A esmola é muito avultada para uma*
« *mãe. Quando eu tiver fome, irei pedir-te um bocadi-*
« *nho de pão.* »

Rosa fez-se da côr do lacre, e fugiu de ao pé da sua amiga.

CAPITULO XI.

Anna do Carmo, quando pensava em escrever a sua filha, dizia-lhe o coração que a não procurasse, porque seria recebida com má vontade. Fallava-lhe assim o coração, porque n'aquelle peito não batia o coração de mãe.

E não.

A amante do arcediago víra, sem lagrimas, levar aquella menina do seu ventre para os braços mercenarios de uma ama de expostos. Não estendeu os seus, supplicando que lhe não roubassem a filha da sua alma, e da sua deshonra. Não pediu ao pae desnaturado que lh'a désse em compensação da renuncia, que ella fizera da sua dignidade. Não saltou, esvaída de sangue, fóra do leito, procurando resgatar a creancinha que deveria dar-lhe em amor de filha o premio da sua ignominia de amante.

Viu-a ir, impassivel! Nunca lhe deu que pensar o destino da creança. Nunca sentiu o remorso do infanticidio. Nunca se lembrou que a desgraçada menina, que viu a chorar com frio e fome nas lages da rua, poderia ser a sua filha.

Os annos correram. O arcediago lançou um olhar melancolico ao futuro. Ambicionou uma herdeira, que fruisse o grosso cabedal que amontoava. E lembrou-se de ter assignalado, cinco annos antes, aquella engeitada.

Procurou-a com zêlo de pae; encontrou-a entre as meninas desamparadas, pállida de fome, e vestida de farrapos, apresentou-a a sua mãe, e sua mãe encarou-a

serenamente, deu-lhe um beijo frio, e aconselhou o pae que a mandasse para um collegio.

Quando o pae extremoso, cheio de saudades, mandava buscar sua filha de seis annos, com os seus lindos cabellos louros, e os seus labios radiosos de innocentes sorrisos de gratidão, Anna do Carmo achava enfadonhas as repetidas visitas, e zangava-se asperamente se a menina batia com faca no prato, ou pedia dôces para dar ás suas companheiras.

Espanta-vos esta dureza d'alma? Entrai na enfermaria das que vão ser mães, debaixo das telhas da Misericordia. Reparai n'esta, que prepara risonhamente o cueiro e a faxa que ha-de levar seu filho ao monturo dos filhos sem mãe. Olhai aquella que jura que o seu seio não tem nutrição para que a não obriguem a crear o seu filho. Vêde além outra, que crava as unhas no menino, que tem ao peito, para que os dolorosos vagidos da creança accusem a fome, e a seccura d'aquelle seio, que tem dentro morto o coração.

« Diante d'este quadro hediondo, tenho duvidado do amor materno! Compungido por esta verdade atroz, tenho collocado a hyena n'um grau de sensibilidade superior á mulher! » dizia-me um illustrado professor de medicina (*), que me expunha estes lances com as lagrimas nos olhos.

Não duvideis, pois, mães! Anna do Carmo chegaria sua filha ao seio; mas aquelle sangue não se alvoroçava nas arterias. Tocar-lhe-hia os labios com os seus, mas aquelle beijo fôra sempre a banal formalidade, que se barateia por ahi,em cada cara que vos saúda.

Sobejavam-lhe razões para recear o desprêso da filha. A dura experiencia dissera-lhe que o castigo sobre a terra era infallivel.

Se aquella mulher tivesse sido á mãe d'aquella menina, sentiria um estimulo superior impellindo-a para ella. Iria, coberta de farrapos, lançar-se nos braços de sua filha, radiante de velludos e brilhantes. Iria, sem pejo, na presença de todo o mundo abraçar essa filha,

---

(*) O já morto Joseph Gregorio Lopes da Camara Sinval.
(Nota da 2.ª edição).

com a certeza de que Rosa exclamaria na presença de todo o mundo: «esta desgraçada mulher é minha mãe!» Pediu que lhe escrevessem uma carta; mas essas poucas palavras, que parecem o enigma d'uma grande dôr, nem suas eram. Foi uma cabeça fria, e um coração estranho, que as dictou; porque, na alma d'ella, estava a irresolução gelada, o presagio do desprêso, o espinho da consciencia, precursor d'um grande castigo.

Quando recebeu, como resposta á sua carta, o silencio, e quatro cruzados novos, Anna do Carmo sentiu-se assaltada pelo orgulho que não era orgulho de mãe. Era um rancor, que reagia ao desprêso, uma altivez que caracterisa as almas pequenas, e não essa nobre independencia, que nos manda atirar á cara do falso bemfeitor uma esmola, quando nos não é delicadamente dada como quitação d'uma divida.

Foi ella quem repelliu a esmola; mas não foi ella quem redigiu o bilhete que acompanhava a remessa. Por sua vontade, aquelle bilhete devia ser um insulto e uma ameaça; mas a pessoa que o escrevêra previu que a mãe de Rosa seria brevemente uma mendiga, e precisaria de humilhar-se a estranhos, por ter sido soberba com sua filha.

Rosa Guilhermina meditou aquelle bilhete, e sentiu em si uma transformação repentina.

Ha pouco ainda, teve vergonha de declarar á sua amiga que sua mãe existia, e vinha pedir-lhe uma esmola; e agora é ella que sente a dura precisão de revelar a Elisa todo o seu segredo.

Elisa ouviu-a, e reprehendeu-a da inconfidencia, que a não lisongeava nada. Depois, aconselhou-a que désse uma mesada a essa pobre mulher, se a não queria receber em casa na qualidade de mãe.

Rosa optou pela mesada, e escreveu immediatamente uma carta a sua mãe com a direcção que lhe fôra indicada. Esta carta chegou nos assomos freneticos de Anna do Carmo. Sahiu com a carta para que lh'a lêssem: ouviu-a cada vez mais colerica, supposto que as phrases fossem brandas, e carinhosas. A offerta da filha era uma boa mesada, que permittisse a decencia de sua mãe. Anna

tomou a carta com arremêsso, rasgou-a, e disse á portadora:

« Diga a essa desavergonhada que não preciso de suas « mesadas; e que, se torna a mandar aqui alguem, que « atiro pelas escadas abaixo quem cá vier... Pegue lá.... « dê-lhe a carta rasgada. »

D. Rosa, quando ouviu semelhante resposta, voltou-se para a sua amiga, como quem pede um conselho:

— Não tens mais passo algum a dar — disse Elisa — Mulher que assim responde não é tua mãe: isso é uma impostora! Faz de conta que este incidente não veio perturbar a nossa felicidade... Será tua mãe: mas só te conhece agora, que és rica, e ella pobre. Tal mulher não é digna de chamar-te filha!... Que lhe deves tu? O nascimento? Grande favor!... Se teu pae não tivesse esta riqueza, que te deixou, o que serias tu? Uma filha sem mãe, abandonada de todos, e despresivel aos olhos da propria que te atirou ao mundo como quem atira ao chão as rosas murchas, que lhe serviram de prazer e ornato!...

Quer fosse o estilo assoprado de Maria Elisa, quer fosse a negação completa do coração de Rosa a essa estranha mulher, que lhe chamava filha, o certo é que os escrupulos e temores desappareceram, e o importuno successo não impressionou muitos dias o espirito da leviana moça, que se demorava pouco nas mesquinharias d'este globo.

O rapido desvanecimento das idéas funebres do caso, deve-se á visita da senhora Angelica que não veio mais cêdo por ter estado ás portas da morte com um catharro, que lhe cahira nos bofes, como ella se explicava subindo as escadas.

— A senhora D. Angelica por aqui! — disse Rosa descendo a recebêl-a.

— Deixemo-nos de *dom*. Cada qual é como cada um. Eu cá sou filha de negociante; e não quero essas trapalhadas da fidalguia. Então, como passa a minha menina?

— Muito boa, e a senhora Angelica doentinha, não é assim?

— Deus louvado, vou melhor dos bofes; mas, acho que tenho aqui no costado, salvo tal lugar, um lobinho, que hei-de queimar com a massa.

Elisa tinha o lenço na bôca, para suffocar o riso.

— Então, esta menina é que é a sua amiga?

— Tenho a gloria de merecer tal nome — respondeu Elisa.

— Por muitos annos e bons... Então vm.ce de quem é filha, ainda que eu seja confiada?

— Meus paes ceifou-os a dura fouce da parca.

— A Parca? não conheço essa senhora. Sua mãe chama-se a senhora Parca?

— Não, senhora — atalhou Rosa, porque a sua amiga não podia responder, suffocando com uma gargalhada — A mãe d'esta menina, e tambem o pae, morreram já.

— Ah! sim? pois Deus lhes falle n'alma, e elles a abençoem no céo, que é bem galantinha... Porque não vai ser freira, minha menina?

— As almas livres não querem ferros. Umas nascem para o culto dos templos, outras vêem o altar de Deus na natureza.

— Ella que diz? perguntou a velha a Rosa.

— Diz que não nasceu para freira.

— Não diga isso, menina, que é peccado. Todos nascemos para o serviço de Deus, e deve ir para carmelita, que é uma ordem muito apertada, e ganha-se o céo, com a pobreza, e a paciencia.

— O céo ganha-se com os vôos do espirito.

— Que é? os avôs do esprito? Não creia n'isso; nas carmelitas não ha espritos ruins..... Ri-se? ora queira Deus que não chore ainda... Quem lhe disse que andavam espritos nas carmelitas? Olha as santinhas! coitadas!... E' cousa que não consta é esprito nas carmelitas... Isso creio eu; mas por isso mesmo é que a materia me não convida. O grande espirito é Deus.

— Jesus! que heresia! A menina parece-me douda!..

— Não é, não, senhora Angelica... E' porque ella falla sempre em alto estilo...

— *Estilo!...* que é isso de estilo!...

— A sua linguagem é mais sublime que a costumada entre pessoas sem luzes.

— Sem luzes!... Eu não vos entendo, raparigas! V.m.ces aprenderam o latim?

— Não, minha senhora — disse Elisa — a nossa lin-

gua é portugueza, e as nossas phrases tem o toque da superioridade, que nem todos os espiritos alcançam!

—E ella a dar-lhe com os espritos!... Parecem-me doudas! Quem vos ensinou esse palavriado de latinorios e berliques-berloques que ninguem entende? E' isso o que vós aprendeis no recolhimento? Deixai-vos d'essas tolices, e fallai como a outra gente da nossa laia.

—Da nossa?—disse Elisa—Não lisongeia a miscellanea.

—Miscellanea!... quem é a miscellanea? Eu não a entendo!... Ella que diz, Rosa?

—Diz que as pessoas instruidas...

—Pessoas estruidas, Deus nos livre d'ellas... Olha como ella se ri!... Esta rapariga tem aduella de menos; não tem, Rosinha?

—Tem aduella de mais... E' uma senhora muito esperta, sabe francez, e faz poesias.

—Eu a arrenego! pois ella é como os homens, que vão alli berrar debaixo das janellas das freiras, a botar versos para cima?

—E' verdade... Eu faço versos; a musa favorece-me: o Pégaso vôa comigo á apolinea fonte, e converso com os deuses na Castallia.

—Ella parece lá d'esses reinos estrangeiros!—disse, torcendo o nariz, a senhora Angelica.

—Sou lusitana, não nego a patria. Nasci nas margens do patrio Douro.

—Nasceu no Douro? Então isso como foi? Sua mãe teve-a no rio? Vinha, talvez no barco... pobre mulhersinha!... E ella a rir-se!... Ella não está boa!...

—Desaperta-me, Rosa, que eu arrebento—exclamou, suffocada de riso, Elisa.

—Eu não n'o disse? Eu logo vi que ella não estava boa!... Isto é cousa má que se lhe metteu no corpo... Dizem que o demonio ás vezes falla de modo que só o entendem os padres. Quer a menina que eu vá chamar-lhe um fradinho de muita virtude, para lhe lêr os inzorcismos?

—Minha alma detesta o frade.

—E' frade de testa... e de cabeça... é muito sabio... Eu vou buscal-o...

A senhora Angelica atirava com a côca da mantilha para a cabeça, e preparava-se para sahir em cata do frade, quando Rosa, perdida tambem com riso, lhe acenou que não fosse.

A parvoice sinceramente estupenda estava pintada na indescriptivel physionomia da velha.

— Sabeis que mais? não me entendo comvosco! Não sei o que pareceis! Ou vós estaes doudas, ou a graça de Deus vos desamparou!

— Venha cá, senhora Angelica, fallemos sérias... Eu sou sua amiga, e Maria Elisa tambem o é. Nenhuma de nós está vexada do espirito mau... é porque vm.ce não nos entende, e pensa que a nossa linguagem não é do mundo dos mortaes. Eu sou a mesma Rosa, muito sua amiga, e sinto immenso prazer em vêl-a n'esta sua casa, e quero que venha cá muitas vezes.

— Agora já entendo o que me diz... A gente deve fallar como falla todo o mundo. O latim é lá cousa dos prégadores, e dos doutores. Uma mulher em sabendo a ladainha e a *Magnifica*, sabe o latim preciso para a salvação... Com que assim, minha Rosinha... Como se dá por aqui?

— Muito bem.

— E a outra menina?

— Plenamente jubilosa.

— Ella lá torna com o berzabum dos latinorios!... Valha-a Nossa Senhora!

— O' Maria Elisa, falla em baixo estilo... humanisa-te.

— Repugna-me. Não sei manchar a lingua de iguaria indigna.

— Que diz ella? que eu sou indigna?

— Não, senhora; diz que não póde fallar como nós.

— Pois então que esteja calada... O' Rosinha, eu queria-lhe uma palavra em particular.

— Pois sim; iremos para o meu quarto... eu venho já, Elisa.

— Vai... mas guarda-te do filtro da Gorgona fatal.

— Ella lá fica com os gorgues, gorgues!... má mez para ella! — murmurou a senhora Angelica.

CAPITULO XII.

—Ora venha cá, Rosinha... — disse a senhora Angelica, pendurando a mantilha na porta, e acócorando-se n'um tapete, que ella suppoz ser feito para isso — Sente-se ao pé de mim.

— Eu não gosto d'essa posição, que é incommodativa. Sento-me n'esta cadeirinha.

— Pois sim; mas chegue-se bem para mim, que não quero que nos ouça a sua amiga. Deus me perdôe, mas não engraço com os modos d'ella... Aquillo não ha-de ter bom fim... Tem muito palavriado... Ora diga-me, de que presta aquella rapariga?

— De muito; é a minha amiga do coração; conheço-a ha dous annos; quero-lhe como a ninguem, e basta.

— Está dito... Pelo que vejo, aqui não ha rei nem roque; e quem governa é vm.^ce^, não é verdade?

— E' sim, senhora. Quem governa em minha casa sou eu.

— Pois, minha menina, precisa de quem a governe. Os tempos não vão bons para as donzellas. Deus me perdôe se pecco, mas o diabo anda ás soltas entre as raparigas desde que os francezes vieram lá do fim do mundo ao Porto. No meu tempo não se ouvia dizer que uma rapariga namorava este nem aquelle. Hoje, bemdito seja Deus, quem tiver raparigas em casa, traga-lhe o olho em cima, senão, quando mal se precata, os peralvilhos... nem pensal-o é bom... E más linguas? isso então é um louvar a Deus! Pois aquella grande bebada da mulher do retrozeiro, que mora defronte de mim, não foi dizer

ao meu Antonio que eu, quando era moça... em nome do padre, e do filho, e do espirito santo... Cal-te bôca... Olhe que sempre! Ninguem diga que está bem! Uma desavergonhada assim! Estar eu mansa e quêda em minha casa, amando e servindo a Deus como posso, e nemja como devo, e vae senão quando aquella lingua damnada não teve o ousio de fallar da minha conducta, que não teve nunca tanto como isto que se lhe pozesse (*mostrando-lhe a ponta do dêdo*)! Ahi está por que Deus não manda chuva, e mandou a praga dos francezes para nosso castigo... é por causa da Anna Canastreira, e outras que taes... Aquella grande regateira! Atrever-se a pôr a bôca na minha honra! E ella? A porca, que andou... Cal-te bôca... E tem áquella de fallar em mim; que fui sempre como as estrellas, e que nunca houve na rua quem dissesse, com verdade, que me viu piscar o olho ao congregado, nem ao conego Anselmo! Inda a lingua se lhe tôlha, e descanço não tenha ella de dia nem de noite sem me pedir perdão...

— Então é isso o que precisa dizer-me, senhora Angelica?

— Inda não chegamos lá, Rosinha. Isto vinha a respeito de dizer que as donzellas não estão seguras com esses melcatrefes que por ahi andam d'oculos, e polainas, que me parecem mesmo o demonio tentador!...

— Elles tentam-na, senhora Angelica?

— A mim? para cá é que elles vem bem!... Eu os arrenego! Assim que os vejo ao longe, rezo o credo em cruz...

— E perseguem-na os peralvilhos?

— Hão-te ter bom olho... Elles só perseguem as que lhe dão trela. A mim? isso sim!... Inda não ha muito que um mariola me puxou pela mantilha, ao sahir da Capella das Almas, e eu voltei-me-para elle... não lhe digo nada... apenas me viu, aquillo foi como se lhe désse com um sedeiro na cara, voltou logo o focinho. Está-se a rir, Rosinha? E' como lhe digo. Os homens, em vendo má cara nas mulheres, não tenha mêdo que elles se atrevam... E mais eu agora já não sou o que era... estou muito acabada... estes malditos lobinhos, que me vem todos os annos ao costado, fazem-me de fel e vinagre.

D'antes quando eu era a flôr das donzellas, isso é que se podiam vêr os peraltas com o nariz no ar por minha causa... Pois, olhe, viam-me com os olhos e comiam-me com a testa... Uma rapariga quer-se honestinha; e quanto mais vamos inda peor é. Está dito... agora vamos começar o nosso arranjo.

— O nosso arranjo?! Que arranjo temos nós, senhora Angelica?

— Nada de pressa... ha muito tempo para morrer... Ora vamos, Rosinha... inda está dos mesmos himores de ha dous annos?

— Que humores? não me lembra quaes eram....

— A respeito do seu matrimonio com o meu Antonio.

— Ah! nem me lembrava essa brincadeira... Sim, minha boa senhora, ainda estou, e estarei, resolvida a não casar com o senhor Antonio.

Maria Elisa, pé ante pé, viera collocar-se atraz de Angelica fazendo-lhe carantonhas, que obrigaram Rosa a sentar-se de ilharga por não poder conter o riso.

— Com que então está na mesma!... Ora, se Deus quizer, a sua cabecinha ha-de mudar. Pense bem no caso, Rosinha. Lembre-se que meu irmão não sabe o que tem de seu. Lá, se é velho, olhe que faz dar a agua pela barba aos novos. Não vê aquellas côres, que elle tem? Olhe que alli onde o vê, inda tem muita força. Come-lhe bem, e está gordo como um tanho...

— Bem sei que está gordo; mas que me importa a mim a gordura de seu irmão? Como não quero vendêl-o a pêso...

— Isso não é resposta de menina honesta, Rosinha. Não se ponha a rir... Acho que já tem as manhas da sua amiga. Foi ella que lhe disse que não quizesse o meu Antonio? Tomara-o ella.

— Pois offereça-lh'o.

— Que se lave... Olha a labisgoia! Se meu irmão se via com aquella tartamuda, que ninguem a entende, entisicava, meu querido irmão do meu peito! E ella tem legitima?

— Quem, a minha amiga? é muito rica, por morte de duas tias, que são pouco mais ou menos da sua idade, senhora Angelica.

— Da minha idade? Então ainda podem viver muito, e tarde virá a legitima...

— Quantos annos tem, senhora Angelica?

— Quem, eu? eu lhe digo... Eu sou mais velha que o meu Antonio, que é da idade do Joaquim Antunes, casado com a Theresinha dos Loyos, e que se lembra de ouvir dizer a sua mãe que o meu Antonio era da idade do senhor Joaquim, e eu sou da idade da senhora Brisida, que dizia minha tia Aniceta que nascêra ao mesmo tempo, e se baptisára no mesmo dia com o Thimoteo, que ninguem ha-de dizer a idade que tem.

— E' o mesmo que acontece a seu respeito, depois da sua conta, senhora Angelica.

— Pois é verdade; eu o que tenho é estar acabada; mas meu irmão está gordo e fero como sempre o conheci. Quizesse elle casamentos que lhe não faltavam.

— Pois, senhora Angelica, sinto muito dizer-lhe que não me sinto deliberada a casar com seu irmão, e que provavelmente ficarei solteira, porque não tenho vocação para o casamento. Acho-me em extremo inclinada ao celibato.

— Quem é esse Celibato? Olhe lá que não vá ser algum pandilha que lhe quer pilhar a legitima!... Eu não conheço esse senhor Celibato... é negociante?

— Nada; é um cadete... — disse Rosa mordendo o riso nos beiços.

— Ah! um cadete, chamado Celibato... Conheço muito bem; ouvi fallar n'elle... é um grande tratante. Não queira esse bigorrilhas.

— Ah! que malvado! Eu não sabia que o senhor Celibato José...

— E' verdade, Celibato José... já me esquecia...

— Da Cunha...

— Sim, sim... da Cunha; é o mesmo, tal e qual! Ora vê como eu lhe vali, Rosinha?

— Agradecida, minha amiga. Detesto esse tyranno! Guardarei meu coração para outro esponsalicio...

— Esponsalicio! parece-me que conheço esse senhor Esponsalicio...

— E' um rico proprietario...

— Enganaram-na, Rosinha. Esse Esponsalicio...

— Da Costa...

— E' o mesmo... louvado seja Deus, que me trouxe aqui!... Esse Esponsalicio da Costa é um traficante, que enganou a filha d'uma minha amiga, e que diz á bôca cheia que não quer casar com nenhuma. Não caia em lhe receber palavra de casamento, Rosa... Deus a guarde d'essa tentação!...

— Nenhum d'elles, pois, é digno do hymeneu?

— O Hymeneu! Apre! que são muitos. Eu tenho ouvido fallar n'essa pessoa... Inda outro dia a mulher do João Pereira, que tem chinó, estava a fallar mal d'elle. Não póde ser grande pessoa, porque anda mettido com tal mulher...

— Pois bem: farei um juramento. Não casarei com o senhor Celibato!

— Bonita...

— Nem com o senhor Esponsalicio!

— Ora, pois.

— Nem com o senhor Hymeneu!

— Isso é que se chama ter a cabeça no seu lugar.

— Nem com o senhor Antonio!

— Valha-a Deus, menina, valha-a Deus, que tem o passaro na mão, e deixa-o fugir!... Case com o meu Antonio, e verá que pimpona elle a traz!...

— Fiz voto de morrer solteira. Os meus votos são infalliveis. Serei como as Vestaes.

— As bestiaes! Deus a livre d'isso! A menina tem alma, e não póde ser bestial...

— O mais que posso é convidar a minha amiga a receber a terna dextra do ditoso Adonis!...

— Que diz, Rosinha? Parecia-me agora a outra! Onde vos ensinaram esses aranzeis?...

— Pódes entrar Maria Elisa — disse Rosa, que não podia supportar as caretas que a sua amiga fazia.

— Então ella ahi vem com os latinorios... Vou-me embora, com a graça de Deus.

— Espere, senhora D. Angelica — disse Maria Elisa com burlesca formalidade — Muito ha, ditosa irmã do mais ditoso Adonis, que eu suspirava por apascentar meus famintos olhos no manjar succulento das rosadas faces do senhor Antonio José da Silva, vosso mano, e querido

meu. Vi-o uma vez. Vêl-o e amal-o foi obra d'um momento. Nunca mais meus olhos tristes provaram os carinhosos afagos de Morpheu. De noite era elle o meu pensamento; de dia o meu pensamento era elle; elle era de dia e de noite o sangue das minhas veias, o fogo ardente do meu coração, o nome mais appetitoso da minha lingua, e a lingua mais eloquente da minha alma.

—Está douda!... Resmungou a velha, voltando-se para Rosa.

—Douda! disse Elisa — douda d'amor! Cupido, que me varaste o coração de ervada setta, porque não feres o coração de Antonio José?

—Está apaixonada por elle... murmurou Rosa ao ouvido de Angelica, que principiava a acreditar a naturalidade d'aquella dôr sublime.

—Será verdade, Rosinha?

—Não vê como ella soluça.

Maria Elisa retirava-se com o lenço nos olhos para esconder o riso, na janella.

—Ella viu meu irmão?

—Viu, no pateo do recolhimento; e desde esse instante falla constantemente no objecto dos seus votos, que é seu irmão.

—Coitadinha!... E' preciso dizer-lh'o a elle, que não vá a rapariga dar volta ao miolo.

—Diga-lhe algumas palavras animadoras, senhora Angelica.

—Venha cá, minha menina; a troco d'isso não se afflija, que tudo se ha-de fazer pelo melhor, com o favor de Deus...

—Não me illuda, senhora! Não ponha mel nas bordas da taça, que tem no fundo o amargo absynto! A minha paixão é incuravel como a gôta!

—Coitadinha!... por causa da paixão tem gôta! que pena! tão novinha já com gôta.

—Com gôta, sim! eu com gôta na primavera dos meus dias!

—Pois ella costuma atacar mais no inverno...

—Com gôta na aurora da infancia, no crepusculo do amor... Com gôta eu!... por causa de um ingrato Narciso! Miseranda Ecco!

—Então o tal Narciso que lhe fez? O Narciso é algum cirurgião que a não soube tratar, pelos modos... Pois, minha filha, não chore. Eu vou já d'aqui fallar com meu irmão, e veremos como se arranja isto do melhor modo. Ponto é que não esteja cá arrumado para a Rosinha...

—Cruel rival! —disse (á parte) Elisa, com a melhor das caretas imaginaveis.

—Injusta! Eu cedi-t'o, e os deuses sabem que sacrificio fiz cedendo a mão do senhor Antonio!

—Bem me parecia a mim, que andava aqui alguma mastigada!... Agora vejo eu porque não queria casar com meu irmão, senhora Rosinha... E' uma boa amiga da sua amiga. Deixe estar, menina, que talvez ainda sejamos cunhadas... E, com isto, vou-me embora que são horas... adeus...

—Vá, mensageira d'amor! (disse Elisa) Propicios céos meus votos abençoem, e os seus desvelos galardôem.

Ausente Angelica, seguiu-se uma tremenda gargalhada, em que estalaram os espartilhos ás duas azougadas moças.

CAPITULO XIII.

Dous ou tres dias depois, (parece-me que foram tres: aquillo de que eu não estou bem certo não affirmo) ás onze horas da manhã, mais minuto, menos minuto, estava á porta da senhora D. Rosa Guilhermina Taveira, o senhor Antonio José da Silva limpando o suor, e puxando para o abdomen o coz do rebelde collête de velludo preto, que lhe marinhava em rofêgos pelo estomago.

Arranjadas assim as cousas no seu lugar, o negociante puxou a campainha, e perguntou se podia fallar á senhora D. Rosa. Responderam-lhe que a menina estava na cama curando uma constipação. Disse que queria fallar á senhora D. Maria Elisa, e mandaram-no subir, o que elle fez, puxando, com ambas as mãos, o indomavel collête, que subia a ponto de descobrir o coz das ceroulas, as quaes rebentavam comprimidas pela arquejante barriga de seu dono.

Esperou alguns minutos, que lhe não foram penosos, porque os aproveitou mirando-se em um espelho de sala pendurado defronte da sua cadeira. Conversando com a sua imagem, o senhor Antonio perguntou a si proprio se era elle por ventura o venturoso amado que apaixonára a amiga de Rosa a tal ponto que a virtuosa Angelica (apesar da lingua damnada da Anna Canastreira) escrupulisava, não esgotando da sua parte todos os esforços para que elle Antonio José annuisse, como homem e christão que era, ao suspirado casamento.

Esta era a primeira parte do monologo do negociante. A segunda, porém, era mais dramatica. O homem tinha pundonor como outro qualquer. Despresado

pela filha do arcediago (que Deus tenha na sua santa gloria) resignára-se, mas não se esquecia do ultraje immerecido. Pensára muito na vingança; mas não sabia com que armas nobres devia vingar-se. Se elle quizesse desforrar-se com deshonra para a sua consciencia, não lhe faltariam occasiões como a que tivera, pouco antes, na qualidade de amigo intimo do curador dos orphãos. Quizesse elle, e Rosa não sahiria do recolhimento. Mas o senhor Antonio José da Silva era um homem honrado, temente a Deos, supposto que peccador, e incapaz de vingar-se vilmente. O desforço, que elle ambicionava, devia ser cavalheiroso, e digno de especial menção no romance, que, trinta annos depois, devia occupar-se da pessoa do senhor Antonio, digna, a todos os respeitos, de fazer gemer os prélos, e dar consumo ao papel das nossas fabricas, interesse duvidoso ao editores, e não sei que migalhas a mim, humilde apologista de todos os Antonios, maiores que o seu seculo, e credores da immortalidade.

Era chegada, pois, a occasião d'este appetecido desforço. O negociante era amado, e amado pela intima amiga de Rosa, tão nova e tão gentil como ella. Antonio José da Silva, dispensador de graças do seu munificente coração, prodigalisaria extremos á sua amante ditosa, na presença da despresada ingrata, que se morderia de raiva. Ostentaria caprichosamente os seus ardores de amante e marido no sumptuoso luxo de sua mulher. Rosa *ficaria levadinha da breca* (esta phrase é d'elle genuina) quando não podesse *hombrear com os calcanhares da outra*. Ora aqui está o que pensava o senhor Antonio, durante os cinco minutos que esperou na sala, não lhe esquecendo de conter nos seus justos limites o collête, que parecia de borracha, porque apenas se via livre dos dedos impertinentes de seu dono, saltava logo para o pescoço, deixando mal velado o promontorio das regiões adjacentes, por não dizer sempre barriga, que é uma palavra que me destôa, e fere os ouvidos pudicos do sexo por excellencia.

No decurso de cinco minutos, que faziam as duas amigas? Estavam perturbadas pela surpreza de semelhante visita.

Nem se lembravam já da scena burlesca em que a senhora Angelica promettêra apiedar seu irmão a favor da delirante Elisa. A vinda inesperada suscitou-lhes a desconfiança de que o senhor Antonio vinha colerico e enfurecido, reprehendêl-as da galhofa com que recebêram sua irmã, e talvez ameaçal-as de que, por ordem do tutor, Rosa outra vez seria obrigada a recolher-se, e de mais a mais separar-se da sua amiga.

A filha de Anna do Carmo não estava doente. Aquelle pretexto era o susto da desconfiança que assaltou a ambas. Ora Maria Elisa, menos timida, ou mais desenvolta, contra a vontade de sua amiga, não duvidou receber a visita do senhor Antonio, e preparava-se para chalacear as suas iras, se elle não viesse ás boas, como era de suppôr, ou ao menos a vaidosa Elisa tinha a sem-ceremonia de vaticinar.

Depois arrependeu-se de o mandar subir; e perguntava a Rosa a maneira decente de o despedir, sem ir á sala. N'esta consulta demoraram-se os cinco minutos, e resolveram, por fim, que seria mais discreto ouvil-o, e amacial-o, para que o maldito as não indispozesse com o tutor de modo que as forçassem a uma cruel separação. Elisa, inferior á sua galhofeira coragem, entrou acanhada na sala, justamente no momento em que o senhor Antonio dava o ultimo puxão ao collête, e limpava a terceira camada de suor que lhe envernisava as pandas bochechas.

O negociante ergueu-se, himpando, e levou ambas as mãos ao chapéo, que apenas levantou da cabeça meio calva.

— Ha-de dar licença que me cubra — disse elle — porque venho suado, e sou atreito a catarros... Aqui corre o ar de encontro áquella porta, e não é lá das melhores cousas para quem traz os poros abertos.

— Esteja a seu bel-prazer, e queira sentar-se — disse Elisa, suspeitando ainda que, depois do brutal cumprimento, viria a trovoada dos brutaes insultos.

— Então a Rosinha diz que está constipada?

— Bastante enferma. A minha amiga tem uma compleição melindrosissima.

— E pouco tino tambem. Quando ella esteve comigo

era uma desacautelada; levantava-se do calor da cama, e vinha com o saioto pela cabeça acocorar-se na varanda a brincar com a gata... Diacho da gata! era tão amiga d'ella que não viveu muito depois que a não viu em casa! Ha bichos, que só lhe falta a razão, que no mais parecem mais amoraveis que as proprias creaturas com alma! A boa da gata ia-se pôr á porta do quarto d'ella a miar *miau miau miau*, e, a final de contas, não queria comer, nem beber, até que appareceu morta no telhado do visinho...

—Misera gata! que infeliz morte!

—Pois é verdade. Isto veio a respeito de dizer que a Rosinha está constipada. Aquillo a respeito de cabeça não regula lá grande cousa, a fallarmos a verdade.

—E' uma excellente menina, cheia de virtudes...

—Eu não digo menos d'isso; mas de cá se vai a lá. Deixe-a ter mais dous annos, e verá onde vai dar comsigo...

—Eu creio que ella saberá conter-se nos honestos limites que lhe são demarcados pela honra, e pelo dever.

—Pois Deus a ouça; mas duvido. Pelo que me disse minha irmã, ella traz na cabeça umas tolices que não hão-de ter boa sahida. Inda não ha tres mezes que sahiu do recolhimento, e já conhece não sei quantos namoros.

—Isso é uma injustiça, senhor Silva. A minha amiga Rosa Guilhermina não tem namoro algum.

— Deixe-se d'isso, não a defenda, que eu cá sei tudo. Minha irmã fallou-me n'um tal cadete chamado Liberato, ou Celibato, ou não sei que, e um proprietario que tem o nome arrevezado assim a modo de Apparicio... ou Sponselicio... uma cousa assim... finalmente, oxalá que eu me engane, mas não lhe agouro bem... Em fim, quem mal fizer a cama, mal ha-de dormir. A pena que eu tenho é ser ella filha do meu amigo arcediago, que Deus tenha na sua presença, que já lá sabe o bem e o mal que fez... Do mais, deixal-a lá, que o mal se o fizer, para si o faz...

—Não se afflija. A minha amiga será digna do bom pae que a morte lhe roubou, e não deshonrará jámais as cinzas paternas.

—Pois assim seja... Ora, menina, eu não sou d'esses

bigorrilhas que dizem palavras de mel, e sabem d'esses *circumloquios* de trapalhadas com que enganam as moças, e, a final de contas, não dizem nada. Eu sou um homem chão... pau é pau, e pedra é pedra. O que sente o coração a bôca o diz, e o que a bôca não diz não sente o coração. Ora aqui está. Os homens entendem-se pelas palavras, e eu gosto de quem não está a fazer uma grande mastigada de palavras bonitas para dizer o que se diz em duas palavras. Eu venho aqui de proposito fallar com a menina, porque minha irmã Angelica foi d'aqui, ha tres dias, e disse-me certas cousas que me buliram no coração. Pelos modos a menina disse-lhe que se lhe não dava de casar comigo...

— Eu?!

— Não se envergonhe de ter confessado os seus affectos. Eu gosto da franqueza, e a gente muitas vezes perde por fallar de mais e fallar de menos. A' menina bem sei que lhe ha-de custar esta conversa; mas, deixemo-nos d'essas *bijutarias* do costume, eu estimei muito saber que a menina gostára de mim...

— Eu... não disse que...

— Bem sei que não disse a cousa assim... Eu sei muito bem que a menina tem uma maneira de dizer as cousas com outras palavras mais discretas; mas o que é verdade diz-se com clareza, e eu sei entender as cousas.

Maria Elisa não previa semelhante desfecho! A surpreza annullára-lhe por momentos o sestro chocarreiro, e a confusa moça não sabia qual dos partidos devia adoptar, se o da seriedade, se a brincadeira. Demais a mais, a cabeça de Rosa apparecêra-lhe n'este momento, entre as duas portadas mal cerradas, e o riso, sua feição caracteristica, luctou cruelmente com a seriedade zombeteira, que ella queria sustentar.

— Eu, a fallar-lhe a verdade — continuou o senhor Antonio, persuadido que o silencio de Elisa era o natural pudor dos dezesete annos — a fallar-lhe a verdade, pela terceira vez que a vejo, não desgosto da sua pessoa. Quando a vi na grade do recolhimento fiquei sympathisando muito com as suas maneiras, e gostei de a ouvir fallar, porque eu não sou homem de estudos, mas sei dar

valor ás cousas, e gosto de quem saiba dizer duas palavras.

— Ditosa mulher aquella que viver sujeita ao seu dominio! Os vôos do seu espirito não acharão fechados os vastos horisontes do talento, nos penosos dissabores domesticos.

— Que é? agora não percebi bem...

— Dizia eu que será uma felicidade pertencer a v. s.ª

— Felicidade... isso vai da maneira de vêr as cousas cada um. O que lhe posso desde já prometter é que não hei-de dar-lhe penas.

— A mim?... Creio que não dará...

— Póde estar certa d'isso. Eu sei como se tratam as pessoas. A gente póde gosar a sua riqueza sem andar á compita com as grandezas dos fidalgos. Isso é que é asneira. Os fidalgos arruinam-se, e vivem por ahi sabe Deus como, atraz de mim e dos outros, que lhes damos a juro o nosso dinheiro, para as mulheres gastarem em velludos, assombléas, e theatros. Dizia o meu amigo arcediago, que quem sahe fóra da sua classe não tem classe nenhuma. E' cá uma ideia que eu aprendi de cabeça, e acho isto bem dito: *quem sahe fóra da sua classe não tem classe nenhuma.*

— E' um axioma.

— Que é?

— E' um axioma, uma maxima, uma eterna verdade.

— Isso é. Um negociante é um negociante, e um fidalgo é um fidalgo. Andam ahi de carruagens uns tres cá da minha classe, que querem hombrear com os fidalgos, e mais hoje ou mais ámanhã verão onde vai parar o negocio.

— Pois v. s.ª abomina a carruagem?

— E' cousa em que nunca andei. Parece-me que aquillo não ha-de dar grande saude ao estamago! Tombo para aqui, tombo para acolá, quem fôr nutrido como eu ha-de por força soffrer dos bofes.

— Engana-se... A agitação, causada pelo balanço da carruagem, é saudavel.

— Devéras?! acho que não!

— Queira acreditar-me. Eu tenho lido varios authores de medicina, que recommendam o uso da carrua-

gem ás pessoas nutridas, como meio de evitar as apoplexias.

—Ah! a menina leu isso nos livros?

—Sim, senhor, e como pessoa que se interessa no seu bem-estar, recommendo-lhe o uso da carruagem.

—E o carroção não fará o mesmo effeito?

—Creio que não: o carroção é mais moroso, menos agitado, mais impertinente nos solavancos.

—Pois eu estava resolvido a mandar fazer um carroção, porque tenho uma junta de bois na minha quinta de Lordello, e, visto o que me diz...

—Parecia-me que v. s.ª deveria possuir carruagem, já que os bens da fortuna lh'o permittem.

—Lá isso tenho eu para mais; mas que diriam os meus visinhos se me vissem de carruagem? Eram capazes de me apupar os tratantes!

—Deixe-se d'isso, senhor Silva. As suas commodidades são mais attendiveis que a critica estupida dos seus visinhos. Ora diga-me: se casasse com uma senhora debil, que precisasse de passear de carruagem para entreter o espirito nas delicias do campo, v. s.ª não lh'a compraria?

—Isso comprava; ponto é que minha mulher me fosse leal, e precisasse d'ella, porque lá, por luxo, acho que era uma asneira sustentar uma parelha de machos, e dous creados. E não seria melhor uma cadeirinha, ou uma liteira?

—Isso é antiquissimo!... De que serve o dinheiro, se o não fazemos servir aos nossos prazeres?

—Diz bem; mas sempre é bom a gente gastar menos do que lhe rende o negocio.

—Concordo; mas acho justo que se engrandeça a gente tanto quanto é possivel.

—Pois a tal respeito fallaremos mais de vagar. Agora é necessario que tratemos da nossa união. Eu estou disposto a casar com a menina, já que sympathisamos um com outro, segundo me disse minha irmã. A menina faz-lhe conta casar comigo?

—Acha-me digna de si?

—Eu que lhe pergunto se quer casar é porque sympathiso com a menina.

— Sabe que eu não sou rica?

— Sei que não tem nada de seu. Conheci muito bem seu pae, que era negociante, e quebrou com honra. Eu não lhe pergunto se é rica. Rico sou eu, e tenho de sobra para que nos não falte nada. O que eu quero é quem governe a minha casa, e herde os meus bens por minha vontade, porque o que tenho não quero que vá parar a sobrinhos. Se lhe serve, o que ha-de fazer-se ao tarde faça-se ao cedo. Não tenho mais nada a dizer-lhe; pense no negocio, e responda-me breve...

— Eu responderei...

— Está dito tudo. Dê cá recados á doente, e saiba que fico sendo seu amigo.

. . . .

O rico mercador de pannos retirou-se. D. Rosa veio a rir-se, ao encontro de Elisa, e, vendo-a séria, perguntou-lhe:

— Tu não te ris, Elisa?

A litterata respondeu com o silencio e a seriedade.

— Em que pensas tão trombuda? — replicou Rosa.

— Em que penso?.. eu sei cá em que penso!.. Acho que não penso!...

— Aposto que te serve o noivo?!

— Estás a caçoar, Rosa!

ENTRE-PARENTHESIS.

Oh benemerita philosophia! quão sublimes effeitos a humanidade experimenta da tua sisuda influencia!

Oh candida filha do talento, irmã gemea da independencia, neta de Catão, e parenta proxima dos Catões da minha terra, oh patusca philosophia, que santo prestigio tu exerces nas almas, desde que Diogenes arremessou a escudela que lhe não servia de nada!

Oh philosophia das mulheres, tu és sobre todas a melhor das philosophias! A teu respeito poderia eu escrever este capitulo XIII, que ficaria sendo um capitulo de abalo no espirito publico, mas, não tenho agora vagar, nem

me lembra nada que se tenha escripto a respeito da philosophia das mulheres.

Apesar da minha ignorancia n'este ramo (unico em que não sou profundo) tentarei, indulgentes leitores, iniciar-vos na philosophia de Maria Elisa, que foi, honra lhe seja, a mais fervorosa sacerdotisa do culto.

Nada mais boçal, mais rude, mais soez, mais detestavel que a figura, o abdomen, o palavriado, o suor, e o collete do senhor Antonio José da Silva.

D'accordo.

Nada mais repulsivo que os seus tres papos, que as compressas dos colleirinhos reduziam a seis rofêgos, parecidos com o intestino mesenterio do cevado, que é a mais saborosa das tripas do tal animal (seja dito de passagem.)

Nada mais displicente que os seus olhos azues, abertos a canivete, na franja d'uma pequena testa quadrada.

Nada mais abominavel que os seus quatro dentes em anarchia, impellindo, emparceirados com a lingua, perdigotos ás legiões, que orvalhavam, a quatro palmos de distancia, a physionomia dos circumstantes.

Nada mais irrisorio que a supina ignorancia das suas sandices amorosas, á mistura com anexins fastidiosamente vulgares, e momices mais ou menos grutescas, mas sempre ridiculas ou nauzeabundas. E os callos, e os joanetes? tudo horrivel!

D'accordo.

Mas o dinheiro do senhor Antonio José da Silva! o dinheiro, atilados leitores, vêde bem que se trata de dinheiro, dinheiro em abundancia, placas de ouro e prata; cousas torpes e vis, confessemos que sim, mas cousas com que se compram as carruagens, os velludos, os setins, os jantares, os bailes, a consideração, os ouvidos, os olhos, as linguas, as penas, as eloquencias, com que tudo se compra, inclusivamente os romances, illustradas leitoras, e intelligentes bachareis!

O DINHEIRO!

Vós não sabeis o que são essas oito letras, que só ellas valem as vinte e cinco do alfabeto! Vós não sabeis que eu conheço quatro, dez, trinta alarves d'uma estupidez fabulosa que escondem n'uma luva branca a mão, que

deveria aguçar brochas, e palmilhar sapatos; que encostam aos coxins das carruagens os lombos musculosos que a natureza affeiçoára para as asperezas do costal; que mascaram a hediondez do vicio ignaro, o peor de todos, com o riso alvarmente cynico de todos os homens endinheirados, que é um riso particular.

Esses taes são tudo isso e mais alguma cousa; e eu sou o primeiro a sorrir-lhes urbanamente, com meiguice, com mimo até, folgo que me apertem a mão, que me chamem amigo, embora depois se riam de mim, folgo e ennobreço-me d'essa esmola de consideração, porque, se, em minha consciencia, reconheço que são elles os devassos, os torpes, os ignorantes, os incorrigiveis, a minha illustrada cabeça diz-me que eu ámanhã serei apedrejado na praça publica, se esses taes passarem por mim sem me cortejarem, e retirarem a sua mão da minha.

O DINHEIRO, amigos! Eu nunca me cansarei de vos lembrar esta palavra, tres syllabas distinctas que fazem o unico deus verdadeiro d'este paganismo ignominioso em que medram os vicios da sociedade. Tres syllabas! trindade veneranda que representa o mytho de todas as religiões, em cada uma das quaes o profundissimo Dupuis achou uma trindade, e não descobriu esta, que eu tenho a honra de evangelisar-vos.

O DINHEIRO, emfim, foi o dinheiro, representado em Antonio José da Silva que perturbou a tranquillidade descuidosa de Maria Elisa, desde o momento fatal que a serpente, na feia figura do negociante, veio tentar a Eva da viella do Laranjal.

CAPITULO XIV.

A pobre orphã do Recolhimento, antes de conhecer Rosa Guilhermina, enraivecia-se de não ser pensionista para compartir das regalias das ricas, que tinham o direito de responder com altivez ás reflexões das mestras, e ás rabugices da velha regente.

Reprimida pela necessidade de obedecer, phantasiava extravagantes futuros d'onde a felicidade poderia vir resgatal-a á humilhante condição de orphã, dependente da caridade publica. Moça ainda de treze annos, lembrava-se de muitos casamentos ricos com meninas pobres d'aquella casa, e botava sortes e adivinhas, que todas lhe annunciavam o suspirado casamento. Uma velha, que sabia lançar as cartas, e com a qual havia muita fé no recolhimento, tres vezes lhe vaticinou um vantajoso casamento.

Relacionada com Rosa Guilhermina, a ambiciosa orphã esqueceu-se um pouco das suas queridas esperanças, porque, desde o momento em que ganhou a intimidade da sua amiga, dispensou a ração da casa, e viveu, independente da misericordia, como irmã com a pensionista.

Se algumas vezes contou á companheira os seus passados sonhos de casamento, Rosa ouviu-lh'os rindo, e pediu-lhe que nunca se lembrasse de tal em quanto ella fosse viva, e tivesse um bocado de pão que repartir com ella.

Ainda assim, Maria Elisa tinha assaltos de vaidade, e soffria, lembrando-se que não podia indemnisar alguma vez as liberalidades que recebia de Rosa.

Quando se installaram, senhoras suas, na casa do Laranjal, Elisa pensou no seu futuro, e lembrou-se que viria tempo em que Rosa trocaria por outros affectos os carinhos d'ella, e acharia pesado o encargo de sustentar com tantas regalias uma estranha.

Este reservado pensamento, que ella, eminentemente philosopha, sabia calar, dominou-a muito tempo, com bem pouco elogio para a sua idade e para o seu caracter.

Quando veio á sala zombar de Angelica não havia n'essa caricatura de rapariga apaixonada intenção séria, nem podia havêl-a.

Quando o senhor Antonio principiou a franca exposição dos seus sentimentos, que elle significava na melodiosa palavra « sympathia » Maria Elisa zombava ainda, e respondia com carêtas ás carêtas de Rosa.

Quando, porém, o capitalista fallou em luxo, em carruagens, em fidalgas, e, sobretudo, na necessidade de deixar uma herança, que não queria deixar aos sobrinhos, a moça pobre lembrou-se das suas esperanças desvanecidas, e dos prognosticos da velha do recolhimento, que lançava as cartas.

E, portanto, Maria Elisa, a seu pesar, recahiu, de repente na gravidade do assumpto, e ouviu as ultimas palavras do ingenuo negociante, com a discrição, que o caso pedia.

Aqui o que temos a admirar, se alguma cousa vale a pena da admiração, é a philosophia tão saturada aos dezeseis annos!

A idéa philosophica, em uma mulher, começa aos vinte e cinco annos, e acaba aos quarenta e cinco. Até aos vinte e cinco, domina a poesia, dos quarenta e cinco para diante, se não domina a theologia, ha-de forçosamente dominar a toleima, que os vocabularios definem « tolice grande. » Isto não é maxima, que valha as de *Larochefoucauld*; mas é, no seu tanto ou quanto, uma maxima que deve aproveitar a muita gente.

Maria Elisa, porém, fôra demasiado temporan na razão da philosophia. Anticipou-se, é verdade; mas veremos que não abortou por vir cêdo de mais. Os grandes pensamentos tem cincoenta annos de incubação nas entranhas da sociedade. Terão: não duvido nada; mas

o maior pensamento, que se conhece, é o de Elisa em casar com o senhor Antonio, e vingou em cincoenta minutos.

As perguntas de Rosa mortificavam-na.

A ciumosa amiga custava-lhe a crêr semelhante extravagancia; mas a importancia grave que Maria Elisa estava dando ás perguntas zombeteiras, que lhe eram feitas, aggravou a desconfiança de sua amiga.

Por esquivar-se ás impertinentes instancias da arrufada Rosa, a noiva, em perspectiva, refugiou-se nas chufas ao promettido esposo, e conseguiu dissuadir a amiga, que foi tão facil em descrer como tinha sido em irritar-se por um ciume extravagante.

Quando emprego a palavra « ciume » não se persuadam que a filha do defuncto arcediago era rival d'Elisa. Justiça lhe seja feita: D. Rosa era rival do senhor Antonio. Como estas cousas são, não me importa a mim sabêl-o. Ha no coração de duas mulheres muito amigas puerilidades assim, segundo me consta.

Maria Elisa pensou na aventura toda a noite.

Para neutralisar a cubiça do luxo, e da independencia, a ambiciosa pequena afigurava-se ligada ao senhor Antonio, carnal e positivamente como Deus o atirára a este mundo. Punha de parte o dinheiro, afastava o crepe dourado para vêr o cadaver em todo o horror das ulceras; mas o demonio tentador não lhe pintava uma cousa sem lhe pintar a outra. Pelo habito de imaginal-o familiarisou-se com elle, e já lhe não parecia tão repulsivo. E, se declinava os lindos olhos do homem para a opulencia embrionaria no ouro d'elle, a philosophica menina via cousas lindissimas, e deslumbrava o coração esquivo com as liberalidades que a cabeça lhe promettia.

E, no mais caloroso do seu delirio, via um marido velho, e uma riqueza pósthuma a gosar, e um coração, cheio de vida, a offerecer.

Foi esta a final conclusão dos seus raciocinios, que ella não deixou escriptos em compendio para uso dos collegios de meninas; mas que, depois d'ella, temos visto que foram adoptados, e que fazem hoje as delicias das educandas. Os bons principios teem isso comsigo.

O dia seguinte correu sem novidade.

O outro foi um dia triste para ambas as meninas.

Elisa parece que se esquivava á sua amiga. Rosa ensaiou uma pergunta definitiva; mas não ousou proferil-a.

Ao terceiro dia, uma carta do senhor Antonio José da Silva foi causa de grandes dissabores. O conteúdo era assim:

« *Senhora D. Maria Elisa.*

« *Porto 24 de Abril de 1818.*

« *Minha senhora do meu coração e da minha parti-*
« *cular estima. Faz hoje tres dias que fallamos em certo*
« *negocio a respeito da nossa união. Muito desejava eu*
« *saber, para meu governo, se v. s.ª está resolvida a dar-*
« *me a sua mão de esposa. Estes negocios não devem de-*
« *morar-se. Eu já lhe disse o que lhe tinha a dizer. Por*
« *motivos, que á vista lhe direi, estou deliberado a casar-*
« *me o mais breve. Soube que v. s.ª sympathisava comigo;*
« *e eu da minha parte não desgosto da sua pessoa. Por*
« *isso, se houver de se fazer este casamento, ha-de ser já,*
« *quando não com bem desgosto do meu coração procura-*
« *rei outra que tenha as boas qualidades da menina. Pe-*
« *ço-lhe que responda com brevidade. Mande no seu ser-*
« *viço este que é e será até á morte*

« *De v. s.ª*

« *Attento venerador e criado obrigado,*

« *Antonio José da Silva.* »

Está conforme o original, excepto a grammatica, a pontuação, e a orthographia.

Maria Elisa, não podendo illudir as instancias de Rosa, sem lêr a carta, relatou á seu modo o conteúdo. Vejam que a vaidade não a deixava já expôr ao escarneo da sua amiga a redacção do capitalista! Por mais que a curiosa teimasse, não conseguiu julgar do coração do seu antigo amante pela eloquencia da carta!

Perseguida, cansada de fingir, exhausta de pretextos, Elisa disse á sua companheira de dous annos:

— Eu amo-te muito, minha querida amiga. E's a

primeira e a unica pessoa a quem consagrei a minha alma, e todos os instantes da minha existencia, que não será longa, longe de ti; mas não posso contar com o teu apoio toda a vida. Preciso de ser independente, como tu és, para bem avaliar as tuas generosidades. A verdadeira e duradoira amizade firma-se na independencia...

— Olha que me ultrajas, Elisa! Eu fiz-te nunca sentir a tua dependencia?

— Fizeste.

— Fiz! isso é uma mentira, que me escandalisa!

— Fizeste com os teus carinhos. Quanto mais procuravas esconder aos meus proprios olhos os beneficios, que me fazias, mais os olhos do meu coração se abriam, para vêl-os, e mais devedora me considerava aos teus extremos. Quer Deus que eu seja o que não poderei ser de outra maneira. Serei rica. Não digo que seja feliz; porque a ventura não a dá o ouro, nem as lagrimas da saudade se enxugam com o dinheiro. Mas eu sou sempre a tua amiga. Serás sempre a minha confidente. Serão reciprocas as nossas casas, e as nossas riquezas. Viveremos tão juntas como até aqui. Terás, mais ditosa que eu, um marido da eleição da alma. Serás venturosa, com elle, e eu um dia... talvez... bem cêdo... viuva, e rica... serei outra vez a tua irmã, debaixo das mesmas telhas...

— Isso nunca!

— Nunca!... porque?...

— Nunca!... Quem me não amou até hoje, virá depois offerecer-me riquezas que desprezo, e não preciso.

— Eu não virei offerecer-te riquezas, porque rica és tu. Virei outra vez atar o fio que se vai quebrar entre os nossos corações, se é que a separação de instantes é um laço de dous corações que se desata! Rosa, não chores, que me comprimes o seio... Dá-me a tua mão... não sentes que estas palpitações só tuas podem ser? Apraz-te martyrisar a tua amiga?

— Impostora!

— Impostora, eu, Rosa, e tens alma de me dizer tal? Não sentes o remorso de tamanha offensa?

— Não! E's uma ingrata, que me trocas pelo dinheiro d'um homem que eu despréso.

— Porque és rica!

— D'um homem a quem chamavas os mais despresiveis nomes.

— Que hoje outra vez lhe dou.

— Então como pódes tu sacrificar a tua vida a um ente abominavel?

— Porque não tenciono sacrificar-me... O escravo ha-de ser elle.

— Não te entendo! O escravo ha-de ser elle!... de que modo?

— Obrigal-o-hei a servir os meus caprichos.

— Quaes caprichos?

— Todos.

— Vaes ser uma esposa infiel?

— Não.

— Vaes ter carruagem, e vestidos ricos?

— Vou.

— E se te não der carruagem, nem vestidos?

— Ha-de dal-os.

— E se não dér?

— Divorcío-me... metade da sua riqueza é minha.

— E queres dar escandalo?

— Escandalo é ser pobre. Vejo-te hoje muito moralista.

— E tu pareces-me philosopha de mais.

— Antes isso.

— Que maneira de responder!

— E' como a tua de perguntar... Não nos zanguemos, Rosinha. Sejamos boas amigas. Aconselha-me que me case, que é a maior prova que pódes dar-me da tua estima.

— Faz o que quizeres... és livre... Enganei-me comtigo... creei uma vibora no meu seio.

— Isso é d'uma novella que nós lemos ha dias. Nada de arrufos... Vamos cear?

CAPITULO XV.

RESPOSTA Á CARTA DO SENHOR ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

« Illmo snr.

« Hontem recebi a sua preciosa carta. O meu cora-« ção delirou de contentamento, e a minha penna não « póde fielmente interpretar os jubilos do espirito.

« Não se resiste aos seus carinhos. E'-se arrastada « involuntariamente para a fascinação dos seus affectos. « Deslumbra-se o entendimento, e humilda-se o amor « proprio na presença de v. s.ª

« Sim. Eu serei sua esposa, e satisfarei assim a mais « incendiaria ambição da minha alma. O matrimonio, « porém, é de todos os passos o mais sério passo da vida. « Se resvala o pé, o casamento é o desfiladeiro, que con-« duz ao tumulo. Eu mando calar a minha paixão. Faço « que o cego amor emmudeça para que a razão falle. Ra-« ciocinemos, pois, que assim é preciso.

« V. s.ª já conhece bem o meu caracter? Creio que « não. Eu não sou uma mulher trivial. Tenho um gran-« de coração para amar; mas o amor não é sufficiente « alimento para elle. Sou ambiciosa de brilho, de os-« tentação, de gloria, e não poderia fazer feliz um ho-« mem pobre, porque preciso resplandecer aos olhos de « meu marido e aos dos estranhos.

« Este brilho, que ambiciono, não é um instrumento « com que eu queira ferir a minha honra, ou a honra « de meu marido. Pelo contrario, humilde para elle a

« quem devo tudo, serei soberba da minha grandeza para « todos os outros.

« Se me quer para esposa, se me quer para dominar « o seu coração, e ser dominada no meu, é preciso que « v. s.ª se compprometta, por sua palavra de honra, a « não embaraçar-me no livre goso da riqueza que me « transmitte, desde o instante em que um eterno vinculo « nos prender.

« Eu sei que v. s.ª vive acostumado a uma mediania « que não enquadra no meu grande espirito. Não vá esse « fatal habito, no futuro, transtornar a nossa tranquilli- « dade. Reflexione, senhor Silva, em quanto é tempo; e « responda-me quando o coração concordar com as me- « ditadas reflexões, que tem a honra de fazer-lhe esta « que é

« De v. s.ª

« Muito affectuosa amante, e attenta veneradora,

« ***Maria Elisa Sarmento de Athaide.*** »

O senhor Antonio leu tres vezes a carta e entendeu o essencial. Uma das maiores difficuldades que zombaram da sua intelligencia foi a mais simples das cousas: a assignatura.

— Como é (dizia elle) que ella se chama *Sarmento de Athaide*, se seu pae era Joaquim Nunes, e sua mãe Michaela Felisberta? Isto, pelos modos, cada qual assigna-se como quer! Pois eu hei-de morrer, como nasci...

Estas sensatas reflexões foram interrompidas pela senhora Angelica.

— Já recebeste resposta, Antonio?

— Agora mesmo.

— Ora lê lá isso.

O noivo leu a carta, que sua irmã ouviu com a bôca aberta, franzindo a testa a cada palavrão, que seu mano não entendia melhor que ella.

— Está uma carta d'uma vez! — disse a senhora Angelica, abrindo os olhos para o lado da testa, e apanhando com os seus tres dentes, resto de maior quantia, o beiço inferior, em signal de admiração — Isso é que é fallar! O diacho da rapariga parece que tem cousa má!

Aquillo é que é uma cabecinha! Diz que bota sonetos, e lê pelos livros grandes dos doutores! Ora vejam lá como a boa da pequena sabe estas palavras, e diz tudo que faz mesmo pasmar!... E' um regalo ouvir essa carta... Ora lê lá outra vez, meu querido Antoninho, que tens uma noiva de toda a sabedoria!

O senhor Antonio leu quinta vez a sublime carta.

— Com effeito! — tornou a senhora Angelica — eu aposto se um doutor a fazia melhor! A pequena parece que veio ensinada da barriga da mãe... Cousa assim não consta!... Nunca vi nada mais bonito! Então isso que quer dizer?

— Pois tu não entendeste?

— Assim me Deus salve que não.

— Isto quer dizer, sim... quer dizer que... é verdade, isto quer dizer, que me tem uma grande affeição da sua alma, e que está prompta a ser minha esposa...

— Coitadinha!... Isso já eu sabia... eu não t'o disse? Ora vê lá como as cartas fallam verdade! Bem dizia a Escolastica de Miragaya que a igreja te sahia brevemente... E não diz mais nada a minha cunhadinha?

— Diz que quer muito vestido, e muita... sim, diz que quer muita grandeza para metter figas nos olhos...

— A' Rosa? bem haja ella! Eu cá tambem fazia o mesmo!... Pois olha, Antonio, por ser cousa tua hei-de dar-lhe o meu vestido de vareja branca com lentejoulas para o casamento, e as plumas que minha madrinha me deu, que lhe hão-de ficar ás mil maravilhas. O vestido não tem mais que pôr-lhe meias mangas, e subir a cintura para cima, que no mais está na moda, custou-me a quatro mil reis a vara... d'aquella fazenda ha mais de trinta annos que cá não vem tão boa... E que mais diz a carta? não me manda visitas?

— Não... esqueceu-se...

— Pois, se lhe escreveres, diz-lhe da minha parte que muito estimo que seja minha cunhada, e que havemos de ir ambas visitar o Senhor, e resar a novena do menino Jesus dos attribulados, e muitas devoções. Diz-lhe mais que faça por ter saude, e que peça a nossa Senhora que lhe dê muito juizinho e graça para servir a Deus... Ouviste?

—Ouvi, sim, vai pôr o jantar na mesa.

Entretanto, o senhor Antonio ficou sósinho passeando, e traduzindo para vulgar a carta de Maria Elisa. O seu espirito, posto que d'uma parcimonia admiravel no entendimento das cousas, custava-lhe a combinar a céga paixão de Elisa com as calculadas condições que lhe eram estipuladas em contracto de casamento. Todavia o negociante combinava a carta com o que ella pessoalmente lhe fizera sentir ácerca de carruagens e assembléas, e deduzia de tudo que a rapariga queria figurar.

O senhor Antonio era rico, muito rico, mas avarento não. Nunca lhe occorrêra a idéa de gastar dinheiro em competencia com alguns seus collegas que figuravam na roda dos fidalgos. Se desejasse deslumbral-os, não olharia a despezas. Mas o coração não lhe pedia essas cousas, e muito menos a carruagem, cujo balanço (dizia elle) não podia dar grande saude aos bofes d'um homem gordo. O orgão que o senhor Antonio respeitava mais na sua economia eram os bofes, de que se queixava pondo a mão no estomago. Naturalmente suppunha que tinha o figado no peito. Era um erro de anatomia desculpavel. Eu proprio, que já tive a honra de vos dizer que sei tudo e mais alguma cousa, não tenho absoluta certeza da collocação do figado, supposto que fui em anatomia estudante profundo, a ponto de querer provar que o duodeno (tripa de doze pollegadas) tinha, pelo menos, trinta e duas braças. E ainda hoje estou n'isto, diga lá o que disser Bichat, e Soares Franco. Em consequencia do que, tinha muita razão o senhor Antonio em recear que o balanço da carruagem lhe prejudicasse os bofes situados no estomago. Mas a senhora D. Maria Elisa de Sarmento Athaide lêra nos livros que a carruagem era hygienica, e o senhor Antonio renunciára, como vimos, o pensamento do carroção.

O jantar do senhor Antonio, n'este dia, foi rapido e pequeno, porque ao coração refluira-lhe quasi toda a sensibilidade do estomago. O senhor Antonio limitou-se a comer obra de arratel e meio de cozido da perna, uma travessa de arroz com rodellas de linguiça, uma concava pelangana de carneiro ensopado com batatas, uma tigela de chorudo caldo com sôpas que se levantavam entume-

cidas quatro pollegadas acima do nivel da tigela, um quarto de ceira de figos de comadre, alguns copos de vinho á proporção, e mais nada. A senhora Angelica, assustada do fastio de seu irmão, pouco mais comeu. O amor espiritualisára a organisação do nosso amigo o senhor Antonio José. Mais tres dias d'esta quasi abstinencia de anachoreta, e o sensivel negociante, um pouco pállido, e outro pouco meditabundo, poderia sem favor, ser tido e havido como a preexistencia d'estes rapazes, que nós conhecemos, e lamentamos na sua desesperação de amantes não comprehendidos na face da terra!

Ai! quem me dera poder-vos dizer que o senhor Antonio, á hora melancolica do crepusculo, fixava o olho lagrimoso na amplidão dos céos, espreitando o fulgor da estrellinha que o enamorava de lá!

Eu daria de graça este meu romance, se podésse, em estilo scintillante umas vezes, e outras morbido, afiançar-vos que o senhor Antonio José da Silva fôra poisar a sua redonda pessoa na fraga de-á-beira-mar, e ahi com os olhos no horisonte, e os bofes arquejantes, perguntára á gaivota gemebunda o segredo dos seus gemidos!

Não é possivel, leitores. O senhor Antonio o mais que pôde fazer, no auge da paixão, foi comer assim. Não exijam mais d'aquelle homem, porque d'ahi ao suicidio vai só um passo.

Antonio José da Silva, meu sympathico heroe, tu passaste sobre a terra, e a tua geração não te comprehendeu!

Tu nasceste para estes nossos dias de angustiosa provação, de sentimento fino, de doloroso trespasse d'uma civilisação material para o reinado do espirito.

Se vivesses hoje, serias ordeiro, e visconde; terias ido ás camaras fallar na cultura da cebôla-albarran, e na estrada conselheira de Guinfões e Terras de Bouro; comerias biscoutos na assembléa portuense, e pedirias a palavra na associação commercial, para dizeres que eras um honrado negociante. E não ficaria aqui a tua missão grandiosa. Se morresse algum homem, rei do talento, e creador d'uma litteratura, serias tu o encarre-

gado de dar a tua idéa para um monumento que perpetuasse a gloria d'essa illustração! (*)

Antonio José, vieste cêdo de mais! Eu lembro-me de ti com saudades (e mais não tive a honra de conhecer-te) todas as vezes que vejo a tua alma cavalgando o nariz dos meus contemporaneos!

Lembro-me de ti, especialmente, quando me vejo a braços com uma paixão séria, e não sinto cá dentro ferir-me o toque inspirador com que tu, depois de jantar, respondias assim á carta de Maria Elisa Sarmento de Athaide:

« *Ill.*^ma^ *snr.*^a^

« *Porto*, 27 *de Abril de* 1818.

« *Sem tempo para mais, recebi a sua estimada cartinha, que veio muito a proposito, porque eu já não estava bom. Vejo o que me diz, e a respeito de tudo não tenho nada a dizer contra. Eu não sou d'esses sovinas que são capazes de engulir, á hora da morte, o dinheiro, como certos avarentos que eu conheço. A menina não ha-de ter falta de cousa nenhuma; ponto é que tenha juizo, e que saiba conduzir-se. O que eu tenho seu é, e de mais ninguem. Gostei muito de a ouvir discorrer na sua carta, e fallou bem a respeito do matrimonio. Eu gosto de quem me entenda, e, a respeito do mais, deixe o negocio por minha conta. Logo que esteja resolvida, botam-se os banhos, e faz-se isto depressa, que é o melhor. Sem mais, sou*

« *De v. s.*^a^

« *Vosso amante do coração,*

« *Antonio José da Silva.* »

Maria Elisa leu sósinha, com frouxos de riso, esta carta. O estimulo do riso cedeu ao da meditação. Momentaneamente, a melancolia ennuviou o semblante da

---

(*) No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram-se todos os Antonios Josés coevos para idearem um monumento a Garrett!... Não se fez o monumento; mas ficou um de vergonha na memoria dos vivos, e bom é que passe além. (*Nota da 2.*^a^ *edição*).

pensativa menina. Parece que estava sentindo vergonha ou piedade de si. O pensamento de quebrar com uma gargalhada aquellas relações, assaltou-a duas vezes; mas o pensamento de ter carruagem e um bello futuro por detraz da campa de seu marido, assaltou-a tres vezes, e venceu por um ássalto, posta a sua alma a votos.

Rosa Guilhermina, desde o dia anterior, não lhe fallava. Esta demasia de aspereza concorreu muito para a definitiva resolução do casamento, porque o seu orgulho dizia-lhe que os amuos de Rosa eram o effeito da dependencia. De mais a mais a colerica filha da Anna do Carmo tinha-lhe dito que tal casamento não seria feito em sua casa. Que sahisse ella para onde quizesse, porque, no momento em que annuisse a tal infamia, terminavam de todo em todo as suas antigas relações. Isto foi de mais: mas a filha da Anna do Carmo tinha uma costella de sua mãe, e essa costella vencêra, na questão, as vinte e tres de seu pae.

O portador da carta esperava a resposta.

Maria Elisa, passada uma hora de lucta, dolorosa talvez, respondeu assim:

« *Não tenho nada que esperar. Póde dar como resol-*
« *vido o nosso casamento. Cumprirei a minha palavra,*
« *quando v. s.ª quizer. Eu recolho-me hoje mesmo ás*
« *orphãs.* »

Depois, entrou no quarto de Elisa, com os olhos rasos de lagrimas, talvez as menos intelligiveis de todas as lagrimas de que tenho fallado:

— Rosa, acabo de decidir definitivamente o meu casamento. Cumprindo as tuas ordens, venho despedir-me de ti.

— Estimarei que sejas feliz.

— Devo considerar acabadas as nossas relações de amizade?

— Deves.

— Menos as da gratidão, porque te sou muito devedora.

— Dou-te paga e quitação d'essa divida. Não quero mesmo ser tua credora, porque me envergonho.

— E eu tambem... e cada vez mais. Hei-de avaliar a dinheiro os teus favores, e darei á Santa Casa da Misericordia esse dinheiro, por tua tenção.

— Basta! Eu não admitto escarneos! Basta de affrontas!

— Cada vez agradeço mais á Providencia a inspiração de me casar... adeus...

Rosa Guilhermina pensou alguns minutos, arrependeu-se, e correu a procurar a sua amiga para pedir-lhe perdão d'um accesso de cólera, filho do amor. Já a não viu. Tinha sahido com a sua criada, e deixára um bilhete com estas linhas:

« *Não levo os vestidos de meu uso, porque não são*
« *meus. Comprou-os com o seu dinheiro a senhora D. Rosa*
« *Guilhermina. Deixo-os para serem avaliados, e des-*
« *contados depois no saldo das nossas contas.* »

A filha de Anna do Carmo, outra vez atacada de raiva, foi aos vestidos, e rasgou-os com mãos e dentes, praguejando.

Que taes eram as bichas!

CAPITULO XVI.

Não conheço palavra que vos dê uma cabal idéa da sensação suavissima que atravessou até ao coração os tecidos adiposos do senhor Antonio, quando os seus olhos peccadores lêram o bilhete de Maria Elisa. A ultima linha, porém, essa que declara a entrada da noiva no recolhimento, fendeu no peito do alvoroçado negociante um vesuvio d'amor, misturado de orgulho, por se vêr amado d'uma donzella, que tão nobre amostra dava da sua virtude.

Cinco minutos depois que Elisa entrára, com grande pasmo e má vontade da regente, era procurada na portaria pelo rico negociante, muito conhecido n'aquella casa, em virtude dos cargos importantes que tivera na Santa Casa da Misericordia. A pedido do senhor Antonio, a regente acompanhou a menina á grade em que era esperada pelo mais ditoso dos mortaes.

Trocados de parte a parte os cumprimentos, o festival Antonio José da Silva abriu assim a questão do momento:

—Senhora regente, não sei se essa menina já lhe disse que será brevemente minha esposa.

—Nada, ainda não... E estava calada com isso? Receba os meus parabens, minha ruinzinha, que me fez cabellos brancos com as suas travessuras...

Elisa sorriu-se, e o noivo atalhou:

—Creancices... tudo tem o seu lugar. Agora ahi onde a vê é uma mulher de tino, que sabe o que lhe convém, e não dá ouvidos a tôlas... Eu cá me entendo...

Pois, senhora, como lhe vinha dizendo, trata-se o nosso casamento, que ha-de fazer-se, querendo Deus, o mais tardar quinze dias... Esta menina veio outra vez para aqui lá por cousas que ella sabe, e fez ella muito bem... Com doudos nem para o céo... Eu cá me entendo... Acho que por poucos dias não será necessario arranjar casa cá dentro, e eu venho pedir á senhora regente o favor e obsequio de m'a ter na sua companhia, que eu hei-de saber-lhe agradecer de modo que...

—Pois não, senhor Silva!? Não só isso, mas tudo o mais que estiver ao meu alcance... O que eu sinto é não ter um palacio para lhe offerecer; mas a boa vontade supprirá as faltas.

—Muito agradecida, senhora regente—disse Elisa, entristecendo-se a ponto de lhe tremerem as lagrimas nos olhos.

—Que tem, minha menina, chora, quando vae ser tão feliz?

—Nada... eu não choro...

—São saudades da sua amiga Rosa?

—Não, minha senhora... eu não tenho saudades de amiga nenhuma.

—Diz muito bem...—acudiu o jucundo negociante—Saudades são seccuras... ora adeus! Saudades de que? A menina não precisa de ninguem... Eu vou ser seu marido, e seu pae, e seu amigo. Não lhe ha-de faltar nada, e não ha-de faltar quem se morda de inveja... eu cá me entendo... Então fiquemos certos no pedido que lhe fiz?

—Já disse, e repito, senhor Silva; na minha companhia só não prometto a esta menina o impossivel de fazer-se n'estas casas para estar bem... Ella já sabe como é o recolhimento, e não estranhará as faltas...

—De certo não estranho, minha senhora; isto hoje parece-me mais bello que nunca. Hei-de gosar, na sua preciosa companhia, deliciosos momentos...

—Mais deliciosos ha-de ir gosal-os depois na companhia do senhor Silva, que é um homem honrado, e que sabe dar valor ao merecimento da menina.

—Isso póde ella estar certa, que se a não tratar melhor é porque não sei... Ora pois, senhora regente, eu queria fallar em particular com a minha futura esposa.

— Eu retiro-me, senhor Silva. Fique na certeza de que serei como tia d'esta menina.

— Ora, minha cara menina — disse o negociante logo que a regente sahiu — é necessario preparar os seus arranjos para o casamento. Eu não sei lá d'esses enfeites de noiva, senão eu seria o proprio comprador. A menina mande chamar costureiras, e ourives, e lá essa gente que vende as trapalhadas. Aqui deixo cem peças; sendo necessario mais, não tem senão escrever-me um bilhete... Tambem lhe quero offerecer uma prenda, que me não pareceu fóra de proposito: é um pente de diamantes, que lhe ha-de dizer bem com o cabello, acho eu.

— Agradecida.

— Aqui não ha que agradecer. Eu bem sei que a menina lá lhe parece que eu sou algum unhas... Está enganada de meio a meio. Eu sou sovina com quem me parece; mas com a que ha-de ser minha mulher dou muitas graças a Deus por ter muito que gastar com ella, assim Deus nos dê saude para o gosar. Então que me diz?

— Digo que o pente é riquissimo, e que estou muito penhorada dos seus generosos sentimentos para comigo.

— Não ha de que. O que eu quero é que a menina se porte bem, e não dê que murmurar ás linguas damnadas... Eu cá me entendo...

— Farei tudo que em mim caiba por merecer um bom conceito de toda a gente.

— E' o que se quer. Ora diga-me, qual gosta mais, de viver na aldêa ou na cidade?

— Na cidade. Eu não gosto da aldêa; e v. s.ª gosta?

— Deixemo-nos de *senhorias*; o melhor *é tu* cá, *tu* lá, não lhe parece, menina?

— Eu pedia-lhe licença para por em quanto não tomar a liberdade de lhe dar tal tratamento. V. s.ª póde tratar-me como lhe aprouver.

— Pois então lá como quizer. Eu cá acho mais não sei que no coração se lhe dér um *tu*.

— Pois satisfaça o seu coração, que eu tenho muita gloria em merecer-lhe esse novo signal de estima.

— Pois então ahi vae... Com que então tu não gostas da aldêa? Estás-te a rir? Pois olha que eu gostava da aldêa, e, desde que me disseste que não gostavas, a fallar-

te a verdadinha pura, tanto se me dá, como se me deu. Como te vi assim a modo de poeta, pensei que gostavas de ouvir cantar os passaros, que é a mania dos poetas, que todos fallam em rouxinoes, e não sei em que outros passarôlos que se chamam graças, ou garças, e zephyros, e não sei que mais ninhadas de aves, que ninguem conhece, penso eu. Vós lá sabeis essas cousas... Olha como ella se ri!... Eu bem sei porque tu te ris, minha cachorrinha!... Eu já sei que tu botas sonetos...

— Eu?... que graça!... eu não sou poeta.

— Não? antes assim. Isto de ser poeta não é lá grande cousa. Pelos modos, o miôlo dos taes patavinas não regula bem... Eu sempre tive cá minha birra com homens que fazem d'isso. Ha-de haver nove annos que fui a Lisboa, e vi lá um poeta, chamado... assim a modo de... era um nome estrangeirado...

— Bocage?

— Tal e qual; era o tal Bocage; estava no Rocio, á porta d'um botequineiro, e eu passava, e disse-me um meu amigo: queres vêr o... o... como era?

— Bocage.

— O Bocage... agora não me ha-de esquecer... e vae elle olha para mim, muito sério, e bota-me um soneto que não sei que diabo dizia, que toda a gente se riu... Acho que o tal Borrage...

— Bocage.

— Valha a breca o tal nome, que tem que se lhe diga! Acho que elle era tôlo, e os outros não tem mais juizo que elle... Pois muito folgo saber que a minha esposa não é poeta... Ora diz-me: tu sabes alguma cousa cá d'estas cousas do ar?

O senhor Antonio fez, sobre a cabeça, um gesto com as mãos, que poderia significar uma pergunta de honestidade equivoca.

— Que são cousas do ar?

— Sim... perguntava eu se sabias alguma cousa dos planetas...

— Astronomia? Tenho lido alguma cousa.

— Então has-de saber quando está para vir chuva?

— Ainda não estudei essa parte. Eu penso que a chuva vem quando os vapores condensados na atmosphera...

— E' isso mesmo... Ora diz-me uma cousa que me tem dado que pensar. Lá em cima na lua diz que anda gente como por cá?

— Penso que não ha certeza d'esse phenomeno.

— D'esse?...

— Phenomeno...

— Se te não custa diz-me o que é isso? é algum planeta?

— Nada, não é... Phenomeno é uma maneira de existir na ordem natural das cousas, manifestada de modo que as leis dos systemas conhecidos não attingem a lei que rege esses actos...

— Ah! agora entendi... Olha que tu sabes mais do que um frade loio que ahi ha muito sabio, e que teve o descôco de dizer que a terra anda á roda!... Que te parece a cavalgadura?

— Eu acho que elle disse scientificamente a verdade.

— Essa é boa! Pois se a terra andasse á roda, tambem nós andavamos sempre com os focinhos pelo chão... Deixa-te d'isso...

— E' illusão sua. Ha uma razão que nos sustenta na posição direita em que estamos.

— Bem sei que são as costas das nossas cadeiras; mas, se a terra andasse ao redor, cahiam as cadeiras comnosco.

— Não é essa a razão... E' que todos os corpos pendem para o centro da terra... é o que se chama lei da attracção.

— Ah! agora entendi... *todos os corpos sahem do centro da terra...*

— *Sahem*, não: *pendem*.

— Sim, *pendem para a lei da attricção*... Não te rias, que toda a gente aprende quando não teve lá esses principios do latim, e da grammatica... Cada qual tem o seu trafego. Eu cá na minha officina do commercio sei como os que sabem. Lá de rhetoricas não sei nada, a verdade deve dizer-se; mas, se Deus quizer, tu has-de dizer-me como é isto cá de cima. Eu ás vezes ponho-me a olhar para esta machina, e fico estarrecido horas e horas a vêr o que nós somos, e como o Creador fez tudo isto para nós.

— Para nós? Eu não sei do que nos servem as estrellas...

— Não sabes? A fallar a verdade, eu tambem não; mas ouvi dizer que as estrellas de alguma cousa servem.

— Tambem creio que sirvam; mas para nós não lhe vejo a utilidade.

— Então os livros não resam d'isso?

— Não achei ainda uma explicação precisa.

— Pois, minha Mariquitas, estão-se fazendo horas de ir ao jantar. Deixamos isto para outro dia, que não ha-de faltar occasião de fallarmos a respeito da sabedoria. Vê lá se queres alguma cousa...

— Não preciso de nada.

— Ámanhã é a primeira corrida de banhos... De ámanhã a quinze dias effectua-se o negocio; e ficamos arrumados d'aqui. Adeus, menina, até ámanhã.

O senhor Antonio sahiu, com o espirito remoçado, e a cabeça aturdida de idéas novas sobre astronomia. Contente, como nunca, o milagre de vinte annos de menos não daria ás suas pernas trôpegas a agilidade com que o viram passar nas Fontainhas.

Mal elle tinha sahido, quando Rosa Guilhermina entrou no páteo, e pediu á porteira que lhe chamasse Maria Elisa.

A resposta foi que a senhora D. Maria Elisa não recebia a visita da senhora D. Rosa, porque não queria envergonhal-a com as suas relações.

A filha do arcediago instou, supplicou, fez empenhar a regente para que a orphã lhe fallasse. A regente, porém, que não queria importunar a noiva de Antonio José da Silva, antigo mesario da casa, negou-se ás instancias da lagrimosa menina.

Déra-se um forte motivo para a recusa teimosa de Elisa. Quando ao despedir-se do negociante, subia para a casa da regente, entregaram-lhe no caminho um bahú e uma chave. Elisa entendeu que eram os seus vestidos, que a attribulada amiga lhe mandava. Abriu o bahú para tirar um chaile, e viu tudo espedaçado. A indignação coincidou com a vinda de Rosa, e Rosa, arrependida, corrêra ao Recolhimento para estorvar a entrega do bahú.

Era impossivel a reconciliação. A' ultima impertinencia de Rosa Guilhermina, a orgulhosa respondeu que podia já dar-lhe algum dinheiro por conta do que lhe

devia, e remetteu-lhe a sacca com as cem peças que lhe deixára o negociante.

A filha de Anna arrojou-as ao chão, e sahiu furiosa, promettendo vingar-se da nova villania.

Maria Elisa ficou satisfeitissima d'aquelle rasgo, e sentiu, pela primeira vez na sua vida, que, sem dinheiro, ninguem póde ter rasgos, nem mesmo póde contar com que os romancistas futuros se entretenham da sua pessoa.

Oh meu caro Antonio José! tu de astronomia não sabias muito; mas tinhas d'aquella cousa que faz descer os astronomos cá para baixo!

CAPITULO XVIII.

— Quem é aquelle peralvilho que bate á porta da D. Rosa?

Temos namoro, se dermos ouvidos á tia Bernarda Estanqueira, que mora na viella do Bomjardim, e que tem um olho na balança do simonte, e o outro, que por signal é vesgo, na porta da filha do arcediago.

— Que berzabum de escanellado será aquelle, que parece que traz espartilhos! Valha-o a breca que tão tezo está! Aquillo não me parece homem cá do Porto! Parece mesmo um comediante d'aquelles que berram umas cantigas na casa das operas da Batalha... O' tia Joaquina! (*a tia Joaquina era uma visinha, que estava dobando, ao sol*) vm.ce não vê acolá aquelle ingarilho que já puxou duas vezes a sineta?

— Já vi.

— Conhece aquella avantesma que me parece mesmo o peccado?

— Conheço... ora se conheço!... Aquelle é o sobrinho do senhor Antonio da rua das Flores, que me tem dado muito pãosinho. Quando eu hia d'antes levar-lhe os novêllos do algodão, aquelle menino era caixeirinho na casa; mas pelos modos elle agora estuda para doutor.

— Sim? pois olhe que d'aquelle magricellas não póde sahir grande doutor! Acho que um homem assim não tem boas as memorias, nem sustancia para saber lá aquellas cousas da justiça... Elle lá entrou... Quer vm.ce vêr que a delambida da rapariga anda de namoro com elle!...

— A'gora!... Se fosse isso, elle não entrava assim ao pino do meio dia... acho eu!

— Boa vai ella!... Pois vm.ce pensa que as raparigas d'agora são como as do nosso tempo? Diz o fr. Manoel do Santo Lenho, dos carmelitas, que já não ha vergonha nem temor das penas do inferno!... E quer que lhe diga, tia Joaquina? Quanto mais fidalgas, mais desavergonhadas!... Inda hontem a minha Euzebia, que está em casa d'uma certa fidalga que vm.ce sabe tão bem como eu, me contou que a sua ama estava com um inglez á janella a dar-lhe beijos, e que elle lhe dava beliscões nas pernas. A minha Euzebia deu fé d'esta pouca vergonha, sem querer; e a fidalga tambem viu que a rapariga deu fé; e disse-lhe depois «Euzebia nós cá as fidalgas podemos fazer isto que viste; e vós outras plebeas, não, porque não tendes nada senão a vossa honrasinha.» Ora que lhe parece isto? dá mesmo vontade de lhe responder: vá-se d'ahi, sua porca; se vossa excellencia tivesse o miolo no seu lugar não consentia que lhe estivesse um herege lá do fim do mundo a beliscar as pernas, e a pôr-lhe os beiços no cachaço!» Fóra com as libertinas!

— Tem razão, tia Bernarda... a religião é cá só para as pobres. As ricas o que querem é ir á igreja mostrar os aceios... Disse outro dia um prégador na Victoria, que a casa de Deus estava sendo uma feira, e que nosso Senhor pozera as *pelicanas* fóra do templo... As *pelicanas* são as fidalgas... Olhe lá... aquella sumelga, que alli mora, será fidalga?

— Acho que sim. O pae era o senhor arcediago de Barroso, e a mãe ouvi rosnar que era uma das taes *pelicanas*...

— Consta que tem muito de seu.

— Muitos bragaes, muita prata, não sei quantas moradas de casas, e uma quinta em Paranhos... Que comer não lhe falta; mas acho que a respeito d'isto (*pondo o dédo na testa*) não regula lá grande cousa... Veio aqui ha dias á minha loja uma mulher de mantilha, ainda frescalhona, e perguntou-me muitas cousas a respeito da tal rapariga. Quem entrava, quem sahia, se ella andava pela rua, se tinha muitos aceios, em fim, eu fiquei com a pedra no sapato, e cá de mim para mim entendi que

aquillo era uma refinada alcayota. Tambem hei-de saber quem tu és — disse cá com os meus botões — e mandei, assim que ella sahiu, o meu galleguito atraz d'ella. Veio dizer-me que morava n'um baixo da rua Direita, e que se chamava Anna do Carmo...

— Eu sou da sua idéa... isso era de alcofeira, que vinha saber se lhe poderia entregar alguma cartinha d'aquelle fidalgo que mora á Victoria, e que tem o nariz apurado para as môças como gato para boches. Ha-de ser isso...

— E olhe que não era outra cousa!...

— E eu até me parece que já o vi aqui passar uma noite.

— E eu tambem... Que signaes tem elle?

— E' um pacabote baixo, com a carinha côr de cereja...

— E' o mesmo, que eu vi, tem carinha côr de cereja, e os olhos a modo de...

— São azues...

— E' verdade, os olhos são azues... Era o mesmo em carne e osso... E vm.ce viu-o entrar para lá?

— Não o juro; mas acho que entrou...

— Eu tambem não juro, mas parece-me que o vi entrar...

— Então é que entrou... Que horas eram?

— Meia noite, mais quarto, menos quarto.

— Era elle... foi ha-de haver quinze dias... tia Bernarda...

— Ha quinze dias... é isso mesmo... por signal...

— Que estava vm.ce no hospital, tia Joaquina, e não podia vêr o que se passava na rua — interrompeu uma terceira, que estava fiando a um postigo.

— Quem a chama cá? — disse a velha desmentida.

— Não posso ouvir murmurar com mentira... nem me parece catholica!

— Ora metta lá a sua religião no pucaro, e coma d'ella, ouviu sua intromettida?

— Quem não quer ouvir não mente descaradamente.

— E que lhe importa a visinhança?

— E vm.ce que lhe importa aquella senhora que está mansa e quêda em sua casa?

— Se come por ella, ganhe a sua vida lá como podér, e deixe conversar quem conversa! Que lhe parece, tia Bernarda! sempre ha cada estafermo n'este mundo!..

— Isso ha!... — disse a tia Bernarda, retirando-se para o estanco a pezar dez reis de simonte.

— Estafermo será ella! — replicou a honesta fiadeira.

— Cale-se ahi, sua trapalhona!

— E vossê... sua lingua de trapos!

— Desavergonhada!

— Estupor!

— Bebeda!

— Paugaia!

— Feiticeira!

— Ladra!

— Ladra é vossê!

— E vossê come pela filha!

— E vossê quando casou já comia pelas suas, e tem quatro que não conhecem os paes!

— Ladra, ladra, ladra!

— Bebeda! bebeda! bebeda!

A tia Joaquina rematou a apóstrofe, erguendo-se, e corcovando-se um pouco com as costas para a visinha, e assentando tres palmadas que provocaram esta resposta do postigo:

— Fóra porca! regateira! vae vender sardinhas, grandíssissima beberrona!

Abriu-se uma janella de Rosa, e appareceu a cabeça do sobrinho do senhor Antonio da rua das Flores, como nol-o denunciou a desbocada Joaquina. Já não veio a tempo. O dialogo edificante emmudecêra, e o observador correu á vidraça, dizendo:

— Não vi ninguem, minha senhora...

— E' uma terrivel visinhança esta! — disse Rosa — estou anciosa pelo S. Miguel para occupar o meu predio da rua do Almada...

— Tem razão, minha senhora; o bêco é detestavel... Tornando á nossa conversação, disse-me v. s.ª que não conhecia meio nenhum de obstar ao casamento d'aquelle relouçado!

— Eu, pelo menos, ignoro os sortilegios que desmancham as loucuras d'um velho...

—Não ha meio de dissuadir a sua amiga?

—Já lhe disse que não, senhor Augusto: essa pessoa nem é minha amiga, nem é docil para ceder a instancias de ninguem. O que ella quer é ser rica, e a occasião que se lhe offerece agora, é a mais propicia ao complemento das suas ambições.

E' admiravel que ella, habituada com v. s.ª, não aprendesse a nobreza de caracter, e independencia com que a senhora D. Rosa repelliu a fortuna de meu louco tio!

—Bem vê v. s.ª que eu, se não sou rica, herdei a independencia, e Maria Elisa julgou pessimamente a minha alma. Suppoz-me capaz de lhe retirar a mão generosa que a tirára da servil condição de orphã... Quer tambem ser rica...

—V. s.ª desde creança mostrou um coração nobre. Lembra-se, ha quatro annos, quando pedia a meu tio que me deixasse ir para Coimbra estudar?

—Lembro, perfeitamente... e elle enganava-me, dizendo-me que sim, e por fim...

—Tinha-me traiçoeiramente preparado a minha ida para o Brazil, para se vêr livre das exigencias de minha pobre mãe, e irmã d'elle, que lhe pedia um subsidio para a minha formatura.

—E como pôde depois v. s.ª obter os meios para ir estudar, independente do subsidio de seu tio?

—Com o trabalho. Como sei francez, traduzo novellas, que vendo a um livreiro de Lisboa, e do escasso producto d'este trabalho fiz a minha independencia. Algumas dividas contrahi, na esperança de ser um dos herdeiros da riqueza de meu tio. Quando cheguei ao Porto, e me disseram que esse homem casava com uma orphã, pensei que era v. s.ª a feliz ou a infeliz destinada a essa gloria ou a esse sacrificio. Resolvi logo, em nome de minha mãe, e em nome da nossa amizade de infancia, vir supplicar-lhe que não tolhesse o nosso futuro, visto que v. s.ª era rica. E vinha cheio de esperança, na certeza de movêl-a em nosso favor. Desgraçadamente enganei-me; mas, de todo o meu coração lhe digo que estimo vêl-a livre d'um perigo tal. Com a sua formosura, com a sua intelligencia, seria barbara a escravidão a tal

velho, que o ouro, e só o ouro fez digno de vincular uma mulher nova áquelle quasi cadaver. Faz-me lembrar os supplicios de Mezencio!...

D'este arrazoado bem se vê que o senhor Augusto Leite, estudante do 2.° anno juridico, traduzia novellas, e conservava alguma cousa de memoria.

Rosa, tocada no sentimentalismo, respondeu:

— Commoveu-me a sua narração, senhor Augusto! Espero acredite que me amarguram os seus padecimentos, e dera quanto possuo para minorar-lh'os. Eu não me esqueço de que foi v. s.ª a unica pessoa de sua familia, que me não enjoava com os tregeitos, momices e impertinencias d'uma baixa educação. Sua mãe, que raras vezes vi, parecia-me uma celeste creatura. Muitas vezes me disse que tremia de me vêr n'aquella casa, porque eu era o instrumento com que seu irmão ameaçava destruir os planos de seus sobrinhos. Ella enganou-se, e elle tambem. Eu só posso ser escrava, quando a escravidão me fizer rainha. Olhei sempre com enjôo para esse velho, e por fim detestei-o... Hoje, porém, chego a lamental-o, porque vae ser um ludibrio de sua mulher. Quem ha-de vingal-o, senhor Augusto, é Maria Elisa. A indole d'ella conheço-a eu perfeitamente. Seu tio vai ser a fabula do povo, e a sua nova tia ha-de deixar nome; mas não deixará bens de fortuna que tirem da miseria os seus herdeiros...

— Quanto é suave ouvil-a fallar, senhora D. Rosa! Quem diria que o tenro botão abriria do seu seio uma tão linda flôr, com taes perfumes!...

— Muito agradecida, senhor Augusto... Eu tenho deixado fallar o coração, e creio que acreditará na extremosa vontade que tenho de ser-lhe prestavel...

— V. s.ª é uma divindade. Minha mãe virá abraçal-a como abraçaria... uma filha. Eu retiro-me com o coração embalsamado das suas palavras, e entrei com elle atravessado de agudos punhaes. As suas expressões são como a lyra do Orfeu, que adormecem as dôres, ou como a harpa de David que acalentava as tribulações de Saul! (*extracto da* LUIZA OU A CABANA DO DESERTO, *pag.* 26). Ninguem diga que é verdadeiramente infeliz. Ha anjos, encarregados de cobrirem de flôres os espinhos que nas-

cem sobre a carreira de alguns mortaes! (*este é de pag. 31, de* Sophia ou a Donzella Houzard, *e não presta para nada hoje; mas n'aquelle tempo tinha novidade*). V. s.ª é um d'esses anjos, e eu sou o mortal que mereceu á Providencia Divina a benefica assistencia dos seus desvelos! (Os Sybaritas ou os subterraneos de Piombino, *pag.* 41). Se os meus labios não tem ardentes phrases, o meu coração arde em penas de serem frios os labios (O Heroismo do amor, *pag.* 202). Finalmente, não a importuno mais. Dê-me v. s.ª as suas ordens. (*Isto agora é d'elle.*)

—Espero que me faça muito recommendada a sua mãe, á qual offereço a minha casa; e v. s.ª, dignando-se honrar-me com a estima que outr'ora lhe mereci, muito me obsequeia vindo aqui passar alguns instantes de conversação.

—Eu tenho a honra de offerecer a v. s.ª as novellas que tenho publicado. Se fossem minhas, não me atreveria a tanto; mas, como são de bons authores, e apenas tem de meu a incorrecta versão...

—Penhora-me muito com a sua offerta, que acceito, grata a sua mimosa lembrança. Eu amo a leitura das novellas, e quando, nas que me offerece, estão vestigios da sua applicação, muito mais grata me será essa leitura.

—Serei eu o portador, se me der licença.

—Mais valiosa prenda devo reputal-a...

—Ás ordens de v. s.ª

—Muito boas tardes... Joaquim, acompanha este cavalheiro.

—Sem incómmodo, minha senhora.

—Permitta...

—Por quanto ha...

—Eu não consinto que vá só... não sabe as sahidas...

—Oh! minha senhora, é muito desvelo...

—E' um dever... oh!...

—Ah! minha senhora... é muito...

—Não consinto...

—Por quem é...

—Muitos recados a sua mãe...

—Ha-de presal-os infinitamente...

—Senhor Augusto...

—Senhora D. Rosa Guilhermina...

Emfim, despediram-se! Estavam bonitos! O tio e o sobrinho tocavam-se pelos extremos.

Rosa Guilhermina olhando-se a um espelho para ajuizar do merito da sua pessoa, momentos antes, dizia comsigo:

—Eis alli um perfeito mancebo! Ninguem dirá que é sobrinho d'aquelle bruto! Como é sublime! Aquella linguagem toca!...

Vamos vendo que a filha do arcediago dançava facilmente quando a linguagem tocava...

Faz ella muito bem. Está na flôr da sua idade, e Deus não lhe deu os talentos para escondêl-os na terra. O seu coração ancêa um confidente; o seu espirito ambiciona applausos, a sua alma não veio tão cheia de luz para se esconder debaixo do meio-alqueire. N'esta especialidade, raras são as mulheres que não obedecem ao preceito do Evangelho. Se faltam a muitos outros, é porque o homem divino, que conhecia a fragilidade da creatura, dissera «a carne do homem é fraca.» Ora, eu, pelos vastos conhecimentos que tenho de anatomia, affirmo que a carne da mulher não é mais forte.

E, por consequencia, se a senhora D. Rosa Guilhermina me dissesse:

—Vm.ce faz favor de me dizer se devo embalsamar com meus perfumes aquelle gentil moço, que me parece um genio?

—Embalsame-o, minha senhora; perfume-o á sua vontade (lhe responderia eu), e quando não tiver incenso, nem myrrha, sirva-se d'aquella offerta dos tres reis, que a historia do tempo pôz em primeiro lugar...

CAPITULO XIX.

Se eu bem lh'o dissesse, ella melhor o faria.

A indignação contra Elisa, n'essa tarde, cedeu o lugar a novas sensações. A litterata punha á mão sobre o peito, e dizia: «Eu tenho aqui alguma cousa nova!»

E parece que tinha!

Lembrava-se de cinco situações, em varios romances, semelhantes á sua. Encontrava-se a cada passo com a imagem de Augusto Leite. Achava extraordinaria a coincidencia de dous espiritos sublimes. Divinisava aquelle encontro, lançando ás largas costas da Providencia a predestinação de se verem creanças, e encontrarem-se na idade em que os corações não resistem ao superior destino da sua união. Não ha nada como a mulher espirituosa!

O futuro bacharel da sua parte não era tão metaphysico. Quando procurou Rosa já trazia na carteira um calculo aproximado do patrimonio da sua companheira de infancia. E depois que a ouviu, indagou as cousas de modo que o calculo não lhe falhava em 3$200. Era um poeta da força de quatro dromedarios em prosa villan. Tirem-lhe o francez, e ponham-lhe dezoito arrobas de carne, terão o seu digno tio Antonio José da Silva.

Na manhã immediata a senhora D. Custodia Hermenegilda da Silva, acompanhada de seu filho, e tres novellas vieram visitar a filha do arcediago. O academico depoz respeitoso a offerta nas mãos (que não chamo lindas, porque não minto) da agradecida menina.

As mil cousas da conversação, particularmente ácerca

de Elisa, resumil-as-hemos na ultima pergunta, que D. Custodia, passeando no jardim a sós com D. Rosa, lhe fez, em quanto seu filho, de proposito, folheava os romances da poetisa.

— Porque se não casa, menina? Precisa quem administre a sua riqueza, quem lhe sirva de companhia, e lhe mereça o seu bom coração. Casar pobre é uma desgraça; mas na sua situação, o casamento deve ser a felicidade de toda a vida. A tal não a aconselho eu com um homem estragado. Eu sou um triste exemplo d'essa leviandade. Meu marido era um letrado, muito sabio, o melhor advogado do Porto, mas o mais extravagante homem que imaginar-se póde. Casei contra vontade de minha familia, e por isso, quando meu marido dissipou a minha legitima e a d'elle, deixando-me por herança este filho que tanto me tem custado a educar, meu avarento irmão negou-me um subsidio para ajudar a formatura de seu sobrinho. Nasci em casa rica, e tenho sempre vivido pobre. Minha irmã Angelica é uma beata estupida, que nem irmã me quer chamar. Estas e mil outras infelicidades me tem obrigado a amaldiçoar a hora em que casei: mas... se me lembro de meu marido, que era um doudo infeliz, não lhe amaldiçôo a memoria.

— E se eu deparasse um homem como seu marido?

— Não dê esse passo cegamente, menina. Estude bem o caracter dos homens, e, quando encontrar um como meu filho, case-se, que é venturosa, e dá a ventura a um mancebo digno d'ella... Vejo-a pensativa!... Eu não lhe fiz pergunta nenhuma, senhora D. Rosa, a que a menina deva responder com a côr na face... Estou certa que v. s.ª, conhecendo a fundo as virtudes de meu filho, seria a primeira a chamar-me mãe... e, se as circumstancias a privaram de conhecer a sua, acharia em mim... Que sobresalto é esse?! Sente-se opprimida? Foi por lhe fallar em sua mãe?... desculpe-me, que eu não cuidei que a magoava...

— Não me magôa... Isto são reminiscencias da infancia...

— Conheceu a mãesinha?

— Mal me lembro... vi-a, sendo eu creança de seis ou sete annos...

— Ella já morreu?

— Penso... que sim...

— Que prazer não teria ella em conhecêl-a tão linda, tão esperta...

— Talvez me odiasse, como me odiou...

— Pois ella...

— Não vê que me abandonou?

— Talvez violentada por circumstancias...

— Muito por sua livre vontade...

— Sim?! então era uma indigna mãe... e desculpe-me...

— De certo era... uma indigna mãe... meu pae nunca me fallou d'ella...

— Tal era a differença que elle conhecêra entre mãe e filha... Ora, pois; não soffra por tal motivo, minha menina... Quer-me para sua mãe?...

— De certo... queria.

— Eu estou-me a rir... Esta pergunta não devia fazer-lh'a, sem que a menina tivesse do caracter do meu Augusto um seguro conhecimento... Isso ha-de vir com o tempo; e, se o coração lhe não repugnar, acceite-o como marido... Não é rico; mas o seu patrimonio é o amor que elle tem ao trabalho, e o seu talento que lhe promette creditos semelhantes aos de seu pae, que tratava pouco dos seus interesses. De pae a filho vai grande differença. Um pensava no dia presente; o outro pensa no dia futuro... Tem sido bem grande a minha impertinencia, não é verdade?

— Pelo contrario, deleita-me a sua conversação, e captivo-me dos carinhosos desvelos que emprega na minha ventura... Oxalá que eu nunca desmereça no conceito da minha amiga...

— Espero que assim seja... Diz-me o coração que teremos de ser muito, muito amigas, que viveremos unidas muitos annos, e que fallaremos com prazer do bello dia que temos passado.... Ahi vem o Augusto!... sempre com os livros de volta...

— São as *Cartas a Sophia* por Mirabeau... Não pensei que a senhora D. Rosa conheceria esta obra...

— Porque?

— Não é muito propria para leitura de meninas.

— Que tem? Se eu entendo as idéas d'esses livros, é que elles não me dizem nada novo; e se as não entendo, nada perco da minha innocencia.

— Acaba v. s.ª de apresentar uma idéa que opéra uma completa revolução na minha maneira de encarar as novellas! Tem razão!... Vejo que é não só sublime, mas até rasoavel no seu systema!

— Creia que disse a verdade; e, senão, despersuada-me que eu serei docil.

— Não a contradigo, minha senhora. Pelo contrario, sou da sua opinião. Minha mãe, esta menina é um anjo, e tem um talento extraordinario...

— Não o creia, minha senhora.

— Não preciso que m'o diga. Meu marido soube dar-me o gosto para apreciar o merito das pessoas. Se fiquei pobre de bens, posso afoutamente dizer que o não fiquei de intelligencia. A senhora D. Rosa Guilhermina é um portento. Ninguem dirá o que aqui está, sem se lhe importar com o mundo, onde as tolas, com algum palavriado, recebem acclamações de espertas.

— Ai! eu não ambiciono lisonjas do mundo!... Gosto de saber, porque o meu espirito precisa d'este alimento.

— E o seu coração? — perguntou Augusto.

Rosa baixou os olhos, e a sua linda face, côr de cereja, fez-se mais linda.

— São horas de nos retirarmos — atalhou a irmã do negociante que resumia em si a finura que a natureza caprichosa não quiz regularmente distribuir na sua numerosa e estupida familia — Menina, dê-me um abraço.

Augusto apertou a mão de Rosa, que hesitava, não obstante as *Cartas a Sophia*... Despediram-se com requebros e olhaduras de varios modos, e feitiços, de parte a parte.

Seguiram-se as visitas regularmente. D. Custodia Hermenegilda acompanhava sempre seu filho. (Seja dito para socego da opinião publica). A estanqueira reformou a sua opinião a favor de Rosa, e vingou-se em pedir trinta reis de divida de simonte, que a fiadeira intromettida lhe devia. A outra, que dobava, e cujo nome não me lembra, vingou-se da visinha, batendo-lhe á

porta alta noite. Tantas vezes repetiu a graça, que se constipou, e constipação foi esta que a pobre mulher morreu no hospital, declarando, á hora da morte, que nunca vira entrar de noite homem nenhum em casa de Rosa, e que fôra a estanqueira que a mettêra n'aquella alhada: declaração que fazia para que Deus não condemnasse a sua alma, traste, realmente, de que Deus, de bom grado, se dispensaria, e nós tambem.

As mulheres dos meus romances quasi todas são honestas pessoas, que se casam. Só quando de todo em todo não posso falsificar a tradição em honra das minhas heroinas é que as sacrifico ao nariz-torto das mães de familia, que, quasi sempre, exprimem com o nariz a sua justa indignação contra os romances em que os amantes não casam por fim.

Benignas senhoras, exultai, que a moral triumpha em todas as minhas obras. D. Rosa Guilhermina resolvé casar-se na fórma do sagrado concilio tridentino e constituição d'este bispado com o senhor Augusto Leite. O juiz dos orphãos concedeu a licença, e o senhor Antonio José da Silva, embriagado da ventura propria, estimou que seu sobrinho arranjasse mulher com dinheiro, unica esperança, que elle negociante tinha de evitar as mendicantes perseguições de sua irmã.

Se imaginam que os noivos deviam dizer muito bonitas phrases, enganam-se. Namoraram-se pelas novellas, e liam ambos a pergunta e a resposta dos dialogos mais apaixonados. A senhora D. Custodia assistia a estas leituras, e lagrimejava de ternura.

A constante presença d'esta senhora ao lado d'elles, authorisa-me a dizer-vos que nunca as duas creaturinhas do Senhor tiveram occasião de adiantar-se um beijo por conta do matrimonio. Eu não sei que se tenha feito um namoro mais honesto que aquelle! E' um gosto a gente encarregar-se de archivar estes casamentos que fazem honra ao genero humano! A intelligencia gosa; o coração consola-se, a virtude dança a polka, e o vicio envolve a cara hedionda no seu *cache-nez*!

Oh! Bemaventurados, em duplicado, aquelles que me lêrem! O futuro fará justiça á candura das minhas intenções!

CAPITULO XX.

O NOIVADO,

DRAMA EM UM ACTO.

PERSONAGENS.

D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide.
Antonio José da Silva.
D. Angelica Athanasia da Silva.
João Alves Rodrigues . . . . . } Convidados.
Manoel José Fernandes . . . . . } Convidados.
Joaquim João Baptista . . . . . } Convidados.
O senhor João Pereira, o do chinó.
Um encapotado.

A scena passa-se na rua das Flores, em casa do senhor Silva. Vista de sala decorada, segundo a época.

D. Maria Elisa, e seu marido estão sentados no canapé. Á esquerda do senhor Antonio está sua irmã. Os convidados estão em frente do canapé, com as costas voltadas para nós.

O relogio de S. Domingos dá meio dia. Ouvem-se as regateiras que apregôam robalinhos na rua.

SCENA I.

O SENHOR ANTONIO,

(*batendo na respectiva perna*).

Meus amigos, mal diriam vm.ces que eu viesse por fim de contas a casar! Ninguem diga d'esta agua não beberei! Um homem, em quanto anda n'este mundo, não sabe para que veio...

O SENHOR FERNANDES,

(*á parte*).

Ella t'o dirá...

O SENHOR ANTONIO.

Eu não tinha, até ha pouco, na cabeça... (*sensação*

nos espectadores em quanto o orador se assôa) não tinha na cabeça a idéa de me casar, porque, emfim, os tempos não vão muito bons para alguns maridos que eu conheço... O nosso visinho João Pereira, do chinó, que o diga...

D. MARIA ELISA.

Que historia é essa do João Pereira, em que o senhor Silva já me fallou de passagem duas vezes?

D. ANGELICA.

Ora o que ha-de ser? Os nossos peccados, cunhada... E' uma mulher que o demonio tentou, Deus me perdôe, se pecco... Não gosto de murmurar... E' mesmo uma vergonha... Está vestida e calçada no inferno...

D. MARIA ELISA.

Quem? Não comprehendo...

D. ANGELICA.

Quem ha-de ser? Ella, a birbantona, que deu a mão de esposa a um, e anda por ahi sempre... como se diz, Antonio?

O SENHOR ANTONIO.

Como se diz o que?

D. ANGELICA.

Como é que dizem os prégadores d'esse peccado?

O SENHOR ANTONIO.

Não são os prégadores, é o nono mandamento.

D. ANGELICA.

Pois sim; mas os prégadores chamam a essas mulheres... *indultas*... *adultas*, ou não sei que...

O SENHOR FERNANDES.

Adulteras?

D. ANGELICA.

Isso mesmo... Eu uma cousa assim nunca vi na minha vida!... Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo... Assim que vê um homem na rua a olhar para ella, ás duas por tres, faz-lhe gaifonas com a gata...

D. MARIA ELISA.

Com a gata?

D. ANGELICA,

(*remedando com a manga do capote de castorina amarellada*).

Põe-se assim com a gata no collo a bulir-lhe na cabeça...

D. MARIA ELISA.

E isso que quer dizer?

D. ANGELICA.

Eu sei cá? é o peccado... Acho que a gata lá tem cousa de feitiçaria, porque os homens ficam de bôca aberta para ella!

O SENHOR FERNANDES.

Acho que não é para a gata...

O SENHOR BAPTISTA.

Eu tambem sou da mesma opinião... A gata não é má...

O SENHOR RODRIGUES.

O peor é o gato, que a gata boa é, que caça ratos...

D. MARIA ELISA.

(*á parte*).

Que cacafonias! *que a gata! que caça!*... Apre, que são muito alarves!

O SENHOR ANTONIO.

Deixemos lá isso..., ella lá sabe o que faz, e cada qual guarde bem a sua cabeça do mau pensamento de casar-se com doudas... Eu bem lh'o disse a elle... « Olha que essa mulher não te serve... tem má pinta, e não sei, mas ha-de-te dar que fazer... »

SCENA II.

OS MESMOS E O SENHOR JOÃO PEREIRA.

O SENHOR PEREIRA,

(*entrando, sem pedir licença*).

Deus aqui, e o diabo em casa dos frades...

D. ANGELICA,

(*á parte*).

Olha o inimigo!... quem o chamou cá?!

O SENHOR ANTONIO.

Ora viva o meu amigo e visinho! Esteja bom, passasse muito bem, é o que eu mais estimo. Puxe cadeira e sente-se, sem ceremonia.

O SENHOR PEREIRA.

A bôda e a baptisado, diz lá o outro, não vás sem ser convidado. Eu não estive pelas contas. Somos visinhos ha cincoenta e dous annos, e rapazes da mesma creação.

Cá entre nós não ha ceremonias. Vim dar os parabens ao meu amigo e senhor Antonio, e vêr-lhe a sua noiva, que em quanto a mim é esta menina...

D. MARIA ELISA.

Uma sua creada.

O SENHOR PEREIRA

Creada dos anjos. Pois, minha visinha, a minha casa é logo adiante d'esta; mettem-se duas portas de permeio; se precisar d'alguma cousa, de mim ou da minha companheira, não tem mais que mandar...

D. MARIA ELISA.

Muito agradecida ao seu favor.... Queira sentar-se.

O SENHOR PEREIRA.

Estou bem assim: farto de estar sentado estou eu atraz do mostrador. Com que sim, senhor Antonio, está vm.ce cá no rol dos homens de bem...

O SENHOR ANTONIO,

(*com intenção*).

E' verdade... cá estou no rol dos homens de bem...

O SENHOR PEREIRA.

Fez vm.ce o que devia. Não ha vida melhor que a de casado. Eu cá de mim não tenho razão de queixa. Estou casado ha dez annos, tres mezes, e vinte e quatro dias, e, graças a Deus, não tive ainda um desgosto!

O SENHOR FERNANDES,

(*á parte*).

Este é dos taes que o sabem no fim.

O SENHOR PEREIRA.

A minha santa companheira é propriamente uma mulher de casa, e minha amiga, que é mesmo uma cousa! Lá por eu ter mais vinte annos que ella, isso não tira, nem põe. Não é como algumas cá da nossa rua... nós bem sabemos quem ellas são...

O SENHOR FERNANDES,

(*á parte*).

Eu só conheço a d'elle...

O SENHOR PEREIRA.

Lá porque os maridos não andam espartilhados a dar, com licença... nas canellas com as abas da casaca, gostam mais dos peralvilhos!...

Arreda com ellas! Eu, se tivesse assim uma, eu não seja João, se lhe não arrebentasse a propria barriga!... A minha Marcellina é uma rapariga, que, se me vir afflicto, vem prantar-se ao pé de mim, e não sahe d'alli sem que eu lhe diga que estou bom. Quando me cahiu o cabello foi ella que me pôz este chinó na cabeça, e por ahi os tratantes metteram-me sonetos ao chinó por debaixo da porta! Valha-os o diabo!...

D. ANGELICA.

Credo! Anjo bento! vm.[ce] falla tantas vezes no inimigo! Não diga essa palavra, que me faz arripios no costado!

O SENHOR PEREIRA.

Ahi está a nossa beata com as suas *escrupulisações.* A gente não sabe como ha-de fallar diante de vm.[ce] A minha Marcellina, ás duas por tres, é diabo para aqui, diabo para acolá; e, se eu lhe digo que não é bom chamar quem está manso e quedo, ella diz que o diabo se chama diabo!...

D. ANGELICA,

(*persignando-se*).

Santo breve da marca! Cale-se lá com essas blasphemias! Sua mulher, se tivesse juizo, não dizia isso!... Se vm.[ce] lhe désse com o covado pela rabada, ella se calaria...

D. MARIA ELISA,

(*á parte*).

São indecentes!... Se algum futuro author de novellas quizesse descrever fielmente esta scena, teria de ser indecente como elles! Tomára-me eu sósinha!

O SENHOR ANTONIO.

Em que pensas tu, Mariquinhas?

D. MARIA ELISA.

Ah!... eu?... não pensava em nada...

O SENHOR ANTONIO.

A modo que estás triste! Aposto que estás a pensar lá n'essas cousas dos astros?

D. MARIA ELISA.

Dos astros? não... pensava... na minha sorte... (*com ironia*) que é realmente invejavel. Estou satisfeitissima

da deleitosa conversação d'estes senhores, que são sobremaneira recreativos.

OS SENHORES BAPTISTA E RODRIGUES.

Pela parte que me toca... muito obrigado...

O SENHOR FERNANDES,

(*á parte*).

Pobre mulher!... e pobre homem!...

O SENHOR ANTONIO.

Então, Fernandes, estás ahi tão calado!...

O SENHOR FERNANDES.

Que quer que eu lhe diga?

O SENHOR ANTONIO.

Quando te casas?

O SENHOR FERNANDES.

Quando tiver mulher. Ainda não é tarde.

O SENHOR ANTONIO.

Isso não; mas o casamento faz arranjo... Ella tem cincoenta e quatro annos, mas olha que é um anno para cada conto; e tu tens os teus trinta e seis, mas cá, segundo os meus calculos, por morte de teu pae não tens nem trinta e seis moedas, porque elle é um gastador, e deixa-te viver lá mettido no quarto a lêr o Carlos-Magno, sem te importares do negocio... Teu pae parece-me que não virá... vai-se demorando.

O SENHOR FERNANDES.

Já lhe disse que meu pae pede desculpa de não vir, porque se sente incommodado da gôta... Eu vim da sua parte dar ao senhor Antonio, e comprimentar a sua esposa a quem desejamos, tanto eu como elle, largos annos de felicidade.

D. MARIA ELISA.

Muito agradecida! (*á parte*) Este falla melhor que os outros...

O SENHOR ANTONIO.

Tu sabes fazer a preceito esses discursos! Sempre é bom a gente lêr o Carlos-Magno... Eu era pequeno quando o li, e ainda me lembra esta passagem da formosa Floripes a Roldão: « Senhor par de França! Os vossos olhos são dous sóes que derramam raios que matam como os lampejos da vossa durindana. Senhor cavalheiro,

eu vos digo que o vosso affecto é mais doce que o mel, e mais abrazador que as ardentes *fragas.* »

O SENHOR FERNANDES,
(*sorrindo*).

Essas fragas deviam de ser boas para assar bacalhau.

D. MARIA ELISA.
(*sorrindo*).

De certo...

O SENHOR ANTONIO.

E outras muitas cousas que me não lembram agora.

O SENHOR FERNANDES,
(*com ar sarcastico*).

E' pena que vm.ce se esqueça dos bocadinhos de ouro do Carlos-Magno!

O SENHOR ANTONIO.

Ora diz lá tu algumas passagens...

O SENHOR FERNANDES.

E' impossivel, porque nunca li o Carlos-Magno; mas, á falta d'essa preciosidade litteraria, posso dizer outra qualquer passagem bonita.

O SENHOR ANTONIO.

A apostar que tu não sabes orthographia?

O SENHOR FERNANDES,
(*sorrindo*).

Nada, não sei.

O SENHOR ANTONIO.

Pois então diz alli a minha mulher que t'a ensine...

O SENHOR FERNANDES.

Far-me-hia muito particular favor.

D. MARIA ELISA.

Eu?!

O SENHOR ANTONIO.

Sim, tu, Mariquinhas. Ensina-lhe aquellas cousas que fazem com que a gente não cáia quando a terra anda de redor.

O SENHOR FERNANDES.

E é isso que se chama orthographia?

O SENHOR ANTONIO,
(*meio irritado*).

E' sim senhor. Olha lá se queres saber mais d'essas cousas que minha mulher!

O SENHOR FERNANDES.

Deus me livre d'isso... (*sorrindo a Maria Elisa que abaixa, envergonhada, o rosto*) Eu nem sequer sei escrever com astronomia, como hei-de saber essas leis com que se regem os astros!...

O SENHOR ANTONIO.

Chama-se *lei d'attrição*... Não te rias... é o que te digo, e, senão, ouve: ó Maricas, como se chama isto que nos faz estar de pé, assim direitos? (*erguendo-se*).

D. MARIA ELISA.

Salvo erro, creio que são as pernas.

O SENHOR ANTONIO,

(*sériamente*).

Isso é verdade; mas, se a terra andasse á roda, a gente cahia para o lado...

O SENHOR FERNANDES.

Não é forçoso que cáia para o lado; póde cahir para traz, ou para diante. (*Maria Elisa ri-se*).

O SENHOR ANTONIO.

Tambem não vou contra isso; mas minha mulher sabe d'uma cousa que faz com que a gente não cáia, porque todos os corpos sahem do centro da terra... Olha ella a rir-se! Então enganavas-me, cachorra?... Ah ruinzinha!... (*puxando-lhe uma orelha*).

O SENHOR FERNANDES.

Sua senhora tem razão... Os corpos, não digo que sáiam do centro da terra, mas tendem para lá; e esta tendencia faz que não possam, embora a terra se mova, cahir no espaço.

O SENHOR ANTONIO.

Tu não sabes d'essas cousas...

O SENHOR PÉREIRA, *do chinó*.

Os diabos me levem se eu sei o que vossês estão a dizer!

D. ANGELICA.

S. Bento! Elle ahi torna com o berzabum do inimigo ás voltas! Não se póde estar ao pé de vm.ce!... Credo!

O SENHOR PEREIRA.

O' mulher! deixe fallar a gente!... Eu queria saber como é lá isso de andar o mundo ao redor como se fosse uma bola! Esta gente moderna sempre diz cousas! Eu

nunca tal ouvi aos velhos! Já a minha Marcellina se mette tambem a fallar d'essas cousas lá dos livros com o doutor Miranda, e, pelos modos, a rapariga não é tola de todo. Agora anda ella a congeminar nos planetas, e levanta-se algumas vezes de noite, e vem á janella...

O SENHOR FERNANDES.

Observar os astros?

O SENHOR PEREIRA.

Acho que sim! A mulher tem lá aquella pancada na mola, e eu deixo-a estudar a natureza, como ella diz...

O SENHOR FERNANDES.

Isso é justo. Não me sabe dizer que planeta estuda sua mulher?

O SENHOR PEREIRA.

Acho que é o sete-estrello.

O SENHOR FERNANDES.

Ah! sim? E que diz ella a respeito d'esse «planeta?»

O SENHOR PEREIRA.

Eu sei cá o que ella diz? Está alli á janella duas horas a olhar lá para cima, e quando se deita está fria de neve. Eu já lhe disse: ó mulher! deixa lá essas cousas celestes aos homens que sabem da poda! Tanto faz como nada; ella diz-me não sei que da abobada, e das *mariadas* de estrellas... Apostar que o senhor Fernandes não sabe que ha uma estrella chamada *vespa*, e outra *saturnea?*

O SENHOR FERNANDES.

Nada, não sabia, mas ainda venho a tempo de saber. Sua senhora é que lhe ensina essas cousas?

O SENHOR PEREIRA.

E muitas outras, que me esquecem, porque não tenho as memorias affeitas a esses nomes inglezes e gregos. Se vm.^{ce} quizer vêr o que é uma cabecinha ha-de fallar com minha mulher...

O SENHOR FERNANDES.

Estou convencido... não é preciso mais nada... Vejo que sua senhora estuda perfeitamente a natureza, e compensa bem a pena deitar-se fria de neve, quando a intel-

ligencia vai quente do fogo da sciencia. Não concorda, senhora D. Elisa?

D. MARIA ELISA.

Eu?!... não sei se...

O SENHOR FERNANDES.

Pois não é da minha opinião?

D. ANGELICA,
(*rabugenta*).

Não é, não senhor! Qual natureza, nem meia natureza! Uma mulher não se deve metter lá n'essas trampolinices! Do que ella deve tratar é de governar a sua casa, de tratar do seu marido, e dos seus filhos, e de encommendar a sua alminha a Deus. Nossa Senhora era a propria mãe de Deus, e não sabia lá das sciencias, nem dos planetas! Uma mulher honrada não vai de noite vêr á janella o sete-estrello, nem a vespa, ou o bisouro... mau bisouro é o demonio... Deus me perdoe...

O SENHOR PEREIRA,
(*pundonoroso*).

Com que vm.ce, lá porque não tem cabeça para estas cousas, quer que as outras sejam tapadas como vm.ce? Não é má esta! Cada qual trata de si, e Deus de todos. Minha mulher gosta de estudar a natureza, e vm.ce gosta de resar novenas. Quem vai contra isso?

D. ANGELICA.

E ella porque não resa novenas? Acha que lhe não são precisas? Pois olhe que... eu já vi quem precisasse de resar menos... Melhor lhe fôra governar a sua casa, e remendar a sua roupa, e não deixar ir tudo como vai de portas a dentro...

O SENHOR PEREIRA.

Sabe que mais? trate cá do que lhe pertence, e deixe as outras! Vm.ce é muito murmuradeira...

D. ANGELICA.

Eu! murmuradeira!... O' meu Menino Jesus! inda mais ouvirei! O' Antonio, já viste uma cousa assim?

O SENHOR ANTONIO.

Está bom... calem-se lá com essas questões. Cada qual vive como o seu genio lhe pede; mas olha cá, visinho, eu sempre fui teu amigo, e não tenho papas na lin-

gua, quando é necessario. Cá a minha opinião é que não deves deixar vir tua mulher para a janella de noite...

O SENHOR FERNANDES,

(*com ironia*).

Porque se póde constipar...

O SENHOR ANTONIO.

Não é isso... é que das más linguas ninguem se livra... Se quer estudar a natureza, ou lá o sete-estrello, ou o que é como se chama, que o faça de dia.

O SENHOR PEREIRA.

Tu és tolo, Antonio! Pois os planetas apparecem lá de dia?! Já vejo que não te chama Deus para este caminho!...

O SENHOR FERNANDES.

O senhor João Pereira tem razão. De dia não se descobrem planetas. O padre Theodoro d'Almeida, que escreveu muito sobre os astros, diz-me meu pae que o vira muitas noites na trapeira dos Congregados a contemplar a natureza.

O SENHOR PEREIRA.

Vm.ce é que sabe responder, senhor Fernandes... E, de mais d'isso, eu estou muito contente com minha mulher. Antes quero que ella se entretenha com os planetas lá de cima, do que com certos planetas que andam por ahi a olhar para as janellas, e que não são das melhores cousas para viver em paz cada qual com a sua mulher. Eu não tenho até hoje razão de queixa; oxalá que tua mulher te dê a boa vida que a minha me tem dado...

O SENHOR ANTONIO,

(*enfurecido*).

Isso agora!... salvo tal lugar!...

D. ANGELICA.

Longe vá o agouro, e mais não diga a bôca que tal diz...

O SENHOR ANTONIO,

(*para os circumstantes*).

Que lhes parece esta?! (*para elle*) Meu amigo, sabes que mais?... Vai muito de cá a lá...

D. ANGELICA.

O' menina, Deus a livre de tal... Minha querida nossa Senhora dos Remedios, não permittaes que tal aconteça...

O SENHOR PEREIRA,
(formalisado.)

Que diabo dizem ahi? Se eu os percebo, sêbo! Parece que já jantaram! —Pois minha mulher... sim, pergunto eu... minha mulher... se faz favor de me dizer... com que então a minha Marcellina... digam para ahi o que sabem, linguas damnadas!... Eu queria saber o que vem a ser estas benzedellas da nossa santinha, e lá esses arrufos teus, Antonio!..

O SENHOR FERNANDES.

Não se irrite, senhor Pereira, que não tem razão. Vm.ce entendeu mal os reparos da senhora D. Angelica e seu irmão. E' porque o senhor Antonio não quer que sua senhora se constipe no estudo da natureza...

O SENHOR PEREIRA.

Isso agora é outra cousa... Cada qual tem o seu genio; mas vir cá dizer-me que vai muito de cá a lá, isso tem que se lhe diga. Tanto é a minha Marcellina como a tua companheira. Somos todos do negocio, e deixémonos de fidalguias, porque todos nos conhecemos. E quem fôr mais rico, coma duas vezes, mas não desdenhe dos outros. O que eu queria dizer-te a respeito da conducta das mulheres é que sou teu amigo, e que oxalá a tua mulher seja como tem sido a minha.

O SENHOR ANTONIO,
(desesperado, com as belfas tremulas).

Isso é que eu não quero!... já te disse que não quero e que não ha-de ser!...

D. ANGELICA.

E elle a dar-lhe! *má mez* para elle!... Valha-o uma figa! Não faça caso, cunhada...

D. MARIA ELISA.

Eu sinceramente lhes digo que não sei o motivo d'esta disputa! Se me não engano, a esposa do senhor Pereira tem vocação para a astronomia. E' louvavel esse gosto

da sciencia. São raras as senhoras que se dedicam ao trabalhoso estudo da natureza...

O SENHOR PEREIRA,
(*interrompendo*).

E' como diz, e viva quem sabe fallar!

D. MARIA ELISA.

O senhor Antonio José da Silva diz que...

O SENHOR ANTONIO.

O' Mariquinhas, é melhor dizeres *meu marido.*

D. MARIA ELISA.

Meu marido diz que não quer que eu imite a senhora D. Marcellina.

O SENHOR ANTONIO.

Não quero, é tal e qual o que eu disse. Minha mulher entendeu-me logo.

D. MARIA ELISA.

Pois bem, eu não a imitarei; não me levantarei de noite a observar a atmosphera, porque realmente não quero ser martyr da sciencia. D'este modo, está acabada a questão. O senhor Pereira consentirá, porque assim lhe apraz, que sua senhora se levante para os seus estudos; e meu marido usará do direito, que eu lhe concedo, de me privar que eu estude os astros de noite.

O SENHOR PEREIRA.

Fallou bem como quem é; parece mesmo a minha Marcellina que sabe dizer cousas que é mesmo da gente ficar encantado; mas eu tenho a dizer que cá quanto ao que eu quiz dizer, a minha birra é que se a senhora D. Mariquinhas fôr honrada como a minha Marcellina, não precisa ser mais.

O SENHOR ANTONIO.

És teimoso como um jumento! Já te disse que a minha mulher tem outros brios, e que sabe as obrigações de mulher casada!

D. ANGELICA.

E não ha-de dar que fallar como algumas... emfim... cada qual metta a mão na sua consciencia...

O SENHOR PEREIRA,
(*solemne*).

Que quer dizer isso? Então vm.ce acha que minha mulher... Ora tenha juizo, que já é bem tempo de per-

der o sestro da má lingua... D'estas beatas... Deus me livre d'ellas...

D. ANGELICA,

(*aguçando o queixo inferior.*)

Vm.ce está mesmo a inquietar a gente... Olhe que eu!... não me puxe pela lingua, que eu não sou boa...

O SENHOR PEREIRA.

Isso sei eu... que vm.ce é levadinha de todos os diabos... diga-m'o a mim...

D. ANGELICA,

(*enfurecida*).

Sabe que mais? ninguem o cá chamou... Deixe-nos em paz...

O SENHOR PEREIRA.

Vm.ce é muito mal creada... O que merecia... sei eu...

O SENHOR ANTONIO.

Está bom, Angelica! cala-te, João Pereira!... Se não estás bem, vai-te embora; eu não te chamei cá...

O SENHOR PEREIRA.

O asno sou eu em vir cá fazer de homem que sabe a cortezia quando é preciso. Olha, meu amigo, em quanto tiveres cá em casa esta senhora Angelica, não has-de ter amigo nenhum...

D. ANGELICA.

Vá importar-se lá com a que tem em casa, que não tem pouco que guardar.

O SENHOR PEREIRA.

A que eu lá tenho em casa tem mais honra nos calcanhares, que vm.ce na cara. O que vm.ce queria era que eu casasse comsigo, quando casei com ella. Como eu não estive para isso, vinga-se a fallar mal de minha mulher.

D. ANGELICA.

Olha o bezuntão!... Eu quiz lá nunca casar com elle!...

O SENHOR ANTONIO.

Accommodem-se!

D. ANGELICA.

Sevandija! Más maleitas te colham!

O SENHOR ANTONIO.

Angelica, tapa a bôca.

D. ANGELICA.

Não quero!... Pois este desavergonhado não diz que eu quiz casar com elle! Mariola! Sempre é bem *coitadinho!...*

O SENHOR PEREIRA.

D'uma pandorca assim não ha nada a estranhar. Eu tenho vergonha, sua truquilheira, quando não havia dizer aqui quem vm.ce é...

O SENHOR ANTONIO.

Quem manda aqui sou eu! Já d'aqui para fóra, João Pereira!

(*João Pereira, irritado como Ajax, leva as mãos indignadas á cabeça e maquinalmente desloca o chinó. Ouvem-se fungadellas de sorrisos, que exacerbam a cólera do calvo que se retira. Angelica tem o queixo n'uma attitude perfurante. O senhor Antonio transpira na abundancia do costume. Á lucta succede um profundo silencio, quebrado apenas pelos gemidos convulsos da beata offendida na sua isempção de setenta annos.*)

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS E UM ENCAPOTADO.

ENCAPOTADO,

(*no limiar da porta que communica para o interior*).

Senhora Angelica!

D. ANGELICA.

Que queres tu, rapaz?

O SENHOR ANTONIO.

Pois tu levantaste-te da cama a tremer maleitas, Joaquim? (*para Maria Elisa*) Aquelle é o rapaz da loja que tem maleitas.

D. ANGELICA.

Que queres tu?

O ENCAPOTADO.

Eu estava a tremer as maleitas, e ouvi um grande rostolho debaixo da cama.

D. ANGELICA.

Credo! que seria?

O ENCAPOTADO.

Rezei o credo em cruz, e fui vêr o que era...

D. ANGELICA.

E que viste?!

O ENCAPOTADO.

Era a gata que comia uma gallinha assada, que trago aqui, menos o pescoço que lh'o tinha ella já comido.

(O encapotádo afasta as bandas do capote, e mostra a gallinha effectivamente degolada!... A senhora Angelica recebe a victima da gata, e pede a seu irmão poderes discricionarios para vingar a affronta).

UMA VOZ.

Está o jantar na mesa.

CAPITULO XXI.

Está, portanto, casada a senhora D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide. Temol-a na rua das Flores, e deixal-a lá estar. Que se embriague dos carinhos do nosso bom amigo Antonio José. Se a riqueza satisfaz plenamente as suas ambições, é muito rica, póde cortar por largo, tem á sua disposição um homem capaz de tudo, menos de resignar-se com a felicidade do seu visinho João Pereira, que Deus tenha na bemaventurança dos pobres de espirito, que são quasi sempre os ricos de materia.

Vamos encontrar Rosa Guilhermina tambem casada com Augusto Leite. Sou o primeiro a confessar que o meu romance está cahindo muito! Um casamento ainda póde aturar-se no fim do romance. A gente gosta de vêr recompensados os tormentos de dous amantes com o prosaico destino de todos os tolos e espertos. Ha casos, porém, em que o casamento, em vez de ser o ultimo, deve ser o primeiro martyrio das personagens, de uma novella. Quantas vezes eu leio uma, em que se me arrancam lagrimas de compaixão por dous entes que se adoram, a despeito de mil estorvos que lhes diluem em lagrimas os bellos olhos! Consterno-me; anceio a ultima pagina em que vão ser coroadas por um goso duradouro as suas agonias... E essa ultima pagina diz-me que se casaram! «Faltava-lhes esta!» digo eu então, arremessando com piedosa indignação o livro!

Ainda um casamento... passe! Mas dous casamentos!... E' abusar dos dons da igreja, ou romantisar o

facto mais prosaico d'esta vida! Isto em mim creio que é falta de imaginação, ou demasiado servilismo á verdade!

Se Deus me chamasse para este caminho, como dizia, a respeito do estudo da natureza, o senhor João Pereira ao seu visinho, de certo não casava estas mulheres, tão depressa. Acho que o melhor era trazêl-as por ahi um pouco de tempo a dar escandalos. Rosa deveria apaixonar-se por um major de cavallaria que lhe faria o favor de a inscrever no productivo catálogo das mães de familia. Depois o major era promovido a tenente coronel, e ia commandar dragões de Chaves, do que resultava (que palpitante não seria isto!) a boa da rapariga tomar duas onças de verdete n'um copo d'agua, e morrer amaldiçoando o pérfido! Que cousa tão bonita! Hei-de aproveital-a no primeiro romance que escrever, e que desde já se assigna nas lojas do costume.

Ora, Maria Elisa, essa... que havia de ser essa?... Eu entendo que Maria Elisa devia namorar-se d'um marquez. E vai depois este marquez tinha casado clandestinamente com Joanna Fagundes, criada da casa. E vai depois, constando á dita Fagundes que seu marido namorava Maria Elisa, a espadauda moçoila n'uma bella tarde, procura-a em casa, e mette-lhe os tampos dentro com uma cadeira. Elisa expira nos braços d'um sargento de policia, e Joanna Fagundes deixa cahir a mantilha, exclamando:

«Eu sou a marqueza de tal!»

O leitor ficava maravilhado do successo, e contava á familia a passagem com as lagrimas nos olhos.

Espero tambem não perder esta idéa, e o leitor terá occasião de avaliar duas obras primas. Por em quanto, peço ao respeitavel publico que suspenda o juizo a respeito da minha capacidade inventiva.

Já agora, porém, atemos o fio d'esta fastidiosa historia, e vejamos quantas moralidades podem produzir dous casamentos honestos.

O secundanista de direito casou oito dias depois de seu tio, e tomou conta da administração da casa, que recebeu do tutor de sua mulher.

Nos primeiros dias parece que leram muitos romances, e aligeiraram as horas em deliciosas palestras sobre

a *Experiencia amorosa*, e *Sophia ou o Consorcio violentado*, romances muito lidos n'aquelle tempo.

Ao cabo de quinze dias, Augusto Leite não era certo á hora da leitura, e vinha, meia hora depois, pretextando negocios da casa.

Ao cabo de um mez, o extremoso marido deixava sua mulher a lêr as *Viagens de Gulliver* a sua sogra, e elle sahia a negocios domesticos, que lhe empatavam o tempo até ás 11 horas da noite.

Ao cabo de dous mezes, o digno apreciador da litterata, se sua mulher lhe perguntava a razão da demora, encarregava sua mãe de responder suavemente, porque a paciencia já lhe não dava azo para tantas satisfações.

Findo o prazo de dous mezes, Augusto foi para Coimbra continuar a sua formatura, e convenceu sua mulher de que não era costume as mulheres acompanharem seus maridos ao foco da immoralidade. Rosa ficou, portanto, na companhia de sua sogra, que lhe enxugava as lagrimas saudosas, pedindo-lhe que lêsse a *Joanninha, ou a Engeitada generosa*. Seu marido escrevia-lhe todas as semanas poucas linhas, mas essas eram calidamente amorosas. Rosa indemnisava-lh'as com longas cartas, bonitas de linguagem, com muita meiguice em phrase pomposa, e muitas outras galanterias a que o academico, diga-se a verdade, não dava a maior importancia.

E vejamos porque:

Augusto Leite tinha uma paixão unica: era o jogo; mas o jogo fôra o seu inferno, obrigára-o a fazer uma triste figura, como hoje se diz, porque perdia sempre. A sorte que o perseguira em solteiro não lhe era mais propicia em casado. O estudante continuava a jogar, e a perder; mas as perdas agora avultavam mais, e ateavam-lhe a paixão com mais ardor.

Depois do jogo, o pensamento subalterno do marido de Rosa Guilhermina era uma tricana, rapariga do campo, fresca e rosada, que vivia com elle, desde o primeiro anno, e que viera ao Porto durante as ferias grandes, em que se realisára o casamento do nosso traductor de novellas. Augusto transigiu amigavelmente com a rapariga, promettendo-lhe um cordão de ouro de vinte mil reis, uns brincos de sete mil e duzentos, dous pares de

chinellas, umas côr de gemma d'ovo, e outras verde-gaio, afóra um capote de castorina côr de mel. De mais a mais, obrigára-se elle a têl-a em sua companhia, com tanto que ella não fizesse barulho.

As condições estipuladas, de parte a parte, foram cumpridas. Benedicta vivia, sem fazer barulho, na rua do Coruche com o seu academico, e conseguira, além dos dous pares de chinellas, um terceiro par de sapatos de cordovão com fitas, e uma mantilha de durante com aquelle bico escandaloso que usam as mulheres de Coimbra, que são as mulheres mais feias que Deus nosso Senhor depositou na face da terra.

Nas ferias do Natal, Augusto Leite veio consoar com sua familia. Houve muito beijo, muita saudade, foram á missa do gallo á Sé, comeram muitos confeitos de chocolate, e não tiveram tempo de lêr romances. Os outros dias correram rapidos para a carinhosa esposa. No ultimo fez certa revelação a seu marido, com a qual elle se mostrou contentissimo, e sentiu a innocente vaidade de ser pae.

O academico partiu, e d'aqui até aos Carvalhos foi imaginando o systema de banca-portugueza que lhe désse a desforra de seiscentos mil reis, perdidos até ao Natal. E tal era a certeza da desforra, que não duvidou contrahir o emprestimo d'um conto de reis, por isso que o patrimonio de sua mulher eram só propriedades.

O imaginado systema falhou, ou pelo menos não tinha vingado ainda, quando o imaginoso jogador perdeu o ultimo real do conto de reis.

Revoltado contra o traiçoeiro systema, seguiu o contrario, e perdeu tambem. As meditações incessantes no methodo de ganhar, absorveram-lhe o espirito de modo que o estudante foi reprovado, e retirou de Coimbra, onde dissipára seis mil cruzados, e ficára devendo dous.

No Porto eram geralmente sabidas as dissipações de Augusto Leite. Sua mulher fôra avisada por cartas anonymas, mas o seu espirito era altivo de mais para rastejar nas mesquinharias do dinheiro. O juiz dos orphãos é que não era tão sublime; e, instigado por o senhor Antonio José da Silva, resolveu intervir na ruina do patrimonio de Rosa, sujeitando-a a uma tutela, visto que seu

marido era incapaz de administrar. Augusto Leite quiz provar que tinha muito juizo, mas parece que provou de mais, e peccou pelo excesso. As testemunhas disseram que nunca o tinham visto atirar pedras. Isto que devia convencer o juiz dos orphãos, o mais que fez foi tranquillisar-lhe o espirito dos receios de ser apedrejado pelo dissipador. Tenho á vista os autos d'este processo, e sou obrigado a confessar que o juiz julgou em boa harmonia com Pegas, e Carvalho, e Pereira de Mello.

Era um magistrado probo. Permittam este *entre-parenthesis*, porque o meu fraco é chamar probos a todos os magistrados, que recebem peitas, porque os ordenados não chegam a nada. N'este paiz, um magistrado probo já deu esta razão em pleno parlamento, e desde esse dia todos os magistrados são probos, e a probidade e a beca e os sapatos de fivella e as meias de seda, a rectidão e os bofes da camisa ficam sendo insignias de todos os magistrados.

Que é o que eu vinha dizendo? Não ha nada que me incommode tanto como ter de lêr o que escrevo... Acho que fallava no nascimento d'uma filha de Rosa Guilhermina... Ha-de ser isso... Pois é verdade: nasceu a tal menina, e foi baptisada com o nome de *Assucena*, da qual se ha-de fazer larga e pungentissima chronica (*). Era uma linda criancinha, que a mãe offerecia ao pae, mas o fraco de Augusto não eram as crianças. Apenas a tomava dos braços de Rosa, douda de contentamento, passava-a aos braços da avó, que por força, queria que a pequena se parecesse com ella.

Augusto vivia triste. Os carinhos de sua mulher não bastavam a desenrugar-lhe a testa, sempre carregada para os afagos da pobre senhora. Passeava sósinho no quintal, e, quando a timida mulher se aproximasse, retirava-se elle a meditar no seu quarto.

—Eu desconheço-te!...—dizia Rosa, tomando-lhe meigamente a mão insensivel—Que tens tu, Augusto?... já me não adoras com aquelles extremos de ha um anno? Que te fiz? Não tenho eu sido tão igual para ti?

(*) *A Neta do Arcediago*, já publicada. *(Nota da 2.ª edição).*

— Tens, Rosa... Não repares na minha tristeza... Isto é organisação...

— Pois assim variam as organisações!... Grande mudança transfigurou o teu genio!...

— Que queres!... Eu não me fiz...

— Pois sim; mas porque soffres?!

— Porque não sou um homem vil, a quem se tire infamemente a administração d'uma casa...

— Mas tenho eu culpa de tal infamia!... Não fui eu propria fallar com o juiz?! Não empreguei os rogos, e as lagrimas com esse barbaro que quer governar o que é nosso?! Serei eu culpada n'essa fatalidade!...

— Não és... eu não te accuso... mas deixa-me, se não pódes remediar esta punhalada que se deu na minha honra! Foi um ultraje cobarde, forjado nas trevas, á sombra da lei!... Despotas!... Eu hei-de vingar-me de vós, ou a minha dignidade nunca mais erguerá a fronte diante dos homens! (*Reminiscencias d'um romance intitulado:* EMILIA DE TOURVILLE, OU OS MEUS SETE ANNOS DE PERSEGUIÇÃO.) Feriram-me na corda mais sensivel da minha honra! Exauthoram-me dos direitos commus, a mim, que conheço, profundamente, as raias, que separam a demencia irresponsavel das operações do intellecto são! (*idéas pilhadas a dente na* SCIENCIA DOS COSTUMES). Fallarem-me no jogo!... Privarem-me do uso da minha fortuna, por que jogo!... Quem póde privar-me de abrir com uma alavanca de ouro a minha propria sepultura! (*Pensamento soffrivel, roubado ao* JOGADÔR, *comedia de Regnard.*)

— E gostas assim de jogar, meu querido Augusto? Achas prazer no jogo?

— Acho... preciso d'esta distracção: fóra do jogo não vivo...

— Pois joga...

— E o dinheiro?... que é do dinheiro? Não vês que nos dão para a nossa subsistencia quarenta mil reis cada mez?

— Mas temos outros recursos...

— Quaes?!

— A nossa prata, que está avaliada em cinco mil cruzados.. vende-a.

— Não te zangas por isso?

— Não, filho!... Eu dera a vida pela tua tranquillidade... Não é ella tua? Se o desejavas fazer, porque o não tens feito?...

. . . .

Dias depois, Augusto Leite vendia a prata, que tinha sido o thesouro mais querido do arcediago de Barroso, e partira para Coimbra, combinando as fórmas d'um novo systema de jogo.

No dia seguinte ao da sua partida, Rosa Guilhermina recebia a sua prata, e este bilhete:

« *Não desdenhes uma lembrança da tua velha amiga.*
« *Comprei essa prata, e quiz presentear tua filha com*
« *ella.*

« *Maria Elisa.*»

A prata fôra comprada pelo senhor Antonio José da Silva.

CAPITULO XXII.

Já não viviam na rua das Flores os disparatados conjuges.

O senhor Antonio José, quinze dias depois de casado, fechou a sua loja de pannos e algodões, traspassando-a. Fôra esta a primeira exigencia de sua mulher. Tanto elle como Angelica resistiram um pouco ás razões frivolas de Maria Elisa; mas o amor vencêra, e o covado e as balanças foram offerecidas em holocausto a hymeneu, como dizia a mulher de João Pereira, rindo-se muito da aristocracia balôfa da sua visinha, que lhe não dava trela.

Fechada a loja, e liquidados os lucros, o senhor Antonio, por escolha de sua mulher, foi viver na ultima casa que o leitor encontra na rua da Rainha, que n'esse tempo não tinha nome. Era uma casa de quinta, com ares apalaçados, onde a senhora Angelica se dava pessimamente com os ratos enormes que tiveram o barbaro appetite de lhe comer a manga esquerda do seu capote, na primeira noite, e tentaram a temeridade de lhe roer a unha d'um dedo do pé! Inscrevemos aqui as amarguras da senhora Angelica, porque nos impozemos a obrigação de commemorar todas as lagrimas d'este desventurado enrêdo.

O senhor Antonio José da Silva comprou carruagem. Esta immoralidade custou muitos *padre-nossos* a sua irmã, que esperava todos os dias um raio fulminante sobre os cavallos, que conduziam sua cunhada a passeio pelas estradas de Braga e Guimarães, que eram n'esse tempo um pouco melhores que hoje, porque eram de

pedra, e a civilisação não tinha ainda inventado o cascalho.

O senhor Antonio cahira na imprudencia de entrar, uma vez, na carruagem, e viu desgraçadamente realisadas as suas previsões! Foram taes os solavancos que soffreu aquelle globo de carne, taes entaladelas flagellaram os seus rofêgos esponjosos, que, tres dias de cama, o nosso bom amigo difficilmente digeria a mesquinha refeição do costume.

Maria Elisa nunca mais o convidou para o martyrio da carruagem. Era uma excellente esposa! Conhecêra profundamente que as dimensões abdominosas de seu marido não comportavam a agitação febril do seu espirito. Ia, portanto, sósinha, em quanto seu marido cultivava uns repolhos e umas melancias que plantára e semeára para ter em que exercitar as suas forças musculares.

A Providencia nem sempre é justa para os bons cultores da hortaliça! Em quanto o senhor Antonio estudava a maneira de salvar do bicho a folha exterior do repolho; em quanto o bom cidadão classificava methodicamente a natureza do estrume, com que deviam adubar-se os terrenos de melancia; em quanto, finalmente, o negociante retirado legava á humanidade um prestante serviço em horticultura, sua mulher andava por lá fazendo cousas, que aqui vamos escrever para caução de todos os maridos, que espreitam a toupeira no cebolinho, em quanto suas amaveis mulheres vão comprar tarlatanas, e rendas.

O leitor, se tem attendido á melhor historia que se tem escripto n'estes ultimos annos, ha-de lembrar-se de um senhor Fernandes, que assistiu ás bodas do senhor Antonio, e que tinha uma linguagem distincta, e umas ironias salgadas a sabor de D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide.

O senhor Fernandes, de trinta e tantos annos, aspecto agradavel, com algum espirito, com muita pouca materia, amigo de livros, e mais ainda das boas mulheres, era o maior peccador que produziu a rua das Flores. Contra todas as leis da honra, contra o mais respeitavel dos preceitos do decálogo, o senhor Fernandes tinha uma

diabolica vocação para a mulher do seu proximo! Cáe-me da mão a penna indignada por se vêr na dura precisão de archivar este escandalo! Lucto, ha oito dias, com a veracidade do ignominioso facto, que vou enunciar com as lagrimas nos olhos, e o pudor na face. Quizera cobrir com o véo da caridade esta ulcera; porque antevejo o doloroso vexame que involuntariamente vou inflingir ao leitor pudibundo! Não é possivel. Sou muito amigo do publico; esforço-me por manter a moral na temperatura em que a encontrei; mas, como o amigo de Platão, sou mais amigo da verdade. E' necessario dizer-se ao menos metade do que sei. Benzamo-nos, pois, primeiramente, para que Deus nos livre de maus pensamentos, e das tentações hediondas d'este grande peccador, que a estas horas já sabe o bem ou mal que fez!...

Fernandes (*proh pudor!*) entendeu que devia namorar Maria Elisa, a esposa do seu visinho, a mulher do seu proximo, que é sempre um sujeito respeitavel, ainda que seja um grande tolo, ou um grande maroto!

Ouseiro e veseiro de semelhantes impudicicias, este monstro fôra o primeiro immoral que tentára a honestidade da senhora D. Marcellina, esposa muito querida do senhor João Pereira, e, pelos modos, assidua cultora dos estudos da natureza. Esses estudos quem lh'os fez appetecer foi elle! Não queremos fazer pêso aos seus enormes peccados, mas releve-nos a sua alma o encargo que lhe fazemos de ter sido elle o mestre de astronomia de Marcellina. Sem os prelogomenos, que elle lhe ensinou, nunca ella viria, alta noite, estudar o «planeta sete-estrello»! A' sombra da sciencia, deu-se ahi uma grande immoralidade na face da terra! O crime infando, que hoje felizmente não tem sectarios, graças á civilisação que nos vai ensinando os limites dos deveres, não só inter-nacionaes, mas tambem inter-visinhos, o crime infando (repetimos com os calafrios do terror na espinha dorsal); o crime infando, finalmente, consubstanciou-se de tal arte no sangue d'aquelle homem, que (*vox faucibus hæsit!*) não havia mulher casada, com um palmo de cara soffrivel, que o reprobo de Deus e dos maridos não tentasse abysmar nas profundezas do baratro perpetuo!

Mas pela litteratura tinha vindo um grande mal á senhora Marcellina, que não é digna do *dom*, attendendo á villan franqueza com que se deixou embair das astucias d'aquelle grande velhaco, que já me fez suar tres vezes, desde que estou fallando nas suas impudencias!

Demais a mais, Fernandes era inconstante nas suas affeições, e cynico na maneira de se desquitar das fastidiosas mulheres, que o fatigavam depressa. Esta segunda immoralidade é uma questão á parte. A nossa missão, aliás repugnante (nunca cessaremos de lembrar ao leitor que nos parece impossivel este crime, como o parricidio aos legisladores de Athenas!) a nossa missão é contar que o dito Fernandes tentou seduzir Maria Elisa!

O peor não é isto! A maior das vergonhas é ter eu de dizer que Maria Elisa, legitima representante de nossa avó que comeu maçãs no paraizo, cedeu á tentação, e só torceu o pudibundo nariz duas vezes (ou tres, não me recordo bem), ás calidas manifestações d'aquelle grande desaforado, perverso, dissoluto, scelerado, e não sei mesmo se concussionario!

Quem soubesse isto, entrava no segredo dos constantes passeios de Maria Elisa. A sua habitual direcção era á Ponte-da-Pedra, a uma legua do Porto, na estrada de Braga.

Ahi apeava-se da carruagem, a pretexto de descançar. Subia para a sala da estalagem, que já n'esse tempo era as delicias dos honrados amadores de peixe frito e azeitona. E n'essa sala... (*digitis callemus et aure!...* Soccorre-me, meu velho Horacio!) encontrava sempre esse homem, para o qual o meu vocabulario de indignação não tem um nome adequado! E isto aconteceu muitas vezes, em quanto o senhor Antonio sachava os repolhos, e mondava a hervagem das melancias, sabe Deus com que difficuldades na curvatura da columna vertebral!

Tres mezes, seis, nove, um anno esta pouca vergonha! E o ceo não tinha raios para o impio, e o senhor Antonio não tinha n'aquelle coração um presagio, que lhe dissesse que entre o repolho e a melancia ha alguma cousa que deve occupar a cabeça d'um homem sensato!

*

A Providencia, algumas vezes, parece-se com Homero; dormita, e consente que os Antonios Josés levem no somno a palma ao cantor de Ulysses, que tambem dormitou em quanto Penélope fazia muitas cousas, em que se parecia com Maria Elisa. Ora já não é pequena gloria para o senhor Antonio José collocar-se a par de Ulysses!

Era em uma bella tarde de Agosto.

Maria Elisa sahira para a Ponte-da-Pedra. O senhor Antonio ficára n'um banho de tina, chafurdando como o proprio tubarão de barbatanas. Quando sahiu do banho, achou-se fresco, como é natural, e resolveu dar um passeio, e, o que mais é, surprender sua mulher, que devia ficar contentissima de tal surpreza.

Ao pensamento seguiu-se a execução. O senhor Antonio repartiu as suas duas pernas-pleonasmos sobre o dorso d'uma pacifica jumenta, e com a ponta da bengala estimulou-lhe a anca de modo que era um raio por aquella estrada fóra! E era um grupo bonito! A pequena jumenta, debaixo do vulto magestoso do senhor Antonio, parecia consubstanciada na organisação do seu dono! Iam contentissimos!

— Lá está a carruagem! — disse elle, exultando, á sua jumenta, com a qual tivera um longo colloquio, em que a submissa interlocutora não fôra menos eloquente com o seu silencio, nem lhe quizera conceder honras de Balaam.

Pararam á porta da estalagem. O senhor Antonio não queria fazer ruido, e perguntou baixinho:

— Onde está a dona da carruagem?

— Está lá em cima com o primo.

— Com o primo! — exclamou elle com um som de ventriculo.

— Sim, senhor, o primo...

— Quero vêl-a...

E subia as ingremes escadas, agarrado ao corrimão!

Maria Elisa conhecêra a voz. Fernandes fugira para o quintalejo immediato, e escapára-se pelos pinhaes visinhos, sem ser visto.

O senhor Antonio estava diante de sua mulher, solemne e magestoso como todos os maridos em semelhantes apertos. Queria fallar, e parece que a eloquencia lhe

ficava estagnada nos papos do pescoço que oscillavam como duas bexigas de porco, sopradas pelo vento. Queria profundar o abysmo da sua situação, e a unica imagem que lhe apparecia aos olhos pavidos era João Pereira, o do chinó!

Angustias d'estas... não tem nome na terra! Cahiu, como forçado por um enorme murro, sobre uma cadeira. O urro, que a cadeira gemeu debaixo d'esta avalanche de carne, acordou os eccos da estalagem.

Maria Elisa, essa, pallida e confusa na surpreza do crime surprendido, aproximou-se de seu marido, e murmurou com meiguice:

— Que tem?...

— Que tenho?... perguntas-me o que tenho?

— Sim!... pois que fiz eu?!

— O que me fizeste?!

— Sim!... o que lhe fiz?!

— *O que lhe fiz?!* diz ella.

— Digo... pois que lhe fiz eu para tamanha commoção?

— Tu escarneces de mim!... Que primo é esse que estava comtigo?

— Um primo!?...

— Sim, um primo... quem é esse primo, que nunca me fallaste n'elle?... Deixa que eu chamo a estalajadeira, e ella te dirá quem é que me disse que tu estavas aqui com um primo... Espera ahi...

O senhor Antonio dera um pulo, como um tigre, da cadeira para o meio da sala, e tomava fôlego para chamar a estalajadeira, quando Elisa, atordoada da surpreza, mas não de todo, correu a elle, embaraçando-o do vergonhoso proposito.

— Não chame... que é uma vergonha...

— Então sempre é verdade, que me ês infiel!... Deshonraste, Maria Elisa, um homem a quem deves tudo!... E' assim que se é mulher honrada!... Foi para isto que me amaste, e quizeste casar comigo!... Eu endoudeço... Eu morro!... Que dirá o mundo!...

O senhor Antonio começava-lhe a dar cuidado o que diria o mundo. N'estas enfermidades, o temor do que o mundo dirá é sempre um symptoma favoravel; porque

o mundo cala-se depressa, e as funcções vitaes do espirito entram no seu curso regular.

Maria Elisa não era tão esperta como eu suppunha. Ficou estupidamente surprendida. Não teve nenhuma lembrança feliz, que obrigasse seu marido a pedir-lhe inclusivamente perdão da calumnia injuriosa! Cahiu com miseravel imbecilidade n'um torpor moral, indigno da sua experimentada philosophia. Deu-lhe para amuar, e morder o labio inferior, mas não com tanta força que espirrasse sangue. Ella sabia fazer as cousas com prudencia; e, com quanto soffresse bastante na alma, parece que poupava o corpo como cousa sua, e não lhe quero eu mal por isso. Uma mulher, como eu seria se o fosse, deve fazer muito por que o corpo se não sinta das enfermidades da alma. A alma tem muitas primaveras, e por mais envelhecida que esteja não se vê. O corpo tem só uma, e essa está sujeita á maldita perfeição das lentes que lhe não deixam uma ruga precursora de decadencia sem demorada analyse.

Eu, se fosse mulher, tinha enviado para Rilhafolles muitos poetas! Havia de reduzil-os á quinta essencia do amor, que é a demencia. Com preferencia a todos os outros, andaria de modo que me tornasse um curioso estudo dos scepticos. Estas feras é que eu amansaria. Se eu conseguisse tornar-me objecto dos seus estudos physiologicos, prometto-vos que a seita ridiculamente comica dos *cançados*, dos *scepticos*, e dos *não comprehendidos* acabava como as preciosas ridiculas de Luiz XIV.

Querem saber o que eu fazia? Ahi vai.... E' um serviço gratuito que eu offereço ás mulheres, embora provoque inimizades de homens, que são realmente os entes que menos me incommodam. N'este mundo ha só duas cousas que me affligem: são os maus charutos, e madrugadas antes de uma hora da tarde. No mais entendo que este globo é o melhor de todos para quem não tiver callos e rheumatismo.

Se eu fosse mulher com uma cara soffrivel, estabelecia para meu uso as seguintes theorias:

Solteira.

Tendo de quinze a vinte e cinco annos, dava-me ares

de candida innocencia, e singeleza patriarchal. Olharia este ou aquelle importuno, mas só com tres partes d'um olho, imaginando que elle tinha quatro. Far-me-hia passar por myope, para que ninguem reparasse no olhar penetrante com que os myopes costumam encarar os objectos a certa distancia. Não usaria luneta para mostrar assim que a minha vista era de sobejo para admirar as poucas maravilhas do mundo. No theatro teria a barba sempre apoiada na convexidade da mão, e nunca pegaria do binóculo sem reparar que a luva retezada não tivesse rugas.

Com as lentes attestadas para a segunda ordem deixaria passear a vista, como dizem os francezes, pelo rebanho de Epycuro, que somos nós os miseraveis estafermos de calças.

Surprendida, retirava os olhos com indignada commoção, e perguntaria á mamã se o vestido de D. Efigenia, ou de D. Simplicia não era de pessimo gosto.

No final de cada acto, sahia a visitar uma amiga, e dava dous saltinhos quando me erguesse do banco, para que a minha cintura não ficasse sempre occulta pelo parapeito do camarote.

Acontecendo, porém, que a minha cintura lucrasse com o mysterio, não sahia nunca sem lançar com languida graça uma pelliça pelos hombros. Nos bailes não sei o que faria; mas o que devia fazer era não tocar nunca n'um taboleiro, e acceitar com mostras de grande sacrificio a instada offerta d'um fófo, ou d'um rebuçado de chocolate. Liquidos, excepto agua limpida, nenhum. Nos jantares tomaria duas colheres de sôpa, o pescoço de uma rôla, ou a aza d'um frango. E isto mesmo seria vagarosamente triturado pelos dentes preguiçosos, com ar de victima sacrificada ás conveniencias d'uma sociedade, que tem o prosaismo de comer nas horas vagas. Fructas, comeria uma laranja, uma amendoa torrada, e o resto do tempo entretêl-o-hia com o palito.

Como é natural que me retirasse com fome, em minha casa, nas horas silenciosas da noite, quando a natureza já não respira, como se diz nos primeiros capitulos de quasi todos os romances, comeria de modo que, ao outro dia, me levantasse pallida pelo effeito d'uma indigestão.

Estaria duas horas diante d'um espelho a desalinhar-me, porque o desalinho é o mais melindroso toucador de uma mulher, que conhece profundamente as irrisorias pieguices do homem.

Cheguei á especialidade em que eu muito queria ser mulher, pelo menos na estação do theatro lyrico.

Se vivesse no Porto, colheria as melhores flôres da minha corôa na estufa do real theatro de S. João, e escolheria de preferencia certos catos reaes que eu lá conheço. Eu denomino cato real o leitor, qualquer que elle seja, com tanto que tenha escripto algumas sandices e dito outras tantas a respeito do scepticismo. E' cato, de trapeira pelo menos (esta classificação não é minha: pertence a um espirituoso folhetinista que d'antes classificava catos, e actualmente elle proprio se fez cato politico, e vive nas estufas doentias do jornalismo sério) é cato de trapeira, dizia eu, todo aquelle que chora o eterno desalento da sua alma despoetisada, e não desencrava a luneta indecentemente enorme da primeira mulher, que teve o descuidoso passatempo de reparar cinco minutos na sua pallida physionomia.

Com estes é que eu me queria encontrar, sendo mulher, e mulher litterata, porque, do contrario, agradeço á Providencia o favor que me fez de me atirar qual sou á torrente dos acontecimentos masculinos.

Mulher, e litterata, sacrificaria temporariamente a minha isempção a um d'esses scepticos desgrenhados, que se balouçam na platêa como se, insaciaveis de espirito, precisassem dar á materia todos os repellões, que as turbas contemplam como terremotos do talento.

Logo que eu conseguisse prender-lhe a attenção, aventuraria um d'esses sorrisos, que me não custariam nada, sem que por isso me parecesse com certas mulheres, que se escangalham em risadas alvares e frivolas, mostrando a profundidade dos engastes mandibulares como quaesquer cosinheiras nos seus colloquios amorosos com os cosinheiros respectivos.

Eu não me riria nunca; sorriria algumas vezes, e quereria que o meu sorriso fosse recebido como formalidade da etiqueta para com os ditos semsabores das pes-

soas que me rodeassem, que seriam quasi todas d'uma fabulosa semsaboria.

A fera, domesticada no seu sanguinario scepticismo, procuraria revelar-me dez paginas intimas da sua agonia dilacerante. Fallar-me-hia quatro vezes do seu desalento: faria o necrologio da sua alma: citaria Lazaro, levantando-se do tumulo á voz do Christo: e acabaria por pedir-me que sentenciasse o seu futuro para optar entre a vida e a morte.

O que eu faria, então, attenciosas leitoras, não sei se alguma de vós já teve a condescendencia de o fazer. Mandava-o á meia noite apparecer debaixo da minha janella; e, sendo no entrudo, atirava-lhe um ovo de cheiro; sendo na semana santa, quatro confeitos; e, no Natal, uma tigelinha de ovos móles.

A humanidade estava vingada.

Ora aqui está o que eu faria, sendo solteira.

Casada.

Sendo casada, eu era, com grande despeito da mulher d'um certo ministro da fazenda do Egypto, chamado Putiphar, e da mulher do senhor Antonio José da Silva, uma honesta mulher, de quem os mestres encartados de necrologios diriam depois: *Era uma esposa carinhosa, o modelo das mães, e uma senhora virtuosa a todos os respeitos.* E' verdade que não é necessario ser tanta cousa para, á sahida d'este mundo, deixar os jornaes encarregados de dizerem ainda mais. Morram quando poderem, que eu lhes prometto uma boa duzia de epithetos.

Eu seria não só o que me fizessem ser os constructores de necrologios e epitaphios; mas, por minha parte, exerceria todas as virtudes conhecidas, e muitas outras que ninguem conhece. Seria, por abreviar moralidades, que me dão grande trabalho, e aborrecimento aos leitores, seria tudo menos o que foi D. Maria Elisa.

O que o senhor Antonio seria, isso é que eu não sei; mas o que elle estava sendo, em verdade vos digo, que não deve ser inveja de ninguem!

A eloquencia dolorosa, que o auxiliou no choque da

surprêza, falhou-lhe. Quiz fulminar a perjura com uma apóstrophe corrosiva, e não lhe occorreu nada a proposito. Um pensamento ignominioso esvoaçára-lhe na cabeça febril... Teve tentações de esmagal-a contra a parede do quarto em que esta scena attribulada corria desapercebida!

O negociante, digno de melhor sorte, pagava com usura as affrontas orgulhosas com que tentára ferir a honra do seu visinho João Pereira.

No auge da desesperação, a sua alma tornou-se esteril, a sua lingua pegou-se aos gorgomilos, os seus labios resequiram como queimados pelos suspiros rugidores, que lhe subiam das soturnas catacumbas do peito. Um tremulo de sezão vibrava-lhe os musculos da face, especialmente os bussinadores, que a maior parte dos leitores não sabe o que é, mas por isso mesmo é que tudo o que eu disser tem um cunho de originalidade, que o senhor Antonio não sabia dar ao seu ciume, nem sua mulher á sua perfidia.

Esta falsa posição não podia durar muito. Se se prolonga mais cinco minutos, eu, por mim, declaro que largava a penna, e acabava o conto aqui. Não ha nada mais semsabor que a situação da mulher desléal surprendida por um marido, que nem sequer arranca de dentro quatro gritos, e reteza os braços na arripiadora postura de Orestes, insultando os deuses! Porque não disse o senhor Antonio alguma cousa fóra do commum?

Porque não fez estylo de marido, que é o mais mascavado de todos os estylos? Porque não exclamou « *Perfida mulher! hei-de beber-te o sangue, e saciar no coração as minhas iras! hei-de esfolar-te para memoria eterna! hei-de mandar ao vento as tuas cinzas, e á tua alma a Satanaz! Oh! Ah! Ah! Oh!* »

Com estas palavras já eu compunha um capitulo, porque às outras tolices encarregava-me eu de as pôr de minha casa, e juro que um dos maridos mais venerados e ferozes do seculo, que passa, seria o nosso amigo Antonio, com grande desfalque de João Pereira, que, no seu genero, não era mau.

Assim nem eu sei como hei-de acabar o capitulo de

modo que elle e ella não pareçam dous volumosos parvos! Se me lembrasse d'algum romance, que tenho lido, cousa que se parecesse com isto!... Ah!... Achei um bom desfecho, e que tem o merito de ser o mais natural de todos.

O senhor Antonio desceu solemnemente para a rua a procurar a jumenta, que tão grata portadora tinha sido do seu anhelante coração. A jumenta, pilhando-se solta, fugira para casa, e não sei que monologo mental ella faria á sua liberdade.

O senhor Antonio pedira aos eccos a sua jumenta. Os sobreiros da encosta contemplavam silenciosos a sua dôr. A lympha dos regatos era como um arremedo cruel aos seus gemidos! Desgraça!

N'este angustioso conflicto appareceu Maria Elisa. A carruagem approximou-se.

— O senhor veio a pé? — perguntou ella, vendo seu marido encostado a um pilar da ramada.

— Que lhe importa? — redarguiu o marido convulso, mettendo as mãos aos bolsos, e puxando as calças machinalmente para cima, dando-se a grutesca figura d'uma talha chineza.

— Porque não entra na carruagem? — replicou a carinhosa esposa, approximando-se meigamente do marido, que fumegava pelas ventas, como uma fabrica de fundição. — Venha... eu lhe explicarei tudo... verá que estou innocente, ha-de arrepender-se de me tractar assim... — proseguiu ella, com o tremor de voz, que precede as lagrimas.

— Como innocente! — murmurou o senhor Antonio, um pouco modificado nas carêtas da sua furia legitima.

— Sim... innocente... Em casa lhe contarei tudo...

— Pois pode lá ser que estejas innocente?... Tu estás a mangar comigo!...

— Verá que não sou digna da sua cólera, e que os seus ciumes são injustos... A affronta que fez ao meu caracter de mulher casada, tarde ou cêdo lhe fará remorsos, senhor Antonio José da Silva!...

O tragico entono d'estas palavras acobardára os espiritos briosos do marido. O senhor Antonio julgou-se al-

goz d'aquella victima; e, se ella teima, haviamos de vêl-o ajoelhar aos pés do innocente holocausto do seu ciume, e pedir-lhe perdão.

Maria Elisa, restituo-te os teus creditos! Andaste perfeitamente, por fim! Eu, se fosse mulher casada, com os teus costumes, faria o que tu fizeste.

Em 1819 ninguem faria mais do que tu!

Hoje... serias d'uma simplicidade boçal.

CAPITULO XXIII.

A seu tempo saberemos até que ponto o senhor Antonio podia ser civilisado por sua mulher.

Agora vamos procurar Rosa Guilhermina.

Antes de entrarmos, reparemos n'esta mulher que bateu á porta primeiro que nós.

— Quem é? — perguntou da janella uma criada.

— Faz favor de dizer á senhora D. Rosa que está aqui uma mulher, que lhe quer fallar.

— Que lhe quer?

— A vm.ce não lhe quero nada, é a sua ama.

— Quer pedir-lhe alguma esmola?

— Sim, senhora, queria pedir-lhe uma esmola.

— Pois para isso escusa fallar á senhora: pegue lá... Então não levanta do chão os dez reis?!

— Não levanto, porque lhe não pedi nada a vm.ce Já lhe disse que quero fallar com a senhora D. Rosa.

— A senhora D. Rosa não falla a mulheres de mantilha rôta... Se quer, queira, se não quer, ande sempre...

A janella fechou-se, e a mulher da mantilha rôta sentou-se no degrau da porta.

Pouco depois, abre-se outra vez a janella, e apparece D. Rosa!

Vêde-a, já não é a rosa purpurina d'outro tempo!... A pallidez d'aquellas faces não é natural!... Alli, há muita saudade do que foi, ou muito receio do que será! Aquelle desalinho não era d'antes assim... Rosa tinha tanto brio nos seus longos cabellos negros!... Enfeitava-os tanto de fitas e flôres!... E agora?... Aquelle lenço branco, que lhe apanha as tranças desgrenhadas,

é tão desairoso!... Aquelle chale, que lhe esconde as fórmas do pescoço mais lindo ao pé dos hombros mais artisticamente torneados, dá-lhe um aspecto tão triste de enfermeira de hospital... Que mudança!... faz pena!... Cahiu tão depressa da haste aquella flôr, que tinha tanta vaidade das suas petalas avelludadas, e da frágrancia dos seus aromas!... Minha pobre Rosa, que é da tua philosophia!... De que te valeram os teus romances, se te devias amoldar aos typos dolorosos que lá encontraste!.... Ai!... porque cheguei eu a interessar-me na tua sorte, se nunca te conheci!... Porque ha-de esta phantasia pintar-me realidades, que me fazem dôres no coração, quando as vejo sahirem infelizes dos bicos da minha penna!... Tenho cousas de muito creança, leitores!... Desculpae-me estas imbecilidades...

Para que vieste tu á janella, Rosa, se quasi me obrigaste com a tua pallidez a discorrer com ternura sobre cousas que me fazem lembrar mil outras, e tão tristes são ellas, que nem eu sei se era mais feliz não vindo ao mundo para recordal-as, ou, ao menos, vêl-as, e esquecêl-as para sempre... Forte puerilidade!... Se me não chamam para jantar, n'este momento, eu reduzia-me á situação piegas de verter uma lagrima... por quem?

Uma lagrima!...

.. Sabeis o que é uma lagrima d'um homem!... E' a perdida essencia do sangue que nos alimentaria a existencia longos annos!..

....

A mendiga, ouvindo abrir-se a janella, ergueu-se, voltou a face macilenta para cima, e cortejou D. Rosa.

— Quer alguma cousa, mulher!

— Queria-lhe dar duas palavras, minha senhora!

— Então diga d'ahi.

— Eu bem queria dizer-lh'as de perto.

Rosa voltou-se para dentro, e mandou abrir a pórta. A mulher subiu, e encontrou a senhora no topo da escada, perguntando-lhe o que queria.

— Venho pedir-lhe uma esmola.

— E para isso era necessario subir? Dissesse-o da rua, que eu mandava-lh'a lá dar.

— Uma teima assim!... — atalhou a colerica criada!

— Eu já lhe tinha deitado á rua dez reis, e ella não levantou do chão a esmola... O que vossê merecia sei eu...

— Não se zangue tanto, menina... Bem me basta a minha pobreza. Lembre-se que não está livre de chegar ao estado em que me vê... Outras mais ricas, e com bem melhores principios que os seus, teem tido este fim...

— De mais a mais quer dar leis! — interrompeu a cosinheira, animada pelo silencio approvador de sua ama — Sabe que mais, minha senhora? mande-a pôr no olho da rua, que, em quanto a mim, essa mulher não vem para fazer boa obra... Eu cá vou queimar arruda...

— Tome lá... — disse Rosa Guilhermina, offerecendo-lhe um pataco.

— Seja pelo divino amor de Deus... — disse a mendiga, beijando a esmola.

— Então não se vai embora?

— Ainda não, senhora D. Rosa Guilhermina.... Tenho duas palavras a dizer-lhe muito em particular...

— Que negocios poderei eu ter comsigo?!

— Negocios nenhuns; mas Deus não deu lingua á gente para fallar só em negocios.

— Diga o que quer mesmo ahi.

— Aqui não, porque a sua criada está ouvindo o que nós dizemos.

— E que tem isso? Eu não tenho segredos de que me esconda á minha criada.

— Mas vai têl-os agora, e bom é que ella não saiba o que vou communicar-lhe.

— Fóra com a alcoviteira! — exclamou a criada lá do interior — *Má mez* para ella!... Olha o estafermo qne me apparece em jejum!...

— Esta sua criada, minha senhora, é bem pouco caritativa com os desgraçados, e v. s.ª não é melhor que ella, pelo que vejo...

— Está bom! — atalhou irada D. Rosa, eu não admitto reflexões! Sáia, que quero mandar fechar a porta.

— Pois devéras não me quer ouvir?

— Não, já lh'o disse.

— Pois ha-de ouvir-me, digo-lh'o eu.

— Se cá tivesse o criado, mandava-a pôr no meio da rua.

— E a senhora para isso precisa d'um criado? Eu sou uma pobre velha sem forças... qualquer sôpro me faz cahir, e a menina mesma póde empurrar-me por esta escada abaixo...

— E esta? já se viu um descaramento assim? Vossê parece-me uma mulher sem vergonha!...

— Pois tenho muita, e principalmente agora. Sabe Deus com quanta vergonha eu vim pedir-lhe uma esmola.

— Mas, se eu lhe dei a esmola, porque se não retira?

— Não me retiro, porque os desgraçados não se satisfazem só com pão... precisam d'outras consolações, que a menina póde dar-me.

— Pois que quer?

— Queria que me deixasse sentar um bocadinho nas suas cadeiras... Estou muito fatigada, falta-me já a força n'estas velhas pernas, que tanto andam, e tão pouco caminham... Tudo me falta... até a vista; nem já a menina me parece o que era aqui ha um anno!... Deve ter feito uma grande mudança a sua vida!... Vejo-a tão coadinha... A menina soffre do corpo, ou da alma?

— Que lhe importa do que eu soffro? Não soffro d'uma nem d'outra cousa...

— Pois louvado seja Nosso Senhor!... Felizes aquelles que assim podem dizer... Pois veja que differença... Eu soffro de tudo...

— E que culpa tenho eu d'isso?

— Nenhuma, nem eu a culpo, senhora D. Rosa Guilhermina...

— Faz favor de sahir, que quero recolher-me?

— Está o almoço na mesa — disse a criada.

— Se a menina consentisse que eu tomasse uma chavena de chá comsigo...

— Comigo?... essa é boa!

— Envergonha-se d'isso? Pois olhe que não descia de quem é, porque os pobres foram sempre os amigos, com quem Jesus Christo repartiu o seu pão, e os seus peixes.

— Parece-me esperta de mais para pobre...

— Pois é de obrigação que todos os pobres sejam brutos! Então dá uma chavena de chá... a sua mãe?...

— A...

— A sua mãe!

— A minha mãe!... Quem é minha mãe!

— Falle baixo que a não ouça a sua criada!... Não lhe tinha eu dito que era bem melhor ouvir-me em particular!... Espanta-se de mais, menina? Pois não sabia que tinha mãe? Não soube ha um anno, que ella precisava de recorrer á sua generosidade? Não calculou, que, mais hoje ou mais ámanhã, a sua desamparada mãe devia cobrir esta mantilha esfarrapada para vir receber dez reis da mão de sua criada?

— Eu não a reconheço como minha mãe... Eu já colhi informações de que minha mãe não existia... Meu pae nunca me disse que eu tivèsse mãe viva!

— Deus perdôe á alma de seu pae... Não lhe quero por isso amaldiçoar a memoria... Pois, quer me acredite, quer não, esta desgraçada mulher, que não conhece, esta velha, que ainda não tem quarenta e quatro annos, é sua mãe.

— Não acredito, já lh'o disse... Prove-me que é minha mãe, e eu lhe farei aquillo que já lhe quiz fazer, se vm.ce é uma tal Anna do Carmo, que morou na rua Direita.

— Sou uma tal Anna do Carmo, que morou na rua Direita, e agora mora no pateo dos conventos, esperando a tigella de caldo da caridade. Bem vê que soffri muito antes que viesse importunal-a. Não disse a ninguem que a menina era minha filha para a não envergonhar. Lembrei-me de que sendo eu moça e rica do muito que seu pae me dava, não gostei de que minha pobre mãe viesse um dia procurar-me para me pedir doze vintens para comprar uma gallinha para minha pobre irmã, que morreu de miseria depois d'um parto.... Lembrou-me o quanto eu me vexei então, e quiz poupar minha filha a semelhantes vergonhas, que só sabe o que ellas são quem passa por ellas. Agora, se aqui vim, é porque de todo em todo já não podia levantar-me das palhas para ir de manhã procurar a bemdita esmola no pateo de S. Bento e de Santa Clara. Sinto-me quasi sem vida, tenho um aneurisma no coração, e queria vêr se morria descançada para me reconciliar com a misericordia divina....

12

Se não fosse isto, minha filha, eu não vinha de certo aqui, de mais a mais, tão rôta, tão magra, indigna de me chamar sua mãe...

Rosa Guilhermina tinha soffrido um abalo, e parece que as lagrimas iam saltar-lhe involuntariamente dos olhos. Mas a criada, que viera collocar-se, sem ser vista, na alcova proxima da sala, adivinhando a commoção de sua ama, resolveu salval-a das arteirices da velha, e tomou a palavra, saltando para o meio da sala, com a mão na cintura:

— Pois v. s.ª acredita o que lhe está dizendo essa onzoneira?

— Não... eu não acredito, mas tenho pena d'ella... Coitadinha... é a necessidade que lhe ensina estas mentiras... Quer vm.ᶜᵉ uma chicara de chá?

— Não, menina, eu já não quero a sua chicara de chá. Deus Nosso Senhor dá-me forças para que eu possa viver sem a sua esmola. O que eu queria era morrer, abraçando-a ao meu coração, e chamando-lhe *filha...*

— Será ella douda! — atalhou a criada.

— Não sou douda, não... Não receie que eu lhe quebre as suas jarras... Estou no meu perfeito juizo... Estejam descançadas que não farei doudice nenhuma. Se fosse ha um anno, poderia fazêl-as... Hoje, já não... A desgraça enfraquece a gente, e apura o entendimento... Conheço muito bem minha filha...

— E ella a dar-lhe com o *minha filha!...* — interrompeu a criada.

— Ouça-me em quanto ella se ri, menina, que o que eu vou dizer-lhe ha-de fazêl-a chorar. Conheço muito bem que não tenho direito nenhum a pedir-lhe o amor, que se deve a uma mãe... Eu quasi que a não reconheci minha filha. Dei-a ao mundo, e o mundo assim como a fez feliz podia fazêl-a muito mais desgraçada que eu sou... N'este mesmo momento, em que venho aqui expiar as minhas culpas, confessando-lhe que fui tão desnaturada mãe, olhe que lhe não tenho amor, nem me offendo com o seu desprêso. Por força assim devia ser... Se não fosse assim, eu não acreditava na justiça de Deus!... Se a minha filha me tivesse atirado com um pontapé á rua, eu havia de levantar-me, se podésse, para lhe dizer: «eu te

perdôo, filha de Leonardo Taveira! » Veja que bom coração eu poderia ter-lhe dado, se tivesse, quando a expulsei de meus braços, um presentimento de que viria uma hora em que eu precisava das suas consolações...

D. Rosa chorava, e a propria criada sentia-se amollecer no coração.

— Entre para esta sala — disse a filha do arcediago commovida.

— Não entro, minha filha, eu vou retirar-me; disse-lhe tudo, levo o coração mais desabafado, e creio que a não offendi... Se a magoei, diga-m'o, que lhe quero pedir perdão.

— Entre...— balbuciou Rosa, offerecendo-lhe a mão.

— Não... já lh'o disse... aqui tem os seus dous vintens, molhados de lagrimas, que são a usura d'este emprestimo... Dentro d'essa sala não posso entrar como mendiga: se eu podésse visital-a, como senhora, viria muitas vezes aqui, e talvez lhe podésse fazer serviços que a poupassem a muitas desgraças no futuro... Assim... adeus!...

— Não consinto que se retire; quero informar-me de quem a senhora é. Se fôr minha mãe, hei-de tratal-a como quem é...

— Por ser sua mãe, não sou ninguem, minha filha... A menina não me honra, nem me deshonra. Não tenho senão remorsos de a ter dado ao mundo, como posso eu ter vaidade de ser sua mãe!... Fique com Maria Santissima, e diga á sua criada que não é do agrado de Deus insultar assim as pessoas infelizes... Chame-a aqui, menina, que me quero despedir d'ella...

A criada veio, instada por D. Rosa.

— Não se afflija, moça! — disse Anna do Carmo — Não tenha pesar de me ter offendido, que eu perdôo-lhe de todo o meu coração... Tire d'aqui uma experiencia para todas as pessoas necessitadas... O seu zêlo por sua ama é demasiado... Receava que eu lhe pedisse algum vestidinho velho dos que vm.^{ce} espera que sejam seus? Não vim a isso... E para que se lembre do que esta velha da mantilha rôta lhe disse, quero deixar-lhe uma lembrança de mim... Pegue lá...

— O que? — perguntou a criada, recuando a mão.

— E' uma peça de quatro mil reis, com que vm.ce póde comprar umas arrecadas... Acceite que lh'a dá a pobre mãe de sua ama!... Não quer?... Ora pois, Deus lhe dê muito que dar...

A ama e a criada ficaram perplexas, encarando-se estupidamente, em quanto Anna do Carmo sahia. Quando vieram á janella para vêl-a, ia já na extremidade do bêcco, mas á porta de D. Rosa estavam dous homens, que conversavam apontando para a mulher da mantilha rôta.

— Não a conheceste? — dizia um.

— Eu não, nem tenho pena — respondeu o outro com desprêso.

— Pois não conheces aquella mulher?

— Não... já t'o disse...

— Pois não conheceste a fidalga, que ha tres mezes comprou a quinta dos Eugenhos, na ponte de Ramalde!

— E' aquella?

— E'... dou-te a minha palavra d'honra que fui eu o tabellião que lavrei a escriptura, e contei os doze mil cruzados.

— Mas então que historia é esta!... Ella vai assim rôta!

— Eu sei cá o que é! E' o que tu vês...! Eu, logo que a avistei aqui n'este sitio, conheci-a, e ella puxou para o nariz a côca da mantilha...

— Que celebreira!... eu ainda hontem a encontrei a passear n'um jumento, com lacaio ao lado; e até me disseram que o fidalgo das Larangeiras queria casar com ella.

— Tu não sabes a historia d'esta mulher?

— Eu não... ouvi dizer que fôra casada com um livreiro, aqui no Porto, e que depois ficára rica...

— E' verdade... foi casada com um livreiro; mas o livreiro não deixou fazer o ninho atraz da orelha, e foi-se embora para a França, onde morreu. A tal senhora parece que lhe não foi fiel, e, na ausencia do marido, menos o foi ainda. Viveu na companhia do celebre arcediago de Barroso, que foi mandado sahir pelo bispo, e morreu na Hespanha. O padre era muito rico, e por muito tempo ninguem soube que fim levou o grosso ca-

bedal que elle lá trazia comsigo. A final, ha-de haver seis mezes, morre lá uma freira, que, á hora da morte, declarou que o tal arcediago lhe deixára em seu poder quarenta mil cruzados em ouro, para ella fazer entregar a Anna do Carmo, moradora não sei aonde. A freirinha, só á hora da morte se lembrou de cumprir o legado, e o caso é que não se lembrou mal, porque a pobre amante do arcediago estava vivendo miseravelmente ahi na rua Direita, e quando a procuraram para lhe dizer que se habilitasse para receber a herança, a pobre mulher já se não levantava da cama com fome. Ora aqui tens a historia da tal riqueza...

— Mas por ahi dizem que ella é fidalga...

— Isso é uma historia á parte. Apenas a mulher appareceu rica, soube que era fidalga, porque a fizeram fidalga á força, uns taes que moram ahi atraz da Sé, dizendo que ella era filha bastarda da casa. Começaram a visital-a, a hospedal-a, a chamar-lhe prima, e tem querido leval-a para a sua companhia... Ora, ahi tens a historia da mulher da mantilha... Quem me déra saber o que ella andaria a fazer por aqui... Eu parece-me que ella sahiu d'esta cása...

O tabellião olhou machinalmente para a janella, e viu esconderem-se duas cabeças: eram D. Rosa e a sua criada, que se retiravam espantadas do que tinham ouvido. E tinham razão. Eu, por mim, tenho-me espantado com cousas muito mais pequenas. Mas o que devéras me espantou, foi dizerem-me que Anna do Carmo, quinze dias depois, estava casada com o ex.^mo^ snr. ***, fidalgo, morador atraz da Sé, e fôra, *ipso facto*, reconhecida prima de todas as familias illustres do norte desde os Leites até aos Albuquerques, desde os Cogominhos até aos Malafaias!

CAPITULO XXIV.

O senhor Antonio José da Silva deve ter movido a compaixão interessante das damas, e talvez o desprêso dos briosos maridos, que, no lugar d'elle, tinham pelo menos degolado suas mulheres, e lavado a sua nodoa em sangue.

Eu lhes digo: faziam uma solemne asneira, e arrependiam-se, depois, como o senhor Antonio (que não era menos brioso que v. exc.as e s.as) se arrependeu de ter superficialmente condemnado sua mulher.

D. Maria Elisa convenceu o candido marido de que effectivamente tinha um primo, filho d'uma irmã de sua mãe, que morrêra pobre, e o deixára abandonado. Que esse infeliz primo se tinha dirigido á sua compaixão, pedindo-lhe alguns sobejos da sua fortuna para alimentar a penosa existencia. Que ella, como esposa e dona de casa, responsavel pelos cabedaes de seu marido, se negára, muito tempo, a dar-lhe os supplicados recursos; mas, por fim, taes foram as instancias, que, a seu pezar, não pôde deixar de ceder aos impulsos do coração, que lhe mandavam soccorrer o infeliz com as migalhas da sua mesa.

O senhor Antonio chorava de piedosa ternura, quando sua mulher, cada vez mais eloquente e philantropa, continuou:

— Com o receio de que a vinda de meu primo a esta casa suscitasse suspeitas malevolas, disse-lhe que me esperasse algumas vezes na Ponte-da-Pedra, e eu, indo sósinha a passeio, lhe daria o que podésse esconder aos

olhos de meu marido, sem que elle désse pela falta, que de certo era um crime...

—Pois não fizeste bem, Mariquinhas! E' o que eu te digo, e perdôa... Se me contas o caso, era eu o primeiro a dizer-te que podias dispôr á tua vontade do que ha n'esta casa, porque o que é teu é meu, e o que é meu é teu.

— Pois sim; mas eu não tenho ainda um cabal conhecimento do seu caracter. Receei que me levasse a mal esta caridade com um meu infeliz parente, e não ousei manifestar-lhe um desejo, a que o meu bom marido annuiria mais por delicadeza, que por vontade do coração. Agora, que tudo se declarou, não quero que o senhor Silva se mortifique por me ter offendido com as suas imprudentes calumnias. Faça de conta que não houve entre nós a mais ligeira desintelligencia. Estamos quites: o senhor fez-me uma injustiça, reputando-me desleal; e eu fiz-lhe outra, julgando-o sôffrego da sua fortuna, e incapaz de estender a mão bemfeitora a meu desgraçado primo!...

— Ora, pois, não nos lembremos mais d'isso... Eu agora o que quero é saber onde mora esse teu primo, porque sou eu o mesmo que propriamente lhe quero ir levar os recursos necessarios para a sua subsistencia... Onde mora elle?

— Onde mora elle?... (Maria Elisa não esperava esta! O improviso não era o seu forte, e viu-se na mais embaraçosa atrapalhação). Eu, se quer que lhe diga a verdade, não sei bem onde elle mora... mas deixe passar alguns dias, e talvez que elle aqui mande algum recado...

— Pois então logo que elle appareça, farás favor de lhe dizer que eu quero fallar com elle... Mas tu não conheces ninguem (tornou o suspeitoso marido depois de reflectir um momento) que saiba onde elle mora?

— Não, senhor.

— Não?... Eu não sei o que me parece isto, a fallar-te a verdade!... Aqui anda dente de coelho!... Pois ninguem, ninguem?

— Talvez me lembre d'uma mulher que aqui veio trazer-me uma carta d'elle, e me disse onde elle morava... Deixe-me recordar, e depois lhe direi...

— Pois olha lá se te lembras... Eu sempre quero vêr os focinhos ao teu primo... Acho que a cousa assim não vai bem...

— Que é o que não vai bem?!...

— Eu cá me entendo...

— Isso que quer dizer? Explique-se, senhor Silva... Nada de meias palavras... Não está ainda satisfeito com a explicação?...

— Podia estar mais, se queres que te diga cá o que tenho no meu interior...

— Pois não sei que lhe faça. Creia, se quizer, e, se não quizer, não creia. Vai-me fazendo subir a mostarda ao nariz!... Eu não lhe dou direito a duvidar da minha palavra. Se cuida que lida com sua irmã, engana-se. Tenho uma face para o amor, e outra para o odio. Sei amar, e sei aborrecer... Entende-me, senhor?

— Mas a que vem todo esse farelorio? Que te disse eu para tanta arrenegação?

— Parece que duvída da explicação que lhe dei do meu comportamento?! Esse direito só o dou á minha consciencia!

— Tem a menina muita razão; mas, eu, sim, acho que... parecia-me que não sou mau homem, nem mau marido, se tenho cá minhas comichões de conhecer seu primo!...

— Se tem comichões, coce-se.... é o que eu tenho a dizer-lhe... E de resto, se quer esperar que meu primo appareça, espére; e se não, procure-o até encontral-o.

D. Maria Elisa retirou-se enfronhada, e foi feliz n'esta lembrança, porque o senhor Antonio precisava de semelhante reacção para entrar nos justos limites d'um marido exemplar, como todos os maridos que não tem publica-fórma.

Que é publica-fórma d'um marido? Eu sei cá... Lembrou-me isto; se me lembra, em lugar de publica-fórma, dizer uma sandice mais compacta, creiam que não era homem de a deixar no tinteiro, porque, se ha inviolabilidade n'este mundo, é para todas as sandices que se escrevem.. D'este peccado tenho eu a dar sérias contas a Deus; mas quem de certo não deu nenhumas, quando d'este mundo se partiu, foi aquella alma gentil do senhor

Antonio, que nunca publicou asneira nenhuma, honra lhe seja feita! Se vivesse hoje tinha pelo menos escripto para os jornaes uma carta, renunciando a sua candidatura, ou qualquer outra trapalhice da barbara linguagem do systema representativo.

N'aquelles felizes tempos, as asneiras desciam á sepultura com o individuo; e d'essa grande sementeira creio eu que nasceram as muitas que hoje amadurecem no jornalismo, e entre as quaes peço ao publico imparcial que classifique a minha da «publica-fórma do marido» pelo que me declaro já summamente penhorado, como todos aquelles que se retiram d'um baile ás cinco horas da manhã.

Por não esgotar as frioleiras de que disponho, saberão, estimaveis leitoras (se me dão a honra de me dirigir a v. ex.as, como quem quer divertil-as da seriedade austera das suas cogitações) que D. Maria Elisa entrou no seu quarto, e escreveu uma longa carta ao senhor Fernandes, contando-lhe miudamente os infaustos successos.

Na manhã do seguinte dia, a anciosa esposa recebeu a seguinte resposta:

« *Não te afflijas. Hoje de tarde ahi vai teu primo. Falla pouco, e deixa-o fallar a elle.* »

CAPITULO XXV.

O senhor Antonio estava sériamente amuado. Atormentava-o a duvida, e as suspeitas terriveis principiavam a obra maldita do arrependimento. Comparando a sua pacifica vida de solteiro com as consequencias da vida matrimonial, arrependia-se o brioso mercador de pannos, e considerava-se o bode expiatorio do seu orgulho insultante com o proximo do chinó, em circumstancias analogas.

Era isto que affligia o coração do marido de Maria Elisa, em quanto ella, amuada tambem, se fechára no seu quarto, imaginando a comica solução, que o senhor Fernandes daria ao problematico parentesco da Ponte-da-Pedra. Assim se entretinham aquellas duas creaturas, quando foi dito ao senhor Antonio que estava alli um sujeito, que queria fallar-lhe, sendo possivel.

— Que diga quem é.

O criado voltou, dizendo que era um primo da senhora D. Maria Elisa.

— Devéras?! — disse o senhor Antonio, com sobresalto, expandindo as bochechas em ar de contentamento.

— Sim, senhor, diz que é primo da senhora.

— E quer fallar comigo?

— E' o que elle disse.

— E não fallou ainda com a senhora?

— Nada; nem por ella perguntou.

— Pois que suba para a sala.

Em seguida, foi introduzido na presença do senhor Antonio um sujeito de trinta annos, pouco mais ou menos, com uma cara trivial, um trajo usado, e maneiras delicadas.

— Tenho a honra de comprimental-o, senhor Silva.

— E eu a mesma. Com que então o senhor é primo de minha mulher?

— Sim, senhor: filho d'uma irmã de sua mãe.

— Estimo muito conhecêl-o.

— Eu devo, sem mais delongas, dizer a v. s.ª o fim que me traz a sua casa.

— Ora diga lá sem ceremonia, os homens são uns para os outros, e eu estou prompto a mostrar-lhe que não sou d'aquelles que... em fim... diga lá o que quer...

— Quero ser eu o proprio accusador da mão bemfeitora, que tem derramado sobre mim alguns beneficios. E' preciso que v. s.ª saiba que eu sou pobre, e não tenho podido até hoje agenciar pelo trabalho a minha independencia. No commercio não me acceitam, porque me acham adíantado em idade. Emprego não me dão nenhum, porque não tenho protecções. Para militar não sirvo, porque sou muito doente do peito, e além d'isso muito curto de vista. Para frade tambem não sirvo, porque não tenho patrimonio, e demais a mais não sei latim para poder entrar nas ordens mendicantes. Sou, pois, vadio por necessidade; não tenho de quem me valha, a não ser d'esta minha prima, que, pelo facto de casar-se com v. s.ª, é a unica pessoa do meu parentesco, a quem se póde pedir uma esmola. Nas minhas tristissimas circumstancias, dirigi-me a ella, e achei-a fria, dura de coração, e insensivel ás minhas supplicas. Instei, segunda e terceira vez, obrigado pela indigencia, e consegui que ella me mandasse esperal-a, algumas vezes, na Ponte-da-Pedra, onde me daria o pouco que podésse economisar do que seu marido lhe dava para alfinetes. Disse-lhe eu que não duvidava fallar pessoalmente a v. s.ª, e ella tirou-me d'isso, dizendo que não queria ser pesada a seu marido com os seus parentes pobres. Hontem foi um dos dias em que ella me deu uma pequena esmola, e me prometteu algum dia empenhar-se com v. s.ª para que se me désse um logar na alfandega, ou em qualquer repartição da justiça, em que eu podésse ganhar com honra um bocado de pão. Quando fallavamos n'isto, ouvimos uma voz, minha prima empallideceu, dizendo-me que fugisse, porque ouvira fallar seu marido. Eu atrapalhei-me com os sustos de minha

prima, e nem tempo tive de reflectir nas consequencias da minha fuga. Fugi pelo quintal, e vim de volta para a estrebaria escutar o que se passava. Quando v. s.ª sahiu com ella, reparei que vinham amuados, e entendi que eu fôra a causa d'essa desgraçada desintelligencia entre dous esposos que tanto se amam, segundo ella me tem dito....

— Ella disse-lhe isso?

— Sim, senhor. Quando os vi enfronhados estive por um triz a sahir da estrebaria, e dizer quem era, porque v. s.ª não seria tão barbaro, que maltratasse sua mulher, porque tem um primo que necessita das suas migalhas. O receio fez-me recuar no meu plano, e vim para casa meditar na minha triste sorte. Resolvi ter animo, e venho eu proprio accusar-me de ter sido o perseguidor de minha prima. O que ella me tem dado é tão pouco, senhor Silva, que eu talvez, vendendo este velho casaco e estas calças, possa embolsal-o. Quero ficar em mangas de camisa, mas não quero que minha prima soffra por minha causa.

— Com que então o senhor metteu-se-lhe lá na cabeça que eu cá sou homem capaz de tratar mal minha mulher, porque lhe deu alguma cousa? Ora adeus!... mudemos de conversa! O senhor como se chama?

— Pedro José Sarmento de Athaide.

— Já que fallou em Sarmento e Athaide, faz favor de me dizer d'onde é que herdaram esses appellidos?

— Eu lhe digo... Meu quarto visavô João de Lencastre e Sarmento casou com minha quarta visavó D. Urraca de Athaide, da casa de Valladares no Alto-Minho. Tiveram quatro filhos. O morgado casou em Pena-Ventosa com a herdeira da muito antiga familia dos Pesicatos...

— Dos...?

— Pesicatos e Bmóes.

— Nunca ouvi fallar d'essa linhagem.

— Não admira, porque ficou toda essa familia sepultada em Lisboa, nas ruinas do terremoto de 1755. Foi uma grande desgraça para a posteridade do outro ramo d'este tronco illustre. O filho segundo de meu quarto visavô fez um mau casamento com uma mulher da plebe, e os dous seus irmãos foram frades; um morreu dom abbade em Tibaens, e outro foi bispo de Constan-

tinopla, e chamava-se fr. Zagallo Sarmento e Athaide.

— Nunca ouvi fallar d'esse senhor bispo de... Castanhóplas!..

— Pois, senhor, eu posso mostrar-lhe que elle era irmão legitimo do meu terceiro visavô, com documentos que param na Torre do Tombo.

— Não é preciso; eu vejo que v. s.ª falla verdade... Mas como é que o pae de minha mulher era negociante, e não era dos de primeira ordem?

— Isso explica-se pelos casamentos desiguaes. O vinculo passou para os parentes que temos em Macau, e já meu avô foi negociante, e teve de riscar de seu nome os appellidos de nossos avós, porque não podia sustental-os. Ora aqui está a triste historia dos meus ascendentes, que mal diriam elles que seu neto Pedro José de Sarmento e Athaide precisaria de estender a mão á caridade de estranhos!...

— Pois, senhor Pedro, não ha mal que sempre dure. O senhor fez muito mal em não vir ter comigo logo que soube que eu era seu parente por infinidade. Havia de topar um homem como se quer para o seu amigo. Não fez bem,... mas em fim tudo se remedeia... Eu vou chamar sua prima, e ella dirá o que se ha-de fazer...

— Perdão... eu acho que não será bom que ella saiba que eu vim aqui, porque me não levará a bem a liberdade que eu tomei de me dirigir a v. s.ª, abrindo-lhe francamente o meu coração...

— Qual?... Ora o senhor então não sabe como ella é!... Verá que ha-de estimar que se declarassem d'este modo cá certas suspeitas...

— Suspeitas!... quaes?...

— Eu cá me entendo...

— Mas eu é que não entendo... A minha honra está compromettida n'essas suspeitas... Sou pobre, mas tenho pundonor; exijo que v. s.ª, em nome da honra, me declare quaes foram as suspeitas...

— Eu lhe digo, senhor Pedro... Eu não sabia que minha mulher tinha primos, e, quando me disseram na estalagem que ella estava com um primo, metteu-se-me cá uma asneira na cabeça...

— Qual asneira?

— Pensei que o tal primo era algum rufião...

— Rufião!... Eu não entendo essa linguagem!

— Quero dizer que pensei que andava por ahi algum farropilhas a arrastar-lhe a aza!

— Então o senhor não sabe que minha prima pertence á veneranda linhagem dos Sarmentos e Athaides, e não consta que, na genealogia dos Pesicatos e Bmóes, se désse uma infidelidade porca e villã!... V. s.ª offendeu as cinzas de meus avós! Em nome do meu quarto visavô João de Lencastre e Sarmento, e de fr. Zagallo, bispo de Constantinopla, exijo que me dê uma satisfação!...

— Não se arrenegue assim, senhor Pedro... Um marido póde enganar-se muitas vezes com sua mulher!

— Mas eu, neto de heroes, é que não admitto enganos taes! As suspeitas são affrontas! V. s.ª affrontou-me na pessoa de minha prima! Insto pela satisfação! Na França entre cavalheiros é costume disputar-se a honra á ponta de espada. V. s.ª ha-de bater-se comigo!

— Eu!... essa é que é d'aquella casta!... Pois eu, sem mais nem menos, hei-de agora jogar a tapona com o senhor, porque se me afigurou que minha mulher não era tão boa como se dizia! Ora, senhor primo, deixe-se d'isso... Eu não sei cá d'esses costumes dos francezes... Que os leve o diabo e mais quando elles cá vieram...

— Não me importam os francezes! Importa-me a honra de meus avós, insultada em minha prima D. Maria Elisa de Sarmento e Athaide. Senhor Antonio! Dentro em vinte e quatro horas um de nós estará na eternidade!

— O senhor, por mais que me digam, está a mangar comigo, ou não regula bem da cabeça!

— Com a honra não se manga, senhor negociante de pannos! Se a sua arma é o covado, a minha é a espada que herdei de meu vigesimo-quarto avô D. Alarico Themudo Pesicato! E' forçoso que se bata, ou então que declare á face do ceo e da terra que é um covarde. Dentro de vinte e quatro horas virei procurar a resposta. Se não quizer bater-se, hei-de sacrifical-o aos manes de meus illustres avoengos, que do Olympo excitam a minha coragem! Não tenho mais a dizer-lhe, senhor!

— Venha cá... isto não é modo de tratar o homem de sua prima!... Se quer dinheiro, diga-o, e não esteja ahi a arrotar postas de pescada.

— Com que então chama o senhor a isto arrotar postas de pescada!... Muito bem! Hei-de provar-lhe que as postas do seu corpo tambem se arrotam!... Passadas vinte e quatro horas, repito, um de nós será cadaver!

O neto dos Pesicatos sahiu. O senhor Antonio, atordoado com a seriedade do negocio, entrou no quarto de sua mulher.

— Que diabo de homem é este teu primo, ó Mariquinhas?

— Meu primo!... pois elle esteve cá?!

— Sahiu agora mesmo... O homem parece-me doudo!...

— Pois que fez elle?

— O que fez?... Quer que eu jogue a bordoada com elle!

— Porque?

— Isso agora é que eu não sei!... Levou-se dos diabos por eu lhe dizer que tive cá minhas desconfianças a teu respeito... e, ás duas por tres, põe-se a barregar como um barqueiro, e a dizer que antes de vinte e quatro horas um de nós havia de morrer!... Que te parece isto?

— Parece-me um sonho!... Porque me não chamou?

— Porque elle não me deu tempo... Começou a desembuchar umas trapalhadas d'avós, e do bispo, e dos Pesí... Pesí... como se chamavam esses homens da tua linhagem?

— Quaes homens?

— Uns fidalgos que morreram no terremoto de Lisboa?

— Eu sei cá que homens eram esses!...

— Eram os... os... Pesigatos... De que te ris? O caso não é para isso... O tal teu primo, se é doudo, o melhor é amarrarem-n'o, e mandem-n'o para o hospital de S. José...

— Que figura tinha elle?

— Pois tu não sabes que figura tem teu primo?

— Sei... mas... lembro-me se não seria elle...

— Elle não se chama Pedro?

— Sim... elle... chama-se... Pedro.

— Pois então ahi está... E' elle mesmo... deu-me todos os signaes certos da Ponte-da-Pedra.

— E que lhe disse?

— O homem fallou bem, a respeito de não ter meios, e fez-me cá no coração uma certa aquella; mas, depois, parecia-me um maluco chapado, lá com as suas valentias. E' preciso saber como isto ha-de ser; eu não quero historias com elle. Manda-lhe dizer que se deixe de asneiras, se quer ter que comer e vestir em minha casa, ouviste, Maricas?

— Pois sim; mas eu ignoro a sua residencia. Quando elle cá tornar, chame-me, e eu verei como se remedeiam as loucuras do meu primo.

O senhor Antonio, um pouco mais socegado, relatou, pouco mais ou menos, a sua mulher o dialogo que tivera com o descendente do bispo de Constantinopla. Maria Elisa ouvira-o, afflicta com vontade de rir-se, e, ao mesmo tempo, vexada de ter um marido, que se prestava assim ao ridiculo. Era bem natural esta mortificação do amor proprio.

A conversação foi interrompida pela chegada de dous senhores, que precisavam immediatamente fallar com o senhor Silva.

— Temos alguma!... — murmurou o negociante, e entrou na sala onde o esperavam dous officiaes de cavallaria, de grandes bigodes, e caras de arremetter.

— Quem são v. s.ªˢ? — perguntou o assustado dono da casa, apenas os encarou.

— Somos embaixadores de Pedro José de Sarmento e Athaide! — respondeu um d'elles, arqueando os braços, e levantando a cabeça com orgulhoso entono.

— Embaixadores!... e que me querem os senhores embaixadores?

— Advertil-o de que é desafiado pelo nosso amigo...

— Ora, deixem-se d'isso!... — interrompeu o senhor Antonio, fingindo que recebia a intimação com gracejo — V. s.ªˢ estão a brincar... Queiram mandar-se sentar..

— A nossa missão cumpre-se de pé... e v. s.ª ha-de responder-nos tambem de pé! Queira tirar o seu barrete, porque nós tambem estamos descobertos. As for-

maes solemnidades d'este acto não permittem distincções de cavalheiro para cavalheiro. Repito, senhor! queira descobrir-se!

— Eu estou em minha casa, posso estar como quizer.

— N'este momento a sua posição é outra. O homem desafiado não se considera em sua casa, em quanto a sua honra não está illibada, porque o homem deshonrado não tem casa, nem propriedade, nem direito! Descubra-se!

O senhor Antonio tirou o barrete, e emmudeceu na presença de semelhante insolencia.

— Muito bem... Responda agora: quer bater-se em leal duello com o senhor Pedro José de Sarmento e Athaide Pesicato?

— Não quero lá saber d'essas cousas, já lh'o disse a elle, e não me façam azedar o estomago, senão eu mando chamar o meirinho geral, e os senhores são catrafiados e mais elle na Relação.

— O senhor insulta-nos! Se não tivessemos piedade da sua barriga... essa lingua seria cortada pelo gume d'esta espada!...

— Os senhores vem insultar-me a minha casa! Já no meio da rua, quando não chamo os visinhos.

— Cale-se, monstro! quando não...

Os esturdios desembainhavam as espadas, quando Maria Elisa entrou na sala, e parou diante de seu marido, que recuava espavorido.

— Isto que quer dizer? — perguntou ella — Não respondem?... Que infamia é esta de entrarem n'uma casa estranha insultando o dono d'ella?

Os embaixadores do imaginario primo arrefeceram nas suas comicas furias, e não ousaram responder.

— Retirem-se d'esta casa! — disse Maria Elisa apontando-lhes a porta da sahida.

— Minha senhora... — balbuciou um d'elles — nós somos enviados por...

— Seja por quem fôr. Vão dizer a quem os enviou, que Maria Elisa lhe manda dizer que o seu procedimento é muito infame, e que eu muito sinto não ser homem para poder dar a v. s.as uma resposta cabal! Retirem-se!...

Os officiaes sahiram vexados, e o senhor Antonio estava espantado da coragem de sua mulher.

CAPITULO XXVI.

O senhor Fernandes quando respondeu, em duas linhas, á carta que Maria Elisa lhe enviára, contando-lhe os successos occorridos desde a fatal surpreza da Ponte-da-Pedra, procurou um seu amigo, cadete de cavallaria, e convidou-o a representar de primo para poder salvar a sua amante do risco.

O cadete, mancebo de maus costumes, e votado engenhosamente a toda a casta de maroteira, acceitou o papel e estudou-o com muita habilidade. Era necessario que D. Maria Elisa o não visse para obviar aos embaraços muito naturaes em tal surpreza. Fernandes inventára o desafio, e o cadete inventára de improviso a historia genealogica dos Pesicatos e Bmóes, que encaminhou ás mil maravilhas a historia do duello.

O comico, retirando contentissimo do bom exito da sua travessura, antes de procurar Fernandes, fez obra por sua conta, divulgou a brincadeira aos seus camaradas, que eram o tenente e alferes da companhia, e achou n'elles dous optimos bargantes para continuarem a caricatura.

Quando a ultima scena se passava no Sério, o senhor Fernandes, na rua das Flores, estava desesperado, porque previra que Maria Elisa levaria a mal este excesso de escarneo a seu marido. Elle bem sabia que nenhuma mulher consente que a desgraçada condição do marido ultrajado seja um brinquedo para o ludibrio do homem, que fatalmente a levou a uma fraqueza de coração.

Era tarde para remediar a imprudencia. Esperou, inventando pretextos que o reconciliassem com Maria Elisa, no caso possivel de ter ella sido testemunha da zombaria feita a seu marido.

Não se enganára. O cadete fôra o portador da resposta enviada pelos officiaes. Fernandes, reprovando o procedimento do seu amigo, que dava grandes gargalhadas, e promettia contar o caso a toda a gente, escreveu a Maria Elisa historiando o acontecimento. Era impossivel salvar-se! Embora não tivesse elle sido o inventor do escandalo, quem expozera Antonio José da Silva fôra de certo elle, e Maria Elisa leu a carta, rasgou-a, e devolveu-lh'a.

Seguiram-se novas remessas de cartas, que ella nunca abriu. Deixou de sahir de casa, para não ser encontrada. Soffreu quanto póde soffrer o amor proprio. Não sentiu, por isso, mais interesse por seu marido; todavia, córava, muitas vezes, diante d'elle, lembrando-se que o fizera descer tanto. Comprehendam-na, se podem! A sua consciencia estivera tranquilla até ao momento em que foi surprendida na Ponte-da-Pedra! O que lhe pesava não era a infidelidade; era o ultraje, que lhe fizeram a ella, escarnecendo um traste de sua casa, uma cousa que a sociedade chamava o « seu marido »!

Eu, se fosse mulher, seria isto, pouco mais ou menos, e levaria o meu nobre resentimento ao extremo de abominar o vaidoso amante que estabelecesse termos de comparação com meu marido.

A situação de Maria Elisa era muito especial. O senhor Antonio estava assustado, e dava como certa a sua morte, logo que os officiaes de cavallaria o encontrassem a geito. Ao anoitecer mandou trancar as portas, e armar os criados, em quanto, confiado na coragem de sua mulher, consultava os meios, que devia empregar, para judicialmente defender da sua arriscada corpulencia os golpes de espada d'aquelle par de Damocles que o neto de D. Alarico Themudo Pesicato lhe enviava a casa.

Maria Elisa queria serenar os sustos de seu marido; mas de que modo? Se lhe dizia que tudo aquillo fôra uma phantasmagoria, ficava a sua honra muito duvidosa para seu marido. Se deixava medrar o terror do infeliz,

o pobre homem succumbiria de medo, se visse em sonhos o lampejo da espada nas proximidades da barriga provocante.

Os palliativos não valiam nada para a cura. O senhor Antonio, no auge do medo, chegou a censurar sua mulher por ter usado palavras fortes de mais, quando deu ordem de despejo aos militares.

Maria Elisa quando viu, ao cabo de tres dias, que seu marido tinha febre e tremia ao menor ruido que se fazia nas escadas, sentiu escrupulos, e accusou-se de ter concorrido para os soffrimentos do pobre homem.

Fernandes teimava em escrever-lhe, e não conseguia que as suas cartas fossem, ao menos, abertas. O seu tormento inspirou-lhe um recurso extremo. Pediu ao cadete que se apresentasse humildemente em casa do negociante, pedindo-lhe perdão das asperezas do seu caracter, e afiançando-lhe que nada viria perturbar-lhe a sua tranquillidade.

Maria Elisa estimaria este acontecimento; mas não queria lembral-o ao seu indigno amante, porque jurára acabar taes relações.

O cadete foi representar, de boa vontade, a segunda parte da farça. O senhor Antonio não quiz ouvil-o, sem que sua mulher estivesse escondida no quarto proximo, para intervir, sendo necessario.

—Eu venho—disse o cadete—desarmar a sua justa indignação, senhor Silva. Foi de mais o meu brio. Minha prima é sua mulher, e v. s.ª não tem obrigação de responder-me pelo mau conceito que fez d'ella. Desafiei-o: fui imprudente; mas espero merecer-lhe um generoso perdão, visto que as minhas demasias são filhas do nobre sangue que me gira nas vêas. Retiro-me na certeza de que v. s.ª, de hora em diante, não se lembrará mais do passado, e terá por mim a estima que se deve a qualquer individuo, que zela a honra de nossas mulheres, tanto como nós.

O senhor Antonio ouviu-o primeiro com sobresalto, e depois com satisfação. Tinham-lhe alliviado do coração o pêso de quatro quintaes. O sangue girava-lhe de novo em toda a extensão do systema circulatorio; e os frouxos, que lhe accommetteram as pernas, desappare-

ciam, á maneira que o primo de sua mulher lhe garantia a inviolabilidade do seu abdomen.

O senhor Antonio tinha um excellente fundo. Não era valente, mas odiento tambem não. Deu um abraço no estroina, que recuou dous passos para o receber com todas as formalidades d'um habil comico, e pareceu-lhe até que o primo de sua mulher (valha a verdade) lhe déra um beijo na bochecha direita. Não afianço isto; mas o que posso, debaixo da palavra de honra dos meus amigos, afiançar, é que um beijo na face do senhor Antonio, se se deu, revela um gosto estragado, um paladar tôrpe, e alguma cousa de indecencia atroz na pessoa do cadete.

A verdade é que o tranquillo marido recobrou a felicidade inquietada, e restituiu a sua mulher a plena confiança retirada por uma fatal intermittente de ciume. Desfazia-se em satisfações, acarinhava-a a seu modo o melhor que podia e sabia, comprou-lhe duas pulseiras de grande custo, e uma fivela de cintura, cravejada de diamantes. Maria Elisa acceitava os carinhos, a fivela, e as pulseiras com a mesma indifferença.

Não era, porém, filho do estudo este desdem. A chistosa amiga de Rosa Guilhermina vivia triste, porque vivia só. Desde que se entregára apparentemente ao extremoso negociante, as suas horas unicas de passageira felicidade eram as da Ponte-da-Pedra. Fernandes era um homem de não sei que perverso talento que seduz, capacita, e chega a victimar as proprias mulheres que tem a consciencia de que são victimas. Talento e corrupção eram já n'aquelle tempo uma espada de dous gumes com que se cortam os nós gordios do coração de certas mulheres. E Maria Elisa era uma d'essas certas.

O que ella teve de mais, entre as da sua escóla, foi uma caprichosa dignidade, que a fez esquecer n'um momento o amor d'um anno. Recordava-se de Fernandes com pesar, e odio; saudade, nunca. Quando se deixára cahir nas astuciosas ciladas, que elle lhe preparára, com o animo frio da experiencia das Marcellinas (que pelos modos eram muitas n'esse tempo, apesar dos frades, e da suspirada virtude de outras eras) tirára ella, como condição, um eterno silencio a respeito de seu marido. Parece que o galhofeiro amante epygrammou, uma vez,

o abdomen do senhor Antonio, e teve, em vez de sorriso approvador, um gesto de desprêso, que elle reconciliou lá como pôde. O caso é que nunca mais cahiu na leviandade de ferir a susceptibilidade de Elisa, lembrando-lhe a monstruosidade moral e physica de seu marido.

Foi pessima lembrança aquella de enviar o cadete a representar de primo! Maria Elisa quereria antes ser julgada, qual era, por seu marido, porque a deshonra seria um segredo domestico, e a hilaridade publica não viria aggravar a vergonha de ambos. Mas o remedio comico e inesperado, que o inconsiderado Fernandes deu ao mal, era exacerbar a ferida, expondo-a ao ar da publicidade, e ao fel do ridiculo, prompto sempre a flagellar os maridos da escóla do senhor Antonio, que não são muitos, mas satisfazem as necessidades d'alguns celibatarios que vieram ao mundo para chronistas dos infortunios alheios. Eu, que sou um dos que se honram d'essa missão, não posso deixar de confessar publicamente a minha admiração por esta senhora, digna (a todos os respeitos não direi, mas a alguns, de certo) d'outro marido, ou d'outro amante. Qualquer que tenha sido o seu peccado, a gente de bom coração tem pena d'ella, vendo-a, depois dos tristes acontecimentos que historiei com sincero dó, sósinha, entregue á escuridão da sua vida sem amor, sem luz, sem ar, alli sempre na presença do senhor Antonio, carinhoso até á desesperação, terno até ao aborrecimento, desvelado em extremos de meiguice tôla até dar vontade de o mandar comer e dormir.

Isso foi que elle nunca deixou de fazer. O estomago era uma cousa á parte na sua organisação. Eram dous Antonios n'um. O Antonio do ciume morreria de paixão: mas o Antonio do estomago só uma indigestão poderia matal-o.

Sempre ao lado de sua mulher, inerte, sedentario, bufando, arquejando, impando, o nosso amigo sentia-se cada vez mais pesado. A medicina mandava-o passear a pé, e elle sem Maria Elisa, não dava um passo. Já não eram suspeitas. Era a tenacidade do amor, a reloucura da velhice que o prendia áquella mulher, como se prende a creança timida ao seio de sua mãe.

Correram assim tres mezes. Maria Elisa, cada vez

mais triste, cahiu n'uma especie de doloroso somnambulismo. As janellas do seu quarto não se abriam nunca. Passava as longas horas do dia e da noite, lendo sem reflexão, e escrevendo cousas que o seu marido não entendia, mas gostava d'ouvil-as. Eram «melancolias surdas» como ella intitulára os trinta cadernos de papel em que as escrevêra. Disseram-me que essas paginas perdidas continham cousas bonitas, pensamentos que não pareciam de mulher, energia de phrase, conhecimento do coração, e toque real d'uma verdadeira dôr. O que não viram n'ellas as pessoas, que me informaram, foi o nome de Fernandes. Parece que a imagem d'este homem fôra para sempre banida das saudades de Maria Elisa.

Constrangida pela soledade, a antiga orphã de São Lazaro lembrou-se com amor da sua amiga de infancia. Queria revocal-a ao seu coração, d'onde nunca sahira, mas seu marido odiava Rosa, fazia-se côr de carmim quando lhe fallavam n'ella, e repetira muitas vezes que, em quanto elle fosse vivo, a filha do arcediago não entraria em sua casa.

Maria Elisa não replicava a este odio inveterado. Tinha compaixão do pobre homem que, desde certo tempo, vaticinava a morte. Já não comia com o mesmo appetite. Já não accumulava com prazer as sopas na tigella do caldo de gallinha. Sentia precisão de sentar-se, apenas se erguia, e acordava muitas vezes de noite com os pés frios e a cabeça em braza.

A senhora Angelica, sempre a mesma devota, depois das desordens, por causa do neto dos Pesicatos, metteu-se no seu quarto, em oração permanente, e apenas sahia tres vezes em cada doze horas para comer, visto que era necessario dividir a sua extatica existencia entre o oratorio e a cosinha. Quiz, algumas vezes, intrometter-se na vida de seu irmão, censurando a frieza de sua cunhada; mas não obstante a seriedade do assumpto, a senhora Angelica, se fallava só dizia asneiras, o que não succede sómente á senhora Angelica.

Consta que ella fôra uma vez ainda consultar a senhora Escolastica, a Massarellos; mas esta mulher tinha morrido de fome, não obstante predizer o futuro, que, parece, á primeira vista, um bom modo de vida, depois

de jornalista, que são as Escolasticas de calças e paletó do nosso tempo.

Eu vou dizer-vos cousas pungentissimas. E' com pena, realmente vos digo, que me vejo obrigado a deixar morrer uma das creaturas mais notaveis d'este romance. Accuso a medicina d'aquelles tempos por não ter salvado d'um ataque apopletico o senhor Antonio José da Silva. Se fosse hoje, este homem não teria morrido, sem que ao menos o esfolassem com quatro duzias de ventosas, e cento e tantos causticos. Têl-o-hiam salvado com alguma d'essas medicinas, que disputam entre si a vida dos cidadãos, ao passo que as camaras municipaes mandam alargar os cemiterios. Felizes os que morrem hoje, que, se morrem, é porque não podiam viver mais.

O senhor Antonio deitou-se uma tarde, queixando-se de dôres de cabeça. Metteu os pés n'um banho de mostarda; mandou pedir a sua mulher que viesse fazer-lhe companhia, e recebeu-a morto, quando ella entrou. O facultativo chamado sangrou-o. A vêa verteu algumas gôtas de sangue negro, e fechou-se, porque as valvulas do coração estavam fechadas para sempre.

Maria Elisa tomou a mão do cadaver, e beijou-a sem lagrimas. A senhora Angelica veio ao quarto de seu irmão, e chorou muito, grunhiu desentoadamente, e atordoou a visinhança com gritos. Feita esta berraria de duas horas, comeu alguma cousa sem appetite; mas podia dizer que tinha fome que ninguem duvidaria da sua palavra. Ao mesmo tempo, Maria Elisa, que não gritára, nem chorára, fugindo do quarto de seu marido, fechára-se no seu, escondêra a face nas mãos, e murmurou: «Perdi um pae! Sou orphã outra vez!»

CAPITULO XXVII.

A viuva do honrado negociante, que passou da terra sem um necrologio, escreveu a Rosa Guilhermina uma carta que era um grito supplicante á sua amiga d'outro tempo. Pedia-lhe que viesse, porque a chamava de ao pé d'um cadaver. Só, sem amigas, e rodeada de riquezas inuteis, appellava para a unica pessoa capaz de avaliar a sua orphandade.

Rosa Guilhermina entrou com o portador da carta. Abraçaram-se, chorando. Fecharam-se, para se furtarem ás formalidades estupidas das visitas funebres, que nos vem dizer: «sinto muito» e nos obrigam a responder: «muito obrigado.» Dous dias e duas noites quasi não tiveram um intervallo de silencio. Soffriam ambas, soffriam muito, e já não sabiam adubar as conversações d'aquella fina especiaria de risos, que tanto promettiam, e em tantas lagrimas deviam converter-se depois.

—Já não somos as mesmas, Maria Elisa!—disse Rosa, abraçando a sua amiga, que lhe inclinava o rosto pallido no hombro.

—Já não... A nossa mocidade foi um dia... Parece-me que vivo ha muito... Tem-me lembrado a morte, como o maior beneficio que posso esperar do céo...

—E eu tenho-a pedido tantas vezes!...

—Tambem soffres, Rosa?! Não tens um esposo amado?

—Não.

—Como não? pois não casaste por paixão?

—Casei... e depois, vi que me tinha perdido...

—Pois que? elle não te estima?

—Não... arrasta-me na sua desgraça... Meu marido é um homem perdido... um ente sem honra, nem futuro, nem presente.

—Pois teu marido não está a formar-se em Coimbra?

—Já não trata d'isso... Meu marido é um jogador.

—Jogador!

—Sim, jogador de profissão.... Gastou quanto podia gastar do meu patrimonio... O pouco que possuo para a minha subsistencia e de minha filha, tira-m'o com violencia. Foi riscado da universidade, veio ao Porto vender aquella prata, que tu déste a minha filha, depois de a comprares a meu marido, e foi para Lisboa, sempre acompanhado d'uma mulher ordinaria, que viveu na minha companhia quinze dias, e ousou dar ordens das minhas portas a dentro. Ha cinco mezes que não tenho noticias d'elle. Nem ao menos me pergunta por sua filha. Sei que vive, porque, no fim de cada mez, se apresenta em minha casa uma ordem assignada por elle para eu pagar quasi tudo que o juiz dos orphãos arbitrou para o sustento da minha familia... Aqui tens a minha vida... Estou pobre... Maria Elisa!...

—Tu não estás pobre, Rosa! Não me falles assim, que me fazes chorar! Tu não estás pobre... Eu preciso que te esqueças de todo o nosso passado, para entrares de novo no coração de Elisa... Queres ser minha? Eu estou viuva, e viuva tambem tu estás... O teu coração não é já d'esse homem... E' da tua filha, e meu; a tua filha é minha e tua, sim?... Não chores... Troquemos entre tres as nossas affeições todas... Vivamos n'uma só vontade... Foge para os meus braços, que não tem no mundo ninguem que os queira, a não seres tu... Faz-me outra vez sorrir para a vida, que n'estes ultimos dous annos me tem sido tão negra... tão negra... Rosa! Faz que a minha riqueza me seja uma cousa agradavel... Dá-lhe algum prestimo... Só tu pódes, se vieres ser outra vez minha irmã, explicar-me a razão por que eu queria ser rica... Era para isto, era, minha querida amiga, era para nos fazermos felizes tres creaturas... eu, tu, e a nossa menina... Vai buscal-a... Vai... Não me digas que não...

que me matas... Essa mesada que tens dá-a a teu marido... Que jogue, que se deshonre, mas foge-lhe tu, que não tens ainda uma nódoa na tua vida... Vem ensinar-me a ser boa, e honrada, porque eu tenho sido...

— O que?... que tens tu sido?...

— Uma desgraçada...

— Tambem eu... que culpa temos nós?!

— Eu?... muita!... Calemo-nos, Rosa... Olha aquelles sinos pezam-me sobre o coração.... Tenho mêdo d'aquelles sons... Se meu marido tivesse sido n'esta vida um homem, como eu deveria ter encontrado um, eu pensaria que aquelle dobre era a voz d'elle que me accusava da eternidade... Ai!... tu ignoras a minha vida? Parece impossivel!... Nunca ouviste fallar de mim como se falla d'uma infame mulher?

— Nunca...

— Pois pergunta ao mundo o que eu fui... Não, não perguntes nada... Ignora tudo... O meu coração para ti está puro... Restituo-t'o como t'o roubei, ou tu o lançaste de ti para fóra... Não te importem os meus defeitos... Foi um sonho horrivel! Acordei nos teus braços... quero aqui viver... Deixas-me esquecer aqui do muito que tenho soffrido?...

....

Rosa Guilhermina recebia com lagrimas as meias confidencias de D. Maria Elisa, quando lhe disseram que seu marido a procurava, por saber que ella estava alli.

A surpreza brutificou-a.

Maria Elisa mandou subir Augusto Leite, e reanimou a sua amiga do lethargo em que a deixou esta apparição tão pouco desejada. Fôra preciso muito para que a pobre senhora aborrecesse seu marido.

Não bastariam para isso as dissipações que elle fizera do seu patrimonio. A mulher perdôa sempre os desperdicios de seu marido, com tanto que elles não envolvam uma affronta ao seu amor proprio, servindo de preço aos amores alheios que se vendem.

Não fôra, pois, o jogo que arruinára a felicidade de Rosa. Foi o descaro insultuoso com que Augusto, na sua penultima vinda ao Porto, lhe introduzira em casa a tricana das chinellas amarellas, mulher insolente que, au-

thorisada pelo amante, ousára esbulhar os bragaes da casa, deixando a sua dona só os indispensaveis.

Estes vexames nunca se perdôam. A esposa, assim ultrajada, póde soffrêl-os calada como martyr, mas não poderá nunca reservar um resto de affeição ao homem, que a humilhou assim.

Rosa entrou na sala em que era esperada. Quando deu de face com seu marido, que não vira nos ultimos seis mezes, desconheceu-o e recuou. Trazia a barba toda, que lhe augmentava a magreza cadaverica do rosto. Vestia uma velha sobre-casaca, de panno desbotado, encodeada na golla, e farpada na botoadura. Os seus olhos pizados, mas ainda penetrantes do brilho da desesperação, fixavam Rosa com ar ameaçador.

Cruzando os braços com a importancia tragica d'um marido de tragedia, que vem, de longes terras, pedir contas a sua mulher, Augusto Leite disse, approximando-se:

— Parece que me não conheces, Rosa?

— Vens tão mudado do que eras!... não admira que te não conhecesse, Augusto!

— Pois sou eu mesmo... Vejo que não sentes grande prazer com a minha visita...

— Não te esperava... Como ha seis mezes me não escreves...

— Entendeste que não havia nada commum entre nós... Pois, minha amiga, sou teu marido, apesar de ambos nós...

— Sinto muito que o sejas a teu pesar... Eramos ambos bem mais felizes, se o não fosses.

— Parece-te? a mim tambem; mas já agora o remedio é seres minha mulher, e eu teu marido...

— Fallas-me d'um modo que me fazes gelar o coração!... Que te fiz eu para me tratares assim?

— Eu sei cá o que me fizeste!... não me fizeste nada... Penso que me tornaste mais desgraçado do que eu era...

— Vejo que sim; mas não era essa a minha intenção... Eu quiz fazer-te feliz; se o não consegui, é porque não pude, nem tu me disseste o que eu devia fazer para a tua felicidade...

— O que me perdeu foi o teu dinheiro...

— Não tive culpa, Augusto...

— Eu, se fosse sempre pobre, não me illudia com as esperanças de teu patrimonio, e trabalharia, estudaria para chegar a ser homem...

— Que hei-de eu fazer-te, Augusto!... Eu nunca te aconselhei que arruinasses o que te dei; se soubesse que o meu dinheiro te fazia infeliz, lançal-o-hia ao mar para me casar pobre comtigo... Mas, se eu fosse pobre, de certo me não quererias...

— Não sei, não me importa saber, todas as conjecturas agora são estupidas...

— Perdôa as minhas conjecturas... Eu d'antes era espirituosa, segundo tu dizias, que eu nunca o acreditei... Agora sou estupida, é porque a desgraça embrutece...

— Nada de ironias... Sabes que estou pobrissimo?

— Não sabia; mas acredito que o estás.

— Pódes avaliar a minha situação?

— Posso; porque eu tambem estou pobrissima.

— Menos que eu...

— Mais que tu... Tenho uma filha que sustento, e cheguei á extrema dôr de querer comprar-lhe um vestido, e tive de vender um meu, para que a minha filha te não envergonhasse... Avalias tu agora a minha situação?

— Diz ao teu tutor que te entregue o que tens, e tu administrarás...

— Já lh'o suppliquei muitas vezes. Não me concede cinco reis além da mesada que me arbitraram... Não posso conseguir nada... Emprega tu os meios, que eu concedo-te tudo; e, se não podéres alcançar mais do que eu, desde já te cedo toda a minha mesada, e eu e minha filha recorreremos á caridade da minha amiga Maria Elisa.

— Não quero caridades de ninguem: quero aquillo que é meu, quando não enterro uma faca no coração do tutor...

— Cala-te, Augusto, que me pareces demente!

— E' porque eu realmente estou louco... Preciso sahir d'esta desgraçada vida em que me vejo... Quero dinheiro, Rosa, quando não vou com um bacamarte para as estradas...

— Augusto! — exclamou ella, tirando-lhe a mão do cabo do punhal, que empunhára instinctivamente no bolso interior do casaco.

— Tu não sabes onde a desgraça é capaz de me levar... A sociedade fez-me assim... Se perdi muito dinheiro, perdi o que era meu; não roubei nada a ninguem; e a sociedade infame despresou-me, chamou-me homem perdido, e cuspiu-me na cara, porque eu empobreci... Vi-me abandonado, e tornei-me criminoso... Estou cumplice n'um roubo, e, se dentro de tres dias, não der um conto de reis, sou prêso, e degradado, ou pendurado n'uma forca.

— Oh meu Deus, que vergonha!... — disse Rosa, cahindo n'uma cadeira, e escondendo o rosto entre as mãos.

— Nada de exclamações.... Esse remedio não me presta de nada... Visto que tens uma amiga rica do que era de meu tio, pede-lhe este dinheiro, se me queres salvar... Não me respondes?

— Augusto!... eu não posso responder-te já... Deixa-me possuir bastante do meu infortunio, para perder a vergonha...

— Isto não soffre delongas... Quero a resposta já...

— A resposta dou-lh'a eu — disse Maria Elisa, que apparecêra de improviso. Augusto cortejou-a ligeiramente, e Rosa ergueu-se tremula, e sentou-se logo, porque lhe faltavam forças para acolher-se ao seio da sua amiga.

Maria Elisa veio ter com ella, abraçou-a, deu-lhe um beijo, e levou-a comsigo para dentro. Voltando-se para Augusto, disse:

— Queira demorar-se, que eu volto já.

Augusto Leite sentiu um abalo que faria parecêl-o louco a alguem que o visse. Não era loucura. Era o contentamento de se vêr possuidor d'um conto de reis, com o qual contava já. Era a esperança de transportar-se com elle a Hespanha a tentar a fortuna, visto que não poderia tornar a Lisboa, onde o perseguiam por crime de roubo de uns brilhantes, cujo valor perdêra em menos de tres horas. Esta idéa salvadora produziu-lhe uma febre de loucura passageira. Encarou-se n'um espelho,

e viu-se como um idiota, penteando as barbas com os dedos. Retesou os braços, espriguiçando-se, e murmurou por entre os dentes quasi cerrados: «ha um demonio, que me protege! Respeito-o mais que os santos, e hei-de mostrar-lhe que sou agradecido...»

Maria Elisa voltou. Sentou-se no canapé, e fez signal a Augusto, offerecendo-lhe uma cadeira:

— Senhor Augusto, v. s.ª vai receber da minha mão uma quantia de dinheiro, que me não pertence, nem a sua mulher. E' uma genèrosidade de sua filha, de que eu sou interprete...

— De minha filha?!

— Sim, senhor. Eu dei a quantia que vou confiar-lhe a sua filha, e fiquei sendo sua administradora. Quando ella estiver em estado de recebêl-a v. s.ª lh'a entregará. São tres contos de reis em notas. E' um deposito sagrado que lhe confio. Espero que v. s.ª procure reconquistar a sua honra, e não lhe faltarão recursos para um dia entregar a sua filha esta quantia augmentada....

Augusto, balbuciante de prazer, não avistando d'um relance toda a extensão do seu futuro, murmurou:

— Eu farei por ser um digno depositario do dinheiro de minha familia.

— Agora, senhor, tenho a pedir-lhe um favor em nome d'ella.

— Qual?... a viuva de meu tio manda, não pede....

— A viuva de seu tio nem manda, nem pede nada. Repito-lhe que sou absolutamente estranha a esta troca de favores que faz o pae com sua filha. O que em nome d'essa menina lhe peço, é que consinta que ella e sua mãe vivam na minha companhia.

— E' muita honra para mim, minha senhora. Eu vou fazer uma pequena viagem por causa de certos interesses, e durante a minha ausencia não posso confiar a mais valiosa protecção minha mulher e minha filha.

— Vai viajar?... Sua senhora já o sabe?

— Ainda lh'o não disse.

— Pois então... não lh'o diga... Salvo se tem motivos fortes para dizer-lh'o...

— Não tenho alguns.... Era simplesmente despedir-me...

— N'esse caso, eu encarrego-me de fazêl-a sciente do seu adeus, e v. s.ª de qualquer paiz lhe escreverá...

— Minha senhora.... dispõe do meu quasi inutil prestimo?

— Empregue-o, que tem muito, em ser um digno marido da minha amiga, e um digno pae da menina que adopto como minha sobrinha. Além dos vinculos de parentesco que o prendiam a meu marido, ha outros mais consistentes que são os da amizade, que consagro a sua mãe.

....

Augusto Leite retirou-se. Maria Elisa, com o coração alvoroçado de prazer, foi abraçar Rosa, e exclamou, com quanto amor podia empregar na soffreguidão d'um beijo: « E's minha para toda a vida! »

CAPITULO XXVIII.

Sigamos Augusto Leite, em quanto sua mulher e filha dão a Maria Elisa a felicidade, que ella lhes remunera com afagos.

O jogador, febril de contentamento, entrou em sua casa, no Laranjal, disse algumas palavras a sua mãe, e mandou preparar a inseparavel moçoila, que o acompanhava, na boa e má fortuna, havia quatro annos.

Sahiu, e comprou uma jaqueta de pelles, uma faxa de sêda escarlate, chapéo de guizos, um par de pistolas, um oobrejão, e dous cavallos de baixo preço.

Duas horas depois, a rapariga, encadernada n'umas andilhas, passava na Ramada-Alta, estrada de Vianna, e Augusto Leite, com pau de chôpa debaixo da perna, esporeando o cavallo, á laia de cigano, caminhava a par com ella.

N'esse dia foram dormir a Casal de Pedro, e viram lá umas pulgas, cujas netas eu encontrei trinta annos depois, pulgas enormes e ferozes, que arrastam as meias dos passageiros, depois que lhes exhaurem as arterias d'um sangue azedado pelo maldito vinho, que a estalajadeira vos ministra, perguntando-vos se sabeis alguma mézinha para matar as *bichas* dos pequenos.

Pernoitei ahi uma vez na minha vida. Comprehendi, no quarto que me deram, os supplicios do christão primitivo atirado ao circo. «Christão ás pulgas!» deveria ser, no imperio romano, um grito de prazer para o paganismo sanguinario, como o fatal «Christão ás feras!»

Era alta noite, e eu não podia transigir, dormindo,

amigavelmente com a ferocidade dos insectos, se é que não podemos chamar cetaceos áquellas pulgas, de horrivel recordação. No sobrado immediato ao da possilga em que eu me contorcia nas vascas d'uma agonia de novo genero, rosnavam uma boa duzia de gallegas, que vinham da terra a visitarem os respectivos gallegos residentes no Porto.

Descompunham-se em raivosas apostrophes por causa das mantas, que algumas d'ellas monopolisavam com grave escandalo e frialdade das outras. Dos improperios passaram a vias de facto. Socaram-se, esgadanharam-se, revolveram-se, creio eu, como uma matilha de cadellas, e vieram de encontrão á porta do meu quarto, que não resistiu ao choque, e deixou entrar aquelle embrulho indecifravel de gorgonas em fralda de camisa, que me pareciam, á luz mortiça da vela, executarem uma dança macabra, uma mazurka de demonios!

Eu levantei-me em pé sobre o catre de pau castanho, pintado de amarello, e presenciei com os cabellos erriçados o desfecho d'aquella tremenda lucta. O dono da estalagem, e o meu creado vieram protocolisar a desordem, distribuindo alguns murros indistinctamente, de que resultou a fuga desordenada das gallegas para o seu arraial, ficando considerado o meu quarto campo neutro.

N'esse mesmo quarto, ás duas horas da noite, tambem o senhor Augusto Leite recebeu uma inesperada visita; mas não de gallegas em guerra crua. Eram oito soldados de cavallaria, commandados por aquelle estturdio cadete, que o leitor conhece, e reforçados por alguns meirinhos do corregedor, e um especial enviado do regedor das justiças.

Já soubemos que Augusto Leite roubára em Lisboa uns brilhantes. A razão por que os roubára deu-a Prudon depois: os brilhantes eram propriedade da condessa de ***, e a propriedade era um roubo.

Como se introduziu Augusto Leite em casa da condessa de ***? Não é bem liquido, e eu não quero inventar, porque não tenho necessidade de deslustrar a veracidade do meu conto por amor d'um incidente de pouca monta. Disseram uns que Augusto Leite era amante da condessa; outros affirmam que o academico, expulso da

universidade, se valêra d'um seu condiscipulo, primo d'essa senhora, para ser protegido por ella na sua admissão á academia. Eu, de mim, para não duvidar de nenhuma das explicações, acredito-as ambas, e não offendo os diversos opinantes.

O que devem todos acreditar é que Augusto Leite dispensou á condessa o trabalho de pôr o seu collar e pulseiras de brilhantes em um dia de annos de uma sua prima. As suspeitas recahiram em todos os domesticos, menos em Augusto Leite. No dia seguinte corria em Lisboa, que um academico, visita frequente da condessa de ***, tinha perdido, em menos de tres horas, trinta mil cruzados em casa do barão de Quintella. Os curiosos averiguaram o manancial possivel d'este dinheiro, e souberam que um judeu da rua dos Fanqueiros comprára na vespera por trinta mil cruzados uns brilhantes. A condessa, com authoridade judicial, faz que o judeu apresentasse os brilhantes comprados. Reconhecidos, apossou-se d'elles sem mais formalidade. O judeu gritou contra a extorsão, perguntando se reviviam os tempos nefastos de D. João 3.º; offereceu-se voluntariamente para a fogueira; e a tudo isto, que realmente era pathetico, o procurador da condessa respondeu: *res ubicumque est sui domini est*.

O judeu não ficou sabendo latim, mas conheceu varios artigos da nossa legislação, e aproveitou-se d'aquelle que o authorisava a perseguir o ladrão.

Augusto Leite entrou em casa da condessa, quando ella voltava de reconhecer os seus diamantes. Um criado presenciou que ella algumas palavras lhe dissera, e o seu protegido respondeu a ellas, voltando as costas para nunca mais tornar. Os maledicentes quizeram inferir da generosidade da condessa, que o avisou, consequencias desfavoraveis para a honra d'ella. Como quer que fosse, Augusto fugiu de Lisboa, a pé, sem dinheiro, sem bagagem, com uma mulher ao lado, e assim vagou quatro mezes, não sabemos por onde, até que o vimos entrar em casa da viuva de Antonio José da Silva.

Tornemos agora a Casal de Pedro.

O enviado do regedor das justiças bateu á porta da estalagem, e perguntou que passageiros pernoitavam alli.

*

— Dous almocreves, o recoveiro de Vianna, um passageiro do Porto, com sua mulher, e um criado.

— Abra lá a porta — disse com a costumada intimativa o executor da lei.

Abertas as portas, os meirinhos encaminharam-se para o quarto do passageiro. Augusto Leite ouvira as perguntas. Saltára fóra da cama para fugir, mas não conhecia um palmo da casa fóra do seu quarto. Antonia Brites, companheira dos seus trabalhos, lembrou-se d'alguns santos, que conhecêra na infancia, e incommodou-os com as suas orações. O antigo traductor de novellas não lêra cousa que lhe servisse de modelo para semelhante conflicto. Quiz precipitar-se da janella, mas viu na rua os cavallos em linha. Recuou diante d'um sacrificio inutil, e appellou para os extremos.

Os meirinhos entraram, e viram uma mulher de joelhos com as mãos erguidas, e um homem de semblante feroz com duas pistolas aperradas.

O estalajadeiro, que caminhava na frente com a candeia, fez dous passos á rectaguarda, e declarou-se neutral. Os meirinhos, que tinham á vida o amor sufficiente para viverem oitenta annos mais, não foram mais adiante que o prudente estalajadeiro. Augusto conservou-se na postura ameaçadora, fuzilando dos olhos um clarão mais vivido que a candeia tremula do petrificado taverneiro.

Um dos meirinhos, em quanto os outros voltavam as costas, veio á rua, e disse que o homem não era para graças. O cadete apeou, e subiu com dous soldados. Foi á porta do quarto, e encontrou o athleta na sua immobilidade sinistra. Deu-lhe voz de prêso, e viu que o ladrão era surdo, ou rebelde á lei.

— O melhor é botar-lhe as unhas — murmurou um soldado.

— Agarra-o, *trinta e quatro!* disse o cadete.

O *trinta e quatro* entrou no quarto, e, quando lançava mão aos copos da espada, sentiu um corpo duro bater-lhe na testa. Descarregou ainda um golpe, e foi de bruços atraz da espada que bateu no sobrado. Estava morto.

O camarada do *trinta e quatro* correu em defeza do seu companheiro. Descarregou duas cutiladas na cabeça de Augusto; mas, á terceira, sentiu fraquear-lhe o braço,

e veio recuando, cahir, com uma bala no coração, aos pés do cadete.

Os outros soldados tinham subido, e atropellavam-se á entrada do quarto. Augusto Leite, coberto de sangue, defendia-se debilmente com a chôpa, que vencia o alcance das espadas. Os soldados, arrefecidos pelo aspecto dos dous camaradas mortos, não ousavam affrontar o aço da chôpa, que algumas vezes sentiram resvalar-lhe na farda, deixando-lhe na pelle um ligeiro ardor, que depois se exacerbava com a humidade do sangue.

O cadete, envergonhado da cobardia dos seus, diante d'um só homem, entendeu que salvava a sua honra, desfechando uma clavina no peito de Augusto Leite. Ao desfechal-a viu interpôr-se-lhe um vulto. Era Antonia Brites, que vinha pedir-lhe de joelhos que não matasse Augusto. Não chegou a pronunciar a primeira palavra. Recebeu a bala, que havia de matar o marido de Rosa, e cahiu pedindo confissão. Deus lhe levaria em desconto das suas culpas o bom desejo de reconciliar-se com o céo, porque fechou os olhos antes de vêr o padre.

Augusto impellido pelo instincto da vida, saltou da janella ao quinteiro com tal destreza, que as espadas não poderam tocar-lhe.. O quinteiro estava deserto de homens, e os cavallos soltos entretinham a fome no tojo. A comitiva correu atropelladamente a impedir a fuga. Quando chegaram ao quinteiro, meirinhos e soldados, qual d'elles mais corajoso, o que viram foi um cavallo de menos, e na calçada fronteira as faiscas das ferraduras do que fugia. Alguns soldados quizeram montar; mas os cavallos assustados pelo salto de Augusto ao meio d'elles, não deixavam estribar, e jogavam de garupa com mau resultado para o meirinho geral, que perdeu ahi os tres unicos dentes que possuia.

— Já se não pilha!... — disse o cadete.

— Agora é vêl-o ir — accrescentou um soldado.

— Vamos ao quarto tomar-lhe conta das malas — disse o enviado do regedor das justiças.

Entraram no quarto. Abriram uma pequena mala de couro; e umas bolsas de hollandilha onde encontraram alguma roupa branca. Dinheiro, nem cinco reis. A volumosa carteira com tres contos menos duzentos mil

reis, que o sobrinho do senhor Antonio José da Silva gastára em cavallos e pistolas, e facto, levava-a elle no bolso da jaqueta de pelles.

De madrugada os executores da lei voltavam para o Porto, com os dous cavallos de Augusto Leite.

Os tres cadaveres foram enterrados no adro da igreja parochial, porque o vigario duvidou sepultal-os em sagrado, visto que não traziam signal de christãos, como cruz, nominas, bentinhos, veronicas ou outro qualquer distinctivo da fé catholica.

Relação das pessoas que já morreram n'este romance.

O mestre de latim	1
A senhora Escolastica	1
O arcediago	1
Uma velha da viella do Cirne, cujo nome me não lembra	1
O senhor Antonio José da Silva.	1
Antonia Brites, amante de Augusto Leite	1
Dous soldados de cavallaria.	2
Somma total.	8

Continuarão a morrer convenientemente.

CAPITULO XXIX.

Augusto Leite quando chegou á Barca do Lago ia a pé. O cavallo cahira rebentado, e o cavalleiro desviou-se da estrada para curar os ferimentos que recebêra na cabeça. Não lhe era difficil viver seguro em casa d'um lavrador, que foi largamente indemnisado do hospitaleiro acolhimento que deu ao passageiro, que, segundo elle, tinha cara de pessoa de bem. Vendeu-lhe a sua egua, encaminhou-o por atalhos seguros da vigilancia dos aguazis, e levou-o á fronteira de Hespanha, curado das feridas, e salvo de encontros importunos. Ahi, foi facil ao foragido comprar um passaporte, que o levou a Madrid com o pseudonimo de D. Fernando Godinho Pereira Forjaz.

Chegado a Madrid, cortou as barbas, vestiu-se de trajes sérios, apresentou-se como viajante, relacionou-se com a facilidade habitual em Hespanha, e entrou como portuguez distincto nas primeiras casas da capital. Encontrou ahi fidalgos portuguezes, que o não conheciam; mas respeitavam-no pelos appellidos, e não se recusavam a chamar-lhe primo, visto que os Pereiras Forjazes eram ramificação do heraldico tronco dos condes da Feira.

Augusto Leite jogou, e augmentou consideravelmente os seus haveres. Em alguns mezes alcançára uma publicidade que lhe não convinha. O seu nome era repetido de mais nos salões. As suas conquistas amorosas excitavam invejas e reservas vingativas que poderiam perdêl-o. Augusto resolveu abandonar Hespanha, e procu-

rar na sociedade mais ampla de Paris viver bem, sem excitar curiosidades funestas.

Em Paris deu-se como hespanhol, e era conhecido por D. Affonso Vilhegas. Fallava correntemente o hespanhol, associára-se a uma partida de jogadores da sua patria adoptiva, e engrandecêra o seu peculio, que já subia a vinte contos de reis. O dinheiro de Maria Elisa fôra abençoado!

Não tivera, até então, alguma noticia de sua mulher. Não lhe convinha solicital-a, porque podia sér descoberta a sua residencia. O coração tambem lh'a não pedia.

Passeava uma tarde nos *boulevards*, e viu um homem, que lhe não era de todo estranho, e reparava muito n'elle. Perguntou-lhe, em francez, se era hespanhol.

— Sou portuguez — respondeu o cavalheiro.

— Estimo muito... Eu gosto dos portuguezes. Viajei alguns mezes na sua terra, e sympatisei com as mulheres, que são quasi todas gordas e vermelhas. Eu gosto muito das mulheres vermelhas e gordas.

— Tem razão... mas, pela pronuncia, parece-me hespanhol, e as mulheres da Hespanha não são inferiores ás de Portugal. Não tem razão de invejar a minha patria... Que cidades conhece em Portugal?

— Conheço as que lá ha que mereçam esse nome... Lisboa e Porto.

— Esteve no Porto? E' uma bonita cidade, não é?

— E' muito interessante. A gente de dia faz horas para se deitar ao escurecer. Não ha nada melhor. Come-se e dorme-se com a mais perfeita tranquillidade de espirito. E na semana santa vêem-se as mulheres, quando passam as procissões.

— Conheceu alguma no Porto?

— Apenas uma. Como fui recommendado a um negociante chamado Antonio José da Silva, tive occasião de ver de passagem uma bonita rapariga, que fallava em estylo de *Corneille*.

— Pois conheceu essa senhora?!

— Perfeitamente. Que é feito d'ella? E' feliz?

— Penso que não. A sua fortuna está perdida. E' por causa d'ella que eu vim a França.

— Sim? é notavel a coincidencia!... Pois senhor, veja se eu posso servir-lhe de alguma cousa com o meu pouco valimento... Que desastre foi esse! O tal negociante passava por ser um homem rico...

— É era. O negociante morreu ha dez mezes. A viuva liquidou a sua fortuna, que valia bem duzentos mil cruzados. Entrou com ella em uma casa commercial franceza, que tinha representantes em Lisboa. Esta casa acaba de fallir, e o dinheiro de Maria Elisa está perdido, segundo creio.

— Coitada...! fica pobre por consequencia...

— Pobrissima...

— E tem filhos?

— Não, senhor.

— Nem familia?

— Tem em sua companhia uma amiga e a filha d'essa desgraçada senhora, que tambem foi rica, e está reduzida a nada...

— Tambem tinha os seus bens de fortuna na casa commercial que falliu?

— Não, senhor... foi o marido que a reduziu a esse estado deploravel...

— Pobres senhoras!... Estou-me interessando em que não sejam tão infelizes como o senhor as pinta...

— Pois não digo metade das desgraças que as esperam!

— E o marido d'essa amiga da viuva... naturalmente é um perdido que lhes não póde valer de nada?...

— Esse homem morreu... ou ha todas as probabilidades para o julgar morto..... Parece que o mataram, quando o prendiam por ladrão...

— Era ladrão? Oh diabo! então foi bem feito matarem-no!

— Roubára em Lisboa uns brilhantes que vendêra a um judeu. O judeu perseguio-o, e quando soube que sua mulher possuia algumas propriedades, de que fruia os rendimentos, provou o roubo, e penhorou-lh'as todas... A viuva do negociante, que o senhor conheceu, não lhe dava tempo a scismar nos seus infortunios; mas agora a situação de ambas é desgraçadamente igual.

— E o seu procedimento?

— O mais exemplar. Maria Elisa vai retirar-se a um convento, e é natural que a outra viuva a acompanhe.

— Então o senhor que veio fazer a Paris?

— Vim tentar o ultimo esforço; mas inutilisei despezas, e trabalho. Pedi que se indemnisasse a viuva da massa fallida; mas o tribunal do commercio não deferiu ao meu requerimento.

— Quando parte o senhor para o Porto?

— Amanhã deixo Paris, e vou embarcar a Toulon.

— Póde ser portador d'uma encommenda para a viuva de Antonio José da Silva?

— Com muito boa vontade.

— Tenha a bondade de acompanhar-me.

Augusto Leite subiu ao hotel, onde residia, em quanto o procurador de D. Maria Elisa o esperava. Demorou-se alguns minutos, e entraram juntos em uma casa commercial ingleza. Sacou uma ordem de mil e quinhentas libras sobre o Porto, entregues á ordem de D. Maria Elisa, e entregou-a com uma carta ao procurador, accrescentando:

— Diga a essa senhora, que não desça da sua dignidade, nem abandone as pessoas que levantou da miseria. Eu terei cuidado de velar pela sua sorte.

O procurador, aturdido como é natural, desejou n'aquelle momento vencer como n'um vôo de espirito a distancia, que o separava de Maria Elisa. Aventurou algumas perguntas ao generoso hespanhol; mas não conseguiu ellucidar-se mais do que tinha sido.

Augusto Leite entrou no seu quarto, e disse á sua imagem representada no espelho: « Meu amigo, quando te vi, ha oito mezes, rir de contentamento no espelho de Maria Elisa, tinhas um riso bem differente d'esse que te vejo agora. Acredito que o prazer de uma boa acção é o unico prazer sem mistura de dôr. E' a primeira acção boa que praticas, meu caro Augusto! Se te habituasses a ser honrado assim muitas vezes, naturalmente cahias desamparado na rua. Esconde agora a face da honra, e faz uso da outra, porque uma só cara não presta para nada. Visto que tomas a teu cargo aquellas mulheres, precisas de ser pessoa de bem uma vez cada anno. A virtude, nos homens da tua fortuna, deve ser como os intervallos lu-

cidos da loucura. Se vaes dizer á sociedade que te dê os meios para sustentares tua pobre mulher e tua filha, a sociedade manda-te trabalhar. Pois então, D. Affonso Vilhegas, trabalha antes que ella te mande. Dos trabalhos procura o mais rendoso. Como não tens grande força muscular, faz que o teu officio esteja mais dependente do espirito. »

Este dialogo, com o seu *unico amigo*, foi interrompido por uma personagem, que apeára d'uma sege e mandára adiante o seu nome: era o visconde de Bellarmin.

—Meu caro visconde, vieste encontrar-me a conversar comigo.

—E' necessario que te retires de Paris immediatamente.

—Porque?

—O governo suspeita que tu és um enviado do partido monachal de Hespanha, que combinas com o de França uma reacção. Ha ordem de prisão para ti.

—Não julguei que era uma pessoa tão importante. Tenho gloria de ser prêso como homem temivel a duas nações. Ainda agora me lembro que posso ser um grande homem. Quem sabe se me está reservada a corôa de Fernando VII!

—Não zombes, Vilhegas... Foge, quanto antes, de Paris. Aqui tens passaporte para Portugal.

—Não vou para Portugal. Alcança-me um passaporte para Hespanha, e perdôo-te as mil libras que hontem perdeste. Olha lá... Dou-te outras mil se dizes no passaporte, que eu sou um missionario hespanhol, que volto do Japão. Acceitas?

—Acceito... Vou buscar-t'o. Mas tu não tens cara de missionario.

—Eu respondo pela cara, e, se não, sabes quem venda uma? Os vossos ministros devem ter algumas disponiveis!... Vês como eu já vou pendendo para a linguagem dos estadistas!?... Nunca me lembrou, que podia ser o grande homem, que vou ser!... Onde quer está um Napoleão incubado!... Avia-te....

Duas horas depois, Augusto Leite, com uma pequena trouxa, um habito franciscano, a face amarellecida por

não sabemos que tinturas finissimas, caminhava a pé para um porto de mar, onde devia embarcar para Cadiz.

Vai-se tornando interessante o romance. Já era tempo!

O frade franciscano Benito das Cinco Chagas, dias depois, desembarcava em Cadiz, onde as côrtes se refugiaram com Fernando VII, que estava prêso, a pretexto de demencia, por não ter sanccionado a constituição.

Augusto Leite apresentou-se nos congressos monachaes, e offereceu, como fanatico pelas prerogativas reaes, e inimigo encarniçado da França, o seu apoio, e o seu braço, sendo necessario.

Tal fôra a sua enthusiasta eloquencia, que os chefes da reacção, sem discutirem a pessoa, abraçaram-no, victoriaram-no, e confiaram-lhe o segredo dos seus planos, acclamando-o unanimemente seu secretario.

Era necessario fallar ao rei, que os liberaes retinham com sentinella á vista. Empreza difficilima! Foi pedido o parecer do frade missionario, em quem os fanaticos reconheciam o providencial redemptor de Hespanha. Antes que elle abrisse a bôca, já todos sabiam que a sua palavra seria a salvação, e as suas ordens immediatamente executadas.

Augusto entrou no congresso, envolto no seu habito. Não respiravam os circumstantes. Fixavam-se todos os olhos nos labios do moço frade, quando elle, antes de pronunciar uma palavra, deixou cahir o habito, e deixou vêr um fardamento completo de general francez.

As escarlates physionomias dos conspiradores empallideceram, murmurando um prolongado *ah!*

— Não me julguem algum magico — disse Augusto Leite, sorrindo bondosamente — Sou um frade, que renega por momentos o seu habito, para vestil-o um dia, com a consciencia de ter servido a Hespanha, fortalecendo-lhe a sua independencia, e defendendo-a das impias aggressões da França. E' necessario fallar a Fernando VII. Eu irei apresentar-me ás côrtes, e direi que sou um enviado do duque de Angouleme, que, a estas horas, bate ás portas de Madrid. Direi que o meu fim é capacitar o rei a acceitar a constituição, e serei conduzido pelos interessados ao pé do monarcha.

— E depois? — exclamaram algumas vozes.

— Depois da minha conferencia a sós com o rei, retirar-me-hei dizendo ás côrtes que Fernando VII está doudo, e não concebeu as minhas razões. As côrtes, que por força precisam que o seu rei seja doudo, reputar-me-hão d'uma intelligencia muito fina, ou d'uma astucia tão cavillosa como a sua. Fernando VII, uma hora depois que eu me retire, dirá ao seu medico que sente uma forte dôr de cabeça; duas horas depois sentirá uma convulsão, e cahirá...

— Morto?!

— Apparentemente morto. O medico virá dizer ás côrtes que o rei morreu d'uma apoplexia fulminante. Far-se-hão os funeraes. O cadaver será transportado para o palacio municipal. Tres horas depois que o julgarem morto, o rei resuscitará, e, á frente do exercito fiel, dirá: «A Providencia restituiu ao povo hespanhol o seu monarcha!»

Os venerandos frades sacudiram a cabeça em ar de pasmo. A alguns afigurou-se-lhes que o seu irmão era o proprio diabo, que vestira o habito do serafico S. Francisco, sobre a farda de jacobino, que elle era, desde que o Senhor o expulsou do ceo. Os mais circumspectos, encarando-o com o respeito da superstição, por isso que o reputavam embaixador d'um poder sobrenatural, não ousaram interrompêl-o no extenso discurso, que não publicamos na sua integra, porque na sala do conciliabulo não estiveram tachigraphos, que nos transmittissem o discurso completo.

O que sabemos é que Augusto Leite n'esse dia apresentou-se ás côrtes, pedindo consentimento para fallar ao rei como enviado do duque de Angouleme, commandante do exercito francez.

Perguntado pelos meios que empregára para chegar desconhecido até Cadiz, respondeu que embarcára n'um porto da França, com passaporte, que apresentou, passado a frei Benito das Cinco Chagas. As côrtes acreditaram o enviado, e permittiram-lhe a entrada no carcere de Fernando VII.

O rei, quando lhe foi annunciado um emissario francez, declarou que o não recebia, sem ter ao seu lado uma

peça de calibre 40, com morrão accêso. Esta difficuldade é que o marido de Rosa Gulhermina não previra. Redobraram as instancias inutilmente durante tres dias, ao cabo dos quaes o duque de Angouleme, defronte de Cadiz, bombardeava a cidade.

Augusto Leite, empregando a corrupção por meio do ouro, fez saber ao rei que o enviado francez era um partidario do congresso sacerdotal, que vinha offerecer a Sua Magestade valiosos serviços para a sua fuga do poder das côrtes.

O rei recebeu-o perplexo; mas brevemente se confiou aos planos do futuro arcebispo de Toledo, graça que desde logo lhe confirmou com a sua real palavra.

Augusto Leite agradeceu com reverente effusão a graça, e offerecia ao rei a beberagem que devia paralisar-lhe a vida apparentemente, quando se ouviram exteriormente gritos que annunciavam a fuga do exercito hespanhol, e o desembarque do duque de Angouleme.

O populacho dava *morras* aos membros das côrtes; e os partidarios da constituição, que não sabiam as intenções pacificas da França, luctavam desesperadamente contra o povo, e contra o exercito victorioso.

Augusto Leite, persuadido de que era já desnecessaria a realisação dos seus planos para a soltura do rei, não lhe ministrou o liquido, e dava graças á estupida fortuna que o collocára ao lado de Fernando VII, no momento da sua liberdade.

Um membro das côrtes, que odiava o rei, e julgava perdida a causa, e cortada infallivelmente a sua cabeça um momento depois, resolveu um d'esses attentados sanguinarios, que são o caracter do povo hespanhol nas crises revolucionarias, resolveu o regicidio.

Entrou no carcere, armado d'um punhal. Foi direito é camera do rei. O primeiro que se lhe antepôz foi o supposto official francez. Recuou diante de duas pistolas; mas um instante. Refez-se da coragem da desesperação, e aggrediu o timido rei, que se refugiára atraz de Augusto. O bem provado athleta de Casal de Pedro desfechou-lhe uma pistola no peito: mas não pôde esquivar-se a uma punhalada no coração. Travaram por alguns minutos uma lucta feroz, e cahiram ambos estendidos.

O que recebêra uma bala no peito podia viver ainda hoje, se, no dia immediato, não fosse arrancado á enfermaria militar para padecer morte de garrotilho, com alguns dos seus collegas. Mas, ao mesmo tempo, Augusto Leite, que sentira mais dentro a ponta do punhal, era enterrado com grandes honras por ter defendido, á custa da propria, a vida do seu rei.

O que ninguem sabia dizer ao certo era a naturalidade do corajoso defensor de Fernando VII. Os frades queriam-no para o catalogo dos martyres franciscanos; mas um francez do estado-maior do duque de Angouleme dizia que aquelle homem vivêra algum tempo em Paris, onde se intitulava D. Affonso Vilhegas. O que tal disse, tinha razão sobeja para sabêl-o, porque era o visconde de Bellarmin, que vendêra o passaporte de frade ao seu amigo por mil libras.

Ora pois, d'este sujeito estamos nós livres. Podemos dizer que morreu bem. Espero que este meu romance, só de per si, conduza á eternidade individuos sufficientes para chamarem a attenção devota dos pios leitores em dia de fieis defuntos.

CAPITULO XXX.

Maria Elisa, com Rosa Guilhermina, e a filha, viviam na casa do Serio, unica propriedade que poderam salvar da fatal quebra do negociante francez e do sequestro do judeu. O dinheiro, que lhe fôra enviado de Paris, melhorára a condição precaria das afflictas senhoras, que se viam na dura precisão de entrarem n'um convento como criadas de freiras.

Calcularam d'onde poderia vir-lhe aquelle dinheiro, e abençoaram Augusto Leite, que parecia entrar, ao cabo de tantos desatinos, na estrada da honra. Calaram o segredo, receando que perseguissem o assassino dos dous soldados em Casal de Pedro, e esperaram que o tempo o rehabilitasse para tornar a Portugal.

Passou um anno, sem novas de Augusto. Resolveram mandar a Paris o procurador que fallára com o generoso hespanhol. Foi. Procurou-o na mesma casa, e soube que esse homem se retirára de França um anno antes.

Disseram-lhe que existia em Paris um general, que conhecêra muito D. Affonso Vilhegas. O procurador encontrou esse general que era o visconde de Bellarmin, e soube que o supposto hespanhol morrêra em Cadiz.

Esta nova matou todas as esperanças das pobres senhoras. Pobres outra vez! Choraram muito, como é natural, e resolveram abraçar a baixa profissão de criadas de convento.

Mas eram bellas ainda. A desgraça, ao passar por ellas, nem lhes desbotára o viço da formosura, nem lhes arrefecêra de todo o coração. Viuvas ambas, embora

pobres, quantos anciariam por esposal-as, se ellas viessem ao mundo com o seu sorriso de seducção?

Rosa tinha visto, em cinco mezes successivos, todos os dias, á mesma hora, um cavalleiro que passava, com os olhos pregados na janella do seu quarto, onde ella, na hora das saudades, á luz crepuscular, costumava sentar-se com sua filha nos braços.

Em uma d'essas tardes, vira que o cavalleiro parava, e dissera para cima palavras que ella não entendeu, nem quiz entender. Retirára-se a contar á sua amiga a aventura estranha, e prométtêra nunca mais, a tal hora, dar azo aos atrevimentos do senhor Alvaro de Sousa, que assim se chamava o fidalgo enamorado.

No dia seguinte, é certo que não veio á janella; mas, por entre as cortinas mal cerradas, teve a fraqueza de espreital-o. O fidalgo, que não deu por isso, parou um momento, e disse ella á sua amiga que o vira suspirar. Se isto é verdade, o senhor Alvaro de Sousa, em quanto a mim, era poeta. Os poetas fazem monopolio dos suspiros, mas, honra lhes seja feita, não encarecem o genero; barateíam-no de modo que não ha consumidora que tenha razão de queixa.

E eu creio sinceramente que Rosa Guilhermina, se lhe não dava em troca de um suspiro, nem por isso se affligia da violencia com que o illustre representante dos Sousas lhe remettia os seus anhelitos amorosos.

Hão-de acreditar-me que o mancebo era um bello mancebo. Ainda hoje me fallam d'elle como a joia das formosuras masculinas do Porto. Era uma dama, segundo me dizem as senhoras de cincoenta annos. Tinha intelligencia, qualidade que o exceptuava da regra geral que regulava o entendimento opaco de seus nobres primos. Era filho segundo; mas rico, e generoso, e dado a prazeres que lhe não arruinavam a bolsa nem a saude. Vinha a ser, emfim, um perfeito homem o que se apaixonára sériamente pela esquiva viuva de Augusto Leite.

Alvaro de Sousa, contrariado pela apparente frieza de Rosa, sentiu-se vexado no seu amor proprio, e impoz-se orgulhosamente um fidalgo desprêso por tal mulher, indigna de honrar-se com o seu amor. Isto foi ao meio dia; mas, ás quatro horas, o soberbo moço ana-

fava cuidadosamente os cabellos, para não ser surprendido, em desalinho, no Serio.

N'essa tarde encontrou Rosa Guilhermina passeando, na alameda da Lapa, com a amiga, e a filhinha que brincava com um cão de regaço. O cãosinho, que não estava para brinquedos, encolheu a cauda, e fugiu á ama, na direcção da casa. As senhoras chamavam-lhe *Joli*, que era, por esse tempo, o nome favorito de todos os cães; mas o rebelde quadrupede não olhava para traz.

Alvaro esporeou o cavallo, cortou a vanguarda do cão, apedu-se gentilmente, apanhou o bichinho, que se agachava com medo, tomou-o no collo, e foi conduzil-o ás damas, que receberam a attenciosa delicadeza com o rubor na face.

O leitor deve ter observado que estas damas perderam o antigo estilo. Já não fallam a guindada linguagem das novellas, nem curam de aprimorar as idéas, enfeitando-as d'aquelles arrebiques e galanterias que eu espero ainda encontrar na mulher, que Deus me destina, e que ha-de fazer de mim um respeitavel marido.

N'outro tempo, Alvaro de Sousa seria recebido com quatro metáphoras, e vêr-se-hia na precisão de incommodar a mythologia para responder-lhes. Agora, já não. A idade, o soffrimento, a experiencia, e o temor do futuro abatêra no raso da linguagem humana aquellas almas perdidas nas maravilhas aereas. Fallavam como nós, importavam-se pouco dos livros, sentiam-se muito decabidas no espirito, e concordavam conscienciosamente que tinham sido embrutecidas pela desgraça.

E se-não vejam:

— Agradecemos muito a sua delicadeza — disse Maria Elisa, recebendo o cãosinho (não tenho a certeza se era cadelinha) das mãos de Alvaro.

— Só este irracional (disse Alvaro, mastigando a finesza) deixaria de obedecer ás ordens de suas amas. Assim mesmo peço que não seja castigado... Se elle tivesse entendimento, o remorso de ter sido desobediente seria bastante castigo.

— Muito agradecidas ás lisonjas de v. exc.ª — atalhou Maria Elisa, em quanto Rosa se fingia distrahida sacudindo a terra das saias da menina.

— Não é lisonja, minhas senhoras. O que eu digo é o menos que se póde dizer, e espero acreditem que não sei dizer tudo que sinto. Aquella senhora parece aborrecer-se da minha presença...

— Não, senhor — disse Rosa — A presença de v. exc.ª não aborrece... E' porque estava sacudindo a terra dos vestidos de minha filha...

— Que é linda como sua mãe... Que annos tem?

— Quasi cinco.

— Em tão tenra idade é admiravel a esperteza d'esta creança!... Venha cá, minha menina... como se chama?

— Assucena — disse a creança.

— Que lindo nome!... Uma *rosa* devia produzir uma *assucena*... E' minha amiga?

— Sou.

— E'? Já tenho uma pessoa que seja minha amiga!... Sou mais feliz do que pensava... Quer ir a minha casa?

— Quero.

— Pois hei-de mandal-a buscar um dia. Minha mãe gosta muito de creanças... V. exc.ª dá-me licença que ella vá?

— Pois não! E' muita honra...

— N'esse caso, ámanhã, se me permitte...

— Quando approuver a v. exc.ª

Ora aqui está como começou o namoro. No dia seguinte, Alvaro de Sousa veio de carruagem buscar a menina, subiu á sala, como era natural, e não viu Rosa que se fechára no seu quarto banhada em lagrimas. Quiz saber a causa de tal soffrimento, e disse Maria Elisa que a sua amiga tivera noticia de estar viuva.

— Viuva a reputava eu, ha muito! —atalhou Alvaro.

— Não o era... Convinha que esse boato corresse...

O fidalgo deu a entender que sabia a razão d'esse boato, e retirou-se sem *Assucena* que não podia, durante o lucto, sahir de ao pé de sua mãe. A' tarde, Alvaro veio fazer a D. Rosa a visita de pesames, e offerecer o seu prestimo.

Na tarde do dia seguinte repetiu a visita, e passou a noite.

Nos dias immediatos entrava com familiaridade. O ferreiro que morava defronte disse ao sapateiro visinho

que o tal fidalgo não se lhe dava de recolher as duas frangas perdidas do rebanho. Este ferreiro tinha algum espirito. Se vivesse hoje, de certo não era ferreiro; escreveria folhetins, ao passo que o seu visinho sapateiro, homem lido no Bandarra e Carlos-Magno, amanharia substanciosos artigos de fundo. O fidalgo, esse, se vivesse hoje, faria o mesmo que fez então; e que ha-de fazer-se no seculo XX. Eu, por mim, se fosse contemporaneo do mestre ferreiro, não escrevia romances. A estas horas (são sete e meia da tarde) estava eu rezando vesperas em algum côro de frades carmelitas, para que tenho uma vocação imperiosa.

Agora, leitores, o meu trabalho termina aqui. As cartas, que ides lêr, confiou-m'as a pessoa, que me contou esta historia. São textuaes. Podem vêr-se em minha casa, desde o meio dia até ás quatro horas da tarde. Quem as escreve é um pintor, que teve nome no Porto, e pouco tempo furtou á desgraça para cultivar a arte. Quem as recebe é uma senhora, que ainda vive.

CARTA I.

22 de Setembro de 1824.

Minha estimavel amiga.

Não posso ser indifferente ao interesse, que v. exc.ª tem na minha felicidade. Na soledade em que me vejo, as suas cartas são a unica indemnisação que tenho das compridas horas de uma vida sósinha, escura, e despovoada de todas as bellezas, se é que algumas a existencia póde ter para mim.

Votei-me ao amor da arte, porque eu tinha precisão de viver para alguma cousa; mas a arte não me galardôa a minha dedicação. Do seio da tela tenho arrancado imagens, que são a reminiscencia d'aquella mulher que me fugiu dos braços para os braços do tumulo.

Aqui tem, minha amiga, como a arte recompensa os meus desvelos! Pede-me lagrimas, e não m'as paga com a esperança de crear por ella um nome, como o de muitos desgraçados que se immortalisaram nos quadros, em que verteram muitas.

Eu não sou egoista dos meus padecimentos. Tenho querido encontrar a felicidade que a minha extremosa amiga me vaticina. Tenho procurado essa segunda mulher com o reflexo luminoso da primeira, que me deixou rodeado de trevas, e saudades. Alguma vez, abandono o meu quarto, e corro, anhelante de não sei que esperança embriagadora, atraz d'essa visão impossivel. Sabe o que eu encontro sempre? A fachada do templo de S. Francisco. Lá dentro dorme o somno eterno a nossa amiga, sempre chorada! Se posso entrar, ajoelho, chamo-a a testemunhar as minhas ancias, e retiro-me d'alli gelado pela duvida, gelado como a pedra que a separa dos vivos, gelado como o cadaver, que se move impellido por não sei què mão fatal que me não deixa resvalar no meu abysmo!

Sou bem desgraçado, não é assim? Muito! Este meu viver é alguma cousa mais dilacerante que a dôr. Não tenho a esperança consoladora, que a Providencia manda sentar-se no limiar de todos os infelizes. Vejo d'aqui todos os pontos em que devo passar na minha longa viagem para o nada. O presente conta-me o futuro. O que vem não receio que seja peor que o que é. Ha uma cruel monotonia n'esta angustia de todas as horas!

V. exc.ª comprehende-me? Creio que sim! O infortunio illumina o entendimento. Para o que soffreu não ha mysterios de dôr no coração do estranho. A minha amiga tem soffrido muito. Perdeu, ha pouco, um esposo querido. Já depois beijou os lábios frios d'uma unica filha que ficára fallando com a innocencia da saudade a linguagem singela e carinhosa de seu pae. Ainda assim, invejo-lhe o poder que tem de prestar consolações á amargura dos outros. Eu, hoje, não saberia consolar ninguem.

Minha amiga, dê-me a sua estima, que eu não tenho mais nada. Em remuneração, dou-lhe a verdade da minha alma, que é um thesouro, raras vezes, concedido.

De v. exc.ª

Verdadeiro amigo

Paulo.

II.

30 *de Setembro.*

Palpita-me com sobresalto o coração. Preciso escrever-lhe em quanto me dura esta febre, que está sendo a minha felicidade! *Felicidade!* com que ousadia pueril escrevi semelhante palavra! Já é desejar muito possuil-a! Bem se vê que sou um homem sem presentimento nenhum alegre, sem nenhum direito á felicidade. Um pequeno lance na minha vida transtorna-me a cabeça; e, comtudo, estes lances, creio eu que são frequentes, e desapercebidos, na vida de qualquer outro, mediocremente feliz.

Hontem fui procurado por Alvaro de Sousa, que uma vez encontrei em casa de v. exc.ª Impressionou-me um ente estranho, no meu quarto, fechado para todo o mundo. Chamou-me «amigo» e esta palavra banal fez-me sorrir, pronunciada por um homem, que eu apenas conhecia, e que tão distante está da minha obscura classe!...

Disse-me que possuia um quadro meu, em que uma virgem, mais formosa que as de Raphael, era pintada no extasis de responder a sua mãe que a chamava do céo. Eu já sabia que v. exc.ª lhe tinha dado este quadro. Entendi, quando o soube, que não devia magoar-me; mas quizera, antes, que os profanos na religião do martyrio ignorassem o author d'aquella pintura. Não me receba isto como queixume. E' a innocente sensibilidade de quem, pelo muito soffrimento, chegou talvez aos escrupulos injustos...

Perguntou-me se eu continuava a pintar. Respondi-lhe a verdade; que nunca veio desfigurada do meu coração. Disse-lhe que sim. Pediu-me, como especial favor, que retratasse uma mulher. Hesitei um momento; mas tive pejo de me negar. Annui, e na tarde de hontem, acompanhei-o, ao Sério, a casa da viuva d'um negociante que, penso eu, se chamou Antonio José da Silva, e creio mesmo que v. exc.ª me fallou, ha tempos, n'esse homem, contando-me as aventuras d'uma tal Anna do Carmo, casada com seu primo de traz da Sé.

Em casa d'essa viuva está uma senhora, viuva tam-

bem. Ha tres annos que a vi casada com um tal Augusto Leite, que deixou uma triste celebridade. A nossa chorada amiga fôra companheira d'ella nas orphãs em São Lazaro, e contou-me cousas que lhe não eram muito favoraveis á sua indole de menina.

Quando a vi casada com um homem perdido, imaginei que a semelhança dos genios approximára dous entes, que deviam encontrar-se. Comtudo, a Rosinha, como lhe chamava Helena, pareceu-me triste. Soube depois que era realmente infeliz, e nunca mais tornei a vêl-a,

Vi-a hontem, sentada diante de mim, com o sereno aspecto do prazer no rosto, um pouco macerado, mas radiante ainda d'aquelle brilho de certas bellezas que não se apaga nunca. Quiz adivinhar-lhe o coração nos olhos, e estes olhos, languidos de ternura, vi que se fechavam n'um espasmo delicioso a cada olhar de Alvaro de Sousa. Entristeci-me d'aquillo, porque me lembraram as mulheres do grande mundo, os typos de magestosa immoralidade que difficultosamente se aclimatám em Portugal, onde não chegou ainda a cultura e o despejó da França.

Eu disse-lhe que não podia prescindir dos seus olhos por algumas horas. Sentia-me com disposição para zombar da belleza, que tinha a vaidade de reproduzir-se para, dez annos depois, encontrar, no lugar das rosas, as rugas da velhice, no vívido scintillar dos olhos o amortecimento do cansaço.

Principiei o retrato. Alvaro de Sousa entretinha nos braços uma pequena creança a quem chamavam Assucena. E' filha de Rosa. Conheci-a pela semelhança com sua mãe; mas não sei o que ha na physionomia da pequena, que prophetisa fatalidades! Serei eu supersticioso?

Em quanto esboçava os contornos, perguntei-lhe se conhecêra Helena Christina, nas orphãs. Disse-me, que sim, e que chorára, quando teve a noticia da sua morte, por causa d'uma paixão que cégamente tributára a um homem, que não era da sua condição.

Que homem era esse? — perguntei-lhe eu. — Era o filho d'um advogado — Pensei que a condição do advogado era nobre, repliquei eu. — E' nobre; mas a d'um general é muito mais nobre, e Helena era filha d'um general.

Não pude continuar o retrato. A palheta tremia-me no braço, e o pincel traçava linhas confusas. Pedi licença para retirar-me, e deixei Alvaro enleado da minha improvisada sahida.

Passei uma noite cruelissima. Levantei-me para escrever a v. ex.ª Cuidei que esta carta me seria um desabafo; mas a suffocação augmenta. Para que me disse aquella mulher que eu fui a causa da morte de Helena? Penso que o fui. Accuso-me d'esse crime; porque não posso accusar meu pae, que devêra ser general, e não advogado.

Como é a sociedade, senhora! E' impossivel que a Providencia não abandonasse o homem, depois de o ter creado! Se o espirito de Deus presidisse á organisação do genero humano, ninguem viria dizer-me: « A tua condição social collocou um tumulo entre ti e a filha de um general! »

E é a isto que eu chamei *a minha felicidade!* E' um novo crime! Aquella mulher confirmou a certeza que eu tinha de ter sido amado por Helena até lhe merecer o sacrificio da vida. Será isto um egoismo barbaro?

Adeus, minha boa amiga.

De v. exc.ª

Amigo do coração

Paulo.

III.

12 *d'Outubro.*

Tive hontem o desgosto de não encontrar em casa v. exc.ª Procurei-a, porque tinha muitas idéas a revelar-lhe, mas tão desordenadas, que receei não poder escrevêl-as. A bondade, com que a minha paciente amiga costuma attender os desvarios d'este forte coração e d'esta debil cabeça, seria mais uma vez tolerante comigo.

Não a encontrando, resolvo escrever-lhe, e v. exc.ª verá n'esta carta o tumulto de sensações que se me atropellam na alma, ha dez dias.

Instado por Alvaro de Sousa, fui recomeçar o retrato da viuva. Era-me preciso, para não passar por doudo,

remediar de qualquer maneira a precipitação com que sahi d'aquella casa. Não me occorreu algum pretexto. Adoptei o silencio como explicação, e não dei uma palavra que suscitasse recordações do dia anterior.

Reparei com animo frio na physionomia de Rosa. E' uma d'estas mulheres que o mundo chama bellas, e eu creio que o são. Sem uns traços de soffrimento, que lhe assombram os olhos, não seria tão bella. Tem um olhar humilde, como quem pede compaixão. Não sei que transparente brilho de lagrimas lhe empana os olhos. As palpebras, como cansadas de se abrirem diante do infortunio, pendem amortecidas. Se não ha estudo n'esta attitude caracteristica, o olhar de Rosa póde exprimir muito amor, ou muito fastio.

Muito amor, talvez... é mais natural. Alvaro de Sousa, constantemente embebido na contemplação d'esta mulher, não a deixa um instante sósinha. Muitas vezes, a viuva do negociante vem á sala trocar algumas palavras com Alvaro, e não consegue divertir-lhe os olhos da sua amiga. Não pude comprehendêl-os. Achei demasiada precaução no amante, e alguma frieza, se não era pudor, em Rosa. As perguntas carinhosas, que elle lhe faz, são correspondidas com meiguice nos labios; mas a phrase vem sêcca do coração. Reparei n'isto, e parece que o pincel, que traçava as feições de Rosa, copiava tambem a physionomia moral de ambos.

A' primeira secção vieram ao panno os traços formosos da viuva. Alvaro abraçou-me com frenesi; e ella parece que encarou tristemente aquelle jubilo, que me pareceu pueril. E' que aos vinte annos é assim o amor. A felicidade embriaga os que não provam o fel nas primeiras libações da infancia.

No dia seguinte fui continuar o retrato.

Alvaro de Sousa não tinha chegado ainda. Rosa pareceu-me mais alegre, e recebeu-me com um sorriso de graça e confiança. Antes de sentar-se perguntou-me que razão tivera eu para retirar-me, na primeira vez que alli fôra, d'um modo que a deixára cuidadosa. Pedi-lhe que me não interrogasse. Rosa, sem offensa ao meu pedido, fallou de Helena, recordando a conversa que precedêra a minha sahida. Era uma delicada maneira de in-

terrogar-me. Eu creio que me desfigurei. Reparou ella que eu estava pállido e tremulo. Assucena, que por não sei que infantil capricho me subira para o collo, disse que eu tinha uma lagrima nos olhos. Rosa approximou-se, e, apertando-me a mão, com um ar de bondade, e um desembaraço de que eu não seria capaz, disse que me conhecia, e pediu-me perdão de ter ferido o filho do advogado, que adorára a filha do general.

Não respondi a este lance affectuoso. Pedi-lhe que se sentasse para continuar o retrato. Rosa parecia mais commovida que eu. Sentou-se. N'este momento entrou Alvaro. Cortejaram-se com algumas perguntas e respostas triviaes, e eu, com os olhos do coração no tumulo de Helena, e os da face na physionomia da sua companheira de recolhimento, continuei, sem vontade nem attenção, o retrato.

No dia immediato fui concluir a obra. Rosa recebeu-me com estranha affabilidade. Perguntou-me quantas secções faltavam. Respondi que era aquella a ultima.

— E, depois — proseguiu ella, titubeando — não torna a esta casa?

— Tornarei todas as vezes que v. ex.ª se dignar occupar-me no seu serviço.

— Eu desejava possuir o retrato de minha filha.

— Enviarei a v. exc.ª um habil pintor.

— Pois não quer encarregar-se d'este trabalho que eu tanto queria que fosse seu?

— Agradeço a lisongeira fineza... Se eu tivesse o amor artistico, não teria mais incensos a desejar para o seu culto; mas eu não posso, sem grande sacrificio, fazer retratos. Fui surprendido, quando me prestei a este serviço; agora, se v. exc.ª me concede recusar um sacrificio que não é necessario ao seu bem, eu declino de mim esse trabalho, e, repito, enviarei a v. exc.ª um retratista, que de certo não posso substituir.

— N'esse caso, prescindo do seu favor... agradecendo-lh'o muito... Não será retratada minha filha.

— Eu receio ter sido grosseiro, minha senhora... Se v. exc.ª determina que seja eu o retratista d'esta linda menina, recebo a sua vontade como ordem...

— Deus me livre de sacrifical-o... Pensei que lhe não

seria penoso conversar com uma companheira de Helena, alguns instantes no dia.

— E' muito penoso...

— Muito?... é admiravel!... E porque?... Mereço-lhe a confiança de me dizer que motivos lhe dou para não ser digna testemunha de suas lagrimas?

— Nenhuns motivos, senhora D. Rosa... E' que eu não tenho a tranquillidade de espirito precisa para receber como um prazer as recordações d'essa mulher que amei como não posso tornar a amar... Já vê que deve ser-me bastante amarga a convivencia com uma pessoa, que promette fallar-me muito de Helena...

— Não lhe fallarei n'ella...

— Então seria eu quem fallaria, senhora D. Rosa... Tenho-a sempre diante dos olhos... Não posso mandal-a afastar da minha alma, para entreter-me em cousas futeis...

— Nem tudo é futil, senhor Paulo...

— Para mim... é. Não tenho vida que não seja uma insoffrivel saudade; mas acho esta dôr mais nobre que tudo que me rodêa... Por ella, troco de boamente todas as felicidades que o mundo possa traiçoeiramente offertar-me...

— Traiçoeiramente...

— Sim... Creio que o mundo não póde offerecêl-as d'outro modo... Tomára eu ser esquecido para todos, assim como o meu nome o foi para v. exc.ª... Preciso que me deixem, porque eu não procuro alguem. Será forçarem-me a soffrimentos com que não posso, e contra os quaes empregarei toda a minha coragem, chamarem-me para um mundo, onde serei como o homem sem patria, nem affeições, nem amigos.

— Não crê na amizade?

— Não, minha senhora... Eu tinha uma grande alma, cheia de todos os sentimentos bons; essa alma foi como um raio de luz amortecida no prestito funebre da filha do general... Apagou-se ao pé da sepultura... Não tinha senão essa alma...

— Nem espera resuscitar d'esse lethargo?

— Nunca mais.

— Nem emprega diligencias para isso?

— Nenhumas. Eu sei que o mundo não tem nada para mim...

— Nem o senhor Paulo tem nada que dê ao mundo?

— A compaixão para os desgraçados como eu, um sorriso de escarneo para as felicidades d'um dia, e um adeus invejoso áquelles que morrem... Bem vê que ainda sinto impulsos nobres no coração...

— Deseja a morte?...

— Procuro-a; mas entendo que é debil o poder das paixões nas organisações fortes... Eu lucto, ha dous annos, face a face, com uma dôr, que me não deixa cinco minutos de descanso, e vivo... vivo assim com o aspecto da serenidade, e talvez com o rosado juvenil d'uma saude perfeita... Não se morre de paixão...

— E que importaria morrer?

— Importava não sentir...

— Pois o senhor não crê n'outra vida?

— Não creio n'outra vida. Procurei acredital-a. Li tudo, estudei tudo, porque me disseram que a incredulidade era a estupidez. A cada oraculo da immortalidade, que consultava, a minha alma, além de incredula, sentia a cruel precisão de escarnecer a fé dos que nos mandaram crêr. Disseram-me que eu não cria, porque a fé era uma graça especial do Senhor. Isto fez-me rir amargamente; mas, supersticioso pela desgraça, pedi, invoquei, suppliquei com fervor a fé. Esperei-a. Deixe-me rir, senhora, que este riso é um insulto bem merecido ás minhas crenças... O homem é um verme. Deus não tem nada com este grão de areia, que lançou no oceano, a turbilhões, com a ponta d'um pé...

— Deve ser muito desgraçado...

— Não sou mais do que seria: creio, pelo contrario, que sou menos. A immortalidade de que me servia?

— De encontrar essa mulher, que tanto amou n'este mundo...

— Isso é falso... Essa mulher, que muito amei n'este mundo, antes de entrar no esquife, principiou a desorganisar-se. As pessoas, que estavam em redor, diziam que era insupportavel o cheiro do cadaver... A putrefação, a estas horas, deve têl-a consummido... De que me servia a immortalidade a mim, se os vermes me não res-

tituissem a mulher que teve um dobre a finados, uma oração mercenaria, uma lagrima do costume, e a eternidade do *nada*, que é a verdadeira eternidade?...

— Com uma razão tão forte, é impossivel que não possa vencer os seus soffrimentos.

— Chama v. exc.ª a isto *razão forte?* E' uma debilidade, minha senhora... Forte é a razão do homem que se dá voluntariamente a esperanças chimericas, é crenças sem critica... O forte é esse, que vence a propria razão... Fraco sou eu, que não posso subjugar o espirito...

— Nem com as consolações d'uma verdadeira amiga?

— O que é uma verdadeira amiga?

Fomos surprendidos por Alvaro de Sousa. Reparou no embaraço de Rosa, com ares desconfiados. Eu recebi-lhe os comprimentos com a frieza não calculada dos meus habitos ordinarios. Continuei o retrato, com não sei que placidez incomprehensivel! Senti-me melhor do coração...

Agora é que eu me sinto incapaz de continuar esta longa carta... Creio que é longa e fastidiosa... Soffra, e tolere-m'a, minha querida senhora.

Até á manhã.

De v. ex.ª

Dedicado amigo

Paulo.

IV.

14 de Outubro.

O retrato de Rosa estava concluido. Na tarde d'esse dia, Alvaro de Sousa procurou-me, agradeceu-me o emprego que eu fizera de todos os recursos da minha arte divina, e delicadamente deixou sobre a minha mesa um cartuxo de dinheiro. Não sei o que continha; porque, apenas o encontrei, depois que Alvaro se despedira, mandei entregal-o em sua casa.

Alvaro voltou no dia immediato, e instou pela razão de semelhante procedimento. Respondi-lhe, depois de importunado, que me dispensasse s. ex.ª de dar uma categorica explicação das minhas acções. Vi-lhe um sorriso de desconfiança, que me fez piedade. Estive quasi a

pedir-lhe a definição do sorriso; mas não quiz culpar-me no erro, que lhe censurava a elle. Todo o homem póde chorar ou rir quando quizer.

Decorreram tres dias, sem o menor incidente, com referencia ao retrato da viuva. Hontem, porém, recebi a carta, que remetto a v. exc.ª, já que me impôz a obrigação de lhe não esconder os mais secretos incidentes d'esta minha attribulada existencia, que v. exc.ª segue, desde o berço, minuto por minuto. Communicando-lhe essa carta, entendo que não me deshonro. A mulher, que a escreveu, ou está deshonrada de mais para não soffrer nos seus creditos com semelhante revelação, ou está bastante pura para não soffrer no seu pudor, confiando-se á minha discrição, e á de v. exc.ª

« Já não sou de mim propria quando commetto a es-« tranha temeridade de escrever-lhe. Separo-me das leis « do meu sexo, e declaro-me muito forte na minha fra-« queza para me abandonar loucamente á vontade capri-« chosa d'um sentimento, que póde deshonrar-me, mas « que me absolve na consciencia.

« Escrevo-lhe, Paulo, porque não tenho esperanças « de encontral-o n'esta casa. Quero deixar cahir este « véo, com que me viu, porque tenho vergonha de pa-« recer-lhe o que a minha razão me diz que não sou.

« Que julga de mim? Como tem avaliado o meu pro-« cedimento? Reputa-me amante de Alvaro de Sousa? « Não quero essa consideração; renuncio a tal gloria, « porque eu não sou amante de Alvaro de Sousa. Este « homem entra na minha casa, e denomina-me prima. « Intitula-me prima, porque dizem que minha mãe é « casada com não sei quem que pertence á alta nobreza. « Vi esta mulher; não pude amal-a; não pude reconhe-« cêl-a; e fui com ella rude como seria com uma pessoa « estranha.

« Soube que a fortuna de meu pae a fizera elevar-se « até ao ponto de nobilitar-se. Não me fez uma ligeira « impressão esta mudança. Não a procurei nunca, e mor-« rerei de indigencia antes de pedir-lhe uma dobra de « seus velhos tapetes para resguardar do frio minha filha.

« Alvaro de Sousa tem-se-me offerecido para estabe-« lecer entre mim e D. Anna do Carmo uma alliança fi-

« lial. Revela um interesse extraordinario pelo meu fu-
« turo. Dedica-me extremos de irmão e encobre com
« muito fina astucia as suas intenções, se ellas são más.
« Não me importa saber quaes ellas sejam. Nada ha
« commum entre mim e este cavalheiro, senão uma
« amizade sem consequencias, e um commercio de fri-
« volidades como é a troca de retratos, a que eu não ligo
« importancia alguma.

« Aqui tem o que eu sou para aquelle homem. Pre-
« cisava abrir-lhe assim a minha alma, Paulo. O resto
« do mundo deixo-o julgar a seu bel-prazer; não me
« canso até em sondar a indifferente opinião da socie-
« dade a meu respeito.

« A sua preciso d'ella; porque preciso da sua estima,
« como d'um amparo que me anime a esperar sobre a
« terra a felicidade, que, em poucos dias, vi fugir diante
« de meus olhos, como um sonho ditoso.

« A sympathia entre dous desgraçados deve ser aben-
« çoada por Deus. Não fuja d'uma mulher que póde, se
« não dar-lhe consolações, recebêl-as ao menos. Seja
« meu amigo, não como foi de Helena, mas como póde
« sêl-o d'uma pessoa, que desejára n'este instante ter
« uma sepultura ao lado d'ella.

« Não ouso pedir-lhe nada, não tenho sequer cora-
« gem de implorar-lhe duas linhas em resposta a esta
« carta, que me sahiu tão ingenua do coração, que nem
« quero tornar a vêl-a, para que o artificio da fria ca-
« beça não vá manchar a pureza natural com que a es-
« crevi.

« Adeus, Paulo. Não desdenhe a inutil estima, que
« lhe offerece

« *Rosa Guilhermina.* »

Esta carta não me impressionou. Quasi que me não occupei senão do estilo em que era escripta! Encontrou-me n'um momento de gélida atonia. Tenho-os assim, e então a minha alma é dura, o meu coração paralysa, os meus labios sorriem-se machinalmente, e eu escondo a face nas mãos para contemplar este mysterioso mixto de sensibilidade e cynismo que caracterisa as feições da minha indole.

O portador d'esta carta esperava uma resposta, duas horas depois. Eu não pensei que devia responder; por isso não tive o cuidado de saber se alguem esperava resposta. Quando me annunciaram o portador, mandei-o subir. Perguntei-lhe se era forçoso responder; disse-me que tinha ordem de esperar até que eu lhe désse resposta, ou dissesse que a não tinha.

Escrevi...

Não me lembra bem o que. Penso que eram estas as idéas:

Que eu não mostrára o menor interesse em conhecer indiscretamente a natureza das ligações que prendiam D. Rosa Guilhermina a Alvaro de Sousa;

Que me eram tão indifferentes depois como antes, mas que muito ingenuamente estimava que ellas fossem taes, que nunca a excellente senhora tivesse de soffrer por ellas;

Que acceitava a offerta da sua estima, porque já não podia aspirar a outros triumphos no coração das mulheres, que sabiam separar a amizade do outro sentimento que a hypocrisia vestiu com os arminhos emprestados d'uma affeição nobre;

Que, na minha posição, não podia dar-lhe mais consolações do que as muito poucas que um homem qualquer póde offerecer no serviço de qualquer senhora, que precisa d'um creado.

Penso que foi isto, pouco mais ou menos, o que eu escrevi. São passadas vinte e quatro horas. Não tenho nada a accrescentar a este episodio, e creio que terminará aqui.

Não concebo bem o que esta senhora quer de mim! Não creio n'estas fascinações momentaneas, porque as não entendo, ou o meu coração está muito abaixo d'esses vôos.

O que em verdade lhe digo, minha boa amiga, é que não preciso recordar os juramentos que fiz a Helena, dous dias antes da sua morte, para vencer a impressão que Rosa Guilhermina me poderá ter feito. E' nenhuma. Posso esperar com firmeza e animo frio a perseguição. Nem, ao menos, a lastimo, porque a febre da imaginação ha-de mitigar-se, e, quinze dias depois, esta mulher

terá por mim um sentimento de resentido orgulho que ha-de salval-a. Entende-o assim?

De v. exc.ª

Grato amigo

v. *Paulo.*

19 *de Outubro.*

Retirou-se, n'este momento, de minha humilde casa o senhor Alvaro de Sousa.

S. exc.ª é um lastimavel mancebo! Como seu primo, minha boa amiga, sinto que elle seja o incentivo irrisorio d'esta carta.

Entrou de chapeo na cabeça na minha officina.

Vou tentar recordar o dialogo, que tivemos.

« — Venho exigir do senhor uma prompta resposta — disse elle, dobrando o punho d'uma bengalinha com a ponta.

« — Tenha a bondade de fazer a pergunta — respondi-lhe eu, convidando-o a assentar-se no canapé, inutilmente.

« — O senhor tem algumas intelligencias com D. Rosa Guilhermina?

« — Não respondo.

« — Quer dizer que tem?

« — Não quero dizer nada. Digo que não respondo.

« — Mas eu preciso que responda sim, ou não.

« — Pois por satisfazer ás suas exigencias imperiosas, senhor Alvaro de Sousa, respondo ambas as palavras: *sim e não.*

« — Não comprehendo...

« — Tanto peor para v. exc.ª que não póde esperar de mim outras explicações.

« — O senhor parece ignorar a qualidade de pessoa com quem falla...

« — Poder-me-hei ter enganado, mas creio que fallo com um dos mais distinctos cavalheiros do Porto... O senhor Alvaro de Sousa é muito conhecido, para que eu não conheça a qualidade da sua pessoa, até pela libré dos seus lacaios.

« — E' preciso que nos entendamos.

« — Desejo-o de todo o meu coração...
« — O senhor tem algumas relações com D. Rosa?
« — Continuemos na mesma desintelligencia, senhor Alvaro... Essa pergunta já foi respondida.
« — Mas a resposta não me satisfaz.
« — Não tenho outra, e falta-me até a paciencia para lhe offerecer, outra vez, a que v. exc.ª não acceita.
« — Eu sinto que o senhor não seja um cavalheiro da minha classe para responder-me á ponta da espada.
« — Dou, portanto, louvores á Providencia por me ter feito d'uma classe diversa da dos heroes, que teem ponta de espada para os que não tem ponta de lingua...
« — O senhor zomba de mim?!
« — Zombo.
« — E não receia as consequencias d'essa affronta á minha honra?
« — Não, senhor.
« — Estou em sua casa...
« — Que quer dizer com isso?
« — Não quero dizer nada... Encontrar-nos-hemos...
« — Senhor Alvaro de Sousa, eu tenho épocas em que difficilmente sou encontrado, e esta parece-me que é uma. Se v. exc.ª tem urgencia de encontrar-se comigo, sahirei hoje. »
Não me respondeu, e sahiu.
São tres horas da tarde. Vou dar um passeio.
V. exc.ª ha-de permittir-me que, invocando o sagrado testemunho da nossa amizade, eu lhe imponha o preceito de não fazer transpirar uma palavra d'esta minha carta, a não desejar um completo rompimento nas nossas relações.

De v. exc.ª
Humilde creado
Paulo.

VI.

20 *de Outubro.*

A carta de v. exc.ª, cheia de benevolos conselhos, e prudentes reflexões a respeito do meu conflicto com o

senhor Alvaro de Sousa, é uma nova força que v. exc.ª quer dar ás minhas convicções na sua amizade.

Felizmente, o primo de v. exc.ª, sentindo por ventura que lhe não era glorioso um desforço com o pintor, já teve a summa discrição e bondade de encontrar-se comigo tres vezes, e deixar-me seguir pacificamente o meu caminho.

Sinceramente lhe digo, minha nobre amiga, que o menos interessado, n'esta ridicula lucta com um moço digno d'outro competidor, era de certo eu.

Não me levava para este acto de suprema vaidade o coração. O meu mal pensado cavalheirismo era todo da cabeça, que tenho cheia de loucuras, e refractaria a tudo que é submissão a classes, cuja superioridade — desculpe-me v. exc.ª — não reconheço debaixo do céo.

D'este orgulho, que eu supponho não existirá d'hoje a cem annos, porque então os homens serão todos iguaes perante a lei, e irmãos perante Deus, d'este orgulho resultou a facilidade com que fui hontem procurar D. Rosa, que me pedia anciosamente uma entrevista.

Encontrei-a assustada, confiando de mais na superioridade de Alvaro, e avaliando em menos que o seu valor real a minha frieza de animo para arrostar as furias do seu fidalgo amante.

Sorri piedosamente para aquelles receios, aliás naturaes no coração d'uma mulher.

Aquietei-lhe quanto pude o seu sobresalto, e acabei por pedir-lhe que fosse grata aos extremos do gentil moço, que, por ella, se arriscava a um encontro, cujas consequencias eram imprevistas para ambos nós. N'este sentido, aconselhei-a com uma generosidade digna d'outros tempos. Encareci o merecimento do senhor Alvaro, advoguei a causa d'elle com o fervor d'amigo, estabeleci comparações entre nós que redundavam em grandes vantagens para elle, e terminei este difficil papel, salvando a minha posição falsa, com lhe offerecer a sincera estima de irmão.

Rosa Guilhermina não me quer para irmão. Achei-a de marmore para este sentimento que seria em mim o mais vital de todos, o que eu hoje mais lhe agradeceria, e o primeiro e derradeiro que eu posso offerecer a uma

mulher. Ella, não. Fallou-me do seu amor com estranho desembaraço. Explicou-me os effeitos d'uma impressão violenta. Disse-me que só um prompto desprêso poderia salval-a, porque tinha o amor proprio necessario para não succumbir sem gloria, humilhando-se a um homem que a não comprehendia. Empregou, na exposição eloquente da sua sympathia, as melhores palavras da novella, e concluiu o seu não interrompido discurso com lagrimas, que me pareceram mais eloquentes que a fecundidade palavrosa.

Eu não sei o que ha de sublime, e mavioso nas lagrimas d'uma mulher. Como se Deus lhe désse a humildade por instrumento de triumpho, eu senti-me enfraquecer, ao mesmo tempo que recobrava toda a minha coragem, pedindo-a á saudade de Helena, como se pede uma alegria ás recordações do passado, que se nos foi com todas ellas.

Eu creio ter já dito a v. exc.ª que D. Rosa é uma linda mulher. Quando a retratei, havia alli n'aquella physionomia um colorido de felicidade, um sangue agitado que lhe vinha em estos ardentes do coração, uma viveza robusta, que denunciava um feliz descuido de pezares.

Hontem não era assim. Rosa estava livida. Orlavam-lhe os olhos umas manchas azuladas, que marcavam talvez a passagem de muitas lagrimas escondidas, em longas noites de desesperação. Posto que vaidoso, eu não me felicitei, minha cara amiga, por ter sido a causa d'esses padecimentos. Se é por mim que elles existem, não se me dá da gloria inutil que elles possam dar-me. Não tenho nenhuma: não me prestam de balsamo para o coração; não me aquecem esta cabeça de gêlo; não me deixam roubar ao passado um instante para com elle idear futuros de impossivel felicidade.

Poderei amar esta mulher repetindo as minhas visitas? Não. A approximação é o divorcio das grandes paixões, que a distancia esposára. Aos pés do homem cáe partido o prisma, quando o hálito da mulher é tão de perto que lhe empana as côres.

E eu, de mais a mais, não desejei approximar-me, quando a vi de longe. Não senti este toque inesperado,

esta surpreza electrica, uma só vez recebida na existencia de cada homem.

Poderá o tempo fazer o que não fez um instante?

Não.

Dizem que existe um amor lentamente creado pelo habito, emanação da amizade contrahida pela semelhança de vontades, resultado d'uma demorada elaboração de dous espiritos que se consagram no mutuo sacrificio de propensões e desejos. Não sei o que seja isto. A razão rejeita essas candidas theorias.

Eu só creio no amor não esperado, não grangeado por sacrificios, não calculado de dia para dia.

Se me dizem que essas paixões improvisadas n'um olhar, e n'um sorriso, e n'um córar, são instantaneas, e ephemeras como o féto arrancado ao embrião, com violencia, antes de tempo, eu direi que sim.... que morrem essas paixões na vida, porque ha a pedra do tumulo que desce quando Deus a manda, mas ha a eterna saudade que nem a Providencia póde desvanecêl-a no coração, que se envolve n'um pedaço da mortalha, roubada a outro coração, que o deixou viuvo de todas as esperanças, e gélido para todos os confortos.

Minha paciente amiga, eu sou fastidioso com as minhas choradeiras. Acolha-m'as com amor, que eu não tenho, sequer, em galardão de tantos soffrimentos, o poder de as lançar ao papel de modo que consternem a compaixão da unica pessoa que póde sentir comigo.

Estou pintando. E' o meu sonho de ha dias. E' Helena, quando me deu uma rosa murcha, e me disse: « Ahi tens o meu amor: a rosa cahirá desfeita em pó; mas a saudade ficará perpetuamente entre os vivos, como o germen d'essa flôr. » Estas palavras repetiu-m'as no sonho. Vi-a tal qual era, n'esse primeiro dia em que os medicos lhe disseram que désse um passeio recreativo á ilha da Madeira. N'esse dia começou ella o seu curto passeio em redor da sepultura!...

Adeus, minha estimavel senhora.

De v. exc.ª

Amigo dedicado

Paulo.

VII.

29 *de Outubro*.

Tem decorrido sete dias, depois que lhe escrevi, minha boa amiga. V. exc.ª não calculava a razão do meu silencio, quando na sua queixosa carta de hontem arguia a minha reserva, ou indolencia.

Eu indolente, senhora! Eu que não tenho cinco minutos de repouso desde o dia á noite! Eu, que conto os longos instantes do escurecer ao dia!

Não lhe escreví... por vergonha!... Ha-de crêr-me, senhora! não tenho tido animo de ser eu o proprio accusadór das minhas fraquezas incomprehensiveis! Tenho esperado o intervallo lucido d'esta demencia de seis dias, e as trevas cerram-se cada vez mais.

Que é o que se passa em minha alma? Que transfiguração se operou na minha vida? Que brinquedo cruel é este que vem ludibriar-me no canto esquecido em que me refugiei com as minhas desgraças?

A minha organisação está debaixo da terrivel influencia d'uma zombaria providencial! Eu era, ha oito dias, o homem morto para o futuro; as minhas alegrias resuscitava-as do tumulo mudo do passado; a minha vida era uma saudade que devia cegar-me os olhos da razão com o seu brilho sinistro, enlouquecendo-me, ou matando-me. Detestava o presente, porque debaixo dos meus pés estava o ardor do deserto, e nos horisontes da minha esperança... nem uma gôta d'agua que me apagasse este lume que me queima, sem o poder de aniquilar-me. Eu era isto! A solidão era-me cara. O tumulo de Helena povoa-se-me de anjos. A imagem d'ella, esboçada em cada téla que me rodeia, tinha uns olhos que choravam, mas os seus labios articulavam não sei que palavras animadoras, que me mandavam subir com o sorriso da resignação as escadas do meu patibulo.

E esta vida acabou para mim. A imagem de Helena fugiu lagrimosa e espavorida da solidão do meu quarto. A sepultura d'ella... é uma pedra erma de phantasmas para mim. Comecei por descrêr das minhas passadas vi-

sões. Raciocinei friamente sobre a vida e a morte; sobre a belleza que foi, e o cadaver que é; sobre o coração arquejante de amor, e o coração minado de vermes.

Que é isto, pois? quem rasgou este véo diante de meus olhos? Que homem sou eu hoje, ou que homem fui durante dous annos de amargura incuravel?

Entre mim e Helena... está Rosa Guilhermina! Tenho o rubor do pejo na face, quando estas palavras me fogem do coração! Parece que a vejo contrahir uma visagem de indignado pasmo por tal mudança! O meu caracter apresenta-se-lhe uma inconcebivel monstruosidade! Vota-me um legitimo desprêso, desde este momento?

Primeiro me desprezei eu a mim. Primeiro olhei eu, com asco, para a minha miseria. Antes de v. exc.ª recuar nauseada da baixa condição da minha alma, entrei eu na minha consciencia, e vi-me torpe, ingrato, insensivel, perjuro, e vil!

Tenho muito orgulho da minha honra; quero absolver-me d'esta deslealdade á memoria de Helena, e não posso. Vejo que é necessario ser cynico para me desculpar, escarnecendo as culpas que a sociedade me imputa. Não posso, não sei sêl-o, não está na minha mão rasgar o contracto que fiz com Helena, nos seus ultimos instantes.

Mas eu amo Rosa. Que sentimento é este? Como hei-de eu convencer-me de que amo esta mulher? Se isto é uma illusão, como é que se dissipam estas chimeras?

Não sei! Lembra-me que senti uma commoção inexplicavel quando a vi chorar! Lembra-me que a vi n'um sonho, de que acordei balbuciando o seu nome com ternura. Lembra-me que desdenhei, acordado, a ternura do sonho... Mas a minha alma estava inquieta. O meu quarto parecia-me pequeno: este silencio entristecia-me... Faltava-me não sei que voz, que som dos anjos que me tinha ferido uma corda no coração!... Ri da minha fragilidade. Peguei d'um pincel... Disse á minha alma que lhe inspirasse os traços de Helena... e os olhos amortecidos de Rosa resaltaram-me do panno com duas lagrimas.

Era a imagem d'ella, que se levantava d'um tumulo a dizer-me: « Aqui tens lagrimas minhas; aqui tens um coração, que renasceu das minhas cinzas; aqui te dou a

unica mulher, que póde supprir a que não terá para ti um sorriso sobre a terra... Vê que os vermes corroeram a minha face. Não te illuda uma esperança em outros mundos, porque os limites da vida são a campa... Eterna é só a materia; mas a materia, que te feriu os sentidos, dissolveu-a o sôpro da desgraça... »

Contive-me durante dous dias de tribulação incessante. O coração dizia-me que Rosa me escreveria. Li a carta que recebêra com indifferença, e passei por a minha alma todas aquellas palavras. Achei-as sinceras... Acarinhei-as com soffreguidão... Recordei o que ella me dissera, depois. Accusei-me de ingrato. Tive orgulho do meu rival. Receei ter parecido um ente indigno de tamanho amor! Senti ciumes... Queria vêl-a... Precisava de lhe esconder metade de minha alma, revelando-lhe uma pequena parte dos meus sentimentos...

E procurei-a... Não sei o que lhe disse... Recordo-me que lhe apertei a mão com ardor; que lhe pedi lagrimas de piedade, e coragem para não transgredir um juramento... Penso que me não entendeu, porque me respondeu com um sorriso, e fugiu de ao pé de mim com a face abrazada...

E, desde esse dia, escrevo-lhe a todas as horas. Não lhe mostro as minhas cartas, porque não posso convencer-me de que o meu coração está n'ellas... E' impossivel!... Aqui ha uma fascinação!... Eu não posso ter esquecido Helena!...

Preciso hoje da sua companhia, minha querida amiga!... Escrevi o que não ousaria pronunciar...

De v. exc.ª
Grato amigo
Paulo.

VIII.

25 *de Outubro.*

A ingratidão é punida. Principio a expiar o perjurio. Helena vai ser vingada por esta mulher, que, traiçoeiramente, me assaltou o coração, quando eu me julgava de ferro para as paixões.

Rosa Guilhermina vai recuando diante de meus pas-

sos. Approximar-me foi gelal-a. Da tristeza profunda com que me olhava, antes da vergonhosa queda que dei do alto do meu orgulho, transformou-se n'um rosto folgasão, n'um conversar futil e acriançado, n'um nem eu sei que de motejo e zombaria que me escandalisa e envergonha.

Esta mulher quiz experimentar-se, experimentando a minha soberba. Humilhou-se, como a vibora, que se enrosca entre as urzes, para se levantar n'um salto de que eu devia fugir atrozmente ferido no meu amor proprio. Isto tudo é inexplicavel; mas o facto existe com horrorosa evidencia! Esta mulher, que me provocou, ha-de ámanhã despresar-me... despresa-me já hoje, e ousa dizer-me que me recebe, em attenção á delicadeza com que a tenho tratado!

Esta fria linguagem é a mascara impostora dos caracteres, que se não sustentam. Quando a mulher assim falla, é porque o amor, nos labios d'ella, foi uma expressão mentirosa, que passou por lá, como a palavra « Deus » que é seguida, na bôca do impio, pela palavra « demonio! »

E' isto crivel, minha querida amiga?

Rosa será aquella mulher, que me escreveu? Não a veria eu chorar? As lagrimas podem assim prestar-se a uma infamia? Ha mulheres que tiram d'um coração gasto um tal proveito?

Hontem procurei-a com a resolução estupida de convidal-a a ser minha mulher! Eu não podia já luctar com ella, nem comigo. Um dia antes, perguntei-lhe a razão da sua frieza; respondeu-me que ella mesmo não sabia explical-a. Disse-me que Alvaro de Sousa não frequentava a sua casa, e accrescentou que desejava saber de mim a razão d'este procedimento.

— De mim?! — perguntei eu.

— Sim... do senhor... Por minha parte não lhe dei a elle motivo algum de abandonar uma casa, em que entrava como parente... O que fiz foi interpôr as minhas supplicas com o senhor Paulo e com elle para que não tivessem desintelligencias em que soffresse a minha reputação.

— A sua reputação é invulneravel...

— Não é tanto assim... A vinda frequente do senhor Paulo, e a ausencia completa de Alvaro de Sousa, é motivo de murmuração na visinhança.

— Quer com isso dizer que não a sacrifique á murmuração dos visinhos?

— Escuso lembrar á sua honra esse dever. O senhor deve ser o primeiro a lembrar-se da susceptibilidade em que estou na presença d'um mundo que não distingue as mais honestas das mais torpes intenções...

— Está raciocinando com admiravel prudencia, senhora D. Rosa!... Quer em summa dizer que não devo vir a sua casa...

— Não digo tanto; mas devo pedir-lhe que seja menos frequente nas suas visitas...

Comprehendi-a...

E ergui-me d'um impeto para retirar-me. Parece que o coração se me tinha despegado no peito. Ouvi um zunido estranho, que me fazia latejar a cabeça em dolorosas pontadas. Era tudo escuro diante de meus olhos, e não havia em mim sensação que me não fizesse recear uma demencia.

Sahi, e, só muitos passos longe d'aquella casa fatal, me lembrou a retirada boçal que fizera. Como foi possivel que eu não respondesse áquella mulher?! Que indignação, ou que nobreza d'alma foi a minha, que me não inspirou uma palavra que a fizesse córar?! Será isto uma devassidão moral, que supporta impassivel todas as offensas? A longa desgraça petrificou-me? Um amor, todo santo, todo saudade, o amor de Helena, dous annos puro no sacrario do meu coração, fez-me cynico?

Tenho-me hoje feito estas perguntas. E' um tormento não poder responder. Não posso. Não sei o que sou, nem o que é aquella mulher!

Seria uma desgraça, um cancro incuravel na minha alma a certeza de que ella é tão infame como se me ostenta!

Vejamos se posso absolvêl-a... Oh! eu queria absolvêl-a, sem deshonra para mim, nem para ella!... De que modo?...

Ha, por ventura, uma intriga? Qual? Por quem? E com que fim?

Não sei, não posso comprehendêl-a.

Disse-me ella que nunca me confessou amor! Será isto verdade? Fui eu que me illudi? Então, aquella carta, aquella livre explicação d'um affecto repentino... foi tudo um sonho?! Terei eu mentido a v. exc.ª? A cópia da carta que lhe enviei, foi uma ignobil impostura?...

Como é especialmente horrivel a minha situação! Como eu, d'um lance d'olhos, vejo todos os casos em que um homem póde suicidar-se na sua honra cuspindo na face d'uma mulher!...

Esta situação não póde assim durar... Eu preciso ouvil-a... Ella ha-de saber colorir a sua depravação d'outro modo... Eu quero até que ella se defenda, porque vai ahi n'essa defeza a salvação do meu amor proprio... Que dirá?... Que terei eu que responder-lhe?

Minha boa amiga, ha uma conspiração sobrenatural contra mim... Eu receio, hoje mais que nunca, uma demencia. Lamente o seu infeliz amigo

Paulo.

IX.

2 *de Novembro.*

Tudo está perdido.

Rosa Guilhermina vai sahir do Porto. D. Anna do Carmo faz parar, ha quatro dias, a carruagem á porta de sua filha. Alvaro de Sousa reconciliou-os. Leia v. exc.ª essa carta, que recebo n'este momento:

« Confidente de minha amiga Rosa Guilhermina, devo « dizer a v... que as suas visitas a esta casa, em quanto « ella fôr minha hospeda, são bastante prejudiciaes á fu- « tura felicidade d'esta senhora. Sua mãe, informada « das relações que o chamam a minha casa, obriga Rosa « a sahir do Porto. Suspeito que a sua direcção não páre « aqui em Portugal.

« Da parte de v..., tanto eu como ella esperamos a « cavalheira prudencia, que o seu bom caracter nos afian- « ça. Se a ama, como devo acreditar das cartas que lhe « escreve, desvele-se em não prejudical-a. Até aqui a « sua união com a filha sem mãe, seria possivel. Hoje que « D. Anna do Carmo reconhece sua filha para elevalo-a

« até onde o dinheiro a collocou, declaro-lhe, com pesar « meu, que serão, além de inuteis, nocivos todos os seus « esforços.

« Com sincera estima

« De v...

« Veneradora affectuosa

« *Maria Elisa.* »

Ora aqui tem, minha boa amiga, o artista em lucta com a sociedade. Ella ahi vem pôr-me um pé, segunda vez, no pescoço! Cá sinto já a dôr vilipendiosa, e nem sequer sei já sorrir-me, quando a soberba me estende na face uma bofetada! E' preciso ser homem, antes de tudo. Quero tirar nobreza da minha vilanía! Esta dôr moral é mais forte que a outra. Sinto desvanecer-se o amor, e só tenho alma para compulsar as agonias d'uma paixão incomparavelmente maior. Cerra-se uma ferida; mas creio que me abriram outra incuravel, rasgando-me a antiga cicatriz.

Hoje preciso da vida, porque é impossivel que eu não tenha a minha hora de vingança...

Vou sahir de Portugal... não porque me reconheça tão pusillanime que receie aqui uma consumpção moral... Não é isto... é que debaixo d'este céo não ha para mim um anjo bom que me auxilie n'esta peleja desigual como meu inseparavel demonio.

Tenho dinheiro, que me é inutil aqui. Preciso desperdiçal-o... Quero tocar a extrema da miseria, para que a necessidade me faça artista, e o trabalho me salve d'estes ocios despedaçadores. Não sei onde irei... nem mesmo quero sabêl-o... De qualquer parte, minha querida amiga, virá uma minha carta pedir-lhe uma lagrima. Quando a não receber... quando o silencio lhe afigurar que a sua amizade fez um ingrato, poderá v. exc.ª dizer: « Aquelle desgraçado, de quem fui tão amiga, e que tanto deveu ás minhas consolações, morreu! »

E v. exc.ª poderá então louvar a Deus, que encravou a roda do meu infortunio. Poderá agradecer-lhe, como unica pessoa que deixarei no mundo com o meu nome no coração, a graça da morte concedida ao talvez pri-

meiro homem, que não teve cinco minutos de felicidade na demorada existencia de vinte e seis annos.

N'este momento ha em mim alguma cousa sobrenatural. Não amo Rosa Guilhermina; mas tambem a não detesto! O que eu muito queria era o segredo d'aquella indole, porque eu não seria acreditado se contasse a transição do amor ao desprêso, a infame mentira que me arrancou aos braços d'um cadaver para me lançar nos da desesperação.

Deixal-a! Quero até pedir a Deus... *a Deus!* a desgraça, que é a mãe da piedade! Sinto-me religioso, porque, acima d'estas torpezas, ha-de necessariamente existir um Creador, que deixou aqui a dilacerarem-se o mal e o bem. Este Creador deve ser juiz, e eu começo a temêl-o desde este momento... Quero, pois, pedir a Deus que proteja o futuro de Rosa Guilhermina. Os anjos vão com ella. Esta expressão do povo é a mais expansiva e tocante que a minha alma póde dar-lhe. A derradeira consolação do infeliz é perdoar. Eu perdôo... Offereço o meu coração para todos os punhaes; curvo a minha cabeça a todas as desgraças; dobro o meu joelho a todas as violencias, e prometto de nunca mais chamar infames os instrumentos, que obedecem á vontade superior do grande motor da vida, e da morte, da honra, e da deshonra.

Não tenho coragem de abraçal-a, minha cara irmã. Adeus.

De v. exc.ª

Amigo de toda a vida

Paulo.

X. (*)

Roma, 4 d'Abril de 1825.

Minha prezada amiga.

Eu tinha esperanças na minha convalescença moral. O coração, aturdido por padecimentos tumultuosos, can-

(*) Não interessam no romance algumas cartas, que se não publicam. Escriptas de Lisboa, Cadiz, Barcellona, Paris, Genova, e Milão, quasi todas são descripções locaes. Vê-se que

sado, e endurecido por cicatrizes de golpes sobre golpes, adormecêra extenuado... Eu principiava agora uma nova estação na minha vida. A insensibilidade promettia-me uma tranquilla vegetação. Adormeceria sem lagrimas; acordaria sem sobresaltos; veria tudo descórado em redor de mim; abriria pará tudo, que me cerca, estes olhos de estatua, sem culto para o bello, nem asco para o repugnante.

Este ultimo baluarte sinto-o esboroar-se debaixo dos pés. A' convalescença da alma segue-se a desorganisação da materia.

Estou doente d'uma enfermidade que eu sentia, ha annos, fermentar-se-me no coração. Muitas vezes sentia umas palpitações extraordinarias, e depois dôres agudissimas, um suor copioso, um mal-estar physico e moral, um mixto de aborrecimento e desesperação, que eu attribuia sempre á inconsolavel viuvez da minha alma.

Este padecimento, nos primeiros mezes da minha viagem, diminuiu até se extinguir. N'outro tempo, não se me dava sentir aggravar-se o mal; mas, agora, queria vêr-me livre, queria viver muito n'este marasmo de todos os sentidos.

Não o quiz a Providencia. Ha quinze dias que soffro muito. Dizem-me que tenho uma aneurisma. Não sei o que é... E' a morte, que me fugiu quando eu a chamava, e me chama quando eu lhe fujo. Não posso dizer-lhe que bem vinda seja!

Mandam-me a ares patrios... Eu não sahirei, já agora, d'aqui... Este conselho da medicina é um futil subterfugio.

A minha doença estudo-a nos livros onde aprendem a cural-a os medicos. E' inevitavel a morte... Póde-se assim viver longos annos; mas eu, assim, não desejo viver...

Paulo, em todas ellas, só muito de relance, falla em cousas passadas. Se é acinte, se naturalidade, não o sabemos nós. A sua amiga do Porto, diz-nos que tambem muito de proposito, se lhe escrevia, nem ligeiramente lhe fallava de Rosa. A carta, que publicamos, é a vigesima da collecção, escripta, segundo se vê da data, cinco mezes depois da sahida de Paulo.

E' lamuria de mais por uma cousa tão transitoria como a vida!... Eu devo ser superior a esta pouca materia que se dissolve no dia seguinte áquelle em que o espirito planisa mil prosperidades. Não me deve ser penoso morrer, porque eu não tinha previsto felicidade nenhuma. O meu futuro seria uma atonia glacial, uma insensibilidade de morte no coração, e vida na apparencia... Viver assim, entre os homens, ou entre cadaveres, que importa?... Morrerei resignado.

Agora posso fallar-lhe de tudo, porque tudo me é indifferente. Levanto, hoje, a suspensão que impuz á sua bondade, minha amiga. Póde fallar-me de Rosa. Que é feito d'essa mulher?

Incommoda-me muito o escrever. Prohibem-m'o; mas a prohibição não seria obedecida, se a cabeça me deixasse... Sinto um desprazer semelhante á nausea. E' um esvahimento de cabeça, e uma lassidão em todo o corpo, que só posso attenuar com o uso do opio, que me entorpece completamente. Adeus.

De v. exc.ª

Amigo do coração

Paulo.

RESPOSTA.

Porto, 6 de Maio de 1825.

Meu bom amigo.

Eu peço a Deus que lhe socégue a imaginação. V... suppõe-se mais doente do que realmente está. O seu ardente espirito engana-o. Não se entregue ao terror da morte: viva, porque esse mêdo é signal de que a vida ainda lhe é cara.

Espero ainda vêl-o em Portugal, esquecido dos seus passados dissabores, e vivendo para a felicidade de pessoas suas amigas.

Quando V... perder um falso preconceito em que tem a sociedade, verá que o seu elevado merecimento lhe grangeia estimas, e o seu bom coração encontrará, por ventura, outro digno d'elle.

Não quero que se lembre da morte!

Dava-me tantas esperanças de o vêr feliz, na sua penultima carta, e agora parece que capricha em fazer-se desditoso, communicando á sua extremosa amiga as suas tristes previsões!

Bem sabe com que amizade lhe fallo. Affiz-me a tratal-o como irmão, e não saberia amar com mais ternura um filho. Quando perdi um esposo, na flôr dos annos, e uma filha que elle me deixou nos braços, tambem eu, senhor Paulo, me julguei morta para tudo. Sentei-me no leito d'onde vira sahir o cadaver de meu marido, e esperei ahi a morte. Abracei-me ao berço vasio de minha filha, e pedi ao Senhor a esmola d'uma mesma sepultura para tres entes que deviam ajuntar-se.

Encontrei-o ao meu lado, chorando comigo a perda de Helena, senhor Paulo, e os seus nobres padecimentos vieram minorar-me os meus. V... fallou-me do céo, da eternidade, da perpetua união das almas no seio de Deus, e eu acreditei-o. Como as suas palavras me vinham sanctificar a minha dôr no coração, gravei-as ahi, e a sua imagem entrou lá com ellas para sempre.

Não sei se o amei; mas, se o amor não era aquella extremosa amisade, que lhe consagrei, e consagro, então não sei o que é o amor.

Não era isso que accende o ciume, porque esse não o senti eu nunca. O seu triste episodio com Rosa contristou-me, porque desde o principio prophetisei desventuras. Realisaram-se muito além do meu agoûro.

Nunca lhe fallei assim, porque... deixe-me tambem ceder a não sei que triste e mysteriosa inspiração... parece-me que o não verei mais... isto é uma loucura, uma allucinação, mas o coração sente-a tão forte, que eu não posso suspender as lagrimas... Nunca lhe fallei assim, porque V... tem hoje vinte e sete annos, e eu trinta e sete... As desgraças não me poderam ainda envelhecer de todo, e eu recearia enganal-o, fazendo-o nutrir, a respeito da minha amizade, alguma falsa supposição, que me poderia fazer muito desgraçada, ou muito feliz.

Esses receios passaram. Agora conheço que não ha commum entre nós senão uma amizade illimitada até á honesta confiança. Nunca podia-lhe ser outra cousa...

Fallei já muito de mim. Quer que lhe falle de Rosa?

Depois da sua partida, a filha de Anna do Carmó foi viver na companhia de sua mãe, levando comsigo a viuva do negociante da rua das Flores. Encontrei-as em casa do D. Antonio de * * *, e achei-as ambas bellas.

Maria Elisa trazia douda a cabeça de S * * * C * * *, Rosa Guilhermina, um pouco triste, recebia com indifferença o cortejo teimoso de Alvaro de Sousa. Por causa de Maria Elisa houveram pequenas miserias de salão, ciumes senis, com que os nossos velhos se inculcam rapazes. Felizmente, não lhes falta zêlo para não deixarem transpirar as fidalgas impudencias, que sabem occultar nos seus solares.

Agora receba uma novidade, que não deve já ferir a sua vaidade, nem mesmo alvoroçar o seu coração.

Rosa Guilhermina vai casar-se.

Quer saber com que neto de trinta avós?

E' um neto sem avô conhecido.

Não sei se ha seis ou mais annos que Rosa Guilhermina viveu algum tempo em casa do negociante Silva, da rua das Flores, com quem seu pae, o arcediago de Barroso, a quiz casar.

Rosa namorou-se ahi d'um tal José Bento, filho d'um retrozeiro. Este lôrpa (diz Maria Elisa que o era de grande marca, e eu creio que continúa a sêl-o) estudava latim em casa do Passos, cujo quintal partia com o do arcediago, na travessa do Laranjal, ou Bomjardim. Por causa d'ella, e á sua vista, o rapaz foi castigado com uma palmatoria. No dia seguinte, o mestre que o castigou, appareceu morto, e José Bento desappareceu.

Foi para o Brazil, onde se demorou alguns annos, vendendo carnes sêccas. Por fim, morre o patrão, e deixa-o senhor d'uma riqueza que parece extraordinaria, pelo fausto com que se apresentou no Porto.

Ninguem se lembrava já do filho do retrozeiro, que tinha morrido. José Bento de Magalhães e Castro, como elle se assigna, occultou algum tempo o seu nascimento; mas, um dia, apresenta-se em casa de Anna do Carmo, pedindo licença para vêr Rosa Guilhermina.

A viuva apparece; mas não se recordava já das feições do seu primeiro namoro. José Bento declara-se, e offerece-se como marido de Rosa.

Não sei o que se seguiu a isto. O boato do proximo casamento correu logo. O senhor Magalhães e Castro é recebido nas primeiras casas. Alcançou fôro de fidalgo, e trata de edificar no Reimão um palacete com as armas dos Castros e Magalhães. Dizem-me, que, dentro de oito dias, Rosa será senhora de grandes bens de fortuna, e as suas carruagens serão as melhores.

Eu quizera que V... se risse com a fina ironia de talento, e da experiencia, como eu realmente me rio d'estas grutescas evoluções do mundo.

Vai extensa a carta, e parte para Cadiz o hiate que deve leval-a.

Adeus, meu querido amigo. Escreva-me, dizendo que se desvaneceram os seus terrores. Viva para a sua dedicada irmã.

* * *

XI.

Roma 28 de Abril de 1825.

Graças, minha querida amiga! A sua carta é um modêlo de que deviam servir-se os raros anjos, que receberam de Deus a divina missão de consolar infelizes.

O meu coração sentira uma estranha alegria, duas horas antes de eu abrir a carta de v. exc.ª Era o presentimento.

Tive uma hora de luz. Respirei o aroma de todas as flôres da vida. Dilatava-se-me o coração. As palpitações eram impetuosas como as do sangue, surprendido pela imagem d'uma mulher, que se julga morta, e para sempre perdida.

Era esta justamente a hora em que v. exc.ª devia assim fallar-me. Mezes antes, esta linguagem faria a sua desgraça, que a minha está fadada desde o seio de minha mãe.

Foi minha amiga, quanto podia sêl-o. Fui eu quem lhe esposou o seu coração viuvo d'um esposo e d'uma filha. Eis-aqui uma vaidade santa, que não deshonra um quasi moribundo. As suas revelações, senhora, acolhe-as meu coração como um deposito sagrado que brevemente confiarei ao tumulo.

A minha morte proxima não é uma chimera de imaginação ardente. Já lhe disse que quero viver e não posso... Desfalleço, porque todos os meus esforços são impotentes. Cravo as unhas na aresta do abysmo; mas o corpo resvala, e a quéda é infallivel.

Morro aos vinte e sete annos. Vou, envelhecidó por toda a sorte de tribulações. Resta-me saber o que é a indigencia: vai muito adiantada a noite da vida para que a conheça. O meu dia eterno vai nascer, e a luz matutina d'esse dia irradiou-se em volta de mim, quando as suas palavras vieram povoar de bellas visões a solidão do meu quarto.

Foi o amor que me matou! Posso dizêl-o com toda a ufania d'uma nobre amargura: foi o amor que me matou! Esta grande alma não era para esta sociedade. Offereci-lh'a, despresou-m'a... Lancei-lh'a aos pés... calcaram-m'a... Fez-se-me uma villania, porque eu era muito nobre... conheço que o era, porque tenho perdoado a todos aquelles que me cortaram as carnes até me chegarem ao coração... Não me conheceram, e eu não os conheci a tempo. Foi muito tarde que o mundo se me ostentou, qual é. Eu tinha direitos a ser feliz, embora recebesse a felicidade pela porta da deshonra. Não quiz. A minha pureza custou-me a vida, porque fugi do mundo para a solidão a digerir o fel que me deram, e protestei morrer antes de cuspil-o na face da sociedade.

Aconselho a infamia a todos os desgraçados, senão quizerem o martyrio. Se forem insultados, indemnisem-se. Renunciem educação, honra, pundonor, e dignidade, todas as vezes que a vingança depender da villania, da deshonra, da impudencia, e do descaramento.

Desculpe-me v. exc.ª... Esqueci-me que estava escrevendo a uma senhora, que não resolveu ainda os asquerosos problemas da infamia. A minha cabeça é um vulcão. Não é ainda a demencia que me desvaira, mas póde sêl-o a febre.

Ha tres dias que me não levanto. Estou quasi só. Tenho um medico alguns minutos no dia, um frade portuguez que por aqui anda atraz da salvação eterna, e um creado, que me serve um caldo, e não entende o que lhe digo.

Eis-aqui a minha familia na vespera d'uma viagem infinita... Falta-me aqui uma mulher, que me fosse esposa, mãe, ou irmã. Em Portugal, quando estes ataques me annunciavam a morte, lembrei-me, muitas vezes, que o meu derradeiro olhar encontraria os olhos de v. exc.ª Aqui, será a sua imagem, o seu retrato, que me sorri, aquelle retrato que v. exc.ª me concedeu a pedido da nossa pobre Helena...

Não posso...

Ah!... esquecia-me dizer-lhe que a historia de Rosa Guilhermina é uma bonita farça... Fez-me sorrir; mas, no coração, lamento-a!... E' uma mulher bem trivial!...

Adeus, minha querida irmã... Será o ultimo?...

Paulo.

« — Eis-aqui a ultima carta, que eu recebi de Paulo — disse a senhora, que me confiou a leitura, e as cópias de todas.

« — Que sentiu v. exc.ª, depois que a leu?

« — O que eu senti?... Nem já me recordo... Isto passou-se ha trinta annos; e a memoria do coração, aos sessenta e seis, está embotada; mas, se quer um facto que lhe exprima melhor que todas as palavras o que eu senti, bastará dizer-lhe que, dous dias depois, parti para Roma...

« — Para Roma!...

« — Admira-se!?

« — Então v. exc.ª amava Paulo...

« — Se o amava!... Não se fazem essas perguntas a uma velha. O senhor ri de mim, se eu deixar fallar o coração, como elle, ainda ha trinta annos, lhe responderia.

« — Eu não posso rir do que a vida tem mais grave e triste...

« — O amor!... diz bem... E' bem triste recordal-o; mas o ridiculo manda suffocar as expansões d'um coração, que não envelheceu ainda. Dizem que os cabellos brancos são veneraveis. Se o são, é só nos patriarchas, nos prophetas, e nos apostolos... Quer que lhe diga que amei Paulo? Pois sim... Amei-o muito... Conheci-o, já

casada; mas eu fui uma esposa com todas as virtudes, e com a resignação para todos os sacrificios.

A filha do general * * * amava Paulo.

A minha casa era o unico local onde se reuniam. Impuz-me esta violencia, e prestei-me ao doloroso serviço de os approximar, porque precisava matar um veneno com outro veneno.

Helena morreu, e Paulo refugiou-se a chorar comigo. Eu e o tumulo d'ella eramos o unico passatempo da sua atormentada existencia.

Enviuvei. Encontrei-o sempre ao meu lado. Sondei com muita delicadeza a sua alma, e achei-a fria. Reconheci que era meu amigo, porque eu lhe fallava muito de Helena. Um homem assim não podia amar-me...

« — Porque lhe não revelou a sua alma?

« — Uma mulher, se não está gasta pela libertinagem, ou não é prodigiosamente estupida, nunca faz semelhantes revelações. Se elle me perguntasse se eu o amava, responder-lhe-ia que não, e córaria pela vergonha da mentira, ou pelo remorso da offensa... Dizem-me que as mulheres de hoje são faceis n'essas delações da sua alma. Se não é a moda que as absolve, o pudor de certo não é... Emfim, eu nunca lhe disse que o amava, nem elle me proporcionou occasiões de dizer-lh'o.

Um anno antes de conhecer essa mulher fatal...

« — Quem? Rosa Guilhermina?

« — Sim... Um anno antes de conhecêl-a, raras vezes vinha a minha casa. Vivia muito só: dizia-me nas suas frequentes cartas, que vivia namorado da arte, que tinha muitos retratos de Helena, e que roubava á pintura o tempo apenas necessario para visitar-lhe, em S. Francisco, a sepultura.

Relacionado com Rosa, Paulo, sem o pensar, ultrajou-me quanto era possivel!... O ciume devorou-me alguns dias, e eu tive momentos de detestar o infame caracter do infeliz moço... Habituada, porém, a dominar-me, afivelei outra vez a mascara, e recebi-o com a mesma graça em minha casa para ouvir-lhe as expansivas apologias de Rosa Guilhermina.

Tenho remorsos de ter sentido uma cruel alegria, quando essa mulher o despresou...

«— Naturalmente... alguma intriga...

«— Urdida por mim?...

«— O amor, muitas vezes, obriga...

«— A praticar villezas? O amor nobre, não... Eu não urdi intrigas... Rosa despresou-o; porque o seu caracter era o caracter de sua mãe... Anna do Carmo nascêra nas palhas, fôra amante d'um padre, fôra adultera mulher d'um livreiro, fôra repellida de casa de sua filha, e recebêra-a por fim, nos seus salões, sem vergonha do seu passado, nem resentimento da sua dignidade. Filha de tal mãe, não podia apreciar o amor de Paulo, que amára uma mulher, que morrêra por elle.

Ia-me esquecendo o conto... Fui a Roma; cheguei lá vinte dias depois que recebi a carta.

«— Encontrou-o?

«— Sepultado... Morrêra seis dias antes... Ao lado da sua cabeceira estava o meu retrato... E' aquelle que alli se vê. »

Reparei... Ninguem diria que esta senhora podia ter sido tão bella!

Cahiam-lhe duas a duas as lagrimas. Eu quiz divertil-a d'esta dolorosa situação, perguntando-lhe:

«— Demorou-se em Roma?

«— Tres dias... Voltei a Portugal, depois... Deixe-me chorar, porque ha muitos annos que não fallei a ninguem n'este homem... Quer saber o resto d'esta historia, que faz o seu romance?... Essa senhora de que faz menção no seu prologo, póde contar-lh'a.

«— Com menos graça que v. exc.ª...

«— Pois eu lhe digo: Rosa Guilhermina morreu, ha seis annos em Lisboa, com o titulo de viscondessa de ***. Seu marido ainda vive... E' um dos mais ricos proprietarios do paiz...

«— E Maria Elisa?

«— Essa mulher perdeu-se... Foi amante de S*** C***, que deu escandalo no Porto, e perturbou a tranquillidade da sua casa, e da casa das suas amantes, que eram quasi todas casadas. Depois, como elle morresse, Maria Elisa, que vivêra na companhia de Rosa, reagiu contra os conselhos de José Bento, e abandonou a amiga para entregar-se a uma vida dissipada sem ao menos a

colorir com as variadas tinturas da hypocrisia. Tocou o extremo grau de miseria; mas d'esta miseria prosaica e villã, e que não póde ser historiada n'um romance. Não era fome nem nudez. Era a negação para todos os sentimentos d'honra. Quando desceu tão abaixo, recebeu uma boa mesada de Rosa; mas dissipou-a com amantes. Por fim envelheceu. Rosa tinha morrido, e o visconde de * * *, que a soccorrêra estimulado por sua mulher, abandonou-a inteiramente.

« — E ainda vive?

« — Morreu já depois que o senhor principiou o seu romance. Foi justamente no dia em que sahiu o quinto folhetim na *Concordia.*

« — Morreu miseravelmente?

« — Não, senhor. Quem lhe prestou os ultimos soccorros fui eu. Não lhe faltou uma cama, um medico, uma enfermeira, e um padre até ao seu ultimo momento.

« — Devia ser terrivel, nos ultimos dias, o olhar d'essa mulher para o passado!...

« — Creio que não... A desgraça desmemoria... Por não sei que favor da Providencia, a mulher que se degrada não tem já o senso intimo da sua dignidade perdida. Cahiu, do leito á sepultura, impassivel como a pedra que tomba insensivelmente do alto da serra ao fundo do abysmo...

« — Esqueceu-me perguntar-lhe como viveu Rosa com José Bento...

« — Honradamente, e parece que feliz.

« — Deixou filhos?

« — Do segundo marido nenhum.

« — E aquella Assucena, que tão linda me pintaram? Deve hoje ter trinta e tantos annos...

« — Morreu ha dous... Quer saber a vida d'essa mulher?

« — Desejava...

« — Mas tem de fazer outro volume.

« — Pois a vida de Assucena dá para tanto?

« — E' um triste romance... Ha-de escrevêl-o, e intitulal-o: A NETA DO ARCEDIAGO.

FIM.

hq–11

